EDITORA ABRIL - N.º 523
13 DE SETEMBRO DE 1978 Cr$ 30,00

# veja

RECEITA BRASIL
Um livro de VEJA debate o futuro

# OS MILITARES E A SUCESSÃO

MANAUS, SANTARÉM, RIO BRANCO, ALTAMIRA, BOA VISTA, MACAPÁ, PORTO VELHO, JIPARANÁ Cr$ 39,00/PORTUGAL 50$00 - 0552

# Oggi.
# Um passo no caminho perfeito.

Bom seria repetir a alegria dos primeiros passos
em todos os futuros passos do seu filho.
Repartir com ele cada nova emoção,
cada gesto novo.
Caminhar ao seu lado.
Ver e sentir as coisas à sua volta
com a alegria de quem
experimenta pela primeira vez
os mistérios do mundo.
Assim seria,
se assim fosse.
Mas isso é impossível:
por mais que você o
acompanhe, sinta como
ele e viva, a vida quer
cada vez mais que ele caminhe sozinho.
Daí a importância dos primeiros anos, quando você pode
partilhar intensamente dos eventos que vão inaugurar
uma nova personalidade. E dar origem a um novo universo.
É nesse período que a presença dos móveis Oggi
pode tornar-se muito útil.
Seu filho percebe que o seu estar no mundo não é algo fortuito
e circunstancial, mas uma realidade densa e consequente.
Ele existe, e tudo ao seu redor atesta e reflete essa verdade.
Como os móveis Oggi, muitas outras coisas podem substituí-los
neste processo. Com ou sem eles seu filho dará novos passos,
inaugurará novos rumos.
Os caminhos da infância, graças a Deus, conhecem bússolas
que nem sequer suspeitamos.
Você é uma luz, móveis Oggi outra luzinha que brilha adiante.
não faltarão. Importante, mesmo, é saber encorajar a partida.

Onde tem criança tem Oggi.

OGGI - IND. E COM. DE MÓVEIS S.A. - BR-116 - Km 78,7 - CEP 83.420 - Fone: (0412) 52-4041 - P(A)BX - Telex: (041) 5663 - End. Telegráfico: "MEDEIROS" - Quatro Barras - PR

# Entrevista: DOM HÉLDER CÂMARA

# A eternidade começa aqui

*O arcebispo de Olinda e Recife discute a participação política da Igreja e condena o caminho da violência*

*Por José Maria Andrade*

Na turbulenta década de 30, convencido de que os regimes democráticos tradicionais não conseguiriam deter o comunismo, ele optou pelo que imaginava ser "o mal menor" — e aderiu ao movimento integralista de Plínio Salgado, a variante brasileira dos fascismos europeus. Desde então, mudaram muito as simpatias políticas do padre Hélder Pessoa Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, um cearense de 69 anos, voz pausada e gestos largos. Mas, identificado com essa ou aquela posição, é certo que dom Hélder tem sido uma das personagens mais combativas (e mais combatidas também) da Igreja no Brasil. A partir de 1968, sobretudo, quando começaram a se multiplicar suas críticas ao regime implantado quatro anos antes, seus pronunciamentos e até seu próprio nome foram banidos pela Censura dos meios de divulgação.

D. Hélder: "Precisamos usar armas diferentes"

A partir dessa época também multiplicaram-se suas viagens ao exterior, a tal ponto que passou a ser chamado "arcebispo itinerante" pelos adversários. Mas nunca visitou um país do bloco comunista — "porque não terei ali a liberdade de falar o que quero" — e em nenhum país participa de manifestações promovidas por partidos políticos, sejam quais forem. Por fim, dos oitenta convites que diz receber todo ano, os que aceita não o ocupam mais de cinqüenta dias, limite que ele mesmo se fixou depois de uma conversa com o papa Paulo VI, numa das 21 vezes em que se encontraram. A amizade entre ambos datava de 1953, quando o ainda monsenhor Giovanni Batista Montini o ajudou a criar a hoje muito influente Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No exterior, dom Hélder tornou-se amigo também do pensador francês Roger Garaudy, ex-militante do PCF, que defende a tese da compatibilidade entre cristianismo e marxismo. Dom Hélder não chega a tanto, aparentemente. Para ele, como escreveu certa vez a Garaudy, "o próximo passo a dar, para nós, cristãos, é que se proclame publicamente não ser o socialismo, mas o capitalismo, intrinsecamente perverso, e que o socialismo é condenável somente em suas perversões".

No Recife, dom Hélder cumpre todos os dias idêntica rotina. Às 6 horas, pontualmente, sobe ao altar da pequena Igreja de Nossa Senhora das Fronteiras, no bairro do Derbi. Então, sem acólitos, celebra missa para um reduzido grupo de fiéis — nunca mais de trinta pessoas. Depois trabalha no palácio episcopal de Manguinhos, de onde mandou retirar lustres, móveis valiosos, tudo enfim que indicasse riqueza. Com a mesma intenção, vendeu o automóvel de luxo do arcebispado e circula de táxi ou de carona — aceita a primeira que lhe ofereçam.

Raro é o dia em que ele não visita algum morro ou favela do Recife, cuja geografia conhece tão bem como as três peças, parcamente mobiliadas, que compõem a sua casa — na verdade, um prolongamento da sacristia da igrejinha das Fronteiras. Ele procura deitar-se cedo, mas todas as madrugadas fica acordado entre 2 e 4 horas — hábito que conserva desde 1931. Durante essa vigília, lê, medita, escreve cartas ou conferências e, nas suas palavras, "restauro minha unidade fragmentada de dia". Numa dessas madrugadas, dom Hélder Câmara respondeu por escrito às perguntas de VEJA para a presente entrevista.

## O mundo está torto, gravemente torto

VEJA — *O senhor acredita que a Igreja poderia assumir alguma forma de liderança política na transição para o estado de direito?*

DOM HÉLDER — A Igreja não se preocupa em assumir lideranças. Deseja servir a Deus servindo ao próximo. Sua pregação é a do Evangelho. Se, eventualmente, coincide com a defesa dos direitos humanos, é que muito, muito antes da proclamação pela ONU dos direitos fundamentais do homem, de toda a eternidade eles estavam inscritos pelo próprio Deus, na carne, no sangue e na consciência do homem. Se, eventualmente, a pregação da Igreja coincide com a defesa do estado de direito,

o que a Igreja entende por esta expressão supõe, sem dúvida, as aberturas pelas quais o Brasil inteiro aspira. Mas não só: o estado de direito, para nós, supõe mudanças enormes, que não dependem só do nosso país. O mundo está torto e gravemente torto, como reconhece a ONU ao clamar por uma nova ordem econômica internacional. Quando mais de dois terços da humanidade jazem na miséria e na fome, estado de direito supõe, aqui e no mundo inteiro, mudanças das estruturas que esmagam a quase totalidade dos filhos de Deus.

VEJA — *Como o senhor imagina que se possa alcançar, na prática, essa mudança de estruturas?*

DOM HÉLDER — Tenho convicção profunda de que não é através da violência que iremos conseguir a mudança. Não creio no ódio, incapaz de construir. Seria loucura tentar usar as armas cujos donos e fabricantes são os nossos opressores. Precisamos usar armas diferentes, que eles não possuem e não sabem usar: a união dos pequenos, não para pisar direito de ninguém, mas para não permitir que nos pisem; e a certeza de que Deus continua a ouvir o clamor de seu povo e vai defender a justiça.

## O socialismo humano está por fazer

VEJA — *Mas que espécie de sistema político seria capaz, a seu ver, de dar fim às estruturas injustas de que o senhor fala?*

DOM HÉLDER — Para mim, pessoalmente, me parece claro que nenhum dos diferentes capitalismos deixa de colocar o lucro acima do homem, o que leva rapidamente a esmagamentos horríveis. O grave, o triste é que, ao pensarmos em um socialismo humano, que salve efetivamente a pessoa humana e não esmague a liberdade a pretexto de assegurar a igualdade, a pior contrapropaganda vem da Rússia e da China. Os jovens de hoje vão descobrir as linhas mestras deste socialismo humano, que vem sendo ensaiado aqui e ali, embora ainda esteja por ser realizado. O que importa é que a Igreja dê exemplo de compreender que, ao lado do inaceitável socialismo materialista, há lugar para socialismos que, de modo algum, se prendam ao materialismo dialético e ao ateísmo militante. A Igreja, que hoje acharia ridículo proibir a um cristão — como no passado proibiu — ser republicano e até democrata, vai admitir que o cristão tente um socialismo que, sem a ilusão de realizar paraísos na Terra, evite um mundo de oprimidos e opressores.

VEJA — *Ainda assim, não falta quem acuse a Igreja de aproximar-se do marxismo ou de servir à propaganda comunista. O senhor mesmo, por exemplo, é freqüentemente incluído na comunidade dos "bispos vermelhos".*

DOM HÉLDER — Quem tiver interesse em manter as atuais estruturas claro que cobrirá com os piores nomes todos os que se arvorarem a pregar mudanças. Mas, depois que Cristo foi chamado de Belzebu, príncipe dos demônios, vale sofrer tudo por amor da justiça e da verdadeira paz. Não falta, inclusive, quem encha a boca de direitos humanos enquanto se trata — o que é ótimo — de combater o absurdo das torturas. Mas, se em nome dos direitos humanos se quiser falar em justiça e clamar pela mudança das estruturas opressoras, não faltará quem diga que se trata de exploração esquerdista dos direitos humanos.

VEJA — *No caso do Brasil, que participação nesse processo de mudança têm ou deveriam ter os partidos políticos?*

DOM HÉLDER — Por enquanto, os partidos políticos parecem elaborar seus programas sabendo que há colocações humanas e simples que são tabus para a censura oficial. A rigor, os programas dos projetos de partido que temos tido se equivalem. O povo é marginalizado. Continua vivo o preconceito de que o analfabeto tem cabeça vazia, é incapaz de pensar e nada tem a dizer.

VEJA — *A provável reorganização do sistema partidário brasileiro poderia modificar, no seu entender, esse estado de coisas?*

DOM HÉLDER — Com a superação do bipartidarismo, depois de décadas sem liberdade política, haverá uma quase inevitável proliferação de rótulos, de bandeiras, de partidecos, dando a impressão errada de incapacidade do povo. Na verdade, apenas estaremos colhendo os tristes frutos das eras ditatoriais. Será forte, então, a tentação de voltar a governos autoritários, sem partidos.

VEJA — *O senhor seria favorável ao ressurgimento do antigo Partido Democrata-Cristão (PDC), ou a uma agremiação semelhante vinculada à Igreja?*

DOM HÉLDER — Pessoalmente, prefiro ver os nossos leigos presentes na vida política, integrados em partidos políticos, mas escolhendo livremente o partido que dê mais esperanças de atender às exigências cristãs de uma ordem política.

VEJA — *Como então poderia a Igreja influenciar o futuro político do Brasil?*

DOM HÉLDER — Interessa-nos que haja uma preocupação sempre maior com o bem comum, que os grandes problemas humanos sejam enfrentados com decisão, à luz da justiça e da caridade, e que, sem violência, mas com firmeza e de modo válido, o mundo — e nós com ele — chegue a mudar as estruturas injustas.

## A Igreja não aceita ficar confinada

VEJA — *Em que medida a própria Igreja seria em parte responsável pelas injustiças sociais que o senhor denuncia?*

DOM HÉLDER — A Igreja é divina em seu fundador, mas está entregue à nossa fraqueza humana. Ao pensar em ajudar a mudar as estruturas injustas da sociedade, a Igreja tem que pensar na reforma das suas próprias estruturas e tem que reconhecer sua parcela de culpa (ao menos por omissão) pela situação em que se acha a humanidade. O que nos vale é que, mesmo entregue à nossa fraqueza humana, a Igreja continua sendo de Cristo. E quando não a livramos das engrenagens em que a metemos, ou nos falta a coragem de agir, o espírito de Deus se encarrega de agir. Ao longo da história, não raro o espírito de Deus se serve da perseguição à Igreja, anunciada pelo Cristo como uma constante em nossa caminhada, para despertar-nos para a nossa missão de trabalhar pela eternidade, ajudando a construir um mundo mais justo e mais humano.

VEJA — *A atuação da Igreja no Brasil, nos últimos anos, às vezes é explicada como conseqüência da despolitização das lideranças da sociedade civil. Em certo sentido, segundo esse raciocínio, a Igreja teria assumido o papel que, em circunstâncias políticas normais, é exercido pelos partidos, sindicatos, imprensa, grupos de pressão, etc. O senhor concorda com essa análise?*

DOM HÉLDER — Como já disse, a Igreja não se preocupa em assumir posições de liderança. No entanto, sempre terá a obrigação de exercer a política — no sentido de preocupação com o bem comum. A Igreja não aceita e não aceitará que ditaduras de esquerda ou

# Quem faz óleo para esta máquina, faz o melhor óleo para o seu carro.

Trem de alta velocidade. Talvez a mais alta manifestação da tecnologia aplicada ao transporte ferroviário. Cada vez que um del parte, em qualquer lugar do mundo, carrega a mais alta tecnologi na fabricação de óleos lubrificantes Esso. Trens de alta velocidade usam óleos lubrificantes Esso. Como o seu carro também poderia usar. Afinal, cada lata de Esso Super contém toda a experiência de quem fabrica os óleos que lubrificam máquinas tão fantásticas quanto o seu carro. Esso Super. Um óleo que suplanta todas as exigências de serviço requeridas pelas fábricas de automóveis. Tanto quanto supe as exigências dos fabricantes de trens de alta velocidade.

Esso Super. Super óleo

McCANN-ERICKSON

de direita pretendam confiná-la na sacristia, sob a inaceitável alegação de que deve limitar-se aos problemas espirituais e à preocupação com a eternidade. Ora, a Igreja sabe que a eternidade começa agora e aqui. Ela lida com criaturas humanas, de alma e corpo, e não com almas desencarnadas.

## Já fomos coniventes com a injustiça

VEJA — *Historicamente, no Brasil, a Igreja sempre esteve muito próxima do poder. No século passado, aliou-se à aristocracia rural. Depois, à burguesia urbana. Hoje, quais seriam suas bases sociais de apoio?*

DOM HÉLDER — Como padre, como bispo, participei em cheio da fase em que a Igreja se ligava muito aos governos e aos grupos privilegiados. A intenção era obter, dos grandes, recursos para ajudar os pequenos. Pregávamos, então, um cristianismo excessivamente passivo. Ou seja, pregávamos a paciência, a obediência, a aceitação dos sofrimentos em união com os sofrimentos de Cristo. Claro que se trata de virtudes válidas ontem, hoje e sempre. Mas, no contexto em que eram apresentadas, faziam o jogo dos opressores. Naturalmente, os poderosos ficavam radiantes com isso. Quanto a nós, nossa preocupação era a de apoiar a autoridade e defender a ordem social. Não percebíamos que a chamada "ordem social" escondia, como ainda esconde, terríveis injustiças, com as quais nos tornávamos coniventes. Hoje, e cada vez mais, a Igreja está mudando de atitude. Ao invés de dar apoio e sustentação aos grupos dominantes, ela denuncia as injustiças e encoraja a promoção humana das massas marginalizadas. Claro que era mais do que lógica a reação dos governos e dos grupos privilegiados. Só nos surpreende a inteligência da reação...

VEJA — *Como assim?*

DOM HÉLDER — Eles não são contra Cristo ou contra a Igreja. Ao contrário, proclamam-se "defensores" da civilização cristã. Apenas combatem a infiltração comunista... Mas estão é fazendo propaganda do comunismo junto aos pobres, oprimidos, humilhados, pois chamam de subversivo e comunista qualquer um, mesmo padre, mesmo bispo ou até papa que ouse denunciar injustiças e defender direitos fundamentais da criatura humana. De toda forma, não tem sentido falar em bases de apoio ou de sustentação da Igreja porque a Igreja só pretende servir.

VEJA — *Mas não seria descabido dizer que a Igreja faz opções políticas em relação a governos e regimes.*

DOM HÉLDER — Sempre que procura defender os sem-vez e sem-voz, a Igreja é acusada de fazer política. Mas não é demais repetir: quando vivia nos palácios e ministérios, nas casas dos ricos e nos escritórios das grandes empresas, a pretexto de prestigiar a autoridade e defender a ordem estabelecida, a Igreja tinha uma atuação considerada formidável pelos governos e pelos poderosos. Neste século de tremendas injustiças, é fácil dizer que a Igreja fala do que não entende e esquece as verdades eternas para meter-se em assuntos que são privativos do Estado. Mas a Igreja se sente ligada a tudo o que é humano.

VEJA — *O senhor, a propósito, já foi acusado de ser íntimo do regime derrubado em 1964. Dias antes do 31 de março, por sinal, os jornais publicaram uma foto em que o senhor aparece num almoço com o então presidente João Goulart.*

DOM HÉLDER — O cardeal dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota (atual arcebispo de Aparecida do Norte, SP) sabe que ele e eu fomos ao Palácio das Laranjeiras numa tentativa extrema para obter do presidente João Goulart serenidade e segurança na caminhada para as reformas sociais que ele anunciava. Na véspera, o presidente falara no célebre banquete aos sargentos. A nós nos parecia evidente que a extrema direita reagiria de modo violento, levando o país a uma ditadura que se arrastaria, no mínimo, por uns vinte anos.

VEJA — *Que desafios políticos terá de enfrentar a terceira conferência episcopal da América Latina, a reunir-se em outubro próximo em Puebla, no México?*

DOM HÉLDER — Além de reafirmar a linha e as prioriedades da segunda assembléia, a de Medellín, esta deverá dar indicações pastorais em face dos problemas que surgiram ou se agravaram de 1968 a 1978, como a presença sempre mais forte da "segurança nacional", tida como valor supremo, bem como a presença sempre mais forte e opressora das multinacionais e, ainda, a presença, que tem muito de farisaica, da comissão trilateral*.

VEJA — *O senhor acredita que a Igreja vive uma crise interna, caracterizada pela diminuição da freqüência aos cultos, redução de vocações sacerdotais...*

DOM HÉLDER — Diminuição da freqüência aos cultos? Não tenho de modo algum essa impressão. Muito ao contrário: quem vai a missas de jovens encontra igrejas transbordantes de moças e rapazes, que rezam, cantam e inclusive comungam. Quanto a vocações sacerdotais, precisamos ter a coragem de reconhecer que vivemos um forte clericalismo, no sentido de que o padre absorveu funções que os leigos poderiam perfeitamente exercer. Hoje, como uma valorização efetiva de ministérios leigos, um número muito menor de padres é capaz de atender, muito bem, as necessidades dos fiéis e ao anúncio da palavra de Deus.

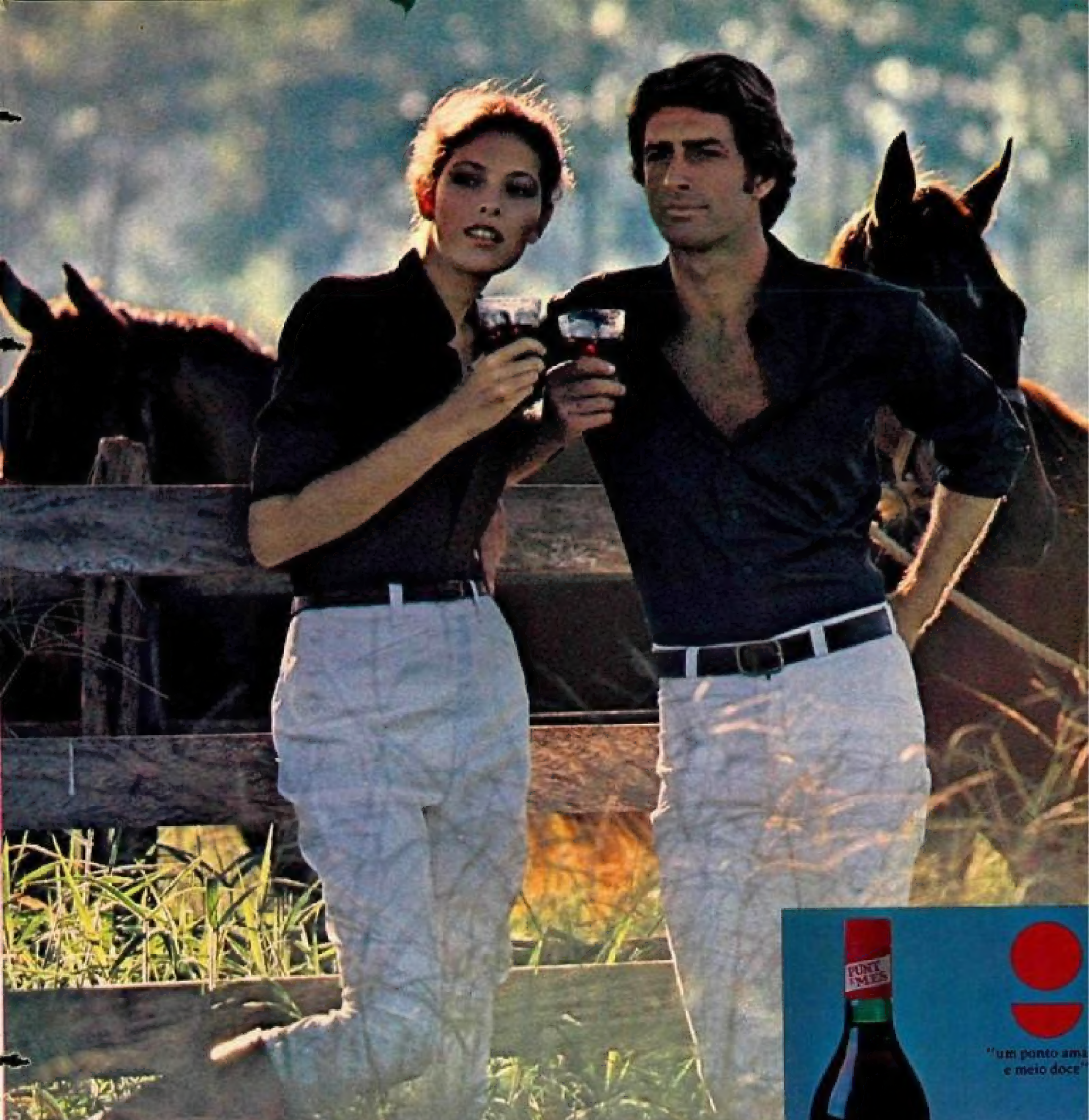
## De conversão, todos nós precisamos

VEJA — *O Vaticano já o proibiu duas vezes de viajar ao exterior — e duas vezes voltou atrás. O que motivou a proibição e a reconsideração?*

DOM HÉLDER — No dia 15 de junho último, tive uma audiência privada, de mais de meia hora, com o santo padre Paulo VI. Ele não podia ser mais carinhoso e fraterno. Basta dizer que me ofereceu uma âmbula (pequeno vaso onde se guardam os santos óleos) com suas armas e um cálice, também com as armas pontifícias. Ele teve a delicadeza de me dizer: "Celebrei a santa missa com este cálice que desejo que você leve em suas viagens, como sinal de nossa união". Agora, eleito o novo papa, irei procurá-lo para saber sua opinião sobre minhas viagens internacionais.

VEJA — *Em sua juventude, o senhor teve ligações com o integralismo. Como chegou às teses que defende hoje?*

DOM HÉLDER — Escrevi um livro a que dei o título de "Conversões de um bispo". Tentei narrar erros em que tenho caído ao longo de minha vida e dos quais Deus me tem livrado. Não tenho ilusões: de conversão nós todos precisamos — e precisaremos até o último dia de nossa vida. ●

**Organização particular, criada pelo banqueiro americano David Rockefeller e integrada por especialistas dos Estados Unidos, Europa ocidental e Japão, com o objetivo de estudar — e propor soluções — os principais problemas econômicos e políticos internacionais. Jimmy Carter fez parte da comissão antes de eleger-se presidente.*

Carpano Punt e Mes.
O gostinho amargo da doce vida.
Punt e Mes é diferente. É o único aperitivo amargo que sempre deixa uma doce lembrança. Punt e Mes conserva o raro sabor de uma longa tradição cultivada em Torino, na Itália, desde 1786. Punt e Mes deve ser servido sempre bem gelado. Puro, on the rocks, com soda ou tônica, Punt e Mes revela um aroma nobre e especial. Punt e Mes é o aperitivo de quem sabe que não é igual aos outros. Quem aprecia os doces momentos da vida reconhece em Punt e Mes um "vero Carpano".
"um ponto ama
e meio doce"
CARPANO
PUNT E MES

# Cartas

## Sucessão presidencial

Sr. diretor: Se a eleição fosse direta, o general Euler Bentes teria maiores chances. Mas, como será por meio do Colégio Eleitoral, o general Figueiredo já pode ser considerado o presidente da República. Quem duvidar, anote.
*João Alves de Lima*
Brasília, DF

Sr. diretor: Espero que o general Euler e o senador Paulo Brossard obtenham a vitória no Colégio Eleitoral de 15 de outubro.
*Humberto do Amaral Rocha*
São Luís, MA

Sr. diretor: Pertencendo eu ao MDB, julgo-me com o direito de saber se o projeto de anistia geral do general Euler Bentes inclui assaltantes de bancos, de supermercados, seqüestradores de embaixadores, etc., que mataram pobres guardas em serviço e até transeuntes. Se isso acontecer, onde está a justiça?
*Luiza Sales Lins*
Fortaleza, CE

Sr. diretor: Lamentáveis as frases do general João Baptista Figueiredo. Dizer que prefere o cheiro de seus cavalos ao cheiro do povo é típico de um homem que não está preparado para exercer funções políticas.
*Carlos Eduardo Pontual Formiga*
Brasília, DF

Sr. diretor: Achei inoportuno o fato de o MDB ter apresentado candidato à Presidência da República. O resultado negativo dessa expedição bem poderá se refletir nas eleições parlamentares de 15 de novembro.
*A. Alves de Gouveia*
Vitorino Freire, MA

## Direitos humanos

Sr. diretor: Após tomarmos conhecimento, pela imprensa brasileira e internacional, de algumas reportagens nas quais referências foram feitas a uma suposta "Filial Brasileira da Anistia Internacional", sinto-me no dever de esclarecer ao público leitor que a Anistia Internacional não autorizou ou instruiu pessoa alguma para que se pronunciasse ou atuasse no Brasil em nome da organização. Nem se cogita, em futuro próximo, da criação de uma seção nacional brasileira da Anistia Internacional. Considero importante, particularmente no Brasil, que sejam entendidos os objetivos da Anistia Internacional, especialmente em virtude do grande potencial existente nesse país no campo da defesa e promoção dos direitos humanos. De qualquer forma, uma seção nacional da Anistia Internacional jamais se pronunciaria a respeito dos acontecimentos internos de seu próprio país; só trabalharia em favor de prisioneiros de consciência em outros países. Esta regra é estritamente observada em virtude da imparcialidade sobre a qual a organização baseia seu trabalho.
*Dick Oosting*, subsecretário geral da Anistia Internacional
Londres, Inglaterra

## Paulo VI/João Paulo I

Sr. diretor: Parabéns pela notável cobertura sobre o novo papa e pela preocupação em dar ao leitor, em um suplemento extra (VEJA n.º 521), informação completa da eleição do cardeal Luciani.
*Sérgio Guzzardi*
São Paulo, SP

Sr. diretor: Ainda que consternado com a morte de Paulo VI, apreciei sobremaneira as reportagens dos números 519, 520 e 521 de VEJA, que constituem verdadeiros documentos históricos.
*Reynaldo Rabelo*
Malacacheta, MG

## Antônio Houaiss

Sr. diretor: Chega até nós, em VEJA n.º 521, a opinião de Antônio Houaiss sobre graves questões de linguagem, endossando, em muitos aspectos, o que dizia o escritor Autran Dourado meses atrás, também nas páginas amarelas. Enquanto isso a grande maioria de nossas escolas e universidades ainda se posta à retaguarda do arcaísmo do sistema, impondo aos falantes brasileiros uma língua bolorosa, artificiosa e retórica.
*Deonísio da Silva*
Ijuí, RS

Sr. diretor: Na qualidade de professor de Lingüística e de Língua Portuguesa, e de defensor da idéia de que a língua não é um instrumento neutro e asséptico, fico muito satisfeito ao ler declarações como as de Antônio Houaiss ("Quem está interessado em usar uma língua quando os conteúdos mais importantes — as grandes questões da coletividade — estão proibidos?"), que farei chegar a meus alunos.
*Sírio Possenti*
Ijuí, RS

Sr. diretor: Lendo atentamente a ótima entrevista de Antônio Houaiss, sentimo-nos mais alegres. Nosso idioma é lindo.
*R. Nonato Dolzane Neves*
Santarém, PA

Sr. diretor: Ainda bem que existem pessoas conscientes de que a tão falada "decadência da língua portuguesa" em nosso país ▶

# Velha, sofrida, maltratada, amada terra.

*O 1º Simpósio Nacional de Ecologia vai reunir, em Curitiba, algumas das melhores cabeças em questões do meio ambiente.*

*Especialistas de vários campos do conhecimento.*

*Que irão debater sobre fauna, flora, recursos naturais, ecossistemas.*

*Desde um enfoque puramente regional, emergente, até temas mais teóricos e universais.*

*Tudo o que for debatido nesse encontro - independentemente da abordagem -, deverá interessar a você.*

*Portanto, participe.*
*Com o seu coração.*
*Com a sua inteligência.*
*E de onde você estiver.*

*De 26 a 29 de setembro*
*Promoção:*
*Instituto de Terras e Cartografia*

# Vamos falar nela de coração.

*Governo do Paraná*
*Secretaria da Agricultura*

não está na "pobreza da linguagem da juventude". Concordo plenamente com Houaiss.
*Regina Coeli Lima Morais*
Belém, PA

## "Travoltecomania"

Sr. diretor: A reportagem "Travoltecomania" (VEJA n.º 521) estava a glória. Nós, os travoltecômanos, é que estamos numa muito boa.
*Adriana Cristina Ridolfi*
São Paulo, SP

## Simone

Sr. diretor: O show de Simone (VEJA n.º 521) foi realmente muito bom. Ela é incrível. O absurdo foi as pessoas a fumar e a gritar; é que o público baiano ainda precisa se educar muito.
*Maria Figueiredo Lima*
Salvador, BA

Sr. diretor: Excelente a reportagem sobre Simone.
*Ercila Ramos*
Recife, PE

## Trabalhismo

Sr. diretor: Em seu n.º 520, VEJA publicou a reportagem "Volta do trabalhismo", incluindo trecho da minha entrevista ao repórter Ricardo Carvalho. Talvez pelo natural problema de espaço, foi omitido, porém, o trecho principal, no qual afirmei que numerosas lideranças trabalhistas estavam abrigadas no MDB e que a arregimentação para renovação do PTB se deveria realizar após o restabelecimento do estado de direito, sem o que iríamos enfraquecer a união das forças que lutam pelo restabelecimento da democracia no Brasil.
*Oswaldo Lima Filho*
Recife, PE

## Espírito Santo

Sr. diretor: Na reportagem "Sob ameaças" (VEJA n.º 520), o senhor Amiccuci Gallo traiu duas vezes. Na primeira, à própria revista, que o teria mandado a Vitória numa missão "exclusiva" e, na segunda, ao entrevistado, Pedro Ângelo Suzana, que nele confiou. Pois bem, o senhor Gallo cedeu ou vendeu a fita gravada da entrevista ao jornal *A Gazeta*, de Vitória, justamente o que iniciou e vem dando continuidade ao chamado "escândalo de Argolas".
*Elimar Guimarães*
Vitória, ES

*A gravação da entrevista foi cedida ao jornal com o consentimento de VEJA, sob a condição de que fosse publicada na íntegra, para que não se desvirtuasse o sentido das declarações do entrevistado.*

## Cinema

Sr. diretor: Na reportagem "Um outro mundo" (VEJA n.º 520), foi publicada uma foto do filme "25" com uma legenda que traz uma informação incorreta. Escrevemos nós, os dois realizadores de "25", para informar que o filme é uma co-realização, um trabalho feito e assinado por Celso Luccas e José Celso Corrêa. Aliás, o primeiro é o autor da foto publicada e o segundo nunca disse as palavras entre aspas que lhe foram atribuídas. O que nos leva a escrever é a luta pela exatidão da informação e nossa antipatia ao elitismo.
*José Celso Corrêa/Celso Luccas*
São Paulo, SP

*Por problemas de espaço, a reportagem sobre o cinema africano teve de ser reduzida. Na redução, surgiram algumas falhas, como a ausência do nome de Celso Luccas. Também foi reduzida a ótima entrevista de José Celso — mas realmente é difícil resumir um pensamento tão brilhante.*

*Cartas para: Diretor de Redação, VEJA, Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital. Por razões de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.*

# Resolvemos o seu problema de água

Para quem tem uma sede de milhares de litros de água/hora, só existe uma saída - poço tubular profundo T. Janér, para captação de água do subsolo.
O poço tubular, também conhecido como "poço artesiano" ou "semi-artesiano", oferece grandes vantagens: abastecimento para todos os fins, custo inferior a qualquer outra forma de abastecimento, consumo direto sem tratamento químico prévio, água pura constante, fim dos problemas de estiagem, poluição, além da valorização de sua propriedade.
Há mais de 30 anos perfuramos poços no Brasil e Exterior, com a nossa qualidade, experiência, alto nível tecnológico e curtos prazos de execução.
Cobrimos todo território nacional.
Consulte-nos, onde você estiver.

# Água sempre

ÁGUA SUBTERRÂNEA
T. JANÉR

BELO HORIZONTE
Rua Formiga, 448
Tel. 444-2055

CURITIBA
Rua Amia Ribas, 477
Tel. 62-5312

PORTO ALEGRE
Rua Ramiro Barcelos, 116/120
Tel. 21-9677

RIO DE JANEIRO
Rua Fonseca Teles, 18/30
Tel. 264-7422

SÃO PAULO
Rua Henry Ford, 811/825/867
Tel. 273-6011

SETOR

**Apotegmas do vil metal**
E no sétimo dia, quando Deus descansou, o Homem inventou o dinheiro.

# RESPOSTA TALVEZ AMBÍGUA

Leitora pede um esclarecimento do que pensamos (?). Sobretudo sobre as perspectivas e possibilidades da conjuntura política. Ora, é simples: sabemos que há imprevisíveis e já chegamos à conclusão de que, por estranha casualidade, o imprevisível não se prevê. Pode até acontecer que o general Figueiredo não ganhe — na extrema possibilidade de perder. Como Euler também pode vir a ser um fator de unificação — caso não divida. Se você reparar bem, verá que as velhas estradas estão todas esburacadas, embora fosse muito barato consertá-las. Mas o que interessa é inaugurar as novas, mesmo que acabem dando em parte alguma. Assim, apoiamos todas as propostas de enormes renascimentos quando não de totais metamorfoses. Nosso intuito, embora muitas vezes não pareça, é instruir (muitos afirmam que deseducamos) e sermos leves, conciliatórios: apesar dos que dizem que queremos ver o circo pegar fogo. Estamos sempre preparados pra coroar o herói que chegar em primeiro — seja de bicicleta ou cavalo de raça. Se a coroa de louros parecer seródia (!), oferecemos, ao herói em questão, uma de morenos, mulatos, cafuzos. Grécia, é Grécia, pô! E estamos dispostos a contemporizar com banqueiros, generais, empresários, burocratas e tecnocratas de modo geral. Afinal, os gregos eram, acima de tudo, homens de negócio. Embora só nos lembremos das guerras e das artes.

Em suma, já que deseja uma suma: sob as características individuais dos indivíduos candidatos existe uma certa semelhança similar, complementar quando não dúplice, uma conjunção baixo-astral de identidades contrastantes, isto é, quer dizer, uma necessária confraternização de duas mesmices opostas frontalmente.

HAI-KAI

Tudo meu
Vê?
Já desapareceu.

## PERPLEXIDADES DA SEMANA

Por que será que um grande investidor internacional, multi-rico e multipoderoso, fica satisfeito se lhe damos 25% de lucros a.a. e os pobres não estão satisfeitos com 41% de aumento no salário mínimo? Será que os pobres não se contentam nunca?

•

No enterro de Jomo Kenyatta, o príncipe Charles, da Inglaterra, fingiu que não viu Idi Amin Dada, ditador de Uganda. Me digam aí: como é que a gente faz que não vê um crioulão daquele tamanho?

•

Sempre que estou com amigos e surge um bilheteiro, compro um bilhete inteiro e divido com os ditos amigos, "pra dar sorte". Nunca sai nem o mesmo dinheiro. Por isso há algum tempo venho acompanhando um fenômeno matemático particularmente interessante. É sabido que pelo menos um terço dos bilhetes não é vendido. Portanto, em cada três sorteios, a Caixa Econômica Federal (ou qualquer dos outros organismos que patrocinam as loterias) devia anunciar que o prêmio não saiu, ficou com a própria entidade. Sabem que eu nunca vi, em toda a minha vida, uma vez só que seja, o prêmio não sair?

Póxo exclarexer? Exclarexerei: não tem nada errado. Meu desenho é hiper-realista. Cópia fiel da natureza; um aeroporto no amanhecer internacional do Rio. Mas, dirão os leitores, então como se explica que o homem abaixo da grade seja maior do que o pobre-diabo que está acima e os degraus inferiores da escada sejam vistos menores do que os de cima? Como é que os pássaros são quase do tamanho do Concorde (é o Concorde, pois não?) e a cara do comandante mal cabe na janela do aeroplano? Como se explica, ainda, que o Sol seja tão grande, as pessoas dentro do bonde — e o bonde — sejam desproporcionais à montanha, a bandeira do Flamengo seja maior do que a do Pão-de-Açúcar e, acima de tudo, como se explica que a bandeira passe por trás do Sol?

# RESPOSTA ÓBVIA:

## GOVERNADO COMO VEM SENDO GOVERNADO, O PAÍS NÃO TEM MAIS QUALQUER PERSPECTIVA

**P.S.: AO FUNDO, A DÍVIDA EXTERNA.**

# ESTA NOVIDADE DA PI
# ALGUNS CIÚMES.

## NOVO PHILIPS 26 A CORES COM CONTROLE REMOTO.

*Com o Controle Remoto Philips pode ser que você venha a perder o Jarbas, mas não vai precisar perder a pose. A um simples toque de seu dedo, ele liga o aparelho, muda direto de um canal para outro, ajusta o som, as cores etc. Mas escolher o melhor programa continua sendo uma obrigação sua.*

Atenção críticos de tv, colunistas ciais, empresários evoluídos, artistas da oda, gente que vê tv e assume e gente ue vê e não assume: algo de novo está rgindo na televisão brasileira.

A Philips acaba de lançar a sua nova ha a cores equipada com Controle Remoto.

O Controle Remoto da Philips demorou um pouquinho para estrear, mas rante que foi bem mais elaborado do e o melhor "especial" da tv que você nhece.

Para começar, ele rompeu com tos aqueles esquemas clássicos dos conles remotos do passado.

Nele, o comando é feito por meio raios infra-vermelhos, o sistema que enos admite interferências neste país.

Na unidade de comando do Conle Remoto Philips as teclas são agrudas da maneira mais racional possível. o seu desenho é tão moderno que ele ajusta naturalmente à sua mão.

É muito mais agradável manejá-lo ntado em sua poltrona do que ficar dan- ordens ao mordomo toda vez que cê quiser acertar as cores, abaixar volume ou simplesmente dar na olhada em outro canal para ver o jogo já começou.

Leve o conforto (e o arme) do Controle Remoto ilips para sua casa.

Mas antes, não se esqueça de anjar uma outra ocupação importante ra o Jarbas.

Você sabe como os mordomos são nsíveis...

*Este é o mais perfeito aparelho de Controle Remoto que você pode ter nas mãos. Palavra do maior fabricante de televisores do mundo.*

*O Controle Remoto Philips é o único que tem a Tecla Verde. Ela funciona como memória, fazendo os controles retornarem à posição previamente ajustada no painel do aparelho.*

*O novo Philips 26 com Controle Remoto vem em três modelos: de mesa, console moderno e console clássico. Todos com seletor de canais eletrônico, sistema de pré-sintonia das estações embutido no painel e aquelas cores fiéis que só a Philips sabe como conseguir.*

# ILIPS VAI PROVOCAR

*Segure o seu mordomo. Diga que o Controle Remoto Philips pode ser muito prático, mas nunca irá cuidar tão bem da sua coleção de cachimbos quanto ele.*

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Diretores: Edgard de Silvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa


# Carta do Editor

## Nos dez anos de VEJA, uma reafirmação de princípios

VEJA completa, nesta edição, dez anos de vida. E, num país em que tudo acontece tão depressa, a marca de dez anos é altamente significativa. Foi tempo suficiente para dar-nos a certeza de que VEJA, muito mais que um projeto bem-sucedido, é hoje uma instituição na imprensa brasileira, uma revista que se integrou de forma permanente no elenco dos principais órgãos de comunicação do país. Ler VEJA tornou-se hábito semanal nos quatro cantos do território nacional — hábito cultivado atualmente por 1 milhão de pessoas. A efetiva presença de VEJA nas capitais e no interior, nas cidades grandes e pequenas, deu-lhe alcance e penetração superiores aos de qualquer outro veículo de informação brasileiro, exceção feita aos meios de comunicação eletrônicos. Nestes dez anos, enfim, VEJA granjeou o respeito e a admiração das faixas mais expressivas da opinião pública por ter cumprido à risca seu compromisso de manter o leitor bem informado com verdade, imparcialidade e eqüidistância.

Se tudo isso é motivo de justificado orgulho, é também de responsabilidade e, sobretudo neste momento, de reflexão. Pois o décimo aniversário de VEJA coincide com um momento particularmente importante na vida do país, quando a abertura política propicia uma metamorfose não apenas no regime mas também nas próprias relações entre os diversos setores da sociedade brasileira. VEJA, sempre o recordamos, nasceu praticamente junto com o AI-5, com ele sofreu, apesar dele floresceu e a ele, finalmente, sobreviverá. De fato, ao completarmos dez anos, o governo do presidente Ernesto Geisel — cuja estratégia de aperfeiçoamento democrático jamais deixamos de apoiar — se prepara para extinguir esta *celula mater* do arbítrio que é o AI-5 e, a partir daí, permitir que o país avance no rumo das instituições democráticas. Estamos portanto numa hora de abertura — e quem diz abertura diz também efervescência, dúvida, conflito de opiniões, de tendências, de idéias.

Em momentos como este, expor com clareza as próprias posições torna-se tarefa de crescente premência. É necessário deixar explícito o que pode estar apenas implícito. É indispensável dizer em voz alta aquilo em que se pensa e em que se acredita. Foi por isso que decidimos assinalar o décimo aniversário de VEJA com a publicação do livro "Receita: Brasil", no qual — ao longo das próximas oito semanas — uma centena de brasileiros ilustres, de todas as posições e tendências, manifestam suas opiniões a respeito do aperfeiçoamento das estruturas políticas, econômicas e culturais do país. É também por isso que julgamos oportuno registrar, aqui e agora, os princípios básicos que nos vêm guiando desde a criação da Editora Abril, em 1950, e o nascimento de VEJA, em 1968.

Para começar, queremos afirmar que nos consideramos liberais. Muito se tem discutido, com variados graus de sofisticação, sobre se estas velhas e tradicionais definições ainda são válidas. Para nós são. E ser liberal, para nós, é querer o progresso com ordem, a mudança pela evolução, e a manutenção da liberdade e da iniciativa individuais como pedra angular do funcionamento da sociedade. Acreditamos, assim, no capitalismo democrático e estamos convencidos de que a livre iniciativa é o meio mais eficiente para se promover o progresso social. Isto porque consideramos a livre iniciativa o único sistema compatível ao mesmo tempo com uma sociedade pluralista, com as liberdades fundamentais do indivíduo, com a eficiência, com o dinamismo, com a inovação. E o lucro não é apenas legítimo: é essencial como motivador, aferidor de eficiência e fonte de recursos para os investimentos inadiáveis de amanhã.

De maneira igualmente frontal, somos contrários a um capitalismo estático, excludente, onde o bem-estar de uns poucos é obtido às custas da privação dos outros — onde, em suma, a acumulação de riqueza se faz com base no empobrecimento e na marginalização da maioria. Em vez disso, consideramos indispensável que o capitalismo brasileiro se modernize e democratize. Como? Basicamente, promovendo o acesso de cada vez mais pessoas aos benefícios do sistema, até que, como ocorre nas sociedades capitalistas modernas, a maioria da população desfrute das benesses do desenvolvimento. E aqui cabe ressaltar, por imperativa, a necessidade de as empresas assumirem, cada vez mais, suas plenas responsabilidades sociais.

Na mesma linha de raciocínio, estamos convencidos de que cabe ao Estado criar e desenvolver a infra-estrutura econômica bem como exercer atividades regulatórias, disciplinadoras e coordenadoras. Mas não admitimos a entrada do Estado em setores

nos quais a livre iniciativa pode desincumbir-se sozinha, suprindo-se, quando necessário, num mercado de capitais aberto, amplo e vigoroso. Pela mesma razão, somos contrários à socialização de prejuízos, por estarmos convencidos de que a eficiência do jogo da livre iniciativa implica a eliminação dos ineficientes, incompetentes e desnecessários.

Consideramos o capital estrangeiro um fator positivo para o progresso do país e cremos que, em seu atual estágio de desenvolvimento, o Brasil necessita de mais, não menos, investimentos vindos do exterior — sempre que acompanhados por modernas técnicas de gestão e por tecnologia avançada, que deite raízes locais. Somos visceralmente contrários às mentalidades xenófobas — em economia e em qualquer outra área. Em si, uma empresa multinacional não é boa nem ruim; a maneira como ela opera num país sim, pode ser útil ou nociva, dependendo de quanto ela contribui para seu desenvolvimento, ou de quanto o compromete. Para que os investimentos externos se façam de acordo com os interesses da nação e da sociedade, temos leis. Se são desrespeitadas, cabe fazê-las cumprir; se são ineficazes, cabe aperfeiçoá-las — obviamente sem perder de vista a necessidade de manter os atrativos para ambas as partes.

Também nos opomos com firmeza ao tratamento emocional — ou demagógico — da questão social. Ninguém nega que, apesar de consideráveis conquistas feitas nos últimos anos, o Brasil chega ao limiar dos anos 80 padecendo de graves problemas sociais e marcado por profundas desigualdades. Consideramos esta situação intolerável, tanto do ponto de vista ético como do ponto de vista político. Injustiça nas relações sociais é sinônimo de instabilidade. E nenhuma ordem assentada sobre a injustiça pode ser duradoura, e muito menos digna desse nome.

É preciso ter em mente, porém, que, em seu nível mais imediato e concreto, o progresso social envolve a inevitável questão de alocação de recursos. De nada adianta lançar-se uma ofensiva de reformas e melhorias sem determinar primeiro quem vai pagar por elas, de que forma e com o quê. Sendo que os recursos são sempre finitos, é obrigatório estabelecer prioridades. O custo do progresso social, assim, tem de ser negociado, e de uma maneira que leve em conta, com muito realismo, as possibilidades concretas do país. Nossa convicção é a de que a democracia é a forma mais justa de conciliar a escassez de recursos com a multiplicidade de reivindicações.

Dentro desse raciocínio, os sindicatos devem existir livremente e livremente negociar salários; sua atuação é peça importante para ajudar a compor o avanço social. Mas demandas exageradas não aproveitam a ninguém. A greve deve ser o último recurso, não o primeiro instrumento de pressão. E é ilusório pensar que o prejuízo trazido por paralisações de trabalho ou reivindicações excessivas possa sair de graça: ele acaba sendo pago, e com juros, por toda a comunidade. Por isso nos opomos, neste momento, a toda e qualquer iniciativa que leve à exacerbação ou à radicalização da questão trabalhista. Por isso nos opomos às greves gerais ou de solidariedade, de inevitáveis prejuízos materiais à nação. Por isso nos opomos à fundação de centrais sindicais tipo CGT, que fatalmente se concentram na ação político-ideológica.

Somos de opinião que, no Brasil, o progresso social deve ser conquistado ao longo do caminho. Em primeiro lugar, é inútil pensar em qualquer avanço sem um dramático esforço para dar melhor educação a todos os brasileiros. É indispensável, igualmente, que o país faça maciços investimentos nas áreas da habitação, saúde pública, saneamento básico, defesa do meio ambiente e planejamento familiar voluntário. E terá de haver, é claro, uma permanente preocupação com a inflação, os desníveis regionais e a dependência energética.

As questões sociais são, a nosso ver, terreno sobre o qual se formam as opções políticas — e a nossa sempre foi a da democracia, tal como praticada nas sociedades modernas do mundo ocidental. VEJA, ao longo de seus dez anos, vem combatendo o arbítrio. Mas o problema essencial, agora, é muito menos gritar contra o arbítrio e muito mais assegurar uma passagem tranqüila do país para um regime democrático. Sabemos que a democracia não é uma varinha mágica. Ela pode ser implantada em toda a sua plenitude sem que o país resolva de imediato seus problemas e a sociedade, seus conflitos. Mas, para harmonizar e permitir a convivência de interesses diversos, não conhecemos sistema melhor que o democrático — pois, com todos os seus defeitos, é o único que incorpora os mecanismos permanentes de autocorreção.

Neste momento crucial dos destinos nacionais, não hesitamos em afirmar que a caminhada para a democracia tem, como condição vital para seu êxito, a manutenção da ordem pública. E justamente por considerarmos inseparáveis a ordem e a liberdade é que estaremos permanentemente contra a agitação, o desrespeito à propriedade pública e privada, e a baderna. Queremos um Brasil onde haja leis e onde as leis sejam respeitadas. Queremos um país onde a violência seja sempre combatida. Quem comete crimes deve pagar por eles. E nenhuma razão de segurança ou de Estado pode justificar a degradação dos direitos humanos. Somos a favor da tolerância e da conciliação nacional, mas não vemos razão para se anistiarem pessoas que infringiram o Código Penal alegando razões políticas, nem para se incentivar a reorganização de grupos políticos que não aceitam a convivência democrática.

Eis no que acreditamos, por achá-lo melhor para o país. Confiamos em que, aqui, coincidimos com a maioria da sociedade brasileira. Não pretendemos ser donos da verdade — e VEJA o comprova, com sua disposição permanente de ouvir opiniões de todas as tendências no debate dos grandes temas nacionais. Mas o leitor sabe de que lado lutamos ao longo desses agitados, controvertidos, mas certamente estimulantes, dez anos de vida. E sabe, também, onde nos encontrará amanhã.

Victor Civita

# Índice



*CAPA: desenho de Benício*

Tiragem desta edição: 297 700 exemplares

Geisel (centro) na parada de Sete de Setembro, em Brasília*: a autoridade sobre a divergência militar

## Brasil

# O peso da segurança

*Para os militares, a questão social é mais importante do que a sucessão. E a abertura depende da continuidade do projeto político de Geisel*

A abertura da política brasileira estacou por um momento na porta dos quartéis. Nas duas últimas semanas, nenhum dos profissionais que habitam a cúpula da Arena e do MDB conseguiu articular idéias sem mencionar suas dúvidas acerca das reações que o aumento da temperatura social estaria provocando entre os militares. E nenhuma dessas dúvidas mereceu resposta conclusiva no emaranhado de pronunciamentos de oficiais de alta patente, que começaram em 25 de agosto — o Dia do Soldado — e somente esfriaram na quinta-feira passada, depois das paradas comemorativas do Sete de Setembro. Essas perguntas, que ricochetearam com rapidez insuspeitada pelos ambientes mais politizados das grandes cidades, são pertinentes e até inevitáveis: o Exército não se divide com a simples presença de duas candidaturas presidenciais provenientes de seus altos escalões? Esse choque não determinaria um retrocesso institucional? E, finalmente, a conjugação de uma temporada eleitoral que promete muita animação — apesar do bloqueio aos pronunciamentos gratuitos pelo rádio e televisão — com um ambiente social povoado de greves em setores de alta sensibilidade não provocaria, enfim, uma espécie de pronunciamento militar contra a abertura?

Os problemas se colocam nessa ordem apenas porque os políticos trabalham com os olhos voltados para o calendário eleitoral, cujo próximo evento está previsto para 15 de outubro, quando o Colégio Eleitoral vai se reunir com a tarefa de sagrar o próximo presidente da República. Na verdade, a abertura tornou-se um assunto dominante nas conversas entre militares, especialmente depois que a candidatura do general João Baptista Figueiredo, ungida no Planalto, defrontou-se com o movimento interno no MDB que produziu o lançamento de um nome alternativo — o

---

* *Na primeira fila do palanque, a partir da esquerda: general João Baptista Figueiredo, ministro Azeredo da Silveira, Dom Carmine Rocco — núncio apostólico —, general Adalberto Pereira dos Santos, o presidente, almirante Hermano Henning, general Fernando Bethlem e brigadeiro Araripe Macedo.*

do general Euler Bentes Monteiro. Mas, depois de conversar com oficiais em todo o país — especialmente os do Exército, o ponto-chave do complexo militar —, VEJA encontrou durante a semana passada uma sólida quantidade de informações suficientemente responsáveis para concluir que a questão sucessória não é a que mais preocupa os quartéis. Assim, enquanto a indicação do general Figueiredo parece tomada com um dado amplamente consagrado, os debates circulam em torno da questão social — ou do espectro da "volta aos tempos de agitação".

SACUDIR O CACHORRO — A pedra que faltava para sepultar possíveis divergências de opinião quanto ao desfecho da batalha presidencial teria sido colocada durante um despretensioso e informal churrasco oferecido a Figueiredo no domingo, dia 3, por oficiais sediados no Rio de Janeiro. O candidato aproveitou a cena para informar aos presentes — e ao país, com a ajuda do noticiário dos jornais da manhã seguinte — que não hesitaria em participar de "um governo de exceção, agindo até com violência — como foi necessário na Revolução de 1964, para conter quaisquer manifestações de radicalismo, da esquerda ou da direita". Nos dias subseqüentes ficou óbvio que essa definição fora bem recebida pelo auditório a que se destinava. "Figueiredo disse que o Exército queria ouvir", afirmou a VEJA, no Rio, um importante chefe militar. "Ele repetiu os pronunciamentos do presidente Geisel, de que a Revolução não deve acabar antes que a casa esteja em ordem. E advertiu os que pretendem sacudir o cachorro pelo rabo."

De fato, o presidente havia incluído um recado semelhante num discurso de três semanas atrás. Com esse cuidado, Geisel provou uma vez mais que domina com perfeição a chamada questão militar — sem chegar a romper explicitamente a discrição que se impôs desde junho passado, quando o general Figueiredo saiu a campo para lutar por um espaço político próprio. Boa parte das especulações que sugeriam nas duas últimas semanas a possibilidade de uma ruptura na hierarquia por efeito do embate de duas candidaturas de origem militar passou ao largo de um importante detalhe funcional: como o atual governo já tem mais de quatro anos, o tempo máximo de permanência de um general no mesmo posto, Geisel escolheu ou promoveu todos os 108 oficiais-generais — 14 de exército, 32 de

## A distribuição das forças

divisão e 62 de brigada — que comandam o Exército brasileiro. E não tomou nenhuma dessas decisões por acaso.

LEALDADES — Mais ainda: a distribuição dos cargos mais importantes (*ver o mapa ao lado*) obedece a um meticuloso critério de lealdade, que não escapa à observação do mais jovem segundo-tenente. Do ponto de vista prático, os comandos das divisões, que são a unidade de combate padrão, com efetivo de 18 000 homens, foram sempre cuidadosamente preenchidos pelo próprio presidente. E as divisões-chave, de Santa Maria (RS), Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio e Belo Horizonte, só se movem com ordens de generais cuja biografia revela numerosos e irrepreensíveis pontos de contato com o Planalto. Tome-se por exemplo a nevrálgica 2.ª Divisão do Exército, com sede em São Paulo. Ela está sob a jurisdição do II Exército, que sempre foi considerado o "exército político" porque reúne as forças acantonadas em São Paulo, onde se concentram os segmentos sociais e econômicos mais sensíveis do país — englobando também as tropas de Mato Grosso. Para administrar toda a região, o presidente nomeou, em janeiro de 1976, seu fidelíssimo ajudante, o general-de-exército Dilermando Gomes Monteiro, que recebeu e cumpriu com exemplar eficácia a tarefa de restabelecer o controle sobre os serviços de segurança (*ver quadro abaixo*). O comandante da 2.ª Divisão é o braço operacional do II Exército, Henrique Beckmann Filho, general-de-divisão, primo-irmão do presidente. Como as outras seis divisões de exército, essa força se distribui por três brigadas que podem ser de infantaria, de cavalaria mecanizada, de blindados ou de artilharia. E a unidade mais importante da 2.ª Divisão, a 11.ª Brigada de Infantaria Blindada, que fica em Campinas, a 100 quilômetros da capital, e tem 6 000 homens, é chefiada pelo general-de-brigada Wilberto Lima, que até meados do semestre passado era um dos mais íntimos assessores de Geisel.

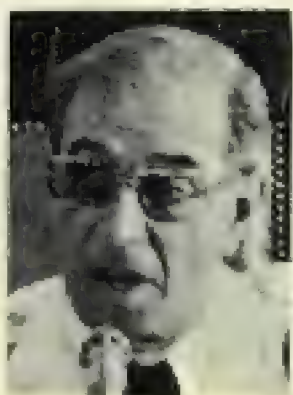
MODELO TESTADO — Os cuidados para manejar a distribuição de cargos na cúpula militar datam da posse do presidente Geisel, em março de 1974. E o modelo enfrentou com sucesso um grande teste no tenso 12 de outubro do

# Seis peças decisivas

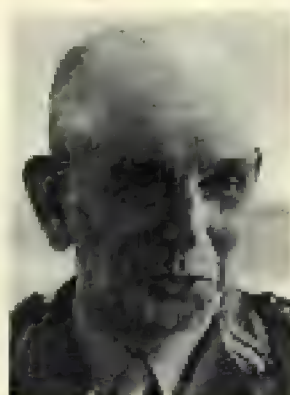
***Mesmo no momento em que o debate sobre a abertura aparentemente reflui para os quartéis, a maioria dos quase 14 000 oficiais que integram as Forças Armadas prefere manter-se à margem de articulações políticas — uma regra que vale também para os componentes da cúpula militar. Entre estes, contudo, existem oficiais que, por temperamento ou simplesmente em decorrência dos cargos que ocupam, são hoje peças importantes, eventualmente decisivas, no quadro político nacional. A seguir, VEJA fala de seis deles — um brigadeiro e cinco generais do Alto Comando:***

## Brig. Délio Jardim de Mattos

MARCOS SANTILLI

Discípulo do brigadeiro Eduardo Gomes, o brigadeiro Délio Jardim de Mattos vem revelando notável aptidão para a atividade política — e, sobretudo, para delicadas manobras de persuasão de adversários recalcitrantes — desde que assumiu, meses atrás, a condição de um dos mais aplicados assessores informais do general João Baptista Figueiredo. No episódio da sucessão paulista, por exemplo, o brigadeiro Mattos, ministro do Superior Tribunal Militar, empreendeu uma larga série de contatos sigilosos, sempre a pedido do amigo Figueiredo. Favorecido pelo bom trânsito de que desfruta entre políticos e oficiais da sua Arma, ele agora tem-se dedicado a missões relacionadas com a sucessão presidencial. E é apontado como o futuro ministro da Aeronáutica do governo do general João Baptista Figueiredo.

## Gen. Fernando Bethlem

ABRIL PRESS

Ao assumir o Ministério do Exército em outubro de 1977, logo depois da exoneração do general Sylvio Frota, o general Fernando Belfort Bethlem afirmou que, por questões de disciplina e hierarquia, a corporação não deveria interferir no processo sucessório, "nem antes nem depois de janeiro de 1978". Duas declarações recentes, todavia, sugerem que o ministro mudou de idéia. Na primeira, Bethlem sublinhou que o fato de ocupar um posto político no governo Geisel trazia implícito seu apoio ao candidato João Baptista Figueiredo. Depois, o ministro afirmou que o sucessor indicado por Geisel contava com o apoio do Exército. Assim, Bethlem transformou-se no mais graduado cabo eleitoral de Figueiredo. Antes de ser indicado para o posto, contudo, o ministro vinha defendendo posições políticas semelhantes às do general Sylvio Frota.

Carioca de 64 anos, temperamento afável, pertencente à Arma da Cavalaria, Bethlem costuma incluir em seus discursos candentes advertências contra ameaças de infiltração comunista e frases em defesa da necessidade de conciliar-se liberdades democráticas com a doutrina de segurança nacional. Observadores militares assinalam que Bethlem, além de ter assumido o Ministério em circunstâncias particularmente dramáticas, desde então vem tendo sua atuação dificultada pela presença de correntes militares divergentes nos quartéis. Nesse quadro, o moderado desempenho do ministro ao menos impediu que os problemas se agravassem. Se não permanecer no posto, hipótese não descartada em Brasília, o general Bethlem — que completará o tempo-limite de doze anos de generalato em novembro deste ano — deixará o Exército no final do governo Geisel.

## Gen. Walter Pires

LEVY MORAES/AGÊNCIA FOLHAS

Se ganhar no colégio eleitoral, o general Euler Bentes Monteiro leva? O general Walter Pires de Carvalho e Albuquerque, segundo informam seus amigos, acredita que não. Diretor do Departamento de Polícia Federal no governo Costa e Silva, ex-comandante da Vila Militar, Walter Pires foi promovido a general de quatro estrelas em abril deste ano e nomeado para a chefia do Departamento de Material Bélico do

ano passado, quando o então ministro do Exército, general Sylvio Frota, foi demitido porque ousou estimular uma ativa campanha pelo lançamento de sua candidatura à Presidência e, durante cerca de doze horas, tentou articular um movimento de resistência. Mas, naquele momento e nos meses subseqüentes, ficou claro que a gerência dos altos postos no Exército significa para Geisel uma afirmação de sua autoridade política e não um simples gesto de autodefesa diante da possibilidade de enfrentar situações de crise na área militar. O presidente usou essa autoridade em janeiro passado, quando sustentou a indicação de Figueiredo como seu sucessor; e acaba de reafirmá-la ao declarar que sua escolha é "ato revolucionário"

Os problemas do candidato oficial com a comunidade militar não decorreriam propriamente do método de seleção, mas de suas afirmações favoráveis a uma abertura política mais rápida e generosa. "O Exército não quer as reformas de uma só vez porque teme um regresso ao período que antecedeu 1964", informa o chefe militar ouvido por VEJA no Rio. "O Exército está no poder há quase quinze anos e deseja conduzir o desengajamento com a maior cautela possível — até para não precisar intervir novamente dentro de pouco tempo." É por isso que a elevação da temperatura social preocuparia os quartéis com intensidade muito maior do que o debate entre os dois candidatos à sucessão, assunto que os militares saberiam estar acima de suas inclinações pessoais.

Se fossem chamados a opinar para valer, talvez a maioria dos oficiais escolhessem o general Bentes como o melhor nome para administrar o país nos próximos seis anos. Contudo, não houve, em qualquer ocasião, uma pesquisa desse tipo. Uma consulta informal, patrocinada alguns meses atrás por alunos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército — majores e tenentes-coronéis — entre seus colegas, revelou, segundo boas fontes, que a maioria do grupo considerava o general Bentes o oficial mais habilitado para exercer a Presidência. Mas essa informação torna-se muito limitada diante do pensamento, dominante na cúpula, de que o atual candidato do MDB tem demasiada "autonomia" — quer dizer, seu governo não seria um modelo de continui-

---

Exército. De acordo com as regras castrenses, Pires, de 63 anos, deverá permanecer na ativa até a segunda metade do próximo período presidencial. Pertencente à arma da Cavalaria, ele tem evitado falar sobre questões institucionais. E vem sendo insistentemente considerado o futuro ministro do Exército do general João Baptista Figueiredo, de quem é amigo fraternal — além de principal aliado nos quadros do Alto Comando.

## Gen. Ariel Pacca

LUIS HUMBERTO

O general Ariel Pacca da Fonseca, chefe do Estado-Maior do Exército, em nenhum momento manifestou apoio oficial à candidatura Figueiredo. Por outro lado, suas opiniões sobre o MDB nunca foram lisonjeiras — o que indica que o chefe do EME, cargo que o transforma na prática em chefe operacional do Exército, não vê com bons olhos a candidatura Euler Bentes. Mesmo porque a brilhante trajetória profissional do general Pacca tem sido marcada pelo combate ao que considera um risco a evitar a qualquer preço: a ocorrência de divisões nas Forças Armadas — para ele, um perigo tão grande quanto a infiltração comunista. Seria Pacca, então, um possível candidato a *tertius?*

O mais provável é que o general simplesmente prefira outros temas ao da sucessão presidencial. Em dois discursos recentes, Pacca endossou plenamente o projeto de reformas políticas do governo, proclamou a unidade do Exército em torno de suas missões constitucionais e avalizou a fidelidade e disciplina da instituição em torno do ministro. Tido como integrante da ala mais liberal do Exército, Pacca costuma aludir aos princípios democráticos da Revolução de 1964. E, em outubro de 1977, numa conversa informal no Congresso com parlamentares dos dois partidos, mostrou-se favorável ao diálogo e a reformas sociais e políticas. Semanas atrás, de qualquer forma, o general advertiu que o Exército não tolerará "a volta ao clima de 1963". Em novembro próximo, Pacca deverá deixar o serviço ativo, por completar o tempo máximo no posto de general.

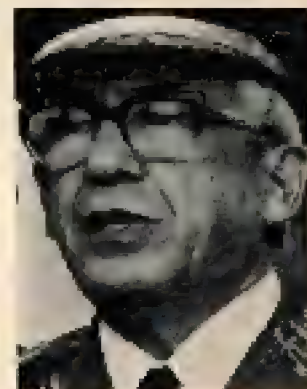
## Gen. José Pinto Rabelo

N.M. PASSOS

Em abril deste ano, o general José Pinto de Araújo Rabelo, comandante do I Exército, visitou o general Euler Bentes Monteiro para propor-lhe que aceitasse ser o candidato da Arena ao governo do Rio. Malograda a missão de paz, Rabelo acabou se transformando num dos mais ásperos críticos dos dissidentes militares, que chamou de "transviados" em discurso recente. Ultimamente, ele tem reiterado a companheiros de farda que não há solução política fora da candidatura oficial. Mineiro, 63 anos, é tido como um dos "duros" do Exército. E deverá passar para a reserva em março de 1979, quando completará doze anos de generalato — a menos que seja convocado para ocupar um importante posto no próximo governo.

## Gen. Dilermando Monteiro

SERGIO SADE

Em janeiro de 1976, quando a morte do operário Manoel Fiel Filho no DOI-CODI, em São Paulo, provocou a destituição do general Ednardo D'Ávila Mello, o presidente Geisel decidiu designar para o comando do II Exército um general de sua irrestrita confiança. E o escolhido foi o mato-grossense Dilermando Gomes Monteiro, 65 anos, que só não assumira a chefia do Gabinete Militar no início do governo Geisel por ter fraturado o fêmur. Exemplarmente fiel ao amigo presidente, aplicado cultor da tolerância, Monteiro devolveu a tranqüilidade aos quartéis sob seu comando. Evita pronunciamentos de conteúdo político, mas apóia a candidatura do general Figueiredo. Há algumas semanas, ao receber a visita de Figueiredo em São Paulo, disse que esperava vê-lo de volta "como chefe supremo das Forças Armadas". Em novembro próximo, quando completará doze anos de generalato, o general Monteiro irá para o Superior Tribunal Militar, na vaga aberta com a aposentadoria do general Augusto Fragoso, evitando a passagem para a reserva.

dade, especialmente quanto ao traço gradual que o Exército acha indispensável para a abertura política.

BEM DEVAGAR — Assim, parece nítido que a candidatura alternativa não conseguiu provar aos militares que é uma opção segura para o desengajamento. Duas semanas atrás, no começo da tarde de uma quarta-feira ensolarada, um major pára-quedista que aproveitava o tradicional meio-feriado semanal para descansar na varanda de sua casa, na Vila Militar — a concentração de quartéis que domina o subúrbio carioca de Deodoro —, descrevia as suas impressões a respeito da alternativa oposicionista de uma abertura veloz: "Tudo isso é da conjuntura. O genral Bentes não saiu candidato pelo partido da situação e então foi buscar a outra forma de apoio que lhe oferecem. Por enquanto, temos de fazer as coisas bem devagar. Depois muda".

Os partidários do general Bentes sugerem que opiniões como essa justificariam a importância da candidatura alternativa — pois, para uma fração representativa do pensamento militar, a política já não pode ser ordenada como uma instituição castrense, em que os conflitos são resolvidos pela hierarquia.

Mas uma fatia respeitável dessa mutação deve ser atribuída, ainda uma vez, à definição dos limites para a influência extraprofissional do Exército. O ponto crucial de inflexão materializou-se no começo de 1976, com a remoção do general Ednardo D'Ávila Mello do comando do II Exército. Em meados de novembro do ano anterior, o presidente Geisel informou a pelo menos um interlocutor político que sua intervenção nos órgãos de segurança de São Paulo, nos dias que seguiram a morte do jornalista Wladimir Herzog numa dependência do DOI-CODI, lhe criara problemas.

E, logo depois do afastamento do general Mello, o presidente teve uma discussão áspera em Porto Alegre com o então comandante do III Exército, general Oscar Luís da Silva, na presença dos chefes regionais da Marinha e da Força Aérea. Na conversa, Geisel deixou claro que setores das Forças Armadas estavam provocando dificuldades para seu governo ao conservar práticas condenáveis na área de segurança. E advertiu que não hesitaria em tomar medidas ainda mais drásticas para impedir que episódios como o de São Paulo se repetissem.

O controle dos serviços de segurança e, depois, a progressiva liberação do espaço político para críticas ao governo e articulação de grupos políticos dissidentes serviram para demonstrar ao Exército que a transição era possível, muito antes do lançamento da candidatura do general Bentes. Isso não significa que desde então os fatores de divergência tenham cessado. E nem mesmo que o governo haja se tornado mais popular entre os oficiais, que, em suas conversas particulares, criticam algumas das mais importantes decisões presidenciais na área econômica e administrativa. Mas os temas dessas discus-

Hugo Abreu, com Pessek: os dois sob a mesma maldição

## *Um castigo para Hugo Abreu*

Nos quartéis e nos bastidores da política tem-se perguntado com freqüência, nos últimos meses: "Se se pune o coronel Tarcísio, por que se poupa o general Hugo Abreu?" Um e outro, de fato, manobram na mesma área da oposição à candidatura oficial à Presidência da República, se bem que Abreu jamais tenha cometido, como Tarcísio, o pecado de dar entrevistas políticas. Se está aí a explicação para que permaneça a salvo das punições do Regulamento Disciplinar do Exército, a condenação de Abreu, pelo menos em tese, permanece como uma possibilidade. E a forma adotada talvez seja uma fulminante, mas absolutamente estatutária, passagem para a reserva ainda neste ano de 1978.

A rigor, a sobrevida do general-de-divisão Hugo Abreu na ativa avançaria até março de 1981, quando completa o teto de doze anos de generalato. O Estatuto dos Militares, no entanto, fixa a idade de 64 anos como limite para um general — e por essa determinação o general Hugo de Andrade Abreu, nascido a 27 de dezembro de 1916, em Juiz de Fora (MG), seria reformado em 1980. A passagem pode ocorrer antes ainda, em março de 1979, se ele não for promovido a general-de-exército numa das duas próximas listas que o Alto Comando apresentará ao presidente da República, em novembro, agora, e em março do ano que vem. Dá-se como certo que ele não integrará qualquer dessas listas. Afinal, a maldição que o persegue se estende até sobre os auxiliares que lhe foram mais fiéis ao tempo da Casa Militar, como o coronel Kurt Pessek, transferido de Brasília para Fortaleza no começo do ano.

O princípio da renovação dos quadros, porém, manda que se abram anualmente oito vagas de general-de-divisão. Este ano, já se abriram e foram preenchidas as quatro primeiras. Outras três deverão surgir em novembro, quando há promoções a general-de-exército. Ficará faltando, então, a última vaga de 1978, a ser aberta, obrigatoriamente, no dia 31 de dezembro. E Hugo Abreu talvez seja castigado — caindo para a reserva sem desvios legais que possam provocar controvérsias.

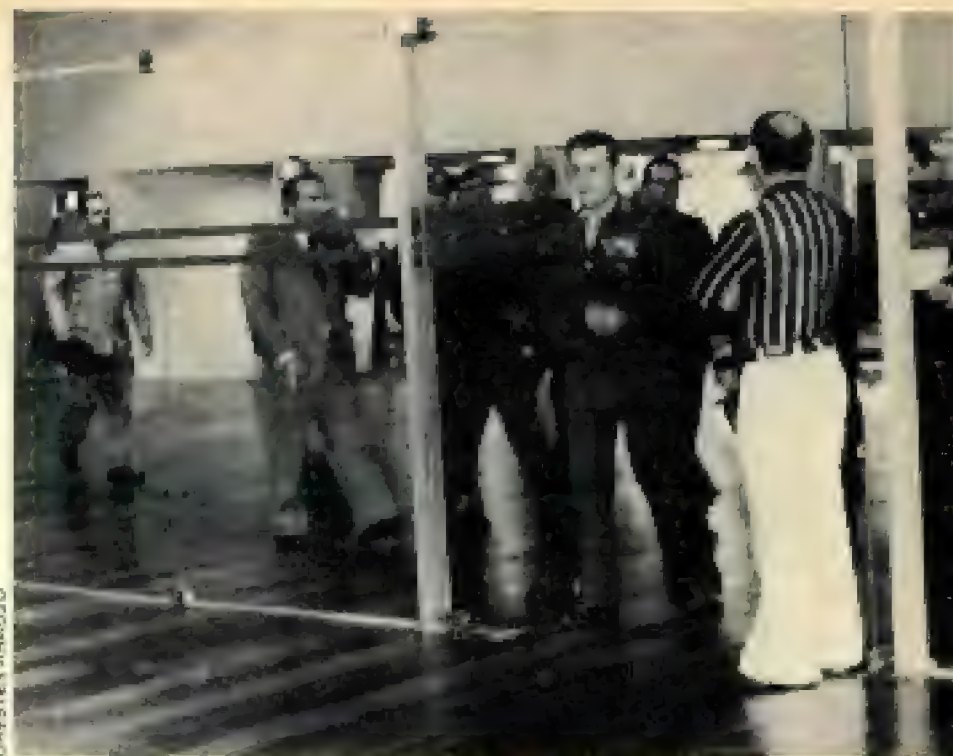
sões — como a inflação, a dívida externa e as histórias de corrupção — não aparecem ao oficial médio como capazes de justificar mais do que sua preocupação como eleitor e contribuinte.

CLASSE MÉDIA — Assim, o comportamento dos militares diante dos assuntos de governo confunde-se com as reações de um típico grupo de classe média. Como argumentava a VEJA na semana passada um general que serve no sul, "não há 2% de oficiais favoráveis ao general Euler — como disse um chefe militar* com muita infelicidade —, mas 2% de oficiais do Exército que são politizados; a grande massa não quer participar da vida política". Tal inclinação é, de resto, diligentemente reforçada pela cúpula. Ainda na semana passada, um major-aluno da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), o centro de treinamento de elite para os futuros generais, comentava no Rio a especulação de que uma faixa de oficiais — ligados ao curso, entre os postos de capitão e coronel — estaria disposta a se mobilizar em favor da candidatura do general Bentes. "Aqui na ECEME não há tempo para discutir política; o intervalo entre cada aula é de dez minutos e ficamos quase imobilizados nas salas de instrução", comentou ele num tom levemente queixoso. "Nós nos informamos, mas estamos sempre muito ocupados; a decisão está na cúpula."

Se os oficiais selecionados para freqüentar a ECEME, em outras épocas considerada um território mais propício ao debate do que a própria Escola Superior de Guerra (ESG), sentem-se enquadrados num ambiente de competição profissional, os escalões intermediários dos quartéis mostram-se ainda mais refratários à idéia de manifestações políticas coletivas — um comportamento oposto ao que até meados da década passada era muito comum entre o pessoal subalterno das Forças Armadas. Tanto que uma discreta sondagem encomendada no semestre passado a todos os comandos serviu para medir a parca repercussão na tropa da posição dissidente do tenente-coronel Tarcício Nunes Ferreira em favor de uma abertura democrática rápida. Esse resultado ajudou a cúpula na decisão de concentrar sobre esse oficial — removido de seu posto de comando num importante batalhão de infantaria em Ponta Grossa (PR) e destacado para cuidar do recrutamento no Recife — dose mais pesada de carga de punições reservadas aos militares que manifestaram solidariedade à candidatura do MDB.

ORESTES ARAÚJO

Gen. Camargo (centro): crise em Florianópolis

ALA DIREITA — Em todo caso, a cúpula militar dá indicações de que não despreza o papel do reduzido grupo de oficiais dispostos a colocar em prática suas idéias políticas. E tem procurado evitar o quanto possível a alternativa de distribuir castigos a granel. Em boa parte, essa cautela justifica-se pelo reconhecimento de que o desengajamento do poder é desejado pela maioria da corporação. Mas há outro motivo, freqüentemente esquecido nos debates sobre a questão militar: a ala direita do Exército, também chamada de "linha duríssima", poderia retomar uma fatia de sua influência se o clima profissional chegasse a ficar tumultuado. Para esse grupo, hoje isolado, pior que a opção entre Figueiredo e Bentes, só existiria a abertura. Ninguém, dentro ou fora do Exército, admite que essa posição conseguiria reunir forças para dominar o pensamento político dos militares — especialmente nos seis meses que ainda restam do mandato de Geisel. Mas um pequeno incidente protocolar detectado na quinta-feira passada em Florianópolis revela a influência de fatores dos mais inesperados no melindroso período da transição institucional. Os deputados estaduais de Santa Catarina realizavam a sessão de gala em comemoração ao Sete de Setembro. Todos os oficiais graduados da capital catarinense estavam presentes quando o líder do MDB, Delfim Peixoto, leu alguns parágrafos de crítica ao governo num longo discurso de exaltação à Independência. Antes que terminasse a segunda frase, um oficial da Marinha retirou-se de seu lugar de honra, seguido pelo general-de-brigada José Maria de Toledo Camargo, o representante mais graduado do Exército no Estado — e, depois, pelos outros militares. Os políticos ficaram até o final e o general Toledo Camargo, que até março passado era o porta-voz do Palácio do Planalto, apressou-se em comunicar naquele mesmo dia que o episódio não lhe deixara maiores preocupações. Mas há exatamente dez anos — ou melhor, no dia 6 de setembro de 1968 — um discurso de menos de cinco minutos, feito na tribuna da Câmara pelo ex-deputado Márcio Moreira Alves, servira como estopim da maior crise institucional brasileira desde março de 1964. E dera o motivo para a edição do Ato Institucional n.º 5, em dezembro daquele mesmo ano.

AMPLOS PODERES — Agora, depois que o país viveu praticamente uma década sob o signo do AI-5, os militares mais graduados parecem interessar-se, sobretudo, em discutir as condições para que a restituição da política aos políticos seja feita com as garantias de que o regime continuará estável. Essa não é, nem de longe, uma questão bizantina nas conversas de caserna. Ainda na semana passada, um general lotado em São Paulo apresentava candidamente sua maneira de ver o problema: "A dificuldade do general Figueiredo será relacionar-se com um país diferente, mais livre, em que as pressões sociais devem tornar-se maiores e mais freqüentes". A resposta do dilema não iria incomodar os políticos, exatamente porque eles existem para mediar as tensões. Mas, ao especular sobre o funcionamento dessa nova sociedade, esse mesmo oficial forneceu uma pista de primeira categoria para quem deseja compreender o verdadeiro sentido da "democracia relativa". "A comunicação entre o go-

* *A declaração é da segunda semana de agosto e pertence ao general Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, que em 1969, ainda general-de-brigada, sucedeu o general Bentes na administração da Sudene. Foi repetida depois pelo general João Baptista Figueiredo.*

verno e a sociedade precisa melhorar e esse é um trabalho dos políticos", reconheceu. "Mas a questão da segurança exige a preservação de amplos poderes na mão do presidente."

Dessa maneira, os limites da transição incluem, para os militares, alguns elementos que não comparecem com freqüência na receita dos políticos. Além do calendário eleitoral, a corporação inclina-se a considerar indispensável uma temporada de experiência para o regime de abertura parcial que está desenhado no "pacote" das reformas políticas cuja votação começa a ser encaminhada nesta semana, em Brasília. Para uma sólida maioria de oficiais graduados, a multiplicação das greves em setores mais sensíveis, como os professores, não é um sintoma de que a nação pretende refazer suas instituições com maior rapidez, mas um sinal de que a esquerda se reorganiza.

É por isso que a abertura está momentaneamente parada diante dos quartéis. O militar conhece o sentido do movimento geral da sociedade e, de acordo com a tradição brasileira, não pretende atirar-se contra ele. Mas também não está disposto a correr mais depressa do que lhe recomendam os sentimentos de ordem e respeito à hierarquia — além da formação anticomunista. Se a questão social reunisse apenas elementos lógicos, não seria difícil imaginar uma solução elegante e bem cronometrada para essa controvérsia do desengajamento do Exército.

Todavia, são as pressões que movem a política — ainda mais numa temporada de eleições parlamentares. E nem todas as pressões agradam ao Exército, mesmo quando aparecem filtradas nas promessas de um candidato oficial à Presidência. Assim, é improvável que a resposta para a abertura esteja com quem julga possível abrir o caminho através da caserna — na ilusão de que se faria a transição mais depressa caso se estimulasse algum desconhecido núcleo de "oficiais progressistas". Se houvesse um golpe no cardápio das alternativas militares, o resultado seria inevitavelmente parecido com o desfecho de 1968. A outra possibilidade consiste unicamente em resolver os problemas com base nas indicações que vão emergir das urnas de 15 de novembro. A travessia certamente demora mais. Mas é igualmente seguro que o Exército concordará com o resultado. •

## *Um Exército mais profissional*

O Exército já forneceu passaporte para algumas das mais bem-sucedidas carreiras políticas do país. Mas a clássica simbiose do chefe militar com o líder político começou a declinar inexoravelmente nos anos 60, quando o presidente Humberto de Alencar Castello Branco criou duas regras que mudaram a paisagem dos quartéis: o militar que se candidata a um posto eletivo passa à reserva; e a renovação dos quadros no topo da hierarquia segue uma fria receita técnica.

Os resultados dessa política surgem mais visíveis do que nunca quando se procuram os sinais dominantes do Alto Comando que vai trabalhar com o próximo governo. A primeira geração desses futuros chefes foi promovida em março passado pelo presidente e será completada antes do final de novembro, quando passam à reserva os generais Ariel Pacca da Fonseca, Ayrton Tourinho, Dilermando Gomes Monteiro e Tácito Gaspar de Oliveira. Nenhum dos candidatos mais evidentes a essas promoções, com exceção do general Ernani Ayrosa da Silva, herói da Força Expedicionária da II Guerra Mundial, é conhecido fora dos círculos profissionais.

SERGIO SADE

Beckmann: críticas ao primo

N M PASSOS

Silva: um bom amigo de Golbery

OPINIÕES PESSOAIS — Mas a tendência ao anonimato político dos futuros chefes do Exército se acentua fortemente no caso de uma previsão para o Alto Comando que trabalhará no começo dos anos 80. Entre os generais-de-divisão mais cotados para fazer a escalada por essa época contam-se Milton Tavares de Souza, comandante da 1.ª Divisão do Exército, e Henrique Beckmann Filho, comandante da 2.ª Divisão do Exército, de São Paulo. Ambos são discretos, recusam-se sequer a mencionar questões políticas em suas manifestações públicas, mas nunca procuraram ocultar suas opiniões pessoais quando discutem informalmente essas mesmas questões. Ao se encontrar com amigos civis, Beckmann, gaúcho de 60 anos, que é primo do presidente Ernesto Geisel, não foge das animadas polêmicas a respeito do desempenho da atual administração no campo econômico — e freqüentemente se vê colocado no grupo dos críticos mais rigorosos. E Souza, de 61 anos, é reconhecido como um dos mais sólidos amigos do general Golbery do Couto e Silva, que tem muitos adversários na corporação. Essa disposição para separar o trabalho das questões pessoais, inadmissível no Exército anterior ao código de Castello Branco, é talvez o indicador mais seguro de que o país estaria a caminho de ter uma corporação militar verdadeiramente profissional.

## Calote

*O governo deve a restituição do Imposto de Renda pago em excesso no ano passado a 84 000 contribuintes. Esse grupo de cidadãos pagou seus tributos na fonte — cobrados pelo Tesouro com implacável pontualidade —, fez suas declarações de rendimento de acordo com o calendário oficial e, desde o final do semestre passado, aguarda os cheques de devolução do excesso. Depois de algumas semanas, ficou claro que o governo atrasava o resgate desse compromisso. A Receita Federal, então, explicou que a demora se devia a uma verificação mais atenta da contabilidade de quem deveria receber mais de 20 000 cruzeiros de restituição. Depois, o governo resolveu dizer que não podia resgatar seu compromisso enquanto não esclarecesse um nebuloso caso de pedidos de restituição falsos, noticiado na semana passada. Vai se configurando, assim, um caso típico de calote. O governo desconta por excesso e na hora de devolver o que pertence ao contribuinte comunica ao país que não pretende saldar a dívida enquanto a polícia não apurar uma fraude — que não foi cometida por nenhum dos credores. Todos sabem que esse governo aciona instrumentos terríveis sobre o bolso, a honra e a ficha cadastral de qualquer brasileiro que atrase, mesmo por 24 horas, o pagamento de qualquer imposto. Seria bom que tivesse o mesmo rigor com suas próprias dívidas.*

## A boa fé

*Os bispos católicos da região norte juntaram-se duas semanas atrás para uma assembléia de rotina, como as que a Igreja patrocina durante o ano pelas regiões do país. E concluíram suas deliberações com um manifesto que, em nome da fé no Evangelho, recusa-se a "aceitar um modelo econômico-político como o atual, centrado no capitalismo que escraviza e marginaliza a maioria do povo". De fato, a economia de livre iniciativa tem seus problemas em várias partes do mundo. Mas os bispos sabem perfeitamente que, através do capitalismo, muitos povos conquistaram os maiores graus de conforto, participação e liberdade que se conhecem na história da humanidade. Há lugares em que esse sistema exige corretivos de largo alcance e profundidade. A condenação abstrata do capitalismo, porém, mostra que os bispos do norte, no episódio, estavam muito pouco interessados em raciocinar com seriedade.*

**Figueiredo em Jacarepaguá: um jacarandá chamado "gorila"**

OS CANDIDATOS

# Primeiro confronto

### *Figueiredo adverte que a exceção pode voltar. Euler Bentes responde com uma acusação*

Desde que foi indicado para ocupar o Palácio do Planalto a partir de 1979, o general João Baptista Figueiredo ofereceu ao país sucessivas declarações em favor do processo de abertura democrática — e em mais de uma ocasião prometeu "aprofundar" durante o seu mandato as reformas concebidas pelo presidente Ernesto Geisel. Tanto assim que nas últimas semanas se estabelecera uma espécie de competição entre Figueiredo e o candidato do MDB, general Euler Bentes Monteiro, cada qual empenhado em aparecer perante a opinião pública como mais comprometido que o outro com a restauração da plenitude democrática.

Mas, no domingo, dia 3, o general Figueiredo recorreu a uma linguagem muito diferente, que semeou dúvidas e perplexidades. Homenageado com um churrasco na residência do coronel da reserva Roberto Moura, no subúrbio carioca de Jacarepaguá, o candidato improvisou um discurso de agradecimento — e nele enxertou uma grave advertência. "Todos nós servimos a governos de exceção", lembrou Figueiredo aos cinqüenta comensais ali reunidos, militares já reformados ou ainda na ativa, "mas o fizemos na convicção de que era a única atitude possível para não desmoralizar as Forças Armadas." E rematou: "Se necessário for, para defender essa pátria, não teremos pejo em repetir novamente o nosso procedimento". Depois, quando os jornalistas lhe pediram que explicasse o sentido de suas palavras, o general recusou-se, argumentando que falara "português claro".

ÁSPERA RESPOSTA — Seus amigos é que se apressariam a tranqüilizar os repórteres — não em relação ao discurso, mas quanto ao significado de uma determinada palavra — "gorila" — escolhida por Figueiredo para batizar o jacarandá cuja muda plantara no pomar da casa. "Por favor, não interpretem mal", pediram. "O general quis dizer 'gorila de tapete', aquele que não incomoda ninguém." Ninguém, na verdade, estava muito preocupado com as preferências do candidato em matéria de nome de árvores. O seu discurso é que faria brotar frondosos comentários no decorrer da semana. O general Euler Bentes, por exemplo, que até então se negava sistematicamente a analisar em público as declarações de seu adversário, dessa vez mudou de atitude. Logo na segunda-feira, ao receber a imprensa no escritório eleitoral montado no Center Hotel, no Rio de Janeiro, Bentes ditou uma áspera resposta.

**Euler Bentes com José Américo: não só uma "visita de amizade"**

Ele classificou o improviso de Figueiredo como "uma pressão inaceitável" e uma tentativa de "desvirtuar o sentido de nossa candidatura, que se opõe a qualquer espécie de radicalização". Afirmou ainda existir uma "contradição" entre as intenções do governo, "traduzidas no projeto político de abertura lenta, gradual e segura", e "essas manifestações do candidato da Arena sobre a possibilidade de uma volta ao estado de exceção". Em outro hotel, o Aracoara, em Brasília, sede da campanha de Figueiredo, seus auxiliares ofereceriam uma interpretação mais matizada. Eles argumentam que, desde a entrada em cena da candidatura Euler Bentes, Figueiredo viu-se na contingência de reforçar sua pregação democrática, "para não ficar atrás" do general do MDB. Em conseqüência, segue o raciocínio, seus pronunciamentos teriam adquirido um tom "excessivamente liberal" para certos setores das Forças Armadas. A fala de Jacarepaguá teria, portanto, o objetivo de "tranqüilizar os militares".

JARDIM DE INFÂNCIA — Resume um assessor do candidato, também ele militar: "O discurso do general não significa que sua promessa de fazer a democracia seja falsa, mas que ele saberá conter a desordem quando isso for necessário". Com a mesma confiança, os membros da equipe de Figueiredo opinavam na semana passada sobre os resultados da pesquisa realizada em São Paulo nos últimos dias de agosto pelo Instituto Gallup — na qual o general Euler Bentes aparecia, pela primeira vez, um ponto à frente de Figueiredo na preferência dos eleitores (35% contra 34% e 31% de indecisos). "Esses resultados mudam com o tempo", é o que se diz no Aracoara.

Certamente para fazê-lo mudar de novo, os assessores do general continuam dedicados a fortalecer sua imagem junto ao público. Assim, na véspera do 7 de setembro, Figueiredo visitava um jardim de infância de Brasília, onde, sorridente, se fez fotografar com a criançada. E já esta semana ele retoma seu programa de viagens: na segunda-feira irá a Goiás e na quinta, ao Espírito Santo. Seu opositor, enquanto isso, estará em Brasília, onde terá um encontro com o secretário geral da CNBB, dom Ivo Lorscheiter, na terça-feira, e uma reunião com a cúpula do MDB, no dia seguinte. É provável que nessa conversa se discutam os rumos políticos da campanha do general Bentes. Pois, desde sua visita ao ex-presidente Emílio Medici, na semana retrasada, ouvem-se no partido murmúrios de que o seu candidato "caminhou para a direita". Os descontentes criticam ainda a dura condenação proferida pelo general na última terça-feira contra a Convergência Socialista *(veja a página 32).*

"LUTA FRATRICIDA" — Há também, entre os partidários do candidato da oposição, quem gostaria que ele fizesse "mais comícios e menos reuniões a portas fechadas". Na última sexta-feira, em João Pessoa, sua mais recente excursão eleitoral, ele fez uma coisa e outra. Durante uma hora, por exemplo, manteve uma conversa reservada com a mais venerada personagem da Paraíba, o ministro José Américo de Almeida, de 91 anos, pai do general Reynaldo Mello de Almeida, ex-comandante do I Exército, hoje no Superior Tribunal Militar. Como havia dito depois de avistar-se com Medici, Euler Bentes recorreu à fórmula "visita de amizade" para explicar o encontro. O velho José Américo de Almeida seria mais explícito. Contou aos jornalistas que manifestara ao candidato sua preocupação com a possibilidade de uma "luta fratricida" nas Forças Armadas, em conseqüência da disputa presidencial entre os dois generais. "No entanto", informou, "fui tranqüilizado de que nada disso ocorrerá."

Naturalmente, perguntou-se a José Américo quem ele gostaria de ver eleito a 15 de outubro. "Não é hora de se fazer um julgamento dos homens", respondeu, cauteloso. Na verdade, o patriarca paraibano considera o quadro sucessório "muito confuso", segundo confidenciou a Terezinha Nunes, de VEJA, uma pessoa de sua intimidade. Ele, pessoalmente, não teria compreendido até agora por que o presidente Geisel escolheu Figueiredo — e estaria convencido de que entre a oficialidade jovem do Exército o preferido seria o candidato do MDB. Em João Pessoa, pelo menos, onde serviu dois anos como chefe do I Grupamento de Engenharia, o general Euler Bentes Monteiro tem seguramente seus adeptos entre os oficiais. E, na sexta-feira à tarde, o general reuniu-se com um grupo de militares da ativa, como fizera duas semanas antes no Recife.

BARRIL DE PÓLVORA — Desta vez, porém, foi um encontro muito mais discreto que o realizado no Recife na residência do tenente-coronel Tarcísio Nunes Ferreira, punido na semana retrasada com trinta dias de prisão (VEJA n.º 522). Não foi possível saber, em conseqüência, onde ocorreu a reunião nem quantos oficiais dela participaram. "Medida de segurança para evitar novas punições", desculparam-se os assessores do general Bentes. Em todo caso, quando chegou à entrada da cidade, vindo de automóvel do Recife, o candidato foi publicamente recebido pelo coronel Afonso de Toledo Navarro, superintendente do porto de Cabedelo. À noite, encerrada a etapa de encontros sigilosos, Euler Bentes falou para uma multidão calculada em 8 000 pessoas na praça 1817, no centro de João Pessoa. Ali, reiterou que "o objetivo principal de nossa luta é a volta do país ao estado de plena democracia".

Que resultados poderá colher o general Bentes dessa visita? Nos mapas de geografia eleitoral desenhados por seus assessores, a Paraíba aparece em relevo — embora sua representação no colé-

gio de 15 de outubro se limite a dezenove pessoas (onze deputados federais, sete deles da Arena; três senadores, um dos quais do MDB; e cinco delegados estaduais, todos arenistas). Mas a equipe de Bentes atribui importância especial aos votos paraibanos, ainda que a razão disso não esteja muito clara. "Se a Paraíba nos apoiar", dizia dias atrás um militar engajado na campanha, "ficará mais fácil, sem dúvida, ampliar a dissidência arenista em todo o nordeste." Talvez com algum exagero, esse oficial descreve a Arena paraibana como "um barril de pólvora". De qualquer forma, mesmo que não esteja prestes a explodir em adesões ao candidato do MDB, é certo que o partido do governo exibe ali largas rachaduras, desde a convenção de junho passado, quando o deputado federal Antônio Mariz, da ala "renovadora", perdeu por 28 votos apenas para o professor Tarcísio Miranda Burity, o ungido do Palácio do Planalto, a indicação ao governo estadual.

CANOA FURADA — Até a semana passada, no entanto, os missionários da candidatura Euler Bentes não haviam ainda mergulhado fundo na exploração dessas reservas potenciais de dissidência. É provável que se lancem ao trabalho nos próximos dias, estimulados pela visita do general. Algo já se fez, porém. Recentemente, a bordo de um avião com destino a Brasília, um deputado federal da Arena paraibana foi abordado por um oficial eulerista. "Ele me convenceu de que se o general Figueiredo perder a 15 de outubro o governo não terá força nem tempo para virar a mesa", revelou o parlamentar a VEJA, com a condição de que seu nome não fosse citado.

Explica-se: ele afirma já haver decidido saltar as fronteiras da fidelidade partidária para votar em Euler Bentes. Mas, e os outros? Ou nada dizem ou declaram-se eleitores de Figueiredo. "Aqui no nordeste a gente depende muito do governo", explica pragmaticamente o deputado estadual Soares Madruga, um dos delegados da Paraíba ao colégio eleitoral. "De modo que não é fácil para quem pretenda eleger-se em novembro rebelar-se em outubro." Além disso, há o próprio MDB. "Se a oposição não nos garantir que votará em bloco no general Euler", adverte o deputado federal Wilson Braga, "ninguém da Arena vai querer embarcar numa canoa furada." E essa, decididamente, é uma garantia que o MDB não tem a menor condição de oferecer. •

# Fora da disputa

## *Magalhães sai resolvido a votar em branco*

"Não se pode ser mais imaginoso que a realidade", comentou, no Rio, um dos mais próximos assessores do senador Magalhães Pinto. Traduzido, o comentário representa o reconhecimento de que a alternativa de uma candidatura civil à Presidência da República esgotou-se a partir da radicalização que cerca as duas candidaturas militares. E como não há mais mágicas a tirar do baú, só resta agora ao senador mineiro concentrar suas esperanças na reorganização partidária e num partido que seja a imagem e semelhança da pregação democrática desfraldada nos últimos dois anos. Nem por isso, entretanto, deve-se imaginar que o secretíssimo encontro de Magalhães com o general João Baptista Figueiredo no sábado, dia 2, no apartamento carioca do brigadeiro e ministro do STM Délio Jardim de Mattos, signifique uma adesão ao candidato oficial à Presidência.

CHICO NELSON

**Magalhães: agora, candidato a deputado**

Se isso não ficou claro, deverá ser dito com todas as palavras no pronunciamento que Magalhães fará esta semana, da tribuna do Senado. Nesse discurso, cujo texto básico estava pronto na quarta-feira da semana passada, o senador reafirmará sua convicção de que a maioria do país se opõe ao regime tutelado pelas Forças Armadas. Informará, ainda, que não se sente impelido a apoiar qualquer das candidaturas militares (tradução: votará em branco no colégio eleitoral de 15 de outubro). Outra revelação prevista: Magalhães Pinto será candidato a deputado federal por Minas Gerais (o prazo para inscrição encerra-se a 15 de setembro), por acreditar que o mandato é essencial para a criação de um novo partido.

EM JEJUM — Segundo insistem os assessores do senador, não se deve atribuir sua definitiva desilusão com a candidatura civil ao encontro com o general Figueiredo. Nessa conversa, Magalhães voltou a afirmar que é contrário às candidaturas militares, reclamando que sua candidatura foi dificultada pelo "estreitamento do espaço legal". Disse ainda que não concorda com o processo de distensão lenta e gradual, ouvindo prazeroso, em resposta, a promessa de que Figueiredo se empenhará no restabelecimento da plenitude democrática dentro do prazo mais curto possível. Conforme se confirma no Hotel Aracoara, de Brasília — onde Figueiredo instalou seu escritório de candidato —, o encontro foi "muito proveitoso, apesar de ainda não haver gerado fatos novos". Ou, como quer a assessoria de Magalhães, "não se deve supervalorizar a importância do encontro".

Depois dele, é certo, o senador teve conversas com o general Aírton Tourinho, que nesta semana deverá ter uma audiência com o presidente Ernesto Geisel, e com o general da reserva Odilo Denys. Anteriormente, conversara com o brigadeiro Jardim de Mattos. Na terça-feira, finalmente, Magalhães recolheu-se à sua confortável casa de praia em Cabo Frio, "para jejuar", segundo afirmou. Ressurgirá do jejum nesta semana, para o pronunciamento de Brasília. Depois, será a busca de uma boa votação junto ao eleitorado mineiro que há quatro décadas lhe é fiel e generoso. E em seguida o comando de um partido, vislumbrado como o caminho para concretizar o nunca abandonado sonho de um dia chegar à Presidência. •

REFORMAS

# Golpe baixo

*A Arena quer a extinção do voto de legenda*

A pouco mais de dois meses do pleito de 15 de novembro, a Arena ameaça tirar da manga um poderoso trunfo eleitoral para ser usado contra o partido adversário. Algum nome imbatível nas urnas? Uma bandeira de campanha especialmente sedutora? Nada disso; apenas mais um casuísmo que desde o começo do ano vem freqüentando os sonhos de inquietos candidatos arenistas. Trata-se da extinção do voto de legenda, instituto que permite ao eleitor escrever na cédula somente a sigla do partido de sua preferência, sem especificar o nome ou número do candidato. Nas eleições de 1974, só em São Paulo cerca de 1 milhão de votantes sufragaram exclusivamente a legenda do MDB, o que acarretou um aumento de onze lugares na bancada federal da oposição.

Na semana passada, em Brasília, arenistas preocupados com as perspectivas de novembro ressuscitaram a idéia de tornar obrigatório o voto no candidato — aprovada a novidade, todos os votos de legenda seriam considerados nulos. Na noite de terça-feira, reunidos com o general João Baptista Figueiredo para um jantar oferecido pelo deputado Cunha Bueno, parlamentares paulistas solicitaram informalmente mais essa mudança nas regras do jogo. Na quarta-feira, enfim, depois de uma demorada audiência com o presidente Ernesto Geisel, o senador Petrônio Portella admitiu que a extinção do voto de legenda breve poderá receber o sinal verde do Palácio do Planalto.

É possível, assim, que a novidade acabe atrelada ao projeto de reformas institucionais encaminhado ao Congresso pelo Palácio do Planalto, e no momento à espera do parecer do relator, senador José Sarney. Para completar a seqüência de maus prenúncios, o deputado Francelino Pereira, presidente nacional da Arena, admitia na quinta-feira passada que a idéia se encontra "em estudos" no partido. Caso seja concedido pelo governo esse SOS eleitoral requerido pelo barco arenista, o MDB certamente perderá algumas centenas de milhares de votos. Em contrapartida, poderá afirmar nos palanques que, no singular bipartidarismo brasileiro, qualquer partido pode ganhar — desde que seja a Arena.

AMILTON VIEIRA

Suruagy: exercitando dotes populistas na busca de 100 000 votos

ALAGOAS

# Cálculo exato

*Suruagy, em sua ascensão, planeja até um partido*

Umas das raras e mais bem-sucedidas revelações políticas surgidas na safra da democracia relativa, o ex-governador Divaldo Suruagy, de 41 anos, candidato pela Arena a deputado federal, não parece estar satisfeito com a inédita votação que, ao que tudo indica, as urnas de seu Estado lhe reservam nas eleições de 15 de novembro. Suas ambições, na verdade, vão além dos presumíveis 100 000 votos estimados por correligionários — e esse número, altamente expressivo mesmo em colégios eleitorais de maior envergadura, equivale a quase um quarto dos sufrágios disponíveis em Alagoas.

As atenções de Suruagy, no entanto, encontram-se voltadas tanto para sua campanha como para as articulações que objetivam a formação de um novo partido político, provavelmente de tendência centro-liberal. E, a exemplo de sua eleição, o êxito dessa eventual futura agremiação está praticamente assegurado, tendo em vista que ele já conta com adesões de quase toda a bancada arenista na Assembléia, composta por uma dúzia de deputados, e de prováveis três dissidentes emedebistas.

Como seria de se imaginar, tal partido será montado em torno da ascendente liderança pessoal de Suruagy. "No Brasil, os partidos não são ideológicos, mas programáticos", interpreta ele. "Por isso, a imensa maioria do nosso eleitorado vota no homem, não no partido." No caso, o homem — capaz de neutralizar na região a esperada vitória parlamentar do MDB em outros Estados — é ele mesmo.

QUESTÃO MATEMÁTICA — Como Suruagy chegou a essa posição? Antes de tudo, sua rápida trajetória política foi apoiada em um planejamento frio, calculado — bem a gosto dos números que ele sempre cultivou, primeiro como professor de Matemática, depois como economista. Assim, graças às suas habilidades na área, conseguiu na juventude uma série de alunos particulares. O pai de um deles, aliviado com a aprovação do filho, fez generosas referências à capacidade do professor a um amigo influente, o então governador alagoano Luís Cavalcanti — que, em 1963, nomeou-o secretário da Fazenda.

Na Secretaria da Fazenda, Suruagy pôde afinal desenvolver, além de sua perícia em questões matemáticas, uma nascente vocação política, o que o levaria, em 1965, à prefeitura de Maceió, transformando-se na época, aos 27 anos, no mais novo prefeito de capital brasileira. Da prefeitura, saltou para a Assembléia Legislativa, que chegou a presidir depois de ocupar a liderança do governo Afrânio Lajes. Hábil, Suruagy uniu-se com outro jovem deputado, Guilherme Palmeira, filho do então senador Rui Palmeira, que os ajudaria a ascender na carreira política.

SEMENTES E FRUTOS — "Quem planta, colhe", repetia Suruagy. E, de fato, com as sementes do suruagysmo que lançou na Assembléia, ele pôde colher o governo do Estado. Ali, durante quatro anos, encontrou terreno fértil para executar uma eficiente estratégia políti-

ca. "Eu planejo tão bem os meus atos", vangloriou-se recentemente ao repórter Romildo Porto, de VEJA, "que às vezes chego a resultados antecipados." Dentro desse planejamento, não faltaram detalhes reveladores de seus dotes populistas, como periódicos passeios a pé pelas ruas de Maceió.

Evidentemente, pipocaram, por parte de adversários, acusações ao seu desempenho. Alguns, por exemplo, atribuem a Suruagy um sensível crescimento do quadro de funcionários públicos do Estado. Outros, mais veementes, classificam seu estilo de autoritário. Como caso mais concreto, cita-se sua ativa participação na recente sucessão estadual. "Nesta cadeira", advertia em seu gabinete no Palácio Floriano, sede do governo alagoano, "só senta quem for meu amigo." Não deu outra: o Palácio do Planalto acabou ungindo o nome de seu fiel aliado Guilherme Palmeira. E se fosse outro? "Se fosse outro", admite Suruagy com franqueza, "eu não lhe daria posse."

SEM DIFERENÇA — Suruagy conseguiu outra vitória com a escolha do deputado Geraldo Melo para exercer o mandato-tampão de governador, em vista de sua desincompatibilização e da morte do vice-governador Antônio Gomes de Barros. Também nesse episódio, Suruagy, por certo com sua decisão escorada em Brasília, mostrou-se determinado: "Ou será Geraldo Melo ou não será ninguém". Não por acaso, Suruagy chama Melo e Palmeira de "amigos-irmãos" — e sem dúvida ambos lhe garantirão o indispensável apoio para o partido que pretende formar.

Ao mesmo tempo, Suruagy começa a preparar o jovem Fernando Collor de Mello, filho do ex-governador e senador Arnon de Mello — agora biônico —, para ser, em 1982, mais um deputado federal de seu esquema. Com toda essa estrutura, os próprios adversários reconhecem que dificilmente sua liderança será superada nos próximos dez anos. O próprio Suruagy não demonstra maiores dúvidas a respeito. "Faremos o sucessor de Palmeira em 1982", garante cheio de otimismo, "se a eleição for direta ou indireta." O trabalho, por sinal, está em andamento e, mesmo fora do palácio, ele age como se isso não tivesse acontecido. Foi o que demonstrou, de certa forma, dois dias após deixar o cargo, ao prestigiar, em Palmeira dos Índios, no sertão do Estado, a posse do bispo local — já como representante do governador interino. E ninguém notou nenhuma diferença. •

ELEIÇÕES

# Pena e prazo

*O TRE decide se Cardoso ainda é inelegível*

Há cerca de quinze dias, o advogado Arnaldo Malheiros — hoje em dia um dos mais respeitados especialistas do país em legislação eleitoral — foi discretamente avisado por assessores do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, um dos dois candidados do MDB de São Paulo ao Senado, de que seus serviços profissionais poderiam ser requisitados a qualquer momento. Malheiros, 50 anos, um calmo senhor de olhos azuis, a essa altura tentava se recuperar do esforço que lhe consumira uma última e bem-sucedida tarefa: defender o agora já eleito governador paulista Paulo Salim Maluf das tentativas de anulação de sua candidatura.

O descanso do advogado seria bem menor do que ele desejaria. Na quarta-feira da semana passada, de fato, consumaram-se os temores de alguns correligionários do sociólogo: o pedido de registro da candidatura de Cardoso, publicado na véspera pelo *Diário Oficial*, foi impugnado pelo procurador regional eleitoral de São Paulo, José Brenha Ribeiro.

QUESTÃO COMPLEXA — A impugnação, que atinge um candidato capaz, de acordo com as análises e projeções de recentes pesquisas de opinião pública, de receber 1,5 milhão de votos de uma expressiva camada de eleitores paulistas, está amparada na legislação revolucionária em vigor? Essa questão é profundamente complexa e a resposta, a ser dada pelo Tribunal Regional Eleitoral, criará uma nova e talvez definitiva jurisprudência na área.

Para o procurador Ribeiro, Cardoso seria inelegível porque ele foi aposentado em abril de 1969 da cátedra de Ciência Política da Universidade de São Paulo, com base no AI-5, não tendo portanto se extinguido o prazo de dez anos durante o qual não poderia se candidatar a qualquer cargo eletivo. O que se discute nesse caso é justamente a legalidade da punição por dez anos.

Assim, na tarde da última sexta-feira, enfurnado na biblioteca de obras jurídicas de seu escritório, onde preparava a defesa que apresentará junto com o jovem advogado Francisco Octávio de Almeida Prado, Malheiros lembrava para VEJA que o artigo 151 da Constituição previa que uma lei complementar estabeleceria os casos e prazos de inelegibilidade. A Lei Complementar número 5, de 1970, fixou realmente os casos — mas omitiu-se quanto aos prazos. "Por isso, essa lei é inconstitucional", interpreta Malheiros.

GRADAÇÃO DE PENAS — Tal parecer, endossado por vários juristas, contraria no entanto decisões tomadas pelo

ODAIR REDONDO

Cardoso em campanha na baixada Santista: confiante no desfecho

Superior Tribunal Eleitoral, determinando o prazo de dez anos de inelegibilidade para os punidos pelos atos institucionais, desde que conservem, como é o caso do professor Cardoso, seus direitos políticos. "Mas se a inelegibilidade não pode durar mais do que dez anos", raciocina Malheiros, "isso também não significa que ela não possa durar menos de dez anos." Na defesa, ele sustentará ainda que se existe gradação de pena nos atos revolucionários — da aposentadoria à suspensão dos direitos políticos —, deveria haver, da mesma forma, "uma gradação de prazos de inelegibilidade".

Trata-se, em todo caso, como admite o advogado, "de interpretações novas" — e de importantes conseqüências, mais do que jurídicas, políticas. Além disso, ao contrário do que se chegou a supor em São Paulo na semana passada, o caso Cardoso não é igual ao do ex-presidente da União Nacional dos Estudantes, José Serra, que teve negado o registro de sua candidatura a deputado federal em virtude de sua condenação, à revelia, pela Justiça Militar — o que, dentro da legislação em vigor, tornou-o inelegível. Do mesmo modo, é diferente do episódio que envolveu os políticos paulistas Roberto Cardoso Alves, Israel Dias Novaes e Yukishigue Tamura, cassados em janeiro de 1969 e já de volta à vida pública: Novaes como deputado federal, Alves e Tamura como vereadores da capital. Agora, os três são candidatos a deputado federal pelo partido da oposição. Cardoso Alves, por exemplo, teve a candidatura impugnada com base na aposentadoria do serviço público que sofreria em 1970. O TRE, contudo, acatou o argumento da defesa — feita pelo mesmo Malheiros — de que a aposentadoria era uma pena acessória à cassação, não cabendo dessa forma a inelegibilidade por dez anos.

Já a aposentadoria de Cardoso foi a punição única — e o que os dois desembargadores, dois juízes de Direito, dois juristas e um juiz federal do TRE terão que decidir, no máximo até o próximo dia 21, é durante quanto tempo ele não poderia ser considerado elegível. Aparentemente confiante no desfecho do processo, Fernando Henrique Cardoso, depois de condenar duramente a impugnação, "no momento em que o governo encaminha as emendas ditas democratizantes", prosseguiu normalmente em sua campanha eleitoral. No fim da semana, como estava previsto em sua agenda, desceu para a baixada Santista em busca de votos. •

Em São Paulo e Nova Iguaçu, a solidariedade aos presos da . . .

ESQUERDAS

# Os convergentes

*As atribulações de um movimento radical*

Aumento de salário para todos os trabalhadores. Congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade. Livre organização de partidos políticos. Assembléia Constituinte. Eleições diretas. Organização da CGT. Entrega de terras aos índios. Livre ingresso nas universidades. Atendimento médico gratuito a toda a população. Nacionalização das grandes empresas estrangeiras. Estatização da rede bancária, do comércio exterior e do grande comércio atacadista. Expropriação dos latifúndios. Desconhecimento da dívida externa. Ruptura de todos os pactos "que nos atam ao imperialismo". Etc. Etc.

Não se trata propriamente de um programa moderado, menos ainda realista. Mas esse foi o rol de aspirações que mereceu a aprovação dos 150 participantes da primeira convenção do agrupamento político intitulado Convergência Socialista. Eles se reuniram num colégio marista no bairro operário do Cambuci, em São Paulo, e suas deliberações puderam ser acompanhadas pelas 1 100 pessoas que compareceram ao evento naquele domingo, 20 de agosto. Três dias depois, 21 militantes do movimento começariam a ser conduzidos aos xadrezes do DOPS paulista — e a até então obscura Convergência passaria a freqüentar o noticiário político dos jornais. Na última sexta-feira, enquanto simpatizantes da agremiação, alojados na Universidade Católica de São Paulo e no Centro de Formação de Lideranças da Diocese de Nova Iguaçu (RJ), continuavam a greve de fome em solidariedade aos presos, deflagrada inicialmente em São Paulo dez dias antes, apenas oito convergentes permaneciam detidos.

QUATRO MILHÕES? — Junto com eles, há dois estrangeiros, os argentinos Hugo Miguel Bressano e Rita Luzia Strassberg. Segundo a polícia, Bressano, também conhecido como Luis Manuel Moreno, seria um dos principais cabeças na América Latina da chamada Tendência Bolchevique, a mais recente denominação da velha IV Internacional — a dissidência do comunismo soviético fundada nos anos 30 pelo revolucionário russo Leon Davidovich Bronstein, o Trótski. A Polícia afirma ter provas de que Bressano veio promover o casamento entre o movimento trotsquista internacional e a Convergência, regado com respeitáveis financiamentos — há quem fale em 4 milhões de cruzeiros. Outro estrangeiro ainda havia sido preso, o português António Maria de Sá Leal, de 30 anos, secretário geral do Partido Revolucionário dos Trabalhadores, o ruidoso porém minúsculo partido trotsquista de Portugal.

Na última quarta-feira, Leal foi libertado — e sumariamente expulso do país. Ao desembarcar em Lisboa, confessou seu espanto: "A abertura política no Brasil não é tão efetiva assim". Ele não foi o único a equivocar-se. No dia 28 de janeiro, reunidos em São Paulo, 250 estudantes concluíram que esta-

. . . Convergência Socialista

vam maduras as condições para a concepção de um movimento do qual nasceria "um partido socialista capaz de representar a classe trabalhadora", como diz o jornalista Júlio Tavares, de 33 anos, que assumiria as funções de coordenador geral da Convergência. Foi uma gestação rápida. Em pouco mais de meio ano, garantem os convergentes, o movimento havia conquistado 3 000 adeptos e lançado bases também no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraíba — e Brasília.

"ACUSAÇÃO GRATUITA" — Sua atividade nada tinha de clandestina. Manifestos de propaganda, com a palavra de ordem "Pão, Liberdade e Socialismo", eram distribuídos às claras. As reuniões de catequese, abertas ao público. Criaram-se comitês de dez pessoas e cada comitê elegeu um representante para a coordenação regional do movimento. Cada região, por sua vez, indicou de três a cinco delegados à coordenação nacional de dezessete membros — uma espécie de comitê central da Convergência. Finalmente, na convenção de agosto, decidiu-se registrar a agremiação como uma sociedade civil, para que pudesse legalmente arrecadar fundos. O dinheiro serviria para financiar a publicação de um manifesto em jornais de circulação nacional, como a lei exige de quem queira iniciar o processo de registro de um novo partido. E os recursos estrangeiros? "Essa acusação é gratuita", assegura o advogado paulista Idibal Pivetta, encarregado da defesa dos presos. "A Convergência não tem ligações internacionais nem recebe ajuda financeira do exterior."

Antônio Sá Leal: enganou-se

Seja como for, o movimento não conseguiu arregimentar a massa operária de seus sonhos. Antes, fincou raízes em setores da pequena classe média — estudantes, jornalistas, professores, artistas, bancários. Além disso, os devaneios da pregação convergente, que se materializariam na plataforma ultra-radical aprovada na convenção, não chegaram a contagiar os quadros politicamente mais experientes ou intelectualmente melhor preparados do que se costuma chamar a esquerda brasileira — por exemplo, os que também discutem a possibilidade de criar-se "um partido dos assalariados que tenha o socialismo no horizonte", como diz o ex-ministro Almino Affonso, mas que têm o bom senso de não supor acabada a transição do regime autoritário para a democracia.

"MAIOR RESPEITO" — Apesar de tais desfalques, a Convergência logrou assumir o controle de um jornal — o mensário paulista *Versus* (30 000 exemplares, 45 páginas), fundado em novembro de 1975. Em abril deste ano, os quatro sócios-proprietários da publicação resolveram dividir democraticamente suas ações com a redação toda. Então, *Versus* passou a ter dezesseis donos, a maioria deles convergentes — e, sinal dos novos rumos imprimidos à Convergência e ao jornal, sua edição de agosto trazia na capa a imagem de Leon Trótski. Mas, em agosto, já havia rompido com os convergentes e se afastado de *Versus* seu editor desde o primeiro número, o jornalista Marcos Faerman. "Saí por não acreditar que o programa aprovado na convenção fosse capaz de reunir o apoio das várias correntes socialistas que existem por aí", explicou Faerman a Maria Helena Passos, de VEJA.

O convergente Júlio Tavares nega porém que o jornal tenha sido transformado em porta-voz do movimento. "Quanto mais não seja", argumenta, "porque ao preço de 20 cruzeiros o exemplar é muito caro para o público operário." Tavares envolveu-se na semana passada em outra polêmica — com ninguém menos do que o general Euler Bentes Monteiro. Há dois meses, ambos conversaram durante três horas, em companhia dos deputados fluminenses Walter Silva e Edson Khair, da ala esquerda do MDB, candidatos à reeleição em novembro com o apoio da Convergência. (Em São Paulo, o movimento pede votos para o candidato a deputado federal Benedito Marcílio, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André.)

O encontro com o general "foi uma iniciativa nossa", conta Tavares. "Discutimos posições, mas ninguém apoiou ninguém." Na última terça-feira, porém, solicitado a solidarizar-se com os presos de São Paulo, Euler Bentes referiu-se à Convergência como uma "minoria radicalizada". Os convergentes retrucaram com uma extensa carta dirigida ao general, na qual exigem dele "maior respeito pelo nosso movimento". Talvez seja pedir muito — do candidato à Presidência ou do público em geral, dado o tipo de propostas que têm a oferecer ao país. Só não se lhes pode negar o direito de defendê-las em liberdade. •

PARANÁ

# Um não à greve

## *E os professores também dizem não ao governo*

Em greve há cinco semanas, por melhores salários e condições de trabalho, os professores paranaenses finalmente ouviram, na terça-feira passada, uma resposta do governador Jayme Canet Júnior. Como era previsível, o governador disse não — mas pelo menos se manifestou, quebrando o mutismo adotado desde o início do movimento. Durante 15 minutos, através de uma cadeia de cinco emissoras de televisão até então proibidas de tocar no assunto, Canet alinhou as razões oficiais para negar o aumento. Uma dívida contraída em julho passado, citou o governador,

"será paga com o empréstimo externo de 60 milhões de dólares". Mais da metade do orçamento, acrescentou, se foi em gastos com pessoal. Atender à reivindicação dos professores, assim, significaria não ter dinheiro para outros investimentos.

Com duas perguntas, por fim, o governador Canet deu por terminado o seu discurso, deixando o telespectador paranaense como juiz da questão. "Devo aplicar em escolas, saúde, saneamento, na Usina de Foz do Areia, em segurança pública?", indagou primeiro. E completou: "Ou devo pegar esses 43% que nos restam depois de pagar o pessoal do Estado e duplicar os vencimentos de todos?" Dois dias depois, durante os festejos da Independência, o governador voltava à postura inicial. "Não falo sobre professores no dia 7 de setembro", respondeu aos jornalistas.

**POLÍCIA?** — Na mesma ocasião, o futuro governador, Ney Braga, aceitou falar, para dizer que o movimento "não é justo, não é legal, nem oportuno". Explicou, em seguida, que o atual período pré-eleitoral coincide com um tempo de transição de governo, quando "nada poderá ser resolvido". Ney Braga adiantou, ainda, que nos estudos para o orçamento do próximo ano não estão incluídos aumentos adicionais para os professores paranaenses.

Perspectivas tão adversas, no entanto, não bastaram para desanimar o professorado em greve — mais da metade dos 40 000 empregados na rede estadual de ensino. Sem acesso à televisão, eles usam de todos os meios possíveis para divulgar suas razões. Cinco cartas à população já foram redigidas e distribuídas de casa em casa ou, como no 7 de setembro, de mão em mão. Para o último domingo, dia 10, estava prevista a leitura da quinta carta em todas as igrejas curitibanas. Outro recurso usado pelos grevistas foi a publicação das cartas, como matéria paga, nos jornais paranaenses. Em seu arrazoado, os professores negam que tenham recebido 150% de aumento, como afirma o governo. O maior reajuste, contra-argumentam, foi de 80% e apenas para os professores em regime de tempo integral, que tiveram sua carga horária aumentada em 120%.

Da mesma forma que em São Paulo, onde os professores se mantêm em greve desde o mês passado, também no Paraná o que prevalece é o impasse. No caso paulista, as autoridades educacionais decidiram colocar as escolas em férias de quinze dias, a partir desta segunda-feira, como fórmula para esvaziar o movimento reivindicatório. No Paraná, segundo indícios colhidos entre os professores, o governo pensaria em recorrer à polícia. •

ALFREDO RIZZUTTI/AE

AGÊNCIA FOLHAS

# Os perigos de São Paulo e suas lições

*Viver em São Paulo continua sendo, decididamente, algo arriscado — às vezes muito arriscado, como perceberam mais uma vez, na semana passada, seus quase 8 milhões de habitantes. Pois, pouco antes do amanhecer da última segunda-feira, um dos quadriláteros mais valorizados da cidade — entre a avenida Paulista, a alameda Santos e as ruas Augusta e Padre João Manoel — começou a se iluminar com as chamas que ardiam no imponente, envidraçado Conjunto Nacional. Composto por dois edifícios comerciais e um residencial, o Conjunto Nacional, em seus quase 15 000 metros quadrados, abriga escritórios de empresas como a Petrobrás, os consulados dos Estados Unidos e da Bélgica, agências bancárias e dois cinemas — e nada menos de 25% desse complexo acabaram sendo destruídos.*

*Evidentemente, poderia ter sido pior. Afinal, umas 15 000 pessoas circulam diariamente pelos 24 andares do conjunto, inaugurado há 22 anos numa região hoje dominada por infindáveis espigões — no momento em que o incêndio começou, houve tempo para que os moradores fossem evacuados. Na memória de todos, contudo, permaneceram vivas as imagens das duas grandes tragédias provocadas por incêndios nesta década — as dos edifícios Andraus e Joelma, com suas centenas de vítimas — e de seus ensinamentos mal assimilados, como demonstra a falta de condições de segurança de uma grande parte das 1,8 milhão de construções da sempre perigosa São Paulo.*

# Prêmio Fiat Automóveis para Universitários

# Conhece Irituia? Conhece não?

Na Belém-Brasília, ao chegar ao km 48, você não encontra apenas um posto de gasolina, com restaurante e borracheiro. Encontra uma pequena cidade, cujo nome é km 48. Ela é subdistrito do município de Irituia e fica a uns 200 km de Belém, capital do Pará.

O km 48 - que já se chamou Vila Mãe do Rio, por causa do rio com este nome - existe há cerca de 20 anos, tendo surgido com a abertura da Belém-Brasília.

Antonio Farias de Souza foi um dos primeiros a chegar ali com os pais e irmãos. Ele, que na época tinha 16 anos, é hoje um dos guardas da agência Bradesco do km 48. Esta é uma das 297 agências pioneiras do Bradesco.

É pioneira porque foi a primeira agência de banco a se instalar na região e ainda é a única de lá.

**No começo, duas bodegazinhas.**

Antonio Farias de Souza conta que chegou ali com os pais, João Pedro de Souza e Maria de Nazaré de Souza, mais 8 irmãos: "Já faziam uns dois anos que tinham começado os primeiros barracos aqui. Vim como lavrador. Tinha umas duas bodegazinhas, que eram duas casinhas de venda e uns botecos que vendiam café aí na estrada, de um lado e de outro. Começamos a trabalhar em lavoura. Depois compramos um lotezinho de terra. Muitos nordestinos foram chegando e se colocando, derrubando as matas. A colônia se mostrou favorável a muitos tipos de produção: malva, arroz, milho, mandioca. A malva é uma fibra com que se faz todo tipo de tecido. Aí foi aparecendo gente de mais alto capital, foi botando comércio. Era um tempo muito dificultoso pra gente adquirir alguma coisa aqui. Existia muita febre. O lugar era novo e a gente ainda não era aclimatado com as águas.

Não tinha farmácia. Às vezes o Governo mandava e tinha uma casa aí que distribuía aqueles comprimidos pra gente tomar e combater um pouco a febre. Até que

não houve problema. Não deu pra morrer ninguém e hoje a gente tá aqui contando a história".

**4 km de comprimento por 2 de largura.**

Luís Pereira Neto, subprefeito, complementa a história da fundação: "Flávio da Silva, que na época era vereador, empenhou-se nesta área, fazendo colonização e conseguiu trazer colonos para que se criasse aqui uma vila. Hoje este subdistrito tem aproximadamente 3.500 habitantes e sua superfície é de 4 km de comprimento por 2 km de largura".

Além de malva, arroz, milho e feijão, o km 48 também produz pimenta-do-reino e banana e tem diversas fazendas com gado de corte e leiteiro.

O subdistrito tem três escolas de 1º grau, diversas lojas no comércio, que vendem praticamente de tudo - desde ferramentas até eletrodomésticos - mas não tem nenhum médico. Em caso de necessidade, recorre-se a médico de fora, até mesmo de Belém.

**Uma motivação para o trabalho.**

A agência Bradesco de Irituia, no km 48, foi fundada a 23 de agosto de 1976 e tem como gerente Elbo Simplício da Silva, 32 anos, 13 de Bradesco. Ele explica por que a agência está localizada no subdistrito e não na sede do município: "Muito embora Irituia tenha 200 anos ou mais, ainda é bem menor que nossa vila".

Antonio José Cardoso, dono da Fazenda 35, de 2.656 hectares, onde tem 15 mil pés de pimenta-do-reino, 20 mil pés de banana e 700 cabeças de gado, está ali há 4 anos e meio, tendo vindo de Formosa, Goiás. Ele acha que "o Bradesco veio trazer melhoramentos pro lugar. A região precisava de um banco, pois é meio deslocada. Antes eu trabalhava com um banco a 100 km daqui. Agora estou a apenas 13 km".

Alberto Moreira, da Casa Irmãos A. Moreira, está ali desde 1960. "O Bradesco veio trazer tudo de bom. Como comerciante acho que foi uma ótima coisa. Antes eu trabalhava com um banco de Belém, a quase 200 km daqui. O Bradesco veio facilitar muito nossa vida. Foi isso que ele veio fazer: ajudar a gente, fazer isso aqui progredir".

Para o subprefeito Luís Pereira Neto, "o Bradesco veio ajudar muito não só a nossa vila, como o próprio município".

Segundo o comerciante Raimundo Alves de Oliveira, da Casa Paraybana, "a vinda

do Bradesco foi muito importante. Foi mais uma motivação para nossa vontade de trabalhar, pois permitiu que fizéssemos nossos movimentos. Antes eu trabalhava com um banco a 200 km daqui. Por isso digo que o Bradesco veio facilitar bastante nossa vida".

Sadat, Carter e Begin: poses finais, antes de dizer adeus ao mundo exterior e iniciar as reuniões



ORIENTE MÉDIO

# Conclave na montanha

*A portas fechadas, entre os bosques e as alamedas de Camp David, Carter, Sadat e Begin tentam encontrar a paz mais problemática do mundo*

Na tarde de terça-feira passada, já estava tudo pronto. Menahem Begin, primeiro-ministro de Israel, havia sido confortavelmente instalado no chalé Birch — dois quartos, uma sala, kitchenette e televisão a cores. Perto dali, o chalé Dogwood, de dependências semelhantes, hospedava Anuar Sadat, presidente do Egito. E as delegações dos dois países, cada uma com onze membros, se espalhavam pelos demais chalés de Camp David, a bucólica residência de verão do presidente Jimmy Carter, com 550 000 metros quadrados de bosques e alamedas, encravada nas montanhas de Maryland, perto de Washington.

O próprio Carter, que chegara a Camp David 12 horas antes de seus convidados, também já se instalara em seu habitual chalé Aspen, devidamente preparado para as reuniões. Horas depois, na noite da mesma terça-feira, teve início, finalmente, a conferência trilateral de cúpula sobre a paz no Oriente Médio — uma série de reuniões de Carter com Sadat, com Begin e com os dois juntos, além de conferências paralelas entre as equipes de assessores dos três estadistas. Tanto Carter como Sadat e Begin deixaram tudo, disseram adeus ao mundo exterior e passaram a se dedicar *full-time* às negociações.

Tratava-se de uma singular conferência de cúpula, algo como um conclave para eleger um papa. Nada de sair da propriedade, nada de lidar com outros problemas. E os três líderes se dispunham a ficar ali reunidos por tempo indeterminado — até quando for necessário. Os dois dias que se seguiram à abertura dos trabalhos foram dedicados a intensas e secretíssimas negociações, com os jornalistas mantidos rigorosamente à distância de 1 quilômetro dos três alambrados — um dos quais eletrificados — que cercam Camp David. O ritmo das conversações, entretanto, cairia sensivelmente depois disso. Dificuldades nas negociações?

**REZAS E JEJUNS** — Longe disso. "Tudo vai bem", dizia Jody Powell, secretário de Imprensa da Casa Branca, único porta-voz autorizado da reunião de cúpula. Os interlocutores, segundo Powell, haviam desacelerado seu ritmo porque se preparavam, cada um deles, para obedecer ao dia sagrado do descanso de seus credos religiosos. Assim, na medida em que se aproximava a sexta-feira, o muçulmano Sadat preparava-se para recolher-se e rezar para Alá,

num certo local tranqüilo, previamente preparado no chalé Dogwood, segundo os rígidos preceitos do Corão — isto é, voltado para Meca. Begin, por sua vez, passaria o *shabat* (sábado) trancado em seus aposentos de Birch, jejuando e lendo textos sagrados da Torá. E Carter, finalmente, pediria licença a seus convidados para, no domingo, assistir aos serviços religiosos num templo batista situado dentro do próprio Camp David.

Apesar de tudo, a pausa religiosa não foi total. E os assessores de cada um dos três estadistas continuavam empenhados nos debates dos aspectos secundários das cinco grandes questões *(veja o quadro)* sobre as quais Carter pretende que Sadat e Begin cheguem pelo menos a um acordo de compromisso. Os poucos indícios surgidos na semana passada, contudo, não favoreciam um prognóstico otimista. Tudo levava a crer, segundo constatou o enviado de VEJA a Camp David, Roberto Garcia, que Carter seria obrigado a gastar ainda pelo menos uma parte desta semana para atingir seus objetivos. Ao mesmo tempo, cresciam as especulações em torno da eventualidade de mais esta tentativa de pacificar o Oriente Médio terminar em malogro.

"NADA DE MANOBRAS" — Na verdade, a impressão deixada por Sadat e Begin, ao chegarem a Camp David, estava longe de ser animadora. Ao contrário, ambos pareciam firmemente fincados em suas posições anteriores, responsáveis pelo atual estancamento das negociações. "Não há tempo para manobras ou para discutir idéias desgastadas", disse Sadat, numa referência à intransigência do primeiro-ministro israelense. Begin, por sua vez, deixou claro que não tem esperanças de conseguir a paz em Camp David. "Vim para chegar a um acordo a fim de que o processo de paz possa continuar para ser depois coroado com tratados de paz", afirmou.

Essa posição cautelosa de Begin era compartilhada ainda, antes mesmo do início da conferência, por céticos funcionários do governo americano, para quem seria suficiente se Begin e Sadat chegassem pelo menos a concordar com um esboço de compromisso sobre as questões pendentes, para continuar as negociações no futuro. E quanto a Carter? Estaria o presidente americano disposto a se satisfazer com resultados tão discretos? Aparentemente, não. Ao que se supõe, o presidente americano não teria razões para se afastar de seus complicados problemas domésticos — que vão desde a desvalorização do dólar até a inflação de 10%, e os 6,5 milhões de desempregados —, e trancar-se com Sadat e Begin se não esperasse algum retumbante resultado da reunião.

PETRÓLEO E URSS — Uma mediação bem-sucedida no Oriente Médio é obviamente uma das maiores conquistas a que o presidente americano pode almejar. Para começar, só um guindaste como esse teria forças para resgatar Carter dos abismos de impopularidade a que tem sido relegado nas últimas pesquisas. Depois, há envolvida no problema do Oriente Médio toda uma série de questões de fundamental importância para os Estados Unidos — variando desde a confrontação com a URSS até a questão do petróleo. Quanto à confrontação com Moscou, ela poderia se tornar uma ameaça concreta se, por exemplo, o presidente Sadat, ao ver esgotados seus argumentos no diálogo com Israel, fosse obrigado a reatar seus

## Quem quer o quê

Basicamente, são cinco os pontos de divergência entre Israel e os árabes. Abaixo, as posições de Israel e do Egito sobre essas questões assim como as propostas dos Estados Unidos para que os dois países cheguem a uma fórmula comum de compromisso.

| | EGITO | EUA | ISRAEL |
|---|---|---|---|
| A Cisjordânia e a faixa de Gaza | Total retirada militar de Israel; restauração da soberania árabe após cinco anos; pequenas retificações de fronteiras. | Retirada israelense; pequenas retificações de fronteiras; soberania árabe depois de cinco anos. | Soberania limitada; retirada militar compatível com a segurança de Israel; decisão sobre o status final só depois de cinco anos. |
| A questão palestina | Criação de uma entidade palestina ligada à Jordânia, depois de um período de cinco anos de transição; direito ilimitado de retorno dos árabes refugiados. | Transição de cinco anos, com soberania limitada; depois, definição do status e soberania; nada de Estado independente. | Nada de Estado palestino independente; uma certa participação da Jordânia e dos palestinos na determinação do futuro da Cisjordânia; retorno limitado dos refugiados. |
| A península do Sinai | Total retirada israelense; possibilidade de estacionamento de tropas da ONU; criação de zonas desmilitarizadas. | Total retirada israelense; presença de forças de paz; criação de zonas desmilitarizadas e estações de vigilância de ambas as partes. | Retirada militar quase total; restauração da soberania ao Egito; nada de tropas egípcias a nordeste dos desfiladeiros de Mitla e Gidi; garantia de acesso ao golfo de Ácaba. |
| Colônias israelenses nos territórios ocupados | São todas ilegais e constituem obstáculos para a paz; nenhuma deve permanecer. | As implantações, agora, são obstáculos para a paz; não há objeções se as partes concordarem em manter as colônias e colocá-las sob controle árabe. | Israel tem o direito de implantá-las na Cisjordânia e Gaza; essa implantação continuará, sob soberania egípcia, na região de Rafiah, no Sinai. |
| Jerusalém | Retirada israelense do setor leste; nada de divisão da cidade. | Cabe às partes negociar; nada de divisão da cidade. | Manutenção da soberania israelense; controle árabe dos lugares sagrados muçulmanos; nada de divisão da cidade. |

O chalé Aspen: local das reuniões solitárias dos três estadistas

laços com os países árabes chamados radicais — Síria, Iraque e Líbia —, todos da esfera de influência soviética. De outro lado, quanto ao petróleo, no caso de um estancamento definitivo das conversações, os países árabes produtores do produto poderiam lançar mão de um embargo semelhante ao de 1973.

No fim da semana passada, porém, ainda não se sabia de que trunfos disporia Carter para evitar um eventual fracasso da conferência de cúpula. Era certo que o presidente americano havia decidido participar das reuniões como um "negociador ativo", como sugerira Sadat, e não apenas como um mero "corretor honesto", conforme pedira Begin. Isso significa que o presidente americano estava disposto, se necessário, até a formular seu próprio plano de paz, ou pelo menos fazer sugestões concretas. Quanto ao conteúdo de um plano ou das eventuais sugestões, entretanto, tudo não passava de especulações, delicadamente desmentidas por Jody Powell durante suas lacônicas conferências de imprensa.

A mais forte dessas especulações, de qualquer forma, era a de que os Estados Unidos estariam dispostos, para garantir um acordo de paz, a enviar tropas americanas ao Oriente Médio. Mais que isso, chegou-se a falar até na formação de uma certa METO (Middle East Treaty Organization, ou Organização do Tratado do Oriente Médio), com a participação dos Estados Unidos, Egito e Israel. A METO seria uma fôrça semelhante à NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte) na Europa. Essa hipótese, levantada na semana retrasada, dias antes do início da conferência de cúpula, foi prontamente

## As fraquezas e a força das estrelas do show

*Anuar Sadat, presidente do Egito, 60 anos, muçulmano, casado, sete filhos, um enfarte: mediterrâneo temperamental, explosivo, incapaz de esconder seus sentimentos. Menahem Begin, primeiro-ministro de Israel, 65 anos, judeu, casado, três filhos, dois enfartes: político frio e obstinado, profundamente convencido de suas idéias, homem austero, de hábitos conservadores. Esses dois estadistas, de estilos políticos e pessoais tão diferentes, tornaram-se, na semana passada, ao se reunirem com o presidente Jimmy Carter na singular conferência de cúpula de Camp David, as estrelas de um dos acontecimentos mais importantes da diplomacia internacional, desde o fim da II Guerra Mundial. Abaixo, traços das personalidades dos dois líderes.*

Afastados um do outro pela política e pelas guerras, Anuar Sadat e Menahem Begin coincidem entretanto em alguns pontos. Assim, ambos são visceralmente anticomunistas. E, com igual intensidade, alimentam profunda fé religiosa. Tanto um como outro dedicam pelo menos 30 minutos por dia às preces e à leitura de suas respectivas sagradas escrituras. A exemplo do que faz o mais piedoso rabino, Begin, antes de tomar uma decisão importante, jejua durante pelo menos 24 horas — apesar das recomendações em contrário de seu médico. Sadat, por seu lado, não jejua. Mas suas freqüentes genuflexões nas mesquitas, com a cabeça encostada no chão, já lhe valeram um sinal de fazer inveja ao mais piedoso muçulmano — uma visível marca, no centro da testa, na forma de uma protuberância calosa e escura.

Sadat e Begin são também algo parecidos quanto ao temperamento irritadiço e sujeito a melindres — embora difiram quanto à maneira de externar sua ira e indignação. Begin, por exemplo, foi vítima, no passado, de inúmeros ataques de seu arquiinimigo político, o ex-primeiro-ministro e fundador do Estado de Israel, David Ben Gurion. Para irritar Begin, Ben Gurion usava de um estratagema sutil e incisivo: ao falar no Knesset, o Parlamento israelense, ele nunca chamava Begin pelo nome. Em vez disso, dizia: "... Aquele senhor que está sentado na terceira cadeira da quarta fila..."

Não poderia haver ofensa maior para Begin. Furioso, ele reagia escrevendo artigos ou fazendo campanhas contra "esse comunista disfarçado que nos governa". Tais explosões, entretanto, ainda podem ser consideradas contidas, se comparadas com as de Sadat. Este, como aliás os árabes em geral, é muito mais despachado em suas manifestações verbais. Por exemplo: recente

Begin: fervor religioso

afastada — mas não desmentida — por Carter. "É apenas uma possibilidade, e mesmo assim algo remota", disse o presidente americano.

"PACTO DE VARSÓVIA" — Fontes diplomáticas americanas em Telavive, contudo, confirmaram pelo menos a existência do plano — e alguns já apontavam no mapa da peninsula do Sinai o lugar onde seria instalada uma base aérea americana, enquanto outros citavam o porto israelense de Ashkelon, o segundo do país depois de Haifa, como a nova base naval dos EUA no contexto da METO. Havia ainda outros sinais de que se poderia mesmo estar arquitetando a formação de um pacto. Um deles foi a maneira irritada como um funcionário do Departamento de Estado lamentou o vazamento da informação por um membro do próprio staff do presidente Carter. "Mandamos telegramas diários para o Cairo e Jerusalém pedindo a todos que mantivessem suas bocas fechadas, e no fim a indiscrição ocorreu aqui mesmo em Washington", resmungou o funcionário. Outro fato a reforçar as suspeitas foi a inesperada chegada a Camp David, na quinta-feira passada, do secretário da Defesa dos Estados Unidos, Harold Brown, para participar das negociações secundárias, a pedido do próprio Carter.

Venha ou não a ser confirmado o plano de formação da METO, o fato é que a simples especulação em torno do assunto já causou as primeiras repercussões entre os países árabes radicais. Durante o fim de semana, enquanto em Camp David as negociações se desenvolviam em marcha lenta, nos meios árabes corriam rumores insistentes de que o governo da Síria — cujo chanceler, Abdel Hallim Khadam, mantinha constantes contatos com seu colega soviético, Andrei Gromyko — estaria se preparando, junto com a União Soviética, para enfrentar o perigo da presença militar americana no Oriente Médio. Khadam e Gromyko, segundo essas versões, responderiam à hipotética METO com a formação de algo parecido com a contrapartida européia da OTAN, o Pacto de Varsóvia. De qualquer forma, a história, a essa altura, já voava longe demais. Antes de mais nada, é preciso saber se a tão celebrada reunião de Camp David conseguirá enfim trazer algo mais concreto no tortuoso caminho da paz no Oriente Médio.

ÁLFIO BECCARI

mente, quando o homem-forte da vizinha e inimiga Líbia, coronel Muammar Khaddafi, lançou publicamente insidiosas suspeitas sobre a fidelidade conjugal da mulher de Sadat, a bela Jihane, o presidente egípcio não hesitou em lançar contra Khaddafi alguns dos mais preciosos exemplares de sua coleção de impropérios. "Sifilítico", esbravejou ele em resposta. E mais: "Você é um perigoso doente mental".

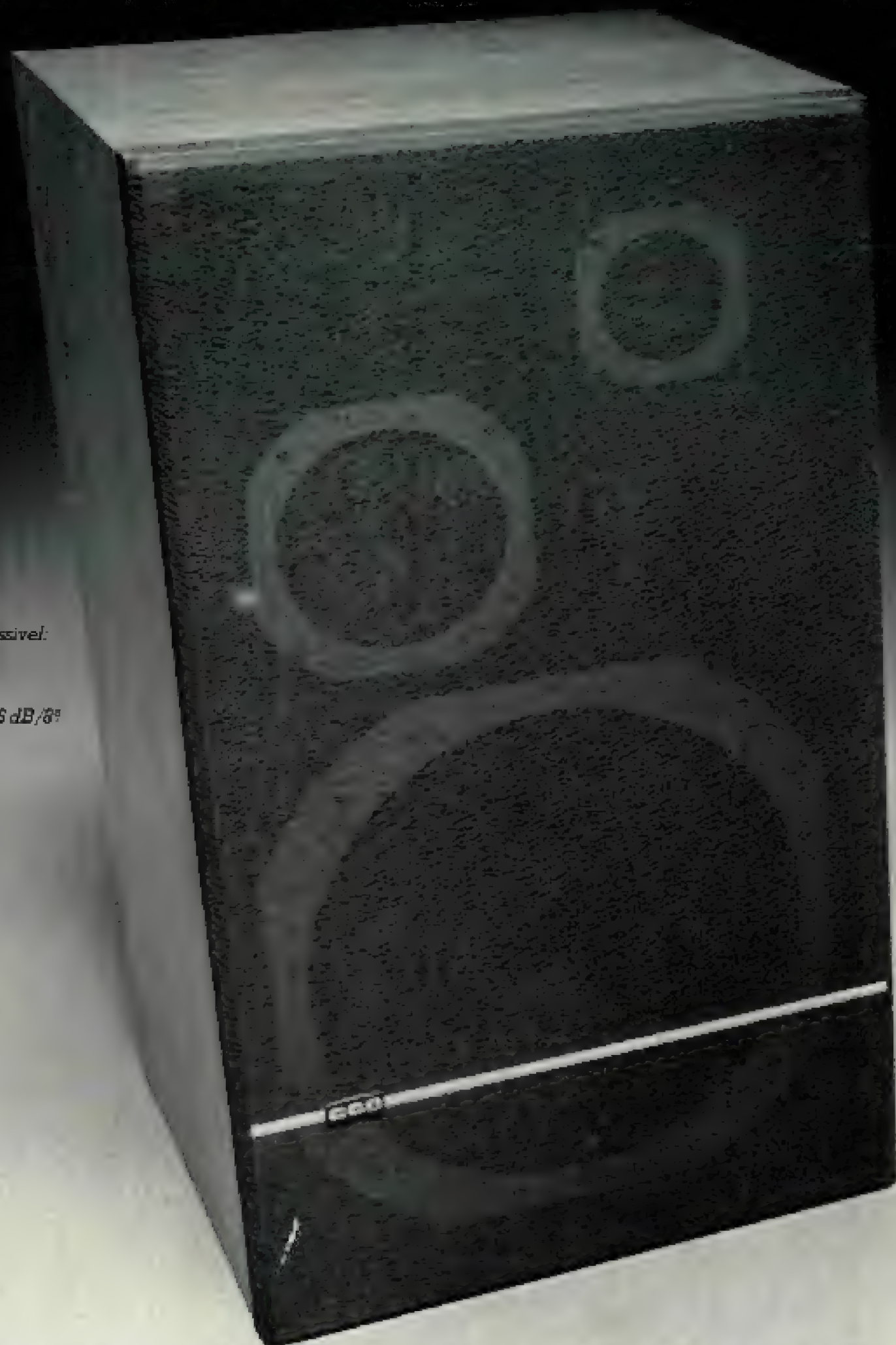
Sadat em seu gabinete: as atividades começam somente à tarde

FILME NA TV — Nesse mesmo setor da combatividade e das expansões de cólera, porém, existe uma diferença importante. Enquanto Sadat, com a mesma facilidade com que é tomado de ira, é capaz depois de esquecer as injúrias e até gratificar seus inimigos com abraços, beijos e declarações de amizade imorredoura, Begin não cultiva o dom do perdão. Ao contrário, o primeiro-ministro de Israel, intransigente e profundamente severo com os outros e consigo mesmo, jamais esquece o passado. E se porventura razões de Estado o obrigam a freqüentar pessoas de quem não gosta ou de quem recebeu maus tratos, ele o faz com um indisfarçável ar de frieza e profundo desdém.

De todas as diferenças que separam os dois líderes, de qualquer forma, as mais visíveis referem-se a seus métodos diários de trabalho. Sadat, com uma saúde incomparavelmente mais sólida que a de Begin, é capaz de trabalhar longas horas em seu gabinete, acompanhado sempre por quatro ou cinco colaboradores — mas também não exagera. Antes de dormir, invariavelmente tarde, o presidente egípcio não renuncia a assistir a um filme pela TV — de preferência um faroeste americano. E raramente acorda antes das 11 horas da manhã. Seu expediente, nos dias normais, nunca começa antes da 1 da tarde.

CHÁ COM TORRADAS — Os horários de Begin, ao contrário, são rigidamente administrados por seus médicos. Com a saúde abalada por dois enfartes e acostumado a correr ao hospital ao menor sinal de fraqueza do coração, o primeiro-ministro de Israel levanta-se todos os dias às 6 horas da manhã, toma uma chávena de chá, come três ou quatro torradas e às 8 em ponto chega, com seu passo apressado de sempre, ao gabinete — distante apenas poucas quadras de sua residência. Ao meio-dia volta para casa, almoça frugalmente, descansa até as 4 da tarde, e volta ao gabinete para trabalhar até as 7. Normalmente, Begin deita-se cedo. Mas não sem antes, como Sadat, assistir à televisão. Só que, no seu caso, não são filmes. O que ele espera, para só depois dormir, é o último noticiário.

ALESSANDRO PORRO

# Quando está quieta é bonita.

A CCE está lançando uma nova geração de caixas acústicas com qualidade sonora e eficiência a níveis nunca antes atingidos. São vários modelos cuja potência varia de 25 a 150 watts.

A mesma equipe de engenheiros e técnicos responsável por lançamentos com o prestígio e o aval de marcas internacionais, como a Kenwood, pesquisou e criou a mais avançada linha de sonofletores.

Todos os detalhes foram estudados. O design de linhas puras e arrojadas faz das caixas CCE as mais bonitas.

A concepção dos alto-falantes, sua distribuição equilibrada, o acabamento esmerado são a prova viva da inteligência a serviço da qualidade acústica.

Para que os sinais elétricos de seu sistema de som se transformem em vibrações audíveis, transmitindo todas as nuanças da música em todas as freqüências, escolha as caixas acústicas CCE.

Você vai ver e ouvir a diferença.

ARGENTINA/CHILE

# A ameaça das armas

## *Por causa de Beagle, a Argentina convoca reservistas e surge o temor da guerra*

*É hora de agir. Durante a madrugada, vinte navios da Marinha de Guerra argentina, capitaneados pelo porta-aviões "25 de Mayo", tomam posição ao largo das ilhas Nueva, Picton e Lennox, situadas na desembocadura atlântica do canal de Beagle, zona de um velho litígio de fronteiras entre a Argentina e o Chile. Ao raiar do sol, o comandante da esquadra ordena o início das operações. Imediatamente, meia dúzia de lanchas de transporte, levando algumas dezenas de fuzileiros navais, são lançadas ao mar e zarpam em direção às ilhas. O desembarque se dá sem maiores dificuldades, sob os olhares atônitos dos habitantes — algumas ralas famílias de chilenos desarmados. A notícia chega a Santiago, onde, após uma reunião de emergência da Junta Militar, o presidente da República, general Augusto Pinochet, denuncia "a agressão argentina", e considera a ocupação das três ilhas como* casus belli. *São fechadas as fronteiras de mais de 5 000 quilômetros que separam os dois países, enquanto ambos os governos decretam a mobilização geral. Trinta e sete anos depois do confronto entre o Peru e o Equador, o último conflito armado que envolveu dois países do continente, uma nova guerra eclode na América do Sul.*

Exagero? Nem tanto. Na semana passada, esse cenário hipotético já se convertera em algo um pouco menos remoto do que há alguns meses. Providências concretas começaram a ser tomadas pelo governo de Buenos Aires. Os reservistas das classes de 1953, 1954 e 1955 passaram a receber ordens de não deixar as cidades em que moram nas próximas semanas. Ao mesmo tempo, as administrações de pelo menos três províncias argentinas que fazem fronteira com o Chile — San Juan, ao norte, Chubut e Santa Cruz, ao sul — punham em execução "programas preventivos de defesa civil" destinados, segundo o texto dos comunicados oficiais, "a evitar, anular ou diminuir os efeitos que a guerra, os agentes da natureza ou qualquer desastre de outra origem possam provocar sobre a população".

Desses programas constam, por exemplo, exercícios de evacuação da população civil, ou ainda blecautes nas cidades para dificultar ataques aéreos inimigos. Mais do que isso, havia, segundo VEJA apurou, preparativos de guerra contra o Chile, cujos detalhes foram acertados, nas últimas três semanas, em sucessivas reuniões do Comitê Militar, o novo órgão máximo do país para assuntos de segurança, integrado pelo presidente da República, general Jorge Videla, pelo ministro da Defesa e pelos membros da Junta Militar — os comandantes dos três ramos das Forças Armadas. Enfim, nos círculos próximos ao poder, indicava-se até mesmo o período em que poderia estourar o conflito: esta semana.

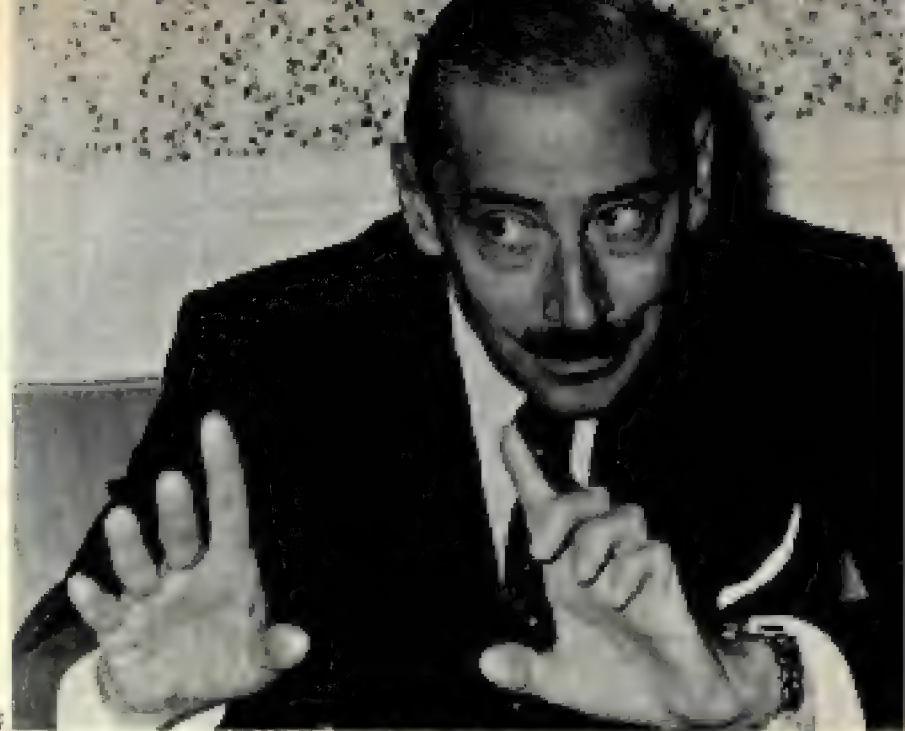
GUERRA PSICOLÓGICA — Esse rol de providências já configurava na semana passada pelo menos uma atmosfera de guerra psicológica. E havia ainda outros sinais de tensão. Na televisão argentina, passavam-se filmes conclamando os argentinos a cerrar fileiras com as forças de terra, mar e ar "para garantir a integridade do nosso território". Outro dado sombrio foi a interdição baixada na terça-feira pelo governo argentino — e suspensa dois dias depois — de que algumas dezenas de inofensivos caminhões de transporte comprados no Brasil pelo Chile trafegassem por território argentino. Esses caminhões, chegou-se a dizer em Buenos Aires, poderiam fazer parte de planos de guerra chilenos.

O clima de guerra psicológica tinha, na verdade, uma utilidade imediata para a Argentina: colocar o governo do general Pinochet sob forte pressão às vésperas de uma nova e decisiva reunião, marcada para esta quarta-feira, em Santiago, da Comissão Mista dos dois países encarregada de encontrar uma solução para a disputa fronteiriça em torno do canal de Beagle. A última reunião da Comissão, realizada em meados do mês passado em Buenos Aires, terminara num completo malogro, com a delegação chilena abandonando o encontro. Mas haverá guerra mesmo? No Estado-Maior argentino, pelo menos, tal possiblidade se transformou numa permanente preocupação. Sabe-se, por exemplo, que três dos cinco comandantes dos Corpos de Exército argentino já não vêem outra saída para o impasse fronteiriço com o Chile, senão o conflito armado.

A RAINHA RESOLVE — A disputa das fronteiras austrais entre Chile e Argentina é um problema complexo e potencialmente explosivo, sobretudo no momento em que as Forças Armadas governam os dois países. A divergência se

CHILE
Exército
45 000 homens
90 tanques
Marinha
23 800 homens
29 navios de combate
Força Aérea
10 800 homens
82 caças e bombardeiros

ARGENTINA
Exército
83 500 homens
250 tanques
Marinha
32 300 homens
43 navios de combate
Força Aérea
17 000 homens
187 caças e bombardeiros

Pinochet: diante de duas alternativas difíceis

Videla: antes das negociações, pressões

arrasta, na verdade, desde o final do século passado. Em 1971, após o fracasso de negociações bilaterais realizadas entre os dois países, os governos de Santiago e Buenos Aires decidiram entregar a solução do problema à rainha Elizabeth II, da Inglaterra. Chile e Argentina obedeciam, assim, a um antigo tratado, firmado entre ambos em 1902, e que designava o soberano da Inglaterra como árbitro da questão.

Uma corte especial, constituída por cinco especialistas em direito internacional, passou quase seis anos estudando a questão. Em abril do ano passado, finalmente, veio a resposta, na forma de um laudo arbitral assinado pela soberana britânica, dando ganho de causa ao Chile. O laudo estipulou que pertencem ao Chile as ilhas de Picton, Lennox e Nueva, mais todas as ilhas e acidentes geográficos existentes ao sul do canal de Beagle até o cabo de Hornos — e, ao fazê-lo, determinou a mais importante alteração geopolítica na América do Sul desde a Guerra do Pacífico, 99 anos atrás, quando a Bolívia perdeu o seu litoral para o Chile e o Peru ficou sem a província de Arica.

ESTRATÉGIA MILITAR — Para o Chile, as conseqüências práticas do laudo não são nada desprezíveis. Até agora com sua jurisdição marítima limitada ao oceano Pacífico, o país, depois da decisão britânica, passa a estender sua soberania para o Atlântico. Como nação atlântica, o Chile poderia apresentar reivindicações na partilha de jazidas petrolíferas na plataforma continental da área e nos direitos de pesca dentro do limite de 200 milhas das águas territoriais — ou ainda um aumento de suas cotas de participação na semiinexplorada Antártida. Além disso, a projeção de soberania chilena em direção ao Atlântico alteraria a jurisdição marítima argentina e prejudicaria suas comunicações militares com a Antártida.

Não são apenas de ordem econômica os benefícios que o Chile poderia receber. Haveria também uma importante conseqüência estratégica, pois o país passaria a controlar legalmente, além do estreito de Magalhães e do canal de Beagle, também o estreito de Drake, situado mais ao sul — as três únicas passagens naturais viáveis para a navegação entre o Pacífico e o Atlântico. "O problema real, para nós, é de estratégia militar", disse a VEJA, recentemente, uma fonte da Casa Rosada.

NOVO IMPASSE — Em janeiro passado, após algumas importantes manobras realizadas pela Marinha argentina na área de Beagle, e uma série de belicosas rajadas verbais disparadas por altos chefes militares, o governo de Buenos Aires declarou nulo o laudo arbitral britânico, numa atitude inédita no campo do direito internacional. Seguiram-se nervosas gestões diplomáticas entre as duas capitais. No último dia 20 de fevereiro, enfim, a tensão baixou um pouco com a assinatura, pelos generais Pinochet e Videla, da Ata de Puerto Montt — compromisso considerado a partir de então como o documento-base para a busca de uma solução para o problema fronteiriço.

A primeira Comissão Mista estabelecida pela Ata de Puerto Montt levou menos de dois meses para cumprir seu objetivo: desmilitarizar a área do litígio. Os argentinos recolheram as balizas que haviam colocado na ilha de Barnevelt, e os chilenos retiraram da ilha de Hornos o pequeno contingente militar que ali mantinham. A seguir, a Comissão Mista Número Dois entrou em ação, com a missão de encontrar uma solução definitiva para a questão antes do dia 2 de novembro próximo — data fixada para a resolução do litígio. Contudo, na quinta reunião chegou-se novamente a um impasse.

"COSTA SECA" — A nova reunião, prevista para esta quarta-feira em Santiago, oferece, em princípio, dois possíveis resultados. O primeiro seria o estabelecimento de outras bases de negociação, que permitiriam a continuação dos entendimentos. Nesse caso, é certo que a Comissão dilatará o prazo-limite de 2 de novembro, pois, conforme admitem funcionários dos dois países, o encontro de uma solução para o problema de Beagle exigirá um longo e sutil exercício de criatividade diplomática.

É igualmente certo que, permanecendo abertos os canais de entendimento, o governo argentino persistirá na defesa de sua antiga tese do "princípio oceânico", pelo qual o Chile deve permanecer no Pacífico e a Argentina no Atlântico. Quanto às ilhas, os argentinos pareceriam dispostos a buscar soluções conciliatórias, que poderiam incluir desde a constituição de um consórcio binacional para a exploração de riquezas da área até um algo insólito princípio de "costa seca", pelo qual seria reconhecida a soberania chilena sobre as ilhas, mas não sobre as águas atlânticas que as circundam.

O outro possível desfecho da reunião de quarta-feira é o fracasso — e aí poderia haver guerra. Mesmo no caso de um resultado razoável da reunião, porém, não se deve descartar uma eventual operação militar argentina na zona de Beagle nos próximos dias. Esta poderia se constituir na colocação de balizas em algumas ilhas ou em ações mais concretas, como o desembarque de fuzileiros em uma ou várias delas.

PRESENTE PARA VIDELA — Para o governo de Santiago, não há dúvidas de que a situação é das mais delicadas. Pelas regras do Direito Internacional, a razão está com o Chile, pois, de acordo com o documento firmado pelos dois países em 1971 ao remeterem o problema à arbitragem da rainha da Inglaterra, o laudo britânico seria inapelável — não podendo, portanto, ser declarado nulo por nenhuma das partes. Contudo, a situação real criada pela atitude dos argentinos põe o general Pinochet diante de duas alternativas difíceis. Curvando-se à tese argentina do "princípio oceânico", Pinochet levaria o Chile a renunciar às vantagens decorrentes de sua soberania sobre as ilhas — o que, com certeza, não deixaria de ser utilizado pela crescente oposição interna ao chefe da Junta chilena.

A outra alternativa disponível — a guerra — seria ainda mais grave em suas conseqüências. Não é de estranhar, assim, que nas últimas semanas Pinochet tenha manifestado sempre a intenção de contemporizar. Ainda na última quinta-feira, ele mandou seu embaixador em Buenos Aires presentear o general Videla com um quadro representando a figura de Bernardo O'Higgins, libertador do Chile e símbolo, juntamente com José de San Martín, da aliança histórica entre chilenos e argentinos na luta contra o colonizador espanhol.

DESEQUILÍBRIO — Pinochet tem motivos para tentar ajeitar as coisas. Ele sabe melhor que ninguém o desastre que um enfrentamento militar com a Argentina representaria para seu país. Para começar, a Argentina possui um território melhor distribuído e quase quatro vezes maior que o Chile. Tem, além disso, duas vezes e meia a população do país vizinho, e conta com um efetivo militar 50% superior que o chileno, em tempo de paz. Para tornar ainda mais flagrante o desequilíbrio de forças, a Argentina soma um equipamento bélico muito mais numeroso e moderno que o das Forças Armadas chilenas. Há que contar, também, a extrema vulnerabilidade do território chileno, uma estreita faixa espremida entre a Cordilheira dos Andes e o Pacífico. É possível mesmo se prever os primeiros lances de um hipotético conflito.

Não há dúvida de que ele começaria na zona de Beagle, uma região de estreitos e canais onde a esquadra argentina, incomparavelmente mais potente do que a do Chile, dominaria rapidamente a situação. Para garantir a região conquistada, os argentinos teriam que neutralizar, a seguir, as três únicas bases militares chilenas situadas ao sul — Valdívia, a mais importante, Puerto Montt e Punta Arenas. Todas essas cidades, bem como Santiago, podem ser alcançadas pelas esquadrilhas de caças "Skyhawk" argentinos em não mais do que 15 minutos.

Por fim, diante de um Chile envolvido numa guerra com a Argentina, os governos do Peru e da Bolívia, ambos também dominados por militares, não deixariam passar a oportunidade para acertar a velha fatura da Guerra do Pacífico, cujo centenário, no próximo ano, já está estimulando planos bélicos de reconquista dos territórios perdidos.

O bom senso e vários fatores, entre os quais as catastróficas situações econômicas de todos os países que poderiam se envolver em semelhante conflito, fazem duvidar que se acabe chegando ao recurso extremo da guerra. Mas nunca se sabe. A verdade é que em Santiago, por exemplo, já há quem pergunte: "Por onde os argentinos começarão o ataque?"

PAULO SOTERO

NICARÁGUA

# Guerra de desgaste

## *Quem cederá primeiro: Somoza ou a maioria do país em greve contra o regime?*

*Na semana passada, a Nicarágua continuava convulsionada pela onda de contestação à dinastia Somoza. Matagalpa, terceira cidade do país, centro de recente rebelião, estava sob ocupação militar. Em Manágua, a capital, fortemente policiada, guerrilheiros sandinistas ainda assim chegaram a ocupar brevemente uma emissora de rádio, obrigando-a a transmitir apelos à sublevação popular. E a greve geral contra o regime completava sua primeira quinzena. De Manágua, o enviado especial de VEJA, Wladir Dupont, faz um relato da situação:*

Soldado em Matagalpa: cidade ocupada

"A greve é um fracasso rotundo", dizem uns. "É um êxito avassalador", retrucam outros. Aproveitando a presença da imprensa estrangeira no país, tanto a oposição como partidários do presidente Anastasio Somoza têm se dedicado nesses dias a exacerbar sua campanha em torno da situação na Nicarágua. Uns e outros circulam diariamente no Hotel Internacional, onde se encontra hospedada a maioria dos jornalistas estrangeiros, para proclamar suas verdades. Quem tem razão? A rigor, nem uns nem outros. O certo é que Manágua não apresenta o aspecto de uma cidade morta — mas em absoluto se pode dizer que ela viva tempos de normalidade.

Pelo menos durante o dia, há movimento nas ruas. E os transportes urbanos circulam até as 7 da noite, quando são recolhidos, a fim de escapar às bombas incendiárias lançadas em freqüen-

Cenas de Matagalpa: bandeira branca na mão . . .

. . . e desabrigados assistidos pela Cruz Vermelha

tes atentados noturnos. Os supermercados estão fechados, mas a população pode comprar frutas e verduras no mercado "oriental", uma espécie de feira livre, nos carrinhos de pequenos comerciantes ou nas *pulperías*, pequenas vendinhas nos bairros populares. E há farmácias de plantão.

GASOLINA GRÁTIS — Quanto aos funcionários públicos, o governo foi rápido. Para impedir sua adesão à greve, transformou as repartições em uma espécie de agrupamentos paramilitares. Motoristas, mensageiros e burocratas passaram a receber treinamento militar básico, e formaram grupos encarregados da segurança de seus locais de trabalho durante o dia e do reforço às patrulhas policiais à noite. A ofensiva do governo contra a greve vai mais longe. Inclui de pressões econômicas, com a súbita cobrança de créditos aos empresários grevistas, à psicológica, como a advertência feita aos comerciantes turcos e chineses de que o fechamento de suas lojas causaria a revisão de seus papéis migratórios. E chegou a adquirir contornos da opereta. Não é segredo para ninguém, por exemplo, que dezenas de funcionários públicos vão diariamente ao QG da Guarda Nacional, ao lado do Hotel Nacional, receber quatro galões de gasolina — e cumprem a tarefa de circular uma média de 100 quilômetros diários pela cidade, para dar a impressão de que as coisas seguem normais.

Os resultados da greve, enfim, são dúbios. "A verdade é que o país não parou até agora, porque a produção básica de café, açúcar e carne continua", reconheceu a VEJA um dos organizadores do movimento de protesto. Não é menos verdade, porém, que a greve, somada à recente rebelião popular de Matagalpa, terceira cidade do país — na semana passada sob forte ocupação militar —, era uma expressão inequívoca do desejo nacional de livrar-se da dinastia dos Somoza. Até ricos empresários, na Nicarágua de hoje, estão irmanados no propósito de derrubar o ditador. E este é um dos pontos mais intrigantes do panorama que o país oferece: por que, na Nicarágua, mesmo as classes mais altas querem a mudança do poder? Uma chave para compreender essa questão consiste em examinar-se um pouco mais detidamente o enorme patrimônio pessoal de Somoza. A verdade é que, com sua fortuna, ele deixa na sombra os demais competidores.

Na última entrevista que Somoza concedeu à imprensa, em seu QG da Guarda Nacional, um jornalista estrangeiro chegou a perguntar-lhe se confirmava as informações publicadas pelo colunista americano Jack Anderson de que a família Somoza possuía 10% de toda a riqueza da Nicarágua. "Não leio Anderson", respondeu Somoza, abrindo um largo sorriso. "Mas posso garantir-lhe que ele está errado." É possível que "Tachito" tenha razão. A julgar por líderes oposicionistas de Manágua, seu império econômico seria bem superior — talvez abranja 40% da economia nacional. Hoje, a fortuna de Somoza, seja por meio dele próprio, seja da família, inclui, para citar apenas alguns itens, interesses em aviação (a linha aérea Lanica), navegação (linha marítima Mamenic), turismo (Hoteles de Nicaragua), comunicações (o jornal *Novedades* e a TV canal 6), carne (Carnic), pesca (Pescanica), complexos de refinação de açúcar (Central de Ingenios), construção civil (Casanic), cimento e asfaltos (Nicalit), metais (Metasa), distribuição de carros (Caribe Motor, revendedora da Mercedes-Benz), bancos (Banco de Centroamérica), financeiras (Inter Financeira) e seguros (Compañia Nacional de Seguros).

Uma das conseqüências dessa participação maciça na economia nacional é a dura concorrência imposta às empresas independentes. Na prática, as empresas do grupo Somoza estão liberadas de impostos, pois são consideradas de "utilidade pública" — e certamente têm prioridade nas concorrências promovidas pelo governo. O que explicaria o fato de muitos empresários independentes estarem preferindo perder dinheiro na greve a continuar sob a concorrêndia desleal de Somoza.

Mas, por que, então, se até os empresários estão contra Somoza, seu governo não cai? Aqui entra outro segredo do ditador: a Guarda Nacional, uma força de 7 500 a 8 500 homens, que, já desde os tempos do falecido Anastacio Somoza Garcia, passou a funcionar como uma espécie de guarda pretoriana da família. A Guarda, que também funciona como Polícia de Trânsito e de Emigração, tem como chefe máximo — naturalmente — o próprio Somoza. E o segundo na hierarquia, ou Inspetor General, é lógico — outro membro da

família, José Somoza, meio-irmão do ditador.

"CAIXINHA" — Nominalmente, pelo menos, os salários dos oficiais são baixos. Um general, por exemplo, ganha o equivalente a menos de 10 000 cruzeiros mensais. Mas ser oficial da Guarda significa pagar contas de luz menores, gozar dos benefícios incalculáveis da *libre introducción* (isenção de impostos para importação), ter gasolina de graça, comprar gêneros alimentícios mais baratos, ganhar bolsas de estudos no exterior para os filhos — e, quando chegar a aposentadoria, entre 45 e 50 anos, poder filiar-se aos negócios do grupo Somoza. Além disso, é voz corrente que uma das principais fontes de renda da Guarda são as "subvenções", espécie de caixinha promovida pelos comerciantes.

O poder de intervenção da Guarda em defesa do regime foi suficientemente demonstrado com a brutal repressão, dias atrás, da cidade sublevada de Matagalpa — com uma intensidade que não apenas causou mais de cinqüenta mortos e 200 feridos, como provocou o êxodo de dezenas de famílias desabrigadas. Enquanto tiver seus generais a seu lado, Somoza não cairá tão facilmente. Mas a verdade é que a oposição confia nos efeitos de uma longa guerra de desgaste, como a configurada pela greve desses dias. Trata-se de um jogo arrastado. É preciso ter paciência antes de se arriscar um resultado. •

ALEMANHA OCIDENTAL

# Mais espiões

## *Políticos influentes sob suspeita*

Na tarde do dia 28 de julho passado, um militar romeno em viagem oficial à Alemanha Ocidental encontrou-se com três agentes da CIA americana na praça defronte à milenar catedral gótica de Colônia. O encontro durou poucos minutos. Horas depois, num avião especial americano, o romeno viajava para Washington, dali seguindo para um lugar não divulgado. A embaixada da Romênia na Alemanha Ocidental logo suspeitou que o oficial tivesse fugido para o Ocidente. Mas, ainda que para manter as aparências, apelou para uma outra versão: declarou-o "pessoa desaparecida" e pediu providências às autoridades alemãs.

O caso, a partir daí, caiu em relativo esquecimento. Embora ciente de que se tratava de uma deserção, a polícia alemã diligentemente passou a procurar o oficial comunista. E assim as coisas foram levadas — até cinco semanas depois. A partir daí, a fuga começou a provocar seu pleno impacto — e, na semana passada, o assunto estava em plena efervescência, em diversas capitais. O fugitivo era ninguém menos do que Mihai Ion Pacepa, 50 anos, tenente-general do Exército da Romênia, vice-chefe do DIE, o serviço romeno de espionagem, e amigo pessoal do presidente Nicolae Ceausescu — um "peixe dos mais gordos", conforme constataram os serviços de inteligência americanos. As primeiras repercussões da deserção, de qualquer forma, não se deram na Romênia nem nos EUA, mas sim na Alemanha Ocidental: em longos depoimentos à CIA, Pacepa teria fornecido informações sobre as atividades de espiões comunistas nesse país.

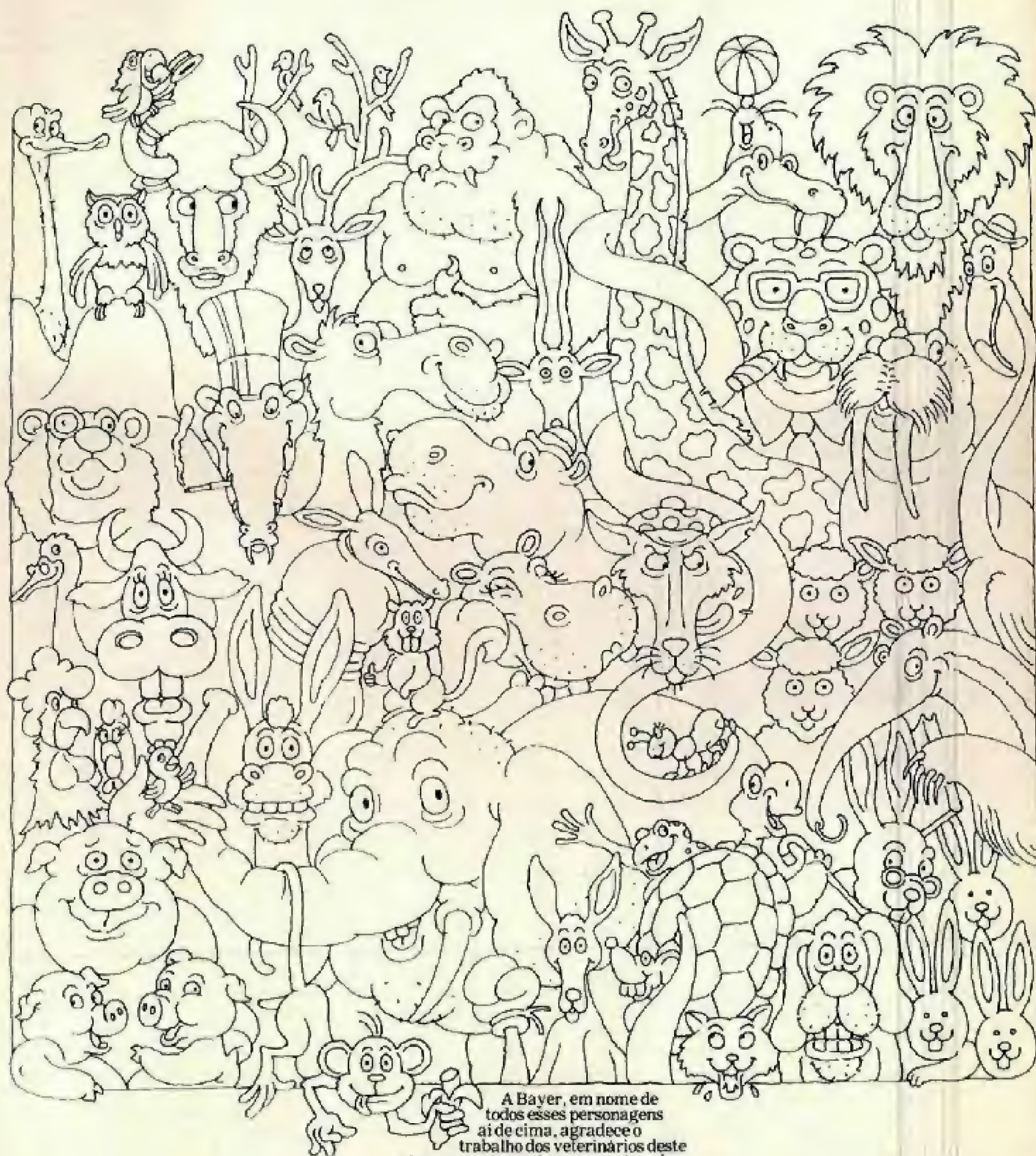
Suspeitos: o deputado Holtz . . .

. . . e o assessor Broudré-Gröger

NOVO "CASO GUILLAUME"? — Pacepa, segundo consta, referiu-se a seis alemães que forneceriam material a espiões da Romênia. Não se sabe se ele identificou perfeitamente os seis, mas o fato é que os jornais alemães *Bild* e *Die Welt*, em conseqüência de uma indiscrição oficial, descobriram que o governo já realizava investigações a respeito de duas pessoas: o deputado Uwe Holtz, 34 anos, do governista Partido Social-Democrata (SPD), e Joachim Broudré-Gröger, assessor particular do secretário geral do mesmo SPD, Egon Bahr.

As relações entre a investigação e as informações de Pacepa não foram perfeitamente estabelecidas, nem as autoridades confirmaram as versões de que o espião romeno tinha em seu poder documentos retirados do gabinete de Bahr. Mesmo assim, a possibilidade de que Bahr possa ser de alguma forma atingido pelo escândalo representa uma ameaça ao governo do chanceler Helmut Schmidt. Bahr, ainda hoje figura-chave no SPD, foi o principal negociador da *Ostpolitik* (abertura para os países do Leste europeu) formulada pelo ex-chanceler Willy Brandt a partir de 1970, que levou à normalização de relações da Alemanha Ocidental com a URSS e a própria Alemanha Oriental. Desde então, Broudré-Gröger vem sendo seu braço direito.

Bahr provocou irritação entre as autoridades alemãs por ter advertido seu assessor de que ele estava sendo investigado. Mas ainda não há sinais de que se esteja diante de um novo "caso Guillaume" — o escândalo que, em 1974, desmascarou o assessor pessoal de Willy Brandt, Günther Guillaume, como agente da Alemanha Oriental, e terminou levando à renúncia de Brandt do cargo de chanceler federal. Até o final da semana, nada se encontrara que incriminasse Holtz, Bahr ou seu assessor. Além disso, a mobilização de parlamentares e jornais da oposição em torno do caso pode ter como principal objetivo as decisivas eleições regionais do próximo mês no Estado do Hesse. De qualquer forma, como tem acontecido tão freqüentemente desde o fim da II Guerra Mundial, estava-se diante de um caso em que um espião vindo do Leste acabava provocando delicadas reverberações na política da Alemanha Ocidental. •

# “Obrigado, doutor.”

**Homenagem da Bayer ao Dia do Veterinário.**

FRANÇA

# Morre Kanapa

## *O PC francês perde um dos últimos incondicionais*

O falecimento, na semana passada, de Jean Kanapa, doutor em Filosofia, romancista, autor de vários livros sobre marxismo e responsável pela seção de política externa do Partido Comunista Francês (PCF), inspirou ao jornal *Libération* a seguinte manchete: "Morreu o maior dos cretinos". A agressividade, aparentemente absurda num jornal de esquerda, se explica por uma característica peculiar do falecido: durante toda sua carreira política, interrompida aos 57 anos por um câncer no pulmão, Kanapa foi considerado como o modelo mais acabado do comunista estalinista francês. A

Kanapa: com o Partido, sempre

própria classificção de "cretinismo", que lhe serviu de epitáfio entre a extrema esquerda, é alusão a uma célebre polêmica com Jean-Paul Sartre em 1956, época em que Kanapa negava peremptoriamente a existência de campos de concentração na URSS.

Para Sartre, além de se transformar num "cretino voluntário", Kanapa desonrava, com sua presença, o PCF. Essas e outras acusações, porém, não lhe atrapalharam a carreira. Depois de vários anos nos países do leste da Europa, principalmente na URSS — ele foi correspondente do jornal oficial do PCF, *L'Humanité*, em Moscou —, Kanapa voltou à França para trabalhar na seção de Política Internacional do Partido, da qual se tornou o principal responsável, em 1973, antes de ingressar no Bureau Político. Foi a partir desse momento que se verificou que a acusação de estalinista irredutível era parcialmente injusta.

REABILITAÇÃO DE BUKHARIN — Kanapa era antes de tudo um incondicional da linha do Partido, estalinista no tempo do estalinismo, é verdade, mas progressivamente liberal na época das tentações eurocomunistas. Nos últimos anos, foi sempre ele o escolhido para anunciar as guinadas mais bruscas do PCF, como a aceitação da força nuclear francesa, a aprovação da eleição do Parlamento europeu por votação direta e mesmo o esfriamento progressivo das relações com a URSS. Essa docilidade irrestrita, que alguns atribuíam a uma fé inabalável e, outros, a um cinismo sem limites, acabou por parecer estranha no seio de seu próprio Partido, onde reina atualmente um clima de efervescência e rebeldia entre os intelectuais.

Por coincidência, no mesmo dia em que falecia Jean Kanapa, um símbolo do incondicionalismo, os rebeldes conseguiam uma de suas primeiras vitórias significativas. Na terça-feira passada, o jornal *L'Humanité* aprovou solenemente um livro escrito por cinco intelectuais comunistas "oficiais", que defende teses suficientemente avançadas para agradar também a rebeldes, como o filósofo Jean Ellenstein. No prefácio da obra, os autores dão a entender que o PCF estaria prestes a aderir à campanha do PC italiano pela reabilitação de Nikolai Bukharin — o ex-membro do Politburo do PC soviético e influente diretor do *Pravda* que, acusado de crimes "contra-revolucionários", foi condenado à morte por Joseph Stálin em 1938.

No caso do PCF, essa reabilitação seria particularmente importante na medida em que comprometeria a memória de seu ex-secretário geral, Maurice Thorez. Sabe-se, com efeito, que Bukharin esteve prestes a ser reabilitado na própria URSS por Nikita Kruschev e que isso só não ocorreu por intervenção pessoal de Thorez, inquieto na época com possíveis repercussões na política francesa. Até hoje, o PCF nunca reconheceu a veracidade desse episódio, como também de resto nunca reconheceu os erros de seus antigos dirigentes. Da última vez que se discutiram os possíveis enganos de Thorez na época da desestalinização promovida por Kruschev, Jean Kanapa interveio pessoalmente na televisão para defendê-lo. Agora, no entanto, Kanapa está morto. E incondicionais como ele tornam-se a cada dia mais raros.

PEDRO CAVALCANTI

MAR DO NORTE

# Nação emergente

## *No mar, sobre pilares, o menor país do mundo*

Eles se materializaram na neblina do mar do Norte num momento em que as forças alemãs de ocupação ainda estavam na cama. E, embora estivessem armados apenas com bastões, a batalha foi breve. Três minutos bastaram para que o patriótico comando reconquistasse toda a "nação" e aprisionasse a tropa "estrangeira". Assim, o "príncipe" Roy Bates, de 56 anos, e seus leais combatentes retomaram dias atrás a posse da menor nação do mundo — o "Principado Real de Sealand". E foi tudo de verdade: não se tratava de nenhuma nova aventura de James Bond.

A batalha foi travada pela posse de uma abandonada plataforma britânica para baterias antiaéreas, em nada atraente, não fosse sua localização — e, para entender a história, é preciso voltar um pouco atrás. Aposentada desde o fim da II Guerra Mundial, a plataforma, com 10 metros de largura por 25 de comprimento, está instalada sobre dois sólidos pilares de concreto a 7 milhas do litoral da Inglaterra — e 4 milhas fora do alcance da lei britânica. Um ex-major do Exército de Sua Majestade e outrora sócio de emissoras de rádio piratas — montadas em outras plataformas perdidas ao longo do litoral —, Bates decidiu instalar-se em Sealand com a esposa Joan e o filho Michael em 1966. Um ano depois, achou ter chegado a hora de declarar a independência de Sealand.

PASSAPORTES E SELOS — Ninguém tomou conhecimento do fato. Até que, em 1968, ocorreu uma novidade: houve uma tentativa de processo contra Bates, pelo fato de seu filho Michael, "príncipe herdeiro", ter disparado tiros sobre as cabeças de certos visitantes indesejados. O tribunal inglês terminou concluindo, porém, que o governo não ti-

FOTOS FINANCIAL TIMES

. . . em seu minúsculo principado

Roy e Joan Bates: soberanos . . .

nha nenhuma jurisdição sobre Sealand, por estar a plataforma fora das 3 milhas do mar territorial britânico. Foi uma grande vitória para Bates — que não perdeu tempo. Com base no julgamento, ele reuniu vários pareceres legais para confirmar a independência de Sealand. E, desde então, já emitiu 180 passaportes, imprimiu selos postais (por alguma razão aceitos apenas na Bélgica) e chegou a criar o "dólar sealandês" — infelizmente, para ele, restrito apenas às dimensões de Sealand.

Claro que as atitudes de Bates não se explicam apenas pelo puro "nacionalismo" sealandês — há também negócios envolvidos em sua empreitada. Sua maior ambição, na verdade, é construir em sua exígua nação um moderno cassino, além de um porto de abastecimento e outras benfeitorias. Para tanto, ele iniciou meses atrás negociações com um grupo alemão — prevendo, inclusive, a construção de um hotel orçado em 70 milhões de dólares. Foi justamente aí, no entanto, que começaram seus infortúnios. A certa altura, as conversações com os financiadores alemães conheceram um brusco impasse. E o que sucedeu a seguir foi um caso clássico de substituição da diplomacia pela guerra.

TRÊS REFÉNS — Segundo a versão de Bates, os alemães enviaram trinta homens — uma tropa invasora de advogados, contadores e congêneres — para, pura e simplesmente, ocupar a plataforma. Durante a invasão, encontrava-se em Sealand apenas o "príncipe herdeiro" — que foi trancafiado e, quatro dias depois, enviado sumariamente para a Holanda, no primeiro barco pesqueiro que passou por perto. Inicialmente, Bates ficou furioso, e ameaçou fazer Sealand saltar pelos ares, para não deixá-la nas mãos de "aventureiros". Depois, pensando melhor, reuniu uns vinte amigos, alugou um helicóptero e resolveu retomar pela força sua plataforma.

A operação-retomada foi coroada de êxito. Os ocupantes alemães foram presos, empilhados no helicóptero e despachados também para a Holanda — com exceção de três deles. "Alguém tinha de ficar", explicou a "princesa" Joan, de 48 anos. "Ficaram esses três para pormos toda essa história a limpo." Que acontecerá agora com os reféns? Segundo Joan, eles ficarão presos indefinidamente, até que seus colegas se disponham a pagar os "milhares e milhares" de libras de prejuízos causados pela invasão. O caso dos reféns preocupa o governo alemão — que, na semana passada, destacou um funcionário de sua embaixada em Londres para tratar do caso. Talvez, no entanto, os Bates não cumpram sua ameaça de manter os "invasores" presos indefinidamente. Pois, se o fizerem, estarão se arriscando a enfrentar, proximamente, uma segunda batalha de Sealand. •

## Pais e filhos

*Uma das principais razões da derrota da ex-primeiro-ministro da Índia, Indira Gandhi, nas eleições de março de 1977, foram as denúncias de corrupção que pesavam contra seu filho, Sanjay — entre outras coisas, ele teria consumido largos recursos do Estado para uma fábrica de automóveis que jamais produziu um único carro. Agora chegou a vez de Kanti Desai, filho do atual primeiro-ministro, Morarji Desai: o Parlamento indiano acaba de aprovar uma moção exigindo a formação de uma comissão de inquérito para apurar sua responsabilidade em uma série de obscuras transações com a Boeing. Aproveitando a posição do pai, Kanti Desai teria exercido pressões sobre o conselho de administração da Air India, companhia estatal de aviação — e recebido irregularmente mais de 1 milhão de dólares de comissão da empresa americana. Como se poderia prever, a iniciativa da moção coube aos deputados do Partido do Congresso, de Indira — mas estes já receberam a adesão de influentes membros do Partido Janata, do governo, que, "por motivos de consciência", também estão exigindo que se ponha a limpo a questão.*

## Príncipe estripador

*Ao escolher a sinistra figura de Jack, o Estripador, como personagem central de seu novo livro, "Príncipe Jack", o escritor americano Frank Spiering não se interessava apenas em reconstituir a carreira de crimes do célebre assassino inglês. O plano de Spiering é mais ousado. Ele pretende, simplesmente, provar de uma vez por todas uma velha suspeita: a de que Jack, o Estripador, era, na verdade, um importante membro da família real britânica — mais exatamente o duque de Clarence, tio-avô da rainha Elizabeth. Recentemente o escritor enviou ao Palácio de Buckingham uma carta, solicitando que a família real abra os seus arquivos e revele todas as informações sobre a verdadeira origem do famoso criminoso, assim como as "sórdidas circunstâncias" que envolvem a morte do duque de Clarence. Spiering afirma, em sua carta, possuir "provas consistentes" de que o duque foi assassinado pela própria Corte Real, que se apressou em encobrir o fato. No caso de seu pedido ser aceito, Spiering compromete-se em não publicar o livro. Até agora, entretanto, nenhuma resposta foi dada pela família real britânica.*

# *Aguenta mau humor e maus tratos*

*Esta voltinha não dá mão-de-obra*

*A Facitinha é a calculadora mecânica de mais fibra, para suportar qualquer condição de trabalho. Escolha a Facitinha. Ela enfrenta com a mesma tranquilidade a mãozinha delicada da moça da caixa e a mão pesada do mestre de obras. Calcula sempre com absoluta precisão. Não dá mão-de-obra e nem problemas, só resultados.*

*Escolha a Facitinha em novas cores: bege e amarela.*

PRECISÃO DE CALCULO - PERFEIÇÃO DE ESCRITA

*MATRIZ - São Paulo - Rua 13 de Maio, 812 - tel. 284-0133*
*FILIAIS - Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Santo André e Santos.*

*REVENDEDORES EM TODO O BRASIL*

**FACITINHA**

COISA BOA NÃO MUDA

# A última gota de petróleo não vai nos pegar de surpresa.

De repente, no meio do caminho, o petróleo vai nos abandonar. O ponteiro já vai baixar por volta de 1985. E as atuais reservas mundiais não vão nos levar muito além do ano 2.000.

Por isso, no ano passado, a CESP se transformou em Companhia Energética de São Paulo. Ampliamos nossas metas, conquistamos uma estrutura flexível, uma visão global. E fizemos surgir um núcleo coordenador de estudos e pesquisas. Voltado para as fontes alternativas internas e para as fontes de energia não-convencional.

Hoje, ao lado da nossa grande conhecida, a energia hidrelétrica, fazemos o esforço para desenvolver as possíveis fontes de amanhã: o hidrogênio, o xisto, a turfa, o álcool, a energia solar e, sobretudo, a bio-massa.

Não podia haver medida mais urgente para uma empresa que cresce em responsabilidade dia a dia. Para um Estado que consome 42% da energia do País. E para um trabalho cuja implantação será necessariamente lenta, por mais pressa que tenhamos.

Continuamos aumentando nosso potencial instalado, hoje com 6.015 MW. Continuamos construindo novas e grandes hidrelétricas. Mas já pusemos os pés no amanhã e os olhos no futuro.

Melhorando a qualidade da vida

TARIK DE SOUZA

John McLaughlin: a exigência de tocar entre os brasileiros

Música

# O jazz vem a nós

*A partir desta semana, um Festival reúne em São Paulo 120 astros internacionais*

De um afinado encontro entre dois músicos amadores surgiu o I Festival Internacional de Jazz de São Paulo — sem dúvida, o mais profissional já realizado no Brasil. Explica-se: o ex-trumpetista e atual pianista amador Max Feffer, industrial brasileiro, na verdade é o secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. E o outro fanático colecionador de jazz, o gaitista amador Claude Nobs, suíço, fundou e dirige há doze anos o Festival Internacional de Jazz de Montreux, o mais sólido e imponente da Europa. Não foi um encontro casual — por certo, uma *jam session* dificilmente reuniria amadores de tão distantes latitudes. Apresentou-os, até formalmente, André Midani, presidente e sócio da WEA Discos do Brasil, eterno descontente com o apático ambiente sonoro nacional.

"Não acontece nada por aqui", é seu costumeiro refrão, a propósito do reduzido alcance internacional do quinto mercado de discos do mundo. Entrosados, Feffer e Nobs, surgiu a possibilidade de construir uma ponte Montreux—São Paulo. Os contratos com os jazzistas europeus e americanos seriam avalizados pelo diretor de eventos da WEA na Europa, o mesmo Claude Nobs. A Secretaria de Cultura, por sua vez, promoveu um concurso de cartazes que escolheu o poster comum aos dois festivais. E passou à TV Cultura de São Paulo a missão de agir com a empresa produtora do Festival. "A Secretaria está investindo uma verba de Cr$ 6 milhões e, pelos nossos cálculos, deverá arcar com um déficit de Cr$ 3 milhões", admitiu a VEJA Roberto Muylaert, coordenador do Festival — que começa esta semana (de 11 a 18), no Palácio das Convenções do Anhembi.

MICHAEL POTLAND/LH

Coryell: sucesso em Montreux

**"VIVA BRASIL"** — A razão para um cálculo tão pessimista de perdas também se explica: toda a receita dos oito dias de música no Anhembi — que terá duas sessões diárias, uma às 16 h e outra às 21h30 e apenas a noite de abertura terá uma única apresentação — está baseada somente na venda das entradas, colocadas à disposição do público em forma de carnês para todas as apresentações (em preços que variam de 350 a 2 400 cruzeiros) ou ingressos avulsos (de 50 a 300 cruzeiros) e na rala quantia a ser arrecadada através da venda de camisetas com o símbolo São Paulo—Montreux. O direito de transmissão — ao vivo ou em compactos diários — pertence à TV Cultura e, além do público paulista, mais seis Estados (Rio, Espírito Santo, Brasília, Maranhão, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul) também receberão as imagens do Festival.

Na verdade, o conceituado Festival de Montreux abriu uma janela à música brasileira, a noitada "Viva Brasil", com atrações exportadas pela WEA: Gilberto Gil e Airto Moreira, radicado em Los Angeles, o novato guitarrista pernambucano Ivinho (descoberto por Nobs em sua viagem ao Brasil) e o conjunto A Cor do Som. A depender deste teste prévio, a ligação Montreux—São Paulo será um retumbante sucesso: a apresentação brasileira acabou multiplicada por duas num mesmo dia, tal o interesse dos espectadores europeus — mais de 5 000 ingressos vendidos — pela música brasileira. De certa forma, São Paulo será um Montreux condensado, provavelmente muito mais concorrido.

**SOPRANDO GARRAFAS** — Apesar de ser considerada um tradicional centro de jazz, a Suíça, na edição de julho deste ano, contentou-se com um único astro nativo, o tecladista Patrick Moraz, que também virá a São Paulo. Já, dos 120 músicos que integram a versão paulista, boa parte é constituída de brasileiros, em extremos que reúnem do sofisticado Egberto Gismonti e sua Academia de Danças à Banda de Frevo de José Menezes, do Recife. O critério utilizado foi a vizinhança destes músicos nacionais com o jazz. Influência, sem dúvida, ancestral aos freventes metais nordestinos (antes de vir para o sul, em meados da década de 20, por exemplo,

o bandolinista pernambucano Luperce Miranda integrava a Jazz Band Leão do Norte). E, se o cantor e compositor Milton Nascimento e o tecladista Wagner Tiso ouviam e praticavam jazz a partir da pequena cidade mineira de Três Pontas, o pianista Luís Eça estudava clássicos na Europa. Em outro extremo, o alagoano Hermeto Paschoal, depois de uma discreta carreira no Brasil, assustaria o papa do jazz moderno, Miles Davis, nos Estados Unidos, no começo dos anos 70, com sua torrencial criatividade, soprando garrafas.

Esse intercâmbio contínuo e desajeitado, entre músicos brasileiros e jazzistas, deverá sistematizar-se no Festival. Embora somente o percussionista Djalma Corrêa (que integrou o grupo de Gilberto Gil) tenha cruzado a ponte de Montreux a São Paulo, vários astros internacionais integram os dois elencos. É o caso dos reincidentes Dizzy Gillespie e Stan Getz, até excessivamente conhecidos dos espectadores brasileiros. Projetada praticamente este ano, por sua empolgante atuação no festival suíço, a gorda Etta James, adepta dos *gospels*, faz sua primeira aparição no Brasil, e o mesmo ocorre com a guitarra e o violão de uma dupla consagrada em Montreux, o americano Larry Coryell e o belga Phillip Catherine, além do cantor americano Al Jarreau.

Mais que simples coincidências, as presenças do americano Taj Mahal e seu grupo e a do guitarrista inglês John McLaughlin e sua Electric Band foram insistentemente provocadas. Os próprios artistas tomaram a iniciativa de se inscreverem na lista dos que viriam ao Brasil, provavelmente por pagamentos inferiores aos seus opulentos cachês normais — sabe-se que, em São Paulo, John McLaughlin e Chick Corea receberão 10 000 dólares, o preço mais alto pago pela Secretaria. Taj Mahal, um negro corpulento criado numa comunidade jamaicana de Nova York, confessou sua intimidade com a música brasileira, a partir do filme "Orfeu do Carnaval", de 1958.

PAUL CANTY

Corea: novos rumos do jazz

ARREPIOS — Tais cenas deverão multiplicar-se, com resultados imprevisíveis — é o que se supunha a partir do trailler do Festival no último domingo, na Estação São Bento do Metrô, onde se apresentaram Benny Carter, a University of Texas At Arlington Jazz Band e Marcos Rezende com o grupo Index. A expectativa maior dos organizadores, porém, é para as apresentações do dia 14, quando estará em cena Milton Nascimento, ídolo nacional e uma das mais férteis contribuições da música brasileira às novas correntes jazzísticas.

Paralelas às exibições oficiais, inevitáveis revelações poderão ocorrer nos espetáculos dedicados a grupos inéditos ou pouco conhecidos. Elas fazem parte dos "eventos paralelos" ao Festival que, nos auditórios menores do Palácio das Convenções, abrigarão conferencistas, músicos e uma feira de som (Fenasom, organizada pela Alcântara Machado). E, se os jazzistas mais ortodoxos ficarão arrepiados com a exibição completa da célebre "Jazz at the Philharmonic" ou com as seletas conferências do expert Leonard Feather, os que preferem a nova corrente jazz-rock não deverão se decepcionar. O tecladista George Duke e, especialmente o sexteto de outro tecladista, Chick Corea, demonstrarão os novos rumos do movimento, iniciado no princípio do século em New Orleans e alimentado pelas veias musicais de outras culturas, entre elas — atesta o evento — a ascendente influência brasileira.

O mercado nacional de discos — como era de se esperar — não ficou indiferente ao acontecimento. Praticamente todas as gravadoras prevêem novos e numerosos lançamentos de jazz o mais breve possível. Tanto a Odeon como a Phonogram, as mais tradicionais na área, estão soltando discos na praça. A primeira, ainda em setembro, promete uma coleção com dezesseis "clássicos". E a Phonogram, através do selo Pablo, que no ano passado lançou vinte LPs com uma tiragem entre 1 000 e 2 000 exemplares cada, já está na praça com a gravação, ao vivo, do Festival de Montreux de 1977 (um álbum com oito LPs). A WEA — instalada no mercado brasileiro desde 1976 — tem até agora 41 LPs e programa mais onze até o final do ano. Casos mais curiosos, porém, ficam por conta das outras gravadoras, caso da Copacabana, por exemplo, que nos últimos dois anos só havia colocado no mercado 39 LPs de jazz e até o final de setembro lançará nada menos do que 27. O mesmo acontece com a RCA e a CBS, a primeira prometendo uma "partida" baseada na motivação do Festival e a segunda colocando na praça, já esta semana, vinte novos discos. TÁRIK DE SOUZA

CÂMARA TRÊS

Milton Nascimento: a expectativa da noite mais concorrida no Anhembi

# O que a sua empresa espera de um banco?

Quase todos os problemas
da minha empresa,
das remessas e cobranças
aos financiamentos,
têm sido resolvidos
com a ajuda do Sulbrasileiro.
Um sistema que dá crédito
e assessoramento aos empresários.
Você chega no Banco
e o gerente vai apresentando soluções
indicando os mais variados recursos,
e oferecendo todos os serviços:
pagamento de salários,
operações de fiança,
recebimento de tributos,
cobranças e ordens de pagamento...
Por isso, é ao Sulbrasileiro
que confio
também os meus investimentos.
E os de minha empresa, é claro.
Com o esperado rendimento.

**muito perto de você**

Afinal, são mais de 300 agências
em todo o País.

Resumindo: exijo seriedade e experiência. Sempre.
Coisas que o Sulbrasileiro me oferece
— sem fazer promessas fabulosas —
garantindo lucros certos,
com a força e a segurança
de um grande Banco.

**BANCO SUL BRASILEIRO S.A.**

De Beers
Ele aproveitou o nosso
aniversário para mostrar que
o nosso amor vai durar.
Um diamante é para sempre.
Você encontra jóias com diamantes, criadas por Arrigoni, a partir de Cr$ 3.000,00. Para receber uma relação de revendedores
de Arrigoni, escreva para o Centro de Informações de Diamantes, rua São Clemente, 379, Rio, RJ.

Em São Bernardo, música nova...

# Cacofonia

## *Os compositores se reúnem buscando uma linguagem*

Pelo menos no que se refere a presenças ilustres de uma certa área, o resultado não poderá ser contestado. Ao longo de toda a semana passada, o II Simpósio Internacional de Compositores, promovido pelo inquieto Instituto de Artes do Planalto (da Universidade Estadual Júlio de Mesquita — Unesp), conseguiu levar a São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, um resumido quem é quem da criação da música erudita de vanguarda no Brasil.

Misturados a jovens aprendizes, a compositores em começo de carreira, a estrelas ascendentes (como Jorge Antunes, no Instituto de Música da Universidade de Brasília) e a *enfants terribles* de sólido prestígio (como Aylton Escobar, diretor do Instituto Vila-Lobos, no Rio de Janeiro), estavam Walter Smetak, Ernst Widner, Almeida Prado e o sempre respeitado mestre Hans-Joachim Koellreutter, por exemplo. Além deles, cerca de quinze convidados da América Latina, que sob o patrocínio da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado, vieram trocar informações, idéias e conceitos. E alguns americanos e europeus, como Lejaren Hiller, Peterkotik, Nicolas Schöffer, o compositor e editor Jacques Monod, e o francês Michel Philippot, diretor do Departamento de Música do Instituto de Artes do Planalto e primeiro artífice da idéia do Simpósio.

HORA INCERTA — Mas, a julgar por uma amostra de dois dias, dentre os cinco do encontro, o intercâmbio não se processou sem algumas dores. Parece que uma respeitável intenção esbarrou numa coordenação deficiente, numa falta de definição realista de propósitos e meios, e até numa episódica (e talvez conseqüente) abulia. Inscritos, por exemplo, num grupo de trabalho cujo ambicioso objetivo seria discutir "Valores, Critérios e Perspectivas da Linguagem Musical", cerca de 25 participantes se perdiam, em sua segunda reunião, na mais absoluta incerteza sequer quanto ao assunto que deveriam abordar.

...para Monod, Philippot e Schöffer

FOTOS KEIJU KOBAYASHI

"O tema ouvi ali na porta", dizia H. J. Koellreutter. "Mas concretamente o que viemos fazer aqui? Qual o objetivo deste grupo? Temos que escrever algo, chegar a determinadas conclusões?" Não havia resposta. Transformado pelas circunstâncias em coordenador do debate, o compositor Emílio Terraza, de Brasília, procurava "evitar que isso se transforme num encontro para saber a que horas será um encontro que acaba não se realizando". E, meio perplexo, constatava que o grupo havia até mudado de um dia para o outro. No fim de algum tempo, Koellreutter teve que sair, para o ensaio de uma obra sua. E reconhecia constrangido: "A gente aqui não sabe o que se passa. De repente te avisam que você tem que ir a um concerto, ou de que é hora de comparecer a um coquetel". Provável alusão a uma recepção da véspera no palácio do governo, em função da qual a compositora argentina Graciela Kevaidis tivera que apressar sua conferência.

O resumo do quase caos seria formulado por Aylton Escobar. "Não estou conseguindo participar, embora quisesse muito. Como pode haver intercâmbio, quando os compositores estrangeiros não falam nossa língua, e nem mesmo existem intérpretes?"

COMPLETOS — Mais que uma reivindicação meramente burocrática, a crítica de Aylton traduziu também um estado de espírito. Ao menos incipientemente, o Simpósio conseguiu polarizar duas posições: uma, latino-americana, híbrida, disposta a aceitar manifestações musicais heterodoxas, e outra, purista e européia. Aliás, os europeus presentes não pareciam muito interessados no debate — e quase se limitavam a assistir discretamente aos concertos à noite. Já os compositores latino-americanos "constataram a força que o continente está tendo no balanço mundial", como observou Conrado Silva, uruguaio residente no Brasil. "Percebemos aqui que nosso complexo de inferioridade pode ser vencido." Mas não tão facilmente. Irreverente, Escobar se declarava "alarmado" com os exemplos de música contemporânea do Paraguai.

Os exemplos, em geral, contudo, acabaram sendo um dos saldos mais visivelmente positivos. Durante toda a semana, foi possível usufruir de um repertório contínuo de música nova — principalmente brasileira. E seria injustiça pretender que o resultado global do Simpósio não esteja também associado a uma crise, sempre negada mas evidente, de comunicabilidade (quantitativa e não-qualitativa) da própria música atual. Exemplo disso é que dentre todas as apresentadas em concertos, a obra de maior sucesso junto ao público especializado foi "Ópera Aberta", de Gilberto Mendes — um pastiche-piada cuja força comunicativa deriva seguramente de fatores extramusicais.

OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO

LUÍS PAULO MACHADO

Marinho contra a Portuguesa: entre abraços e elogios dos companheiros



FUTEBOL

# Lateral na meia

## *Marcar o ponta não é mais tormento para Marinho*

Na estréia do Fluminense no Campeonato Carioca deste ano, seu meia-esquerda dominou o meio de campo, driblou com categoria, criou situações de gol e ainda por cima marcou dois na vitória por 4 a 0 sobre a Portuguesa. Saiu de campo aplaudido pela torcida e elogiado pelos companheiros.

Uma situação normal no estádios? Não quando se trata de Francisco das Chagas Marinho, um jogador de passado picotado por críticas. Ao longo dos últimos cinco anos como lateral, ele dedicou olímpico desprezo pelas atribuições de marcar o ponta. Com a bola ou sem ela, Marinho costumava desembestar alegremente para o ataque e deixava em seu rastro um vazio perigoso e um deus-nos-acuda. Vez ou outra, graças a seu chute poderoso, fazia um gol de longa distância e tais atrevimentos eram momentaneamente perdoados. Mais freqüente, porém, era ele ser amaldiçoado pelos próprios companheiros e, em pelo menos uma oportunidade, castigado por um sopapo — aplicado pelo goleiro Leão, na Copa do Mundo da Alemanha.

PERDIDO EM CAMPO — Agora, com a camisa 10, que foi de Rivelino, e desobrigado da tarefa de marcar o ponta, ele sonha em voltar a ser ídolo da torcida. Suas novas funções, diz Marinho, são bem mais adequadas a seu futebol: "Já não preciso me limitar a correr numa faixa estreita e me arriscar a sair de campo se cair pela esquerda". Na quinta-feira, contudo, Marinho descobriria que sua nova posição tem também deveres que ele ainda precisa aprender a executar. Enfrentando o Botafogo, no Maracanã, o Fluminense perdeu por 3 a 2. E Marinho, com sua habitual fogosidade, acabou engolido pelo esquema adversário, ficou perdido em campo e só conseguiu chutar uma vez a gol — sem resultados.

HIPISMO

# Morreu Pirão

## *O fim do melhor cavalo do hipismo brasileiro*

Ao longo da Prova João Baptista Figueiredo, a principal do torneio de domingo, dia 3, na Fazenda Clube Marapendi, no Rio de Janeiro, o absoluto equilíbrio entre as apresentações perfeitas de "Pirão", montado por Elizabeth Assaf, e "Puma", montado por Hélio Pessoa, forçou a contínua elevação dos obstáculos para o desempate. As traves passaram do inicial 1,40 metro para 1,50 e, depois, para 1,60. Então, no terceiro obstáculo, um óxer*, a prova terminou, dramaticamente. Pirão, um animal de 12 anos, 1,58 metro de altura, campeão brasileiro de 1977, chegou para o salto perto demais da barreira. Mesmo assim tentou. Suas pernas dianteiras embaraçaram-se na vara mais alta, ele se desequilibrou e caiu de cabeça. Elizabeth Assaf, arremessada também ao chão, quebrou o nariz. Pirão quebrou o pescoço. E, enquanto o campeão brasileiro Luís Felipe de Azevedo, seu mais famoso cavaleiro, tentava em lágrimas reanimá-lo com massagens no coração e uma injeção de coramina, Pirão morreu.

BOM DEMAIS — "Outro cavalo teria simplesmente refugado o salto. Mas Pirão era muito valente", garante o coronel Jerônimo Fonseca, ex-técnico da seleção brasileira de hipismo. Apesar de pequeno, Pirão podia saltar obstáculos de 2,10 metros. E, como afirma Luís Felipe, "era um dos poucos que conseguiam executar uma pirueta ao galope".

"Agora vai ser uma luta substituí-lo", afirma Fonseca, "pois um cavalo como Pirão pode chegar até os 17 anos em plena forma. Mas demora de dez a doze para atingi-la." Pirão, um puro-sangue Inglês (uma das quatro raças de onde saem os cavalos saltadores — as outras são Irlandesa, Hanoveriana e Anglo-Árabe-Francesa), nasceu no Rio Grande do Sul, mas começou sua carreira em competições como cavalo de pólo, no Regimento Andrade Neves, na Vila Militar, no Rio de Janeiro, com o nome de "Charrua". Por suas qualidades para o salto, passou a ser treinado para essa modalidade. Em 1974, o cirurgião plástico Pedro Valente comprou o animal e deu-lhe o novo nome. Logo, porém, Valente descobriria que Pirão era bom demais para suas modestas qualidades de principiante. Assim, no ano seguinte, o animal foi emprestado a Elizabeth Assaf, então uma amazona de 18 anos da categoria júnior. A dupla venceu oito provas seguidas e conquistou o vice-campeonato brasileiro.

NOS EUA — Em junho do ano passado, Valente entregou Pirão ao comando de Luís Felipe, de 24 anos. Seria o início da melhor fase da ascendente carreira de Luís Felipe. No começo do ano, Pirão chegou a ser enviado aos Estados Unidos para ser vendido por 1,4 milhão de cruzeiros — mas o negócio fracassou quando os americanos descobriram que ele tinha toxoplasmose, uma doença parasitária considerada sem importância no Brasil. ●

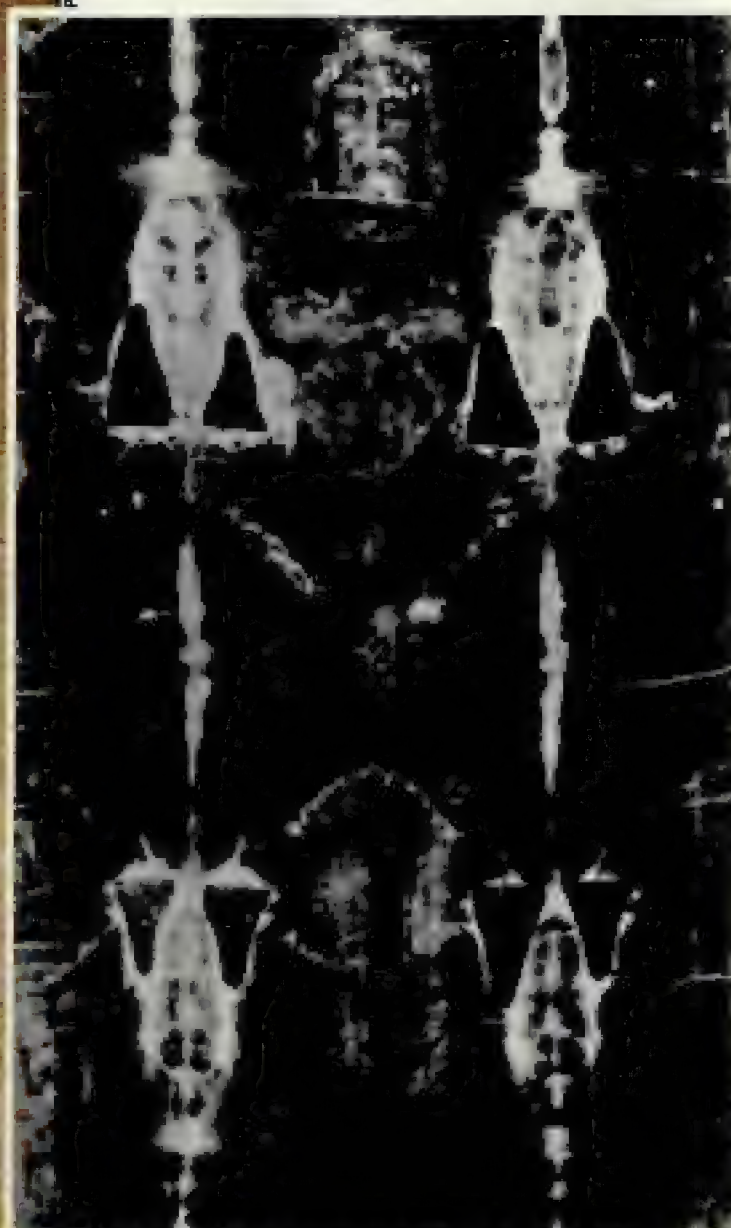
---

** Um óxer é um conjunto formado por uma trave mais alta, uma cerca viva e outra trave baixa, e pode chegar a 2 metros de extensão.*

# O mistério visitado

*Cerca de 3 milhões de pessoas deverão venerar até outubro, em Turim, a presumível mortalha de Jesus Cristo*

PEDRO MARTINELLI

As filas de peregrinos dão voltas e voltas no quarteirão, ainda que em média 8 000 pessoas consigam entrar e sair a cada hora da catedral de Turim, Itália. Mas o esforço é plenamente recompensado pelo privilégio da admiração, embora de modo fugaz, da mais valiosa relíquia de Jesus Cristo — o Santo Sudário ou Santa Síndone, a peça de linho cru, medindo 4,36 metros de comprimento por 1,10 de largura, no qual seu corpo teria sido envolvido ao descer da cruz. A história da relíquia é longa e apaixonante, tornando de certa forma modesta a efeméride que sua atual exposição, iniciada dia 26 de agosto, está comemorando:

SUNDAY TIMES

O Sudário em positivo e negativo

há 400 anos o Santo Sudário foi levado para Turim pela família real de Savóia a pedido sobretudo do à época bispo de Milão, São Carlos Borromeu. Esta é sua primeira mostra aos peregrinos desde o Ano Santo de 1933, e talvez uma das mais demoradas, pois permanecerá aberta até 8 de outubro. Até lá, estima-se, cerca de 3 milhões de pessoas terão ido venerá-lo.

Nos primeiros dez dias da atual exposição, chegaram comitivas de quase toda a Itália e de diversos países. Aviões especialmente fretados decolaram da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos e do Japão. Horários especiais foram reservados para doentes graves, que necessitam ser transportados em macas ou cadeiras de rodas. Para orientá-los, no interior do histórico *duomo* de Turim, mais de 1 000 voluntários, em sistema de revezamento, trabalham da manhã à noite. Para alguns peregrinos, porém, é uma desagradável surpresa ter de admirar o Santo Sudário a distância, protegido por uma lâmina de cristal blindado, que pesa mais de meia tonelada. Só com algum esforço é possível entrever, no linho cru, amarelado, a suposta figura de Jesus.

MESAS VAZIAS — Dias antes de morrer, o papa Paulo VI enviou a Turim uma carta "de devoção" ao Santo Sudário, mas, na verdade, a Igreja jamais se pronunciou sobre sua autenticidade. Ainda assim, sua veneração é estimulada pela própria hierarquia católica. Em 1955, por licença especial do papa Pio XII e do ex-rei Umberto di Savoia, a garota inglesa Josie Woollam Jones, que sofria de osteomielite, pôde tocar na relíquia, tendo sua doença logo depois estacionado. Na semana passada, com 35 anos de idade, casada e com um filho, Josie voltou a Turim para agradecer a graça.

Talvez só à administração municipal falte o que festejar. O prefeito comunista Diego Novelli, que apoiou com entusiasmo a idéia da exposição, tem sido acusado por seus próprios camaradas de abandonar o caráter "leigo" da cidade, promovendo uma manifestação religiosa. De fato, a organização da exposição custou o equivalente a 25 milhões de cruzeiros, um terço dos quais pagos pela municipalidade, que esperava seu retorno nos impostos dos hotéis e restaurantes. No entanto, os peregrinos raramente ficam mais de um dia em Turim ou deixam de levar seus próprios lanches, para o desespero dos comerciantes, que vêem seus quartos e mesas melancolicamente vazios.

PEDRO MARTINELLI

Peregrinos na catedral: só com algum esforço podem admirar o manto

# A relíquia perfeita

## *Ninguém pode garantir a autenticidade do Santo Sudário. Mas como negá-la?*

*Considerado um dos maiores especialistas mundiais no estudo da suposta Mortalha de Jesus, o inglês Ian Wilson, 37 anos, formado em História Moderna e ex-pesquisador do Museu Britânico, acaba de publicar nos Estados Unidos, pela editora Doubleday, o livro "O Sudário de Turim". Recentemente, VEJA comprou os direitos de um longo artigo que ele escreveu sobre o assunto para a revista inglesa* Sunday Times Magazine. *A seguir, o resumo de suas principais conclusões:*

Em certo sentido, pode-se dizer que os ingleses é que deram início ao mistério em torno do Sudário, em 1356, ao baterem o Exército francês na batalha de Poitiers. Pois entre os vencidos se encontrava justamente o cavaleiro porta-estandarte Geoffrey de Charny, que após feroz escaramuça foi derrubado com um golpe de lança. O que os ingleses não sabiam era que, ao matá-lo, prejudicavam seriamente a possibilidade de descobrir como ele havia obtido o pano de linho de 4,36 metros de com-

primento encontrado em sua casa — o atual Sudário, guardado em Turim. Nada fora dito sobre aquela relíquia ao tempo de Geoffrey. Somente após sua morte é que sua pobre viúva e, subseqüentemente, seu filho, passaram a exibi-lo, defrontando-se por sinal com veemente oposição de parte das autoridades eclesiásticas.

E a suspeita de fraude, num tempo notável por tais abusos, pareceu confirmada quando os Charny desistiram das exposições, sem negarem as acusações. Somente em 1453, quando a neta de Geoffrey de Charny enviuvou e, não tendo filhos, passou o Sudário às mãos de um duque de Savóia — a família o detém até hoje —, a relíquia começou a adquirir respeitabilidade.

As características que primeiro chamam atenção são os danos provocados por vicissitudes passadas pela relíquia. De fato, ao ser estendido em linha reta, duas linhas paralelas, como marcas de queimadura leve, podem ser vistas ao longo de seu tecido de linho, remendado em alguns lugares com pedaços de paramento religioso. A origem de tais consertos data de 1532, quando irrompeu um incêndio na capela na qual os Savóia o guardavam. Prata derretida do cofre da relíquia derramou numa beirada do linho dobrado e, quando o desdobraram, apareceram diversos buracos, além de queimaduras.

FOTOS SUNDAY TIMES

**Sangue no pulso: prova de que Jesus não foi pregado pelas mãos?**

EXAME DOS FIOS — Mas nenhuma dessas e de outras marcas afetou seriamente a impressão fantasmagórica das costas e da frente de uma figura humana, visível ao longo de todo o comprimento do linho e virtualmente enquadradas por elas. E este é o supremo enigma do Sudário, constituindo uma experiência extraordinária estudá-lo em primeira mão, como eu o fiz em 1973. À medida que uma pessoa se aproxima do linho, pode distinguir com razoável clareza duas sombras em cor sépia que compreendem, num mesmo lado, as imagens das costas e da frente de uma figura humana, estendida e morta. Perfeitamente discerníveis sobre a imagem frontal estão as mãos cruzadas sobre a tanga (com um sinal de perfuração no pulso direito) e um rosto barbudo, de olhar fixo. Mas é quando ela observa o linho por meio de uma lente de aumento que emerge o grande mistério: as sombras em cor sépia se dissolvem feito névoa. Se aquilo for uma pintura, terá sido puro impressionismo, meio milênio antes do próprio movimento impressionista. No entanto, não há tinta no Sudário e sua ausência foi determinada por competentes exames de fios da relíquia, em 1973, por especialistas italianos. Concretamente, as imagens aparecem e desaparecem tão sutilmente que seria impossível conceber alguém tentando forjá-las.

Nas costas, as marcas do açoite

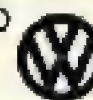
MOMENTOS DE SOFRIMENTO — O que vemos mesmo sobre o Sudário? Há o perigo, demonstrado pelo teste de manchas dos psicólogos, de lermos nele coisas em demasia. Mas certas conclusões podem ser deduzidas com segurança. Essencialmente, com base em cuidadosas medições, há concordância geral de que o homem do Sudário media cerca de 1,80 metro de altura. Com base em estudo fisiognomônico, o etnólogo americano Carleton S. Coon concluiu que o homem do Sudário era de um tipo racial encontrado hoje em dia entre nobres árabes e judeus sefaradins. Finalmente, examinando fluxos de sangue visíveis na relíquia, médicos, como o professor de Anatomia da Sorbonne Yves Delage (um convicto agnóstico), o cirurgião francês Pierre Barbet e o patologista americano Robert Bucklin, de Los Angeles, identificaram cinco momentos de sofrimento a que foi submetido o homem do Sudário, denunciados pelas seguintes lesões:

- Grande inchação abaixo do olho direito e feridas superficiais pelo rosto. Embora não sejam visíveis aos leigos foram confirmadas por médicos como o patologista Bucklin. Corresponderiam ao duro golpe desferido no rosto de Jesus, descrito em todos os quatro Evangelhos.
- Aproximadamente noventa minúsculas marcas nas costas e em algumas partes da frente. Da maneira como podem ser vistas, sugerem contusões resultantes de chicotadas produzidas pelo açoite ou *flagrum* romano, arma constituída de três tiras de couro em cujas pontas existem bolotas de metal ou os-

# Ponha famílias nesta foto e você só poderá pôr um carro neste anúncio.

Lá vamos nós de Variant II.

Cinco pessoas felizes, com malas, malonas e malotes.

Conforto é o que não falta. Na Variant II, 82% da área interna são reservados para a comodidade e o prazer dos passageiros. Com um toque de bom gosto e sofisticação em todos os detalhes do acabamento.

Espaço também há de sobra.

A Variant II é o único carro de sua categoria com dois amplos porta-malas, para levar 667 litros de bagagem. E dobrando-se o banco traseiro essa capacidade aumenta para 1.240 litros.

Pegue a família, com ou sem malas, e siga em frente.

Só a Variant II reúne para você a classe de um moderno carro de passeio e a versatilidade de uma autêntica perua.

so. As chicotadas estavam previstas no ritual preliminar da crucificação romana e Jesus, conforme descrição de todos os Evangelhos, a elas foi submetido.

■ Fluxos irregulares de sangue na testa e em toda a parte de trás do crânio, interpretados como resultado de alguma espécie de coroa ou círculo de arame farpado aplicado à cabeça do homem do Sudário. Presumivelmente, trata-se da coroa de espinhos aplicada com força à cabeça de Jesus, sob a zombaria dos soldados de Pilatos, conforme está amplamente registrado nos Evangelhos. O caráter único dessa indignidade cometida contra Jesus levou muitos estudiosos à crença de que, salvo se for uma deliberada falsificação, o Sudário deve ser genuinamente a mortalha do próprio Deus dos cristãos, antes que de algum desconhecido crucificado.

■ Fluxos de sangue nas mãos e nos pés, pelo visto decorrentes de perfurações por pregos. Os médicos fizeram cuidadosos cálculos do ângulo do fluxo de sangue que visivelmente gotejou de cada antebraço e chegaram a um acordo de que, ao serem perfurados os braços do homem do Sudário, estavam estendidos a um ângulo entre 55 e 65 graus da vertical — ou seja, uma clara posição de crucificação. Curiosamente, porém, ao contrário das pinturas de artistas que imaginaram os pregos perfurando as palmas de Jesus, o cirurgião francês Barbet demonstrou convincentemente que o homem do Sudário teve somente os ossos do pulso perfurados.

■ Ferida de configuração elíptica do lado direito do corpo, que os médicos localizaram entre a quinta e a sexta costelas. Trata-se, segundo se supõe, de um ferimento de lança e, naturalmente, vem a confirmar o golpe final que um soldado deu em Jesus, descrito por São João.

LAÉRCIO D'ANGELO/CARLOS MENDES

PROCESSO ENIGMÁTICO — Novamente, porém, o Sudário apresenta um paradoxo: é perfeito demais. Se aceitarmos os relatos dos Evangelhos sobre a crucificação de Jesus, podemos deduzir que certos ferimentos, como os da coroação com espinhos, ocorreram no começo do dia; outros, como o da perfuração dos pulsos, algo mais tarde; finalmente, o golpe de lança teria ocorrido no final do dia. À vista dessas diferenças de tempo era de esperar que alguns desses fluxos coagulassem e secassem em momentos diferentes, transferindo-se de modo desigual para a mortalha. Mas isso não aconteceu com o Sudário — todos os fluxos, independentemente da hora e do dia em que as feridas foram infligidas, parecem haver sido transferidas para ali com a mesma consistência. Além disso, a cor de seu sangue seco também não é o que se poderia esperar, já que, em vez do habitual marrom, a do Sudário é malva-carmim e isso após a passagem de séculos. E não está afastada a possibilidade de aquilo jamais ser identificado como sangue, mesmo porque o calor do fogo do incêndio de 1532 poderia haver tornado não-reativa a hemoglobina. O processo que o criou, assim, permanece tão enigmático como nunca, tanto para os que apóiam como para os que negam sua autenticidade.

Paralelamente, o mistério apresentado pelo Sudário ainda se deve a uma carência total de referências históricas de credibilidade, que falem de sua existência antes do século XIV. Em 1973, porém, convidado para ajudar a autenticar em cartório novas fotografias da relíquia, o criminólogo suíço Max Frei notou que sua superfície estava coberta por uma fina poeira. E, desta vez por iniciativa própria, depois de pedir o consentimento do à época cardeal de Turim, Michele Pellegrino, teve acesso ao Sudário e dele retirou, pressionando pedaços de fita adesiva, amostras de poeira. De volta a seu laboratório, conforme esperava, Frei constatou que havia coletado uma variedade de fragmentos microscópicos: partículas minerais, fibras de plantas, esporos de bactérias e, sobretudo, pólen. Botânico amador, ele se concentrou logo no pólen, cuja película externa, a exina, tão dura que é virtualmente indestrutível, pode sobreviver milhões de anos. Ciente de que as únicas e indiscutíveis localizações históricas daquela relíquia eram a França e a Itália, predominantemente com vegetação do norte da Europa, ele entendeu que, encontrando pólen de outras regiões geográficas, lançaria uma nova luz sobre seu passado. E foi o que sucedeu: sob seu microscópio apareceram nada menos que halófitos, plantas adaptadas à vida em solos de elevado teor de cloreto de sódio, tal como existe com exclusividade em redor do mar Morto, bem como pólens de plantas específicas da região da estepe da Turquia. Isso o habilitou a declarar que em algum tempo da História o Sudário esteve na Palestina e, em outro, na Turquia. (Os especialistas logo nivelaram esta descoberta à pesquisa que, anos antes, dera o linho da relíquia como contemporâneo de Jesus.)

ELO PERDIDO — Se o Sudário é genuíno, ele deve ter estado em algum lugar durante os aparentemente perdidos treze séculos que antecederam seu aparecimento em mãos da família Charny, na França. Alguns estudiosos sugeriram que os registros de sua preservação foram destruídos, mas isso carece de credibilidade. Manuscritos da Idade Média sobreviveram em razoáveis quantidades e estão cheios de descrição de relíquias. Além disso, a existência de uma tão notável mortalha de Jesus haveria atraído considerável atenção. Este foi um enigma que procurei desvendar bem antes de conhecer o trabalho de Frei sobre os pólens, movido por uma hipótese básica: o Sudário não teria sido preservado e registrado nos primeiros séculos do cristianismo de uma for-▶

ENCOSTE O AZULEJÃO 20 ELIANE NA PAREDE.
Mesmo que seja por uma questão de tempo, simplicidade estética e economia.
Assim que você encostar o Azulejão 20 na parede, vai notar a nova dimensão do revestimento integrado.
O Azulejão 20 Eliane é o primeiro azulejo 20x20 cm, criado para dar a você total adequação estética entre piso e parede.
Além de vantagens dimensionadas também com o seu bom senso: maior rapidez de aplicação, uma área 70% maior, melhor acabamento e um custo por área 30% mais econômico.
Escolha entre os lindos padrões do decorado ou do liso, nas cores: branco, amarelo, azul, verde e rosa.
E encoste o Azulejão 20 Eliane na parede.
Você vai ter um resultado surpreendente.
AZULEJÃO 20 ELIANE
o bem dimensionado
Chão & Parede
eliane
O REVESTIMENTO INTEGRADO
Uma empresa do Grupo Maximiliano Gaidzinski

ma diferente da que conhecemos hoje? Um dos pontos favoráveis a esse juízo é o fato de que, entre as muitas variedades de primitivos quadros de Jesus, há uma só versão facial rigidamente vista de frente, mudando nela apenas o estilo de cabelo e de barba.

Os historiadores da arte tendem a ser vagos a respeito desse assunto. Só os prelados da Igreja Ortodoxa Oriental têm sido mais incisivos. Eles atribuem a "verdadeira semelhança de Jesus na arte" a uma misteriosa imagem sobre um pano, que denominam Mandilion (literalmente, uma espécie de túnica), ainda hoje representado em suas igrejas. Ocorre que esta relíquia desapareceu de Bizâncio em começos do século XIII, ajustando-se quase exatamente ao período perdido da história do Sudário. Por outro lado, tem-se como certo que ela esteve no século VI na cidade de Edessa, agora Urfa, na Turquia, precisamente a região de onde, segundo a análise de Frei, procedia parte do pólen do Sudário.

Assim, com base em tais evidências, parece subsistir muito pouco a acrescentar na hipótese que considera o Mandilion e o Sudário a mesma coisa, salvo num ponto crucial: a relíquia ortodoxa, relativamente bem documentada e ilustrada, exibia somente o rosto de Jesus sobre o pano. E a tradição de sua criação fala do Deus dos cristãos lavando sua face e secando-a ali, ou enxugando o sangue derramado durante a agonia do Getsêmani. Relatos considerados historicamente confiáveis não apresentam a menor sugestão de que aquela relíquia possa ter sido uma mortalha, embora haja notável semelhança entre suas cópias atuais e a face frontal do Sudário. Haverá alguma explicação para a disparidade?

PARA DISFARÇAR — Em meu livro "O Sudário de Turim" proponho uma teoria com detalhes plenamente documentados. Mais exatamente, levanto a possibilidade de os primeiros tempos do Sudário como Mandilion estarem relacionados às atitudes dos discípulos de Jesus. Autores cristãos muitas vezes imaginaram que eles se regozijaram ao encontrar a mortalha do Mestre na primeira manhã da Páscoa. Ora, esse ponto de vista desconhece o fato de os primeiros cristãos terem sido judeus e, como tal, só poderiam olhar o Sudário com algum horror, pois, além de conter o "impuro" sangue humano coagulado, portava uma imagem, violando a lei que proibia a reprodução da figura humana. Ainda que eles pudessem sublimar tais dificuldades doutrinárias, de uma coisa podiam estar certos: se o linho caísse em mãos dos ortodoxos, seria destruído. Dessa maneira, acredito que o Mandilion foi dobrado, depois dobrado de novo, até o rosto aparecer sem corpo. Tal a base para a reconstituição da primitiva história do Sudário. Pode-se presumir, apenas, que já no século I a mortalha foi deliberadamente montada dessa maneira, a fim de disfarçar sua natureza de coberta funerária, repugnante a qualquer cultura da época, e para dar-lhe a aparência de "retrato" miraculoso.

Existe, portanto, uma possibilidade substancial de que o Mandilion possa ter sido o Sudário, mas falta alguma explicação para o século e meio "perdido" entre seu desaparecimento em Bizâncio, exatamente em 1204, e seu reaparecimento, como Sudário, nas mãos da família Charny, na década de 1350. Bem, os mais prováveis detentores da relíquia parecem ser os homens da Ordem dos Cruzados dos Cavaleiros Templários, que fizeram amplas transações com relíquias religiosas durante o século XIII. Significativamente, nos começos do século XIV, circulavam rumores de que eles secretamente adoravam a cabeça de um homem barbudo e, afinal, em 1307, o rei Filipe, o Belo, da França, considerou-os heréticos e, como tal, passíveis de punição. Em Paris, em março de 1314, dois últimos templários foram levados à fogueira, um dos quais era mestre de sua ordem na Normandia. Seu nome? Coincidentemente, chamava-se Geoffrey de Charny, como o cavaleiro que os ingleses mataram cerca de quarenta anos depois. Teria ele passado sub-repticiamente a mortalha adorada a membros de sua família?

Há outras e substanciais evidências de que o Sudário possa ser genuíno, porém ainda não uma prova total. O que constituirá essa prova? Talvez o radiocarbono, se ele indicar como data do linho o século I e se constatar a origem não-artificial da imagem impressa na relíquia. A questão agora é saber por quem serão realizados os testes definitivos. Se o arcebispo de Turim concordar, o homem indicado provavelmente seja Walter McCrone, de Chicago, um especialista em microanálise. Quatro anos atrás ele demoliu brilhantemente a autenticidade do mapa de Vinland, que se supunha apresentar o Novo Mundo e ser anterior à descoberta de Colombo. E, enquanto se espera por essa providência, somente é possível especular sobre que espécie de fenômeno teria criado a imagem do Sudário, afetando apenas a superfície do linho. Muitos supõem que a mudança física do corpo de Jesus na Ressurreição possa haver liberado uma breve e violenta radiação, diferente do calor, identificável ou não por meios científicos. Alusões a tal fenômeno são fornecidas pela narrativa da Transfiguração (Mateus, 17, 1-9) e pelo efeito cegante em Paulo (Atos dos Apóstolos, 9, 3-9). Existe, assim, a extraordinária possibilidade de que ainda em nossa era o Sudário proporcione uma evidência material da vida de Jesus e de sua Paixão. ●

SUNDAY TIMES

O aparecimento da imagem segundo uma pintura do século XVI

# *FÉRIAS ALÉM DO QUE VOCÊ ESPERAVA.*

## Com as tarifas especiais Ultra Holiday

Agora, para grupos de vinte pessoas, voar para Nova Iorque, Miami, Los Angeles e São Francisco ficou muito mais barato. Embarque.

Você paga muito menos e ainda aproveita o conforto que os nossos vôos Ultra Space oferecem.

Amplos interiores com assentos dois a dois em poltronas de couro na Classe Econômica, tendo ao meio um assento móvel que, quando não está ocupado, transforma-se em mesa.

Cinema, música estereofônica (o uso dos fones individuais na Classe Econômica está sujeito às tarifas fixadas pela IATA ) e cardápios recomendados por "chefs" internacionais.

Embarque conosco.

## Para Los Angeles por somente US$ 880.00

Embarque. Venha para a Califórnia.

Chegue até Los Angeles, o centro mundial de diversões.

A Disneylândia, que merece no mínimo um dia, ou dois.

A Meca do cinema. Os estúdios da Paramount e da Warner Brothers.

E de Los Angeles você tem ainda a opção de ir ao Oriente com tarifas também reduzidas.

## Para Miami por apenas US$ 676.00

Miami é o ponto de partida para uma viagem ao encontro do sol e do sonho.

Disneyworld. Seaquarium, Cypress Gardens. Um mundo de encantamento para qualquer idade.

Cabo Canaveral, a presença viva do futuro.

Palm Beach e todas as praias sofisticadas.

Embarque para a Flórida.

## Para Nova Iorque por somente US$ 767.00

A capital do mundo espera por você.

Um conjunto das mais importantes obras de arte dos nossos tempos no Museu de Arte Moderna.

Cinemas, teatros, concertos, óperas, balés. Tudo. É só escolher e programar.

O som do Village e o "footing" e as compras na Quinta Avenida.

E à noite, depois de um belo jantar, quem sabe o Studio 54?

## Para São Francisco por apenas US$ 928.00

Isso. Embarque para a Califórnia.

Sinta o charme no ar. Agora é São Francisco, dos melhores restaurantes do mundo, da exótica Chinatown, dos supermercado de discos, dos músicos, pintores e poetas fazendo das ruas o seu palco.

São Francisco é especial. Até do outro lado da Golden Gate, em Sausalito, que vale a pena.

Consulte seu Agente de Viagens ou a Braniff.

Gostaria de obter maiores informações e detalhes sobre as Tarifas Especiais Ultra Holiday da Braniff

☐ Miami ☐ New York ☐ Los Angeles/San Francisco

Nome ____________

End. ____________

Tel. ________ Cidade ________

Estado ________ CEP ________

*Estados Unidos Continental - Alasca - Havaí - México - América do Sul - Europa.*

# BAIXE O CUSTO DA GASOLINA. CHEGOU ARCOGRAPHITE.

egou o óleo que vai fazer
cê economizar gasolina de
rdade.
RCOgraphite, o novo e
volucionário óleo
brificante exclusivo da
lantic.
RCOgraphite é uma
mbinação de dois
derosos lubrificantes:
afite e óleo mineral
emium.
RCOgraphite diminui
bstancialmente o atrito
tre as partes móveis do
otor, aumentando o
ndimento e economizando
é 8,7% de gasolina.
RCOgraphite reduz o atrito
rque a grafite em
spensão no óleo penetra
s microrranhuras e sulcos
s peças móveis do motor,
rmando uma película
otetora.
motor trabalha fácil e muito
ais macio, com melhor
roveitamento da energia
rada pela combustão da
solina. Isso resulta
maior rendimento do seu
rro e menor desgaste do
otor. E, consequentemente,
economia de verdade
ra você.

**ARCOgraphite FAZ BAIXAR O CONSUMO DE GASOLINA EM ATÉ 8,7%**

A economia de até 8,7% é o resultado de avaliação estatística de um teste realizado nos Estados Unidos com uma frota de veículos, que percorreram 480 000 quilômetros em cidades e estradas.

Os resultados desse teste mostraram uma economia de gasolina que variava de 1% a 8,7%, sendo a média 4,8%. Esta variação nas vantagens obtidas depende dos hábitos de dirigir do motorista, do tipo do automóvel e do motor oil usado anteriormente.

Os benefícios máximos são alcançados após formada a película de grafite no motor, o que geralmente acontece com 800 quilômetros de uso.

**ARCOgraphite BAIXA O CUSTO DA MANUTENÇÃO**

A ação protetora de ARCOgraphite e a diminuição do atrito reduzem o desgaste do motor em até 45%.

O motor do seu carro vai durar muito mais tempo com menos gastos em manutenção.

**ARCOgraphite BAIXA A POLUIÇÃO SONORA**

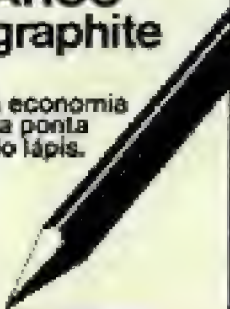
A maior fonte de ruído de um carro é o motor. Reduzindo-se o atrito entre as peças móveis, reduz-se o ruído.

Com ARCOgraphite você diminui bastante a poluição sonora produzida pelo seu carro.

**ECONOMIA EM DINHEIRO VIVO**
**Veja o seu lucro em cada 10 000 quilômetros usando ARCOgraphite**

| | Carro pequeno | Carro grande |
|---|---|---|
| onsumo de gasolina | 10 km p/ litro | 5 km p/ litro |
| onsumo de gasolina m cada 10 000 km | 1 000 litros | 2 000 litros |
| conomia de gasolina té 8,7% | 87 litros | 174 litros |
| uilômetros adicionais | 870 km | 870 km |
| Multiplique os litros economizados pelo preço da gasolina | | |

Mude hoje mesmo
para ARCOgraphite
nos postos Atlantic.

FOTOS PEDRO MARTINELLI

Praça de São Pedro: o povo festeja o início do novo pontificado

# Impondo um estilo

*Simples, confiante, alegre. Assim o papa quer viver seu pontificado*

João Paulo I é papa da Igreja Católica desde o momento em que, sob o peso da maioria dos votos do Conclave, declarou aceitar o resultado da eleição. Mas foi a missa solene rezada no átrio da Basílica de São Pedro, no domingo, dia 3, que marcou o início de seu pontificado. A semana passada foi, portanto, a primeira em que o novo papa pôde entregar-se à rotina administrativa da Igreja, impondo também seu próprio estilo. Na segunda-feira, recebeu as delegações estrangeiras que compareceram à missa do início do pontificado. A cada soberano ou chefe de Estado, João Paulo I concedeu 10 minutos, com exceção do vice-presidente americano, Walter Mondale, brindado com meia hora. Ainda na segunda-feira, fez uma de suas primeiras nomeações, confiando a presidência do Conselho Pontifício Cor Unum, que coordena as atividades caritativas da Igreja, ao cardeal Bernardin Gantin, também presidente da Comissão Justitia et Pax. A rotina, porém, se interrompeu bruscamente na manhã de terça-feira. João Paulo I recebia ainda as delegações religiosas que acorreram a Roma para festejar sua eleição, quando um dos visitantes, o bispo metropolita ortodoxo russo, monsenhor Nikodim, de 48 anos, morreu de enfarte, praticamente nos braços do papa. Na quarta-feira, a primeira audiência coletiva no novo auditório do Vaticano veio confirmar a imagem que João Paulo I vai consolidando de papa bem-humorado e disposto a se expressar de maneira "simples, clara e confiante" — uma linguagem direta a que ele mesmo havia se proposto como a melhor forma de abordar os grandes problemas da Igreja e do mundo.

Falando de improviso, como se estivesse dialogando com a platéia de 1 500 pessoas, o papa prestou primeiro uma homenagem à memória de Paulo VI e, depois, chamou um dos coroinhas presentes ao palco para conversarem a respeito da solidariedade familiar e da caridade cristã. "Quando você está doente, quem é que lhe dá a sopa, os remédios? Não é a mamãe? E quando a mamãe ficar velha, doente numa cama, quem lhe levará leite e remédios?" A resposta do menino — "Eu e meus irmãos" — provocou a aprovação entusiástica do papa e aplausos da platéia.

João Paulo I: a missa solene

BASTIDORES — Após a eleição e a posse de João Paulo I, as atenções da opinião pública mundial se voltam na-

FOTOS PEDRO MARTINELLI

Felici (de vermelho): anunciando o resultado pelo qual trabalhou

turalmente para seus primeiros passos em busca de um indício do que será seu pontificado. Mas ainda resta, para todos, a surpresa pela rapidíssima eleição do cardeal Albino Luciani, um nome quase nada cotado nas especulações que dominavam os dias anteriores ao conclave. Sabe-se que as eleições papais são cercadas por intenso trabalho de bastidores entre os cardeais. Como esse processo se deu no caso da escolha de Luciani? Várias inconfidências foram feitas pelos cardeais presentes ao conclave. Mas nada se assemelha ao pormenorizado relato do padre Francis Murphy, um sacerdote redentorista especializado em política vaticana, à revista americana *Newsweek*.

O falecimento de Paulo VI provocou imediata movimentação entre os dirigentes conservadores da Cúria Romana, diz Murphy. Retornando apressadamente de suas férias na Espanha, o cardeal Pericle Felici, líder do bloco mais intransigente da Cúria, tratou de telefonar logo a diversos de seus colegas para sugerir uma estratégia a ser seguida na eleição do futuro papa. Eles deviam, teria argumentado Felici, convencer o maior número possível de cardeais de que apenas um membro leal da Cúria — e um homem que eles próprios pudessem controlar — seria capaz de impor ordem à Igreja e adotar uma posição resoluta contra o marxismo.

Este argumento deveria convencer não só os cardeais conservadores de influência — como Stefan Wyszynski, da Polônia, Juan Carlos Aramburu, da Argentina, e Owen McCann, da África do Sul — mas deveria também sensibilizar os tradicionalistas das Américas, como John Carberry, dos Estados Unidos. Além disso, o apelo à votação em um dignitário "leal" se destinava a minar o apoio que poderia ser dado a dois outros candidatos da Cúria — Sebastiano Baggio, considerado pelos conservadores como carreirista orgulhoso e não-manipulável, e Sergio Pignedoli, para eles liberal demais e pouco inteligente.

PELO TELEFONE — Mas os cardeais do Terceiro Mundo também manobravam, conta Murphy, sugerindo a eleição de um papa não-italiano — uma idéia defendida ainda pelo cardeal Franz König, de Viena, e outros liberais europeus. O cardeal Terence Cooke, de Nova York, afirmava por seu lado que o futuro papa deveria ser um cardeal que compreendesse a Igreja do Terceiro Mundo. Surgia, assim, a possi-

Dom Aloísio: votado por Luciani

# Tenha bons momentos diante de uma estante Vogue.

*Tudo aquilo que você guarda com carinho - lembranças de viagens felizes, coleções valiosas, os cristais ganhos no casamento e que já brindaram tantas datas memoráveis - acomodam-se com segurança e destaque numa estante modulada Vogue, protegidos por lindas portas de acrílico, com luz embutida e prateleiras de cristal temperado.*

*O equipamento de som que proporciona horas repousantes ou festivas, está ali, no lugar determinado pelo seu bom gosto, ou junto ao bar, com aquela porta deslizante que convida para mais um drink.*

*Procure um revendedor Vogue. Junto com ele você vai criar um móvel genial para acompanhar todos os seus bons momentos. Com personalidade.*

MODULADOS VOGUE

*Presença marcante em qualquer ambiente.*

bilidade de que um não-italiano pudesse ser eleito. Em pânico, os cardeais da Cúria tiveram de alterar sua política. Muitos ainda insistiam no nome do ultraconservador Giuseppe Siri, arcebispo de Gênova. O cardeal Felici e vários outros se voltaram, porém, rapidamente para Luciani, como nome alternativo mais elegível.

Outro cardeal de enorme influência entre seus pares, o arcebispo de Florença Giovanni Benelli, aprovou a idéia. E, por meio de ininterruptos telefonemas, começou a trabalhar por Luciani junto aos cardeais eleitores. Aos conservadores que chamou ao telefone, agora como importante cabo eleitoral, Benelli destacou a firme posição de Luciani contra o comunismo na Itália, sua defesa das posições da Igreja contra o divórcio e o aborto, e por fim sua teologia tradicionalista. Aos eleitores do Terceiro Mundo, ele enfatizou o passado do arcebispo de Veneza, um homem originário da classe operária e com genuína preocupação pelos pobres.

A VITÓRIA — Entre os progressistas, afirma Murphy, Luciani era conhecido principalmente pelos elogios que lhe faziam dois outros eleitores influentes, eles próprios mencionados como *papabili* — o cardeal brasileiro Aloísio Lorscheider e o holandês Johannes Willebrands. Mas, apesar das simpatias crescentes pelo arcebispo de Veneza, o conclave começou sem um candidato que se impusesse decisivamente. Com efeito, a primeira votação, na manhã de sábado, 26 de agosto, deu 25 votos ao ultraconservador Giuseppe Siri, 23 a Luciani, 18 a Pignedoli, 9 a Baggio, 8 a König e 5 a Bertoli, também da Cúria. O argentino Eduardo Pironio teve 4 votos. Felici e o brasileiro Lorscheider, 2 votos cada. E os restantes se distribuíram entre cardeais com apenas 1 voto.

Numa eleição papal a obtenção de alguma vantagem na primeira votação não é garantia de vitória. Siri havia conseguido tantos votos quantos tinha possibilidade de reunir, concluíram os conservadores que o preferiam. E se voltaram para Luciani, temendo uma ascensão de Baggio ou Pignedoli na segunda votação. Era mais uma ala forte ao lado do arcebispo de Veneza. Na segunda votação, ele recebeu 56 votos — 19 a menos do que precisava para atingir os necessários dois terços mais um do colégio eleitoral. Pignedoli caiu para 15; Lorscheider subiu para 12; Baggio ficou com 10; Felici 8. As preferências se cristalizavam.

Os cardeais realizaram a última votação no fim da tarde. Noventa votos sagraram Luciani, favorecido por uma quase imediata — e pouco comum — convergência da esquerda e direita eclesiásticas. Pignedoli ainda obteve 17. Aloísio Lorscheider agora recebeu 1 voto — talvez tão significativo quanto os 12 anteriores, por ter sido conferido pelo próprio Luciani. E que pode ser considerado como uma manifestação de apreço do papa pelo trabalho de dom Aloísio na presidência da Conferência Episcopal Latino-Americana — Celam — e por sua importante atuação no último Sínodo, realizado em Roma no ano passado. •

Benelli: um bom cabo eleitoral

FOTOS PEDRO MARTINELLI

Baggio: um papabile temido

# Receita: Brasil. Um documento histórico que você pode transformar em livro.

## Encomende desde já esta capa de couro para o seu livro.

A partir desta edição, a sua revista Veja está lhe oferecendo artigos de um grande projeto editorial - "RECEITA: BRASIL"

Em 8 semanas, você participa de um debate amplo e livre com os mais atuantes brasileiros sobre os rumos do nosso país na próxima década.

Destaque os artigos da revista e forme um livro importante de 192 páginas.

A capa para seu livro, você pode encomendar já. Ela é confeccionada em couro especial para encadernação, com acabamento esmerado e gravação a ouro.

Aproveite agora a oportunidade de receber esta capa em sua casa por apenas Cr$ 50,00. Basta preencher e nos enviar o cupom abaixo.

## Estes são os temas dos artigos:

- Política
- Economia
- Sociologia
- Desenvolvimento
- Política Externa
- Segurança Nacional
- Cultura
- Educação
- Agricultura
- Transportes
- Energia
- Cidades
- Mundo

## Estes são alguns dos autores:

- Ulysses Guimarães
- Jarbas Passarinho
- Florestan Fernandes
- Raymundo Faoro
- Claudio Bardella
- Ferreira Gullar
- Darcy Ribeiro
- Zeferino Vaz
- Azeredo da Silveira
- Celso Lafer
- Carlos Geraldo Langoni
- Severo Gomes
- Reis Velloso
- Alysson Paulinelli
- Helio Beltrão

E muitos outros.

### INSTRUÇÕES

1) Preencha todos os dados solicitados à máquina ou em letra de forma.
2) Recorte o cupom e anexe um cheque no valor de Cr$ 50,00, nominal a Editora Abril Ltda. (anote no cupom o número do cheque e o respectivo banco - seu cheque é o comprovante de seu pagamento).
3) Coloque o cupom e o cheque em um envelope endereçado a:
   ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL
   Divisão de Marketing Direto
   Caixa Postal 11.830
   CEP 01000 - São Paulo, SP
4) Faça isso hoje mesmo para receber a sua capa o mais breve possível.

### ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPOM

**Receita: Brasil.** veja

**SIM** quero receber no endereço abaixo, por apenas Cr$ 50,00, a capa especialmente confeccionada para encadernar os artigos de "RECEITA: BRASIL."

Anexo cheque nominal a Editora Abril Ltda., no valor de Cr$ 50,00.

Nº do cheque .................. Banco ..................

Nome ..................

Endereço ..................

Bairro .................. CEP..................

Cidade .................. Estado..................

Data...../...../.....

Caso você não queira rasurar a revista, envie os dados em folha separada.

# Um riso de combate

*Henfil põe no palco suas criaturas para enfrentar o medo e a paranóia que assolam milhões de brasileiros, inclusive o autor*

Era só uma questão de tempo. Mais dia, menos dia, as personagens de Henfil tinham mesmo que chegar ao palco. Como, estrepitosamente, acabaram chegando sexta-feira retrasada ao Teatro Galpão da capital paulista, na REVISTA DO HENFIL, em produção de Ruth Escobar, direção de Ademar Guerra, texto de Oswaldo Mendes — e, naturalmente, do próprio Henfil.

Durante alguns dias, entretanto, chegou-se a recear que nem haveria estréia — ou então que as personagens entrariam em cena um tanto machucadas em sua integridade, já que entre Ruth Escobar e a Censura sucediam-se as escaramuças. Afinal, alcançou-se o entendimento e as criaturas de Henfil chegaram ao público sem nenhum arranhão. O texto, também — descontada, é claro, a cautelosa troca da expressão "presidente Geisel" por apenas "presidente".

Uma vez instaladas no palco, tudo indica que as personagens de Henfil lá deverão permanecer bastante tempo: desde a estréia, a platéia do Galpão tem estado lotada e os aplausos, muitas vezes até em cena aberta, são entusiásticos.

Sem dúvida, trata-se de um humor amargo, por vezes negro. Por certo, Henfil é brincalhão, irrequieto, comunicativo, como, dias antes de estrear a "Revista", comprovavam suas aparições pela TV em São Paulo. Desde a infância, entretanto, sua formação foi pontilhada por incidentes um tanto sombrios.

**PRESÍDIO E FUNERÁRIA** — Nascido em 1944 na cidade mineira de Nossa Senhora do Ribeirão das Neves, Henrique de Souza Filho teve seu primeiro contato com a realidade em um meio nada estimulante: dentro dos muros de uma prisão. Explica-se. Versátil, o senhor Henrique de Souza pai costumava exercer variadas atividades. Entre outras coisas, fora tropeiro, barranqueiro do Rio São Francisco, dono de padaria, até mesmo prefeito. E quando nasceu Henrique Filho, ocorreu que Henrique pai ocupava precisamente o cargo de diretor da Penitenciária Agrícola de Neves. Ele e dona Maria Conceição, a mãe de Henfil, tiveram dezesseis filhos: oito morreram. E todos os seis filhos homens (além de Henfil, apenas dois sobrevivem) nasceram hemofílicos.

Quando o futuro desenhista completou 2 anos, a família mudou-se para Belo Horizonte, bairro de Santa Ifigênia, onde se concentrava a zona hospitalar da cidade. E foi entre os hospitais da Lepra, da Tuberculose, do Mal de Chagas, o matadouro local, duas favelas e uma agência funerária, da qual o pai havia se tornado gerente, que cresceu o menino Henfil.

Embora tivesse apenas três quartos, a casa dos Souza abrigava, além da família e da velha empregada, visitas eventuais e famílias inteiras de imigrantes nordestinos que aguardavam vaga num dos hospitais. "Foi nessa época que começou a surgir em mim um grande sentimento de solidariedade para com toda essa gente", contou Henfil a VEJA. Em meio ao desfile dos tuberculosos e cancerosos que se movimentavam pela redondeza, e às brigas entre quadrilhas das favelas, Henfil e sua turma divertiam-se brincando de "esconde-esconde" nos caixões da funerária — ou aproveitando uma carona no carro fúnebre quando este conduzia os mortos dos hospitais ao cemitério.

FOTOS RUTH TOLEDO

Henfil (com Pereio): criando em equipe

**TRÊS CAPETAS** — Em casa, Henfil e irmãos viviam divididos entre os pitos da mãe, dona Conceição — que ao menor deslize os ameaçava com o Capeta e o fogo do inferno —, e a liberalidade do pai, que mantinha convívio intenso com políticos e intelectuais.

"Creio que foi aí que surgiu a vontade de brincar com o 'medo de comunista' que se tornaria o segundo Capeta de minha vida", recorda Henfil. O terceiro Capeta, como admite, seria sua paixão por pés femininos.

É que um dia, deitado na cama de sua mãe, ruminando as dolorosas conseqüências de uma dose de óleo de fígado de bacalhau, o garoto bateu os olhos numa imagem de Nossa

**A "Revista do Henfil": uma inspirada combinação de deboche político com as angústias do povo brasileiro**

Senhora esmagando com os pés uma serpente que representava o demônio. "Foi um alívio ficar olhando para aqueles pés protetores", lembra ele. E a experiência foi definitiva: "Hoje, depois de anos de autotreinamento, sou capaz de conhecer as mulheres perfeitamente pelos pés."

Esboçados ainda na infância, os primeiros desenhos de Henfil eram reproduções de missas ou cerimônias religiosas. Com eles, o menino se exibia nas reuniões familiares e tentava compensar as notas baixas da escola, pois o fato é que não gostava muito de estudar: reprovado sete vezes no ginásio, já era homem feito ao cursar a terceira série.

Mas nem por isso deixava de acompanhar o irmão mais velho, Herbert, estudante de Sociologia, e os colegas nas atividades de universitário. "Todo dia ia com meu irmão à faculdade. Freqüentava as aulas sem entender nada, assistia a todas as reuniões políticas, comia no refeitório do Centro Acadêmico e participava ativamente das eleições, ilustrando os cartazes da campanha com meus desenhos." Essa convivência com líderes estudantis, assegura Henfil, se mostraria no futuro muito mais valiosa que qualquer diploma superior (ele largou o curso de Sociologia depois de dois meses).

CENAS PORNOGRÁFICAS — O primeiro emprego veio aos 20 anos: revisor da revista *Alterosa*, do atual senador Magalhães Pinto. Então, de uma maneira que dona Conceição certamente não teria aprovado, patenteou-se o impacto do traço de Henfil. Um pouco para ganhar a simpatia dos operários da gráfica, um pouco por distração, Henfil passava horas desenhando cenas pornográficas que eram avidamente disputadas. Um dia, algumas dessas obras caíram na mão do diretor da revista, que chamou o autor a sua sala. Henfil esperava ser despedido — em vez disso, ganhou duas páginas mensais para ilustrar. Começou aí, em 1964, a carreira do cartunista — ou, como ele prefere, do jornalista Henfil.

As primeiras personagens que criou foram os dois fradinhos — Baixim e Cumprido —, inspirados em dois autênticos religiosos dominicanos, muito amigos do desenhista, que por aquela época já perdera decididamente o medo do inferno. No começo a dupla tinha características semelhantes — apenas duas figuras brincalhonas que repetiam no papel as estripulias do autor. Atualmente, Henfil gosta de explicar o Fradim Baixim por oposição a uma outra personagem, criada bem mais tarde, o paranóico Ubaldo: "Enquanto o Ubaldo é a denúncia do medo que existe em cada um de nós, o Baixim, com sua agressividade, é a reação a esse medo. Através de sua irreverência, ele contesta e desmoraliza uma série de valores repressivos, da família ao Estado. Criando primeiro o Baixim, comecei pelo fim: o Ubaldo é o começo de um processo; o Baixim é seu final".

DEBAIXO DA SAIA — Novas personagens surgiram em 1967, quando levado para o *Jornal dos Sports*, no Rio, por Jofre Rodrigues (filho do teatrólogo Nelson). Henfil criou várias figuras ligadas ao futebol. Entre outros, nasceram o Urubu, símbolo da torcida do Flamengo, o Bacalhau (Vasco), Pó de Arroz (Fluminense) e Cri-Cri (Botafogo). "Eu jamais gostei de futebol", diz ele. "Então assistia às partidas de costas, concentrando-me na torcida." Com o tempo, as histórias que criou durante cinco anos para esse jornal já procuravam ir além da simples graça. Henfil inventava brigas diárias e ferrenhas entre as torcidas dos clubes de elite e de massa. "Era essa a maneira de eu passar alguma coisa naquela época", diz ele. "Através de um jornal eminentemente popular, creio que conseguia sugerir quase uma luta de classes". Mais tarde, quando a AERP começou a usar o time do Flamengo para popularizar a imagem do então presidente Medici, Henfil extinguiu o Urubu.

A partir de 1969, com o recém-nascido *O Pasquim*, surgiram os moradores da caatinga — a Graúna, o Bode Orelana, Zeferino — trio que, juntamente com Ubaldo, protagoniza a "Revista do Henfil" e mais o Caboco Mamadô, o Tamanduá, Xabu o Provocador, e dezenas de outros. De dois anos para cá, in-

fluenciado principalmente por Millôr Fernandes ("com quem aprendi que se deve ler de tudo, de horóscopo a receita culinária, para ter material com que trabalhar"), Henfil deu um passo além de sua condição de desenhista, e valendo-se de cartas, endereçadas a sua mãe, passou a satirizar de forma incisiva a realidade política do país. Com um sorriso meio matreiro, ele argumenta: "Escondendo-se debaixo da saia da mãe fica muito mais seguro dizer as coisas".

**VIVENDO DE RABISCOS** — Nem tanto — pelo menos, assim pensa a própria dona Conceição, que em seu apartamento nas Laranjeiras, Rio de Janeiro, muitas vezes se assusta com as cartas que recebe pela revista *Isto É*. Nessas ocasiões, não tarda um interurbano para a cidade onde estiver Henfil: "Henriquinho, você está se excedendo, meu filho", adverte ela temerosa. "Mas ele ri, me acalma e fica tudo bem", comenta dona Conceição com o risinho finório que parece marca registrada da família.

Na verdade, desde criança, antes de se tornar Henfil, o Henriquinho já costumava surpreender dona Conceição. Orgulhosa, ela recorda que ele fazia rabiscos engraçados na escola, "mas coisas ingênuas que não me traziam tanta preocupação como agora". Gente grande, Henriquinho haveria de se tornar padre, pensava ela. Mas que nada. Depois, tanto ele se punha a falar de sociologia em casa e se debruçava sobre os livros, que dona Conceição ganhou a certeza de que teria mais um cientista social na família (uma das filhas, Maria da Glória, e o mais velho dos filhos homens, Herbert, este exilado no Canadá desde 1964, são sociólogos). E não é que ele adotou o pseudônimo de Henfil, virou humorista profissional e passou a viver de seus rabiscos?

Em todo caso, dona Conceição resolveu "esperar para ver no que dava". Quando começaram a sair no *Pasquim* as cartas do filho, ela achou engraçado, deixou-o continuar e, mais tarde, concordou até com a idéia de mandar seu retrato para sair publicado junto com a "Carta à Mãe" da *Isto É*. "Agora, quando saio de casa, tem muita gente que me reconhece e me olha ressabiada. Mas para mim não mudou nada."

Os outros filhos, entretanto, julgam que dona Maria ainda não se habituou inteiramente ao fato de ser a "avó do Fradinho". "Ela é uma pessoa muito simples e a gente percebe que fica assustada com toda essa confusão", explicou Filomena, a mais moça das filhas, à repórter Lúcia Rito de VEJA.

**A VIRGEM E O BAIXIM** — De qualquer modo, os filhos reconhecem que dona Conceição progrediu bastante em relação à severa senhora que vivia lhes passando pitos. Aos 72 anos (aparenta bem menos), viúva desde 1960, a mãe de Henfil continua indo à missa todos os domingos e julga que os jovens atualmente têm liberdade demais. Mas declara-se admiradora de Dom Hélder Câmara ("Ele tem uns pensamentos tão bonitos"), vibrou com as "Cartas da Prisão" de Frei Beto ("Como sofreu o coitadinho!") e todos os dias lê os jornais, "para ficar bem informada". Das personagens criadas pelo filho, só faz restrições mesmo a Ubaldo: "Nesse não acho graça nenhuma. Acho que é porque não entendo o que diz". Mas declara-se fã incondicional do Fradim Baixim. No apartamento de dona Conceição, aliás, em pacífica convivência com um grande poster da Virgem Maria, encontram-se vários "baixins" na irreverente atitude do "top-top". E a personagem, sem dúvida, tornou-se a mais popular criação de Henfil — tanto que tem até uma revista periódica com seu nome.

FILÓ

Henfil e sua mãe: uma fã do Baixim

**"SICK"** — Não se pense, entretanto, que o entusiasmo pelo Baixim é um fato universal. Há quem o julgue simplesmente execrável, como boa parte dos leitores americanos de sua tira, que o repudiaram sob a acusação de "*sick*" ("doente"). Isso aconteceu em 1973, quando Henfil foi aos Estados Unidos para se submeter a tratamento da hemofilia, e aproveitou a oportunidade para assinar um contrato de quinze anos com a United Press Sindicated, uma distribuidora internacional de cartuns. De início, um sucesso fulminante. Depois de um mês de veiculação em dez jornais americanos e canadenses, contudo, os fradinhos, rebatizados *"The Little Monks"*, tiveram de sair de circulação: o público americano simplesmente os engoliu. A prova veio quando um jornal de Salt Lake City resolveu fazer uma pesquisa entre seus leitores para saber o que pensavam do Fradim. "Vieram 400 cartas contra e só 4 a favor", admite o conformado Henfil.

Segundo ele, para que os Fradinhos continuassem, seria preciso dar-lhes características mais aceitáveis ao gosto estadunidense. O desenhista recusou, recebeu seis meses de indenização e o contrato acabou suspenso. "Foi uma típica reação deles contra a cultura latino-americana", desabafa Henfil.

**TRABALHO DE EQUIPE** — Em 1975, depois de quase dois anos nos Estados Unidos, Henfil voltou e mudou-se para Natal, em busca de inspiração para suas personagens nordestinas. Inútil esforço: "Para minha decepção, verifiquei que o Zeferino, a Graúna e o Orelana haviam sido soterrados pelo 'Padrão Global' da TV. Acabaram as conversas de rua e o cheiro de pão fresco. Chegou o 'plim-plim' e agora fica todo mundo vendo novela". Por isso, Henfil acha inevitável ter se fixado em São Paulo, onde está há três meses: "Aqui, pelo menos, as coisas funcionam. É o único lugar do Brasil que está em 1978".

Casado e descasado duas vezes, com um filho de 8 anos do primeiro casamento, livre de preocupações financeiras ("Não sei exatamente quanto ganho por mês, mas é mais do que 100 operários"), Henfil instalou-se sozinho num vasto apartamento de andar inteiro em Higienópolis, que permanece praticamente vazio. Mas, se depender de seu solitário ocupante, em breve todo esse espaço estará fervilhando de atividade: estreada a "Revista", Henfil pretende iniciar uma série de desenhos animados para cinema e TV, sempre em trabalho de grupo. "E será aqui, nesse ▶

# Uma por todas, todas por uma.

Existem Peças Genuínas GM e peças muito parecidas com as genuínas GM. A diferença, muitas vezes você não vê.

Mas o laboratório de inspeção da GM vê. E vê através de equipamentos sofisticadíssimos.

O resultado dessa inspeção é rigoroso. Peça que não serve: fora ! Ela jamais vai entrar num veículo da linha Chevrolet.

Por isso, na hora de repor qualquer peça do seu Chevrolet, não admita que passem para você aquilo que não passou pela GM.

Exija Peças Genuínas GM. Aquelas que foram aprovadas nos testes da GM para funcionarem como um conjunto perfeito, dentro do seu Chevrolet. E que são vendidas em embalagens com a marca GM.

Fora delas, você estará usando peça que o seu Chevrolet, mais cedo ou mais tarde, vai rejeitar. Exatamente como a GM faz.

imenso apartamento, que iremos nos reunir e trabalhar. Chega de trabalhar sozinho. Com isso eu ficava cada vez mais me distanciando das pessoas de que gosto." Nesse sentido, a experiência de trabalho comum da "Revista do Henfil" revelou-se inspiradora. Mesmo que, no início, cada um dos participantes da equipe parecesse estar seguindo por caminhos diferentes.

"TIJUANA BRASS" — De fato, em sua primeira concepção, com o título de "Revista Relativa", o espetáculo seguia um roteiro de Fauzi Arap, que deveria também dirigi-lo. "Fui eu que dei a idéia de montar um espetáculo com as personagens de Henfil a Ruth Escobar", conta Fauzi. No entanto, o meticuloso Fauzi, conhecido pela mania de ensaiar horas a fio uma cena de poucos minutos, jamais chegou a engrenar com a esfuziante Ruth Escobar. "Ela gosta de transar 30, 40 coisas ao mesmo tempo e ao tentar assumir o seu estilo de trabalho percebi que estava me violentando", explica Fauzi. Assim, há apenas dois meses, Fauzi decidiu que não dirigiria mais o espetáculo. Sem o Fauzi-diretor, Ruth & Henfil acharam que não valia a pena continuar só com o Fauzi-adaptador e convocaram Oswaldo Mendes (editor-chefe do jornal *Última Hora* e teatrólogo bissexto) para escrever o roteiro e Ademar Guerra para dirigi-lo. "Gostava do texto de Fauzi", explica Ruth, "tanto que insisti para que ele ficasse. Mas acho que afinal saímos ganhando com a troca. O roteiro de Fauzi era muito europeu, muito sofisticado, e o atual é bem mais aberto e popular."

RUTH TOLEDO

Na peça, a trinca dos cartuns

Sem fazer comparações entre as duas versões ("Não sei por que Fauzi deixou a montagem"), Henfil, de qualquer forma, está exultante com o resultado: "Todo mundo criou em cima das minhas historinhas — o diretor, o cenógrafo Marcos Flaksman, o diretor musical Cláudio Petraglia, e até o mais modesto dos atores".

E o ponto crucial de tanta colaboração harmoniosa, segundo Henfil, está na carta ao público que encerra o espetáculo. Ele a escreveu a pedido do diretor Ademar Guerra, que na fase final de ensaios lhe disse: "Em todos os textos estou com a tua inteligência e a tua coragem. Falta o teu coração". Henfil concordou: "Aí me coloquei inteiro nessa carta, com todos os meus medos e problemas. Foi muito bonito e muito bom". E, daqui para a frente, Henfil acalenta planos mirabolantes: "Ainda vou juntar outro bando e sair todo dia à mesma hora com um ônibus pela avenida São João carregando uma enorme orquestra tipo Tijuana Brass. Aí todo mundo vai parar de trabalhar pra se divertir com a gente". CARMEM CAGNO

## Ficou faltando só mesmo o traço de Henfil

Já nos seus quadrinhos de origem, as criaturas de Henfil têm tudo que se pode esperar de uma boa personagem teatral — uma virtude que só ajuda a REVISTA DO HENFIL. Com elas, nada de rodeios: ficamos sabendo logo o pouco que querem, o muito que receiam, principalmente tudo aquilo que conspira contra suas modestas pretensões. Expressivas, são personagens que explodem de energia — mesmo quando, como no caso de Ubaldo, trata-se de uma peculiar forma de energia negativa. Por fim, são divertidíssimas — se bem que às vezes de tão negro humor que o efeito chega a ser oposto ao que o autor pretendia.

Numa breve cena, por exemplo, Ubaldo (Sérgio Ropperto) enrola no corpo um fio elétrico, cai em convulsões e depois explica satisfeito: "Melhorei. Já consigo agüentar 3 minutos de choque". Se eu vivesse na Escandinávia, com toda certeza acharia graça nesse quadro de aberração mental a que pode ser arrastado um indivíduo. Como brasileiro, acho mais graça ainda — mas ao mesmo tempo sinto-me mal ao constatar que os padecimentos de tantos concidadãos sejam aproveitados para fazer humor.

Restrições deste tipo, contudo, quase são olvidáveis diante da vitalidade do espetáculo, combinação de revista política a mais debochada com uma síntese das angústias brasileiras capaz de provocar um aperto na garganta.

No afinado espetáculo de Ademar Guerra, os pontos altos ficam com Sônia Mamede, Paulo César Pereio e Rafael de Carvalho, trio de intérpretes de diferente formação que se entrosa maravilhosamente em cena. Ex-vedete do rebolado, Sônia, como a Graúna, imediatamente arrebata a cumplicidade do espectador nas estripulias. Pereio, de longe o mais cínico dos atores brasileiros, encontra no Bode Orelana, devorador de livros, um veículo ideal para aprimorar seu sarcasmo. E o polivalente Rafael de Carvalho, cantor, folclorista, cômico de TV, mestre do improviso, é quem melhor consegue sugerir, pela malícia do olhar e preciosa mímica, a riqueza do traço nervoso de Henfil. Um ingrediente, que pena, impossível de se materializar no palco. Mas que, se derem certo os projetos de desenho animado de Henfil, logo haveremos de ter nas telas e no vídeo.

JAIRO ARCO E FLEXA

Cabernet Franc
Forestier
VINHO TINTO DE MESA
FUNDADA
1750
MAISON FORESTIER
CONTEÚDO 720 ml

Fenícia Setembro 1978

# FINAME: todo mundo sabe o que é.

# Nem todo mundo sabe como é.

Quem vende máquinas e equipamentos nacionais costuma indicar o FINAME como o financiamento mais adequado para a aquisição desses bens.

E está certo.

Porque o FINAME foi criado e existe justamente para desenvolver este mercado.

Mas, na hora de calcular, as coisas não são tão simples assim.

Ou podem até ser, se o vendedor está disposto a realizar alguns cálculos básicos.

Como os que estão na fórmula no quadro ao lado.

Que é o caminho para se calcular o valor total do FINAME, incluindo os juros da carência e o valor das prestações.

O que, você vai concordar, não é tão simples assim.

A Fenícia está à disposição de qualquer empresa para dar completa assistência no momento de calcular e fazer o FINAME.

A Fenícia é especialista em FINAME.

Por isso, ela pode prestar toda a orientação necessária.

Desde indicar o caminho para o cadastramento dos equipamentos até dar palestras de treinamento sobre todas as modalidades de financiamento ao corpo de vendas da sua empresa, além de fornecer literatura técnica e, sob pedido, preparar planilhas completas de FINAME, Leasing ou CDC.

Fale com a Fenícia.

Você, com certeza, vai fornecer um argumento essencial para a sua equipe de vendas: as melhores formas de financiar seus produtos.

Sistemática de cálculo para operações de FINAME PEQUENA E MÉDIA EMPRESA

O FINAME PEQUENA E MÉDIA EMPRESA tem custo pré-fixado em 22% ao ano.
A operação FINAME tem duas fases: carência com pagamentos trimestrais e amortização com pagamentos mensais.

No período de carência, os juros são calculados pelo coeficiente assim obtido
$(\sqrt[4]{1,22} - 1) = 0,0509691$

Na amortização calcula-se o valor das prestações pelo Sistema Price. Ou seja
$\frac{(1+i)^n \cdot i}{(1+i)^n - 1}$ onde
$i = (\sqrt[12]{1,22} - 1) = 0,01670896$
O financiamento pode ser de até 80% do valor do equipamento

Exemplo: para um equipamento no valor de Cr$ 125 000,00, em 60 meses (18 de carência), o cálculo é o seguinte

- operação: 125 000,00 . 0,8 = 100 000,00
- prestações na carência: 0,0509691 . 100 000,00 = 5 096,91
- valor das prestações após a carência: n = 42 i = 0,01670896

$\frac{(1 + 0,01670896)^{42} \cdot 0,01670896}{(1 + 0,01670896)^{42} - 1} = 0,0333237$

100 000,00 . 0,0333237 = 3.332,37

Resultado: 6 prestações trimestrais de Cr$ 5 096,91 durante os primeiros 18 meses, mais 42 prestações mensais de Cr$ 3.332,37 após a carência

Podem realizar esta operação pessoas jurídicas sediadas no País, efetivamente controladas por capital nacional e que atendam cumulativamente aos seguintes requisitos:
a. Explorem atividades industriais.
b. Sejam as usuárias dos equipamentos
c. Estejam enquadradas na categoria de pequena ou média empresa: vendas, em 1977, no valor de até Cr$ 97 809 500,00 (este valor varia anualmente)
d. Não integrem grupo econômico com patrimônio líquido superior a 1.000 000 de ORTN

**Fenícia**

Rua Barão de Itapetininga, 163 - 3º
tel.: 258-3511 (P.A.B.X.)
CEP 01042 - São Paulo - SP
Telex - 011-24024
Filiais em: Rio de Janeiro - 221-0261; Salvador - 242-2047; Belo Horizonte - 222-2572; Curitiba - 33-5873; Recife - 224-2543; Porto Alegre.

WALTER FIRMO

Lúcia Lins: mentir na propaganda dá prazer

## Gente

Ela fica cinco horas chupando drops para fazer um filme de 30 segundos; toma café aguado com gelo de acrílico — e pronto, lá está na TV LÚCIA LINS, 25 anos, três filhos com o compositor Ivan Lins. Assim são feitos os anúncios das balas Kids e do uísque Mark One. A mais famosa modelo de anúncios atualmente — ganha de 20 000 a 40 000 cruzeiros por comercial — é loura de olhos verdes e rosto alvíssimo. Ela fala que os drops são *sophisticated*, deita-se com um aeronauta para tomar o uísque-café e não se arrepende: "De todas as mentiras que a gente faz, a propaganda é a que me dá mais prazer". Seu único protesto: "As agências estão usando música estrangeira nos anúncios. É um absurdo, temos coisas muito melhores".

EDITORA MONTEREY

Cármen: das colunas à literatura

Até agora se sabia que CÁRMEN MAYRINK VEIGA era figura obrigatória nas colunas sociais. Mas ela penetrou pela nobre senda da literatura e conseguiu que a Editora Monterey lançasse um livro de franceses seus amigos, "Alba, Casa Grande e Pecado", de Jack e Françoise Dall. O romance se passa no nordeste brasileiro no século passado. Cármen fez o prefácio, ou melhor, transcreveu cinqüenta linhas do livro e assinou embaixo. Antes de partir para a França sexta-feira última, Cármen comentou: "Na Europa, a onda agora é o romantismo. O homem se revoltou contra a violência do mundo".

A ex-primeira dama do Brasil, MARIA TERESA GOULART, 40 anos, viúva do presidente João Goulart, agora tem como trabalho escolher o melhor dançarino de discoteca, relacionar três coisas chatas e achar uma rima para "guarda-chuva". Ela é jurada do "Programa Flávio Cavalcanti", na TV Tupi, ao lado do frenético costureiro Denner, do ex-juiz de futebol Armando Marques e de veteranas manequins. Maria Teresa desmente que vá participar de novelas na Tupi e anuncia que logo lançará o livro "Portas Fechadas", sobre sua vida com Goulart. Faz com a filha cursinho para jornalismo. Em tempo: a rima que ela encontrou para "guarda-chuva" foi "viúva" — e o público aplaudiu entusiasmado.

WALTER FIRMO

Maria Teresa: rimando

Ator de filmes tão importantes na década passada como "Deus e o Diabo na Terra do Sol" e "Menino de Engenho", o baiano GERALDO DEL REY, 47 anos e vinte de carreira, é agora gerente de uma loja de aluguel de smokings e longos sofisticados. Na Fraque e Claque, no Jardim Paulista, em São Paulo, Del Rey se sente à vontade ajudando os fregueses a experimentar os trajes. Diz ele: "Não vejo nenhum problema, posso fazer muita coisa ao mesmo tempo. Entender de roupas, postura, boas maneiras, faz parte do trabalho de ator". Del Rey acaba de filmar "A Idade da Terra", sob a direção de Glauber Rocha e participa da novela "Roda de Fogo", na Rede Tupi. ●

RUTH TOLEDO

Geraldo del Rey: fazendo tudo ao mesmo tempo

PEDRO MARTINELLI

O telão Embracon-Telefunken: por 78 000 cruzeiros, uma tevê de 1 metro por 1 metro

## Vida Moderna

# Como será em 1985?

*A televisão do futuro está chegando; nela tudo é possível: reservar lugar no teatro, pedir receitas culinárias ou assistir um longplay*

Estamos em 1985. Num típico complexo de videocomunicações (antigamente conhecido como "lar"), no momento em que desaparecem na supertela de 2 metros e meio as últimas imagens do telejornal, o pai de família liga para o canal de cabotelevisão local e passa a assistir "Tubarão 4". Ninguém se queixa da escolha, pois todo mundo na casa está vendo o que bem entende em outros televisores. Assim, noutro cômodo, a dona-de-casa ligou seu videocassete, para acompanhar a gravação do capítulo de novela que perdera. Depois, ela verá um vídeo-teipe feito pelo marido sobre o último passeio turístico da família. No andar de cima, enquanto isso, a filha pôs no prato giratório um disco de plástico e seu televisor, acoplado a essa "vitrola", mostra o show mais recente de um grupo de travesti, que a Censura havia proibido na TV ao vivo. Finalmente, em seu quarto, o filho cansou de jogar pingue-pongue eletrônico no televisor e ligou num jogo de futebol. De repente, o locutor pergunta: "Você pensa que foi pênalti?" O filho aperta um botão que diz "sim" e, segundos depois, aparece no vídeo a frase "85% dos nossos telespectadores acham que foi pênalti".

QUE VEREMOS HOJE? — Exatamente como fez em 1978, a família inteira ficou vendo TV até tarde. Mas ninguém mais é prisioneiro da programação da Rede Globo ou da Rede Tupi de televisão. Será a era da Liberação do Telespectador, uma época em que cada cidadão terá na ponta de seus dedos o poder de tornar-se o seu próprio programador. Ninguém mais perguntará: "O que tem na TV hoje?" e sim: "O que vamos pôr na TV hoje?" A resposta pode ser uma de mil e uma possibilidades.

Pelo menos, esse é o cenário que estão divulgando os agentes promocionais da indústria eletrônica nos Estados Unidos. Parece que a televisão, antes mesmo de chegar à idade madura, passará por uma revolução com os novos aparelhos a surgirem no mercado. Os céticos sempre lembram que se fez muito barulho com o telefone-visor e com os filmes de três dimensões e nenhuma dessas invenções conseguiu ir para a frente. É verdade que, no caso da televi-

são do futuro, a maioria dos problemas técnicos já foi resolvida, mas os empresários ainda têm de haver-se com uma série de problemas como custos, táticas de marketing e a escolha de programas adaptados à nova maquinaria. No entanto, todos os especialistas estão de acordo que, quando a indústria da TV passar para sua segunda geração, vai sofrer uma larga maré de mudança tecnológica. Até mesmo uma autoridade do porte do deputado federal americano Lionel Van Derlin, presidente do Subcomitê da Câmara para Comunicações, prevê que as novas opções do vídeo "transformarão não apenas a face da programação mas também a vida dos americanos tão profundamente quanto a Revolução Industrial do século XIX".

Até certo ponto, a transformação já começou. Nos Estados Unidos, a programação extra da televisão por cabo chega agora a quase um quinto das casas com aparelhos de TV. Um total de 1 600 000 telespectadores pagam taxas extras mensais para receber no cabotelevisor filmes recém-estreados em Hollywood e assim existe um enorme potencial para passar qualquer coisa do agrado do freguês na televisão, tudo sem anúncios. O mais avançado sistema de cabotelevisão está sendo desenvolvido em Columbus, Ohio. Chamado Qube, o sistema permite que o telespectador responda eletronicamente a perguntas sobre personalidades do show business e mesmo políticos. Alguns profetizam até o uso do Qube para referendos nacionais sobre temas controversos. Um sistema menos avançado de ida-e-volta está em curso em Berks County, na Pensilvânia, no qual estudantes respondem a professores e cidadãos aposentados em casas de retiro dialogam com políticos.

VIDEOCASSETE — Mas, enquanto a TV ida-e-volta ainda é questão de futuro remoto para a esmagadora maioria dos americanos, a TV "faça você mesmo" claramente já é novo brinquedo nacional dos Estados Unidos. O gravador e o toca-fitas do videocassete permitem a seus proprietários gravar e depois ver programas levados ao ar quando eles se encontravam ausentes. Os donos do videocassete podem também, com uma câmara opcional, produzir seus próprios programas e assisti-los em seguida. Finalmente, podem comprar videocassetes já gravados, variando de lições de ioga até o filme "Patton". Aliás, o videocassete já chegou ao Brasil, embora ainda não para o grande público: é usado em agências de propaganda para testar os comerciais.

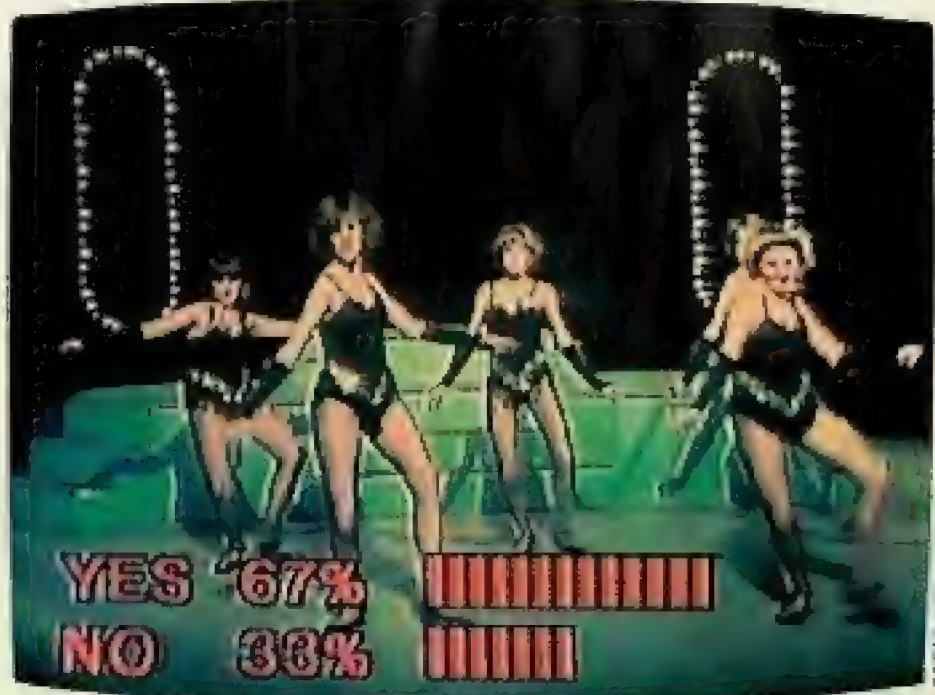
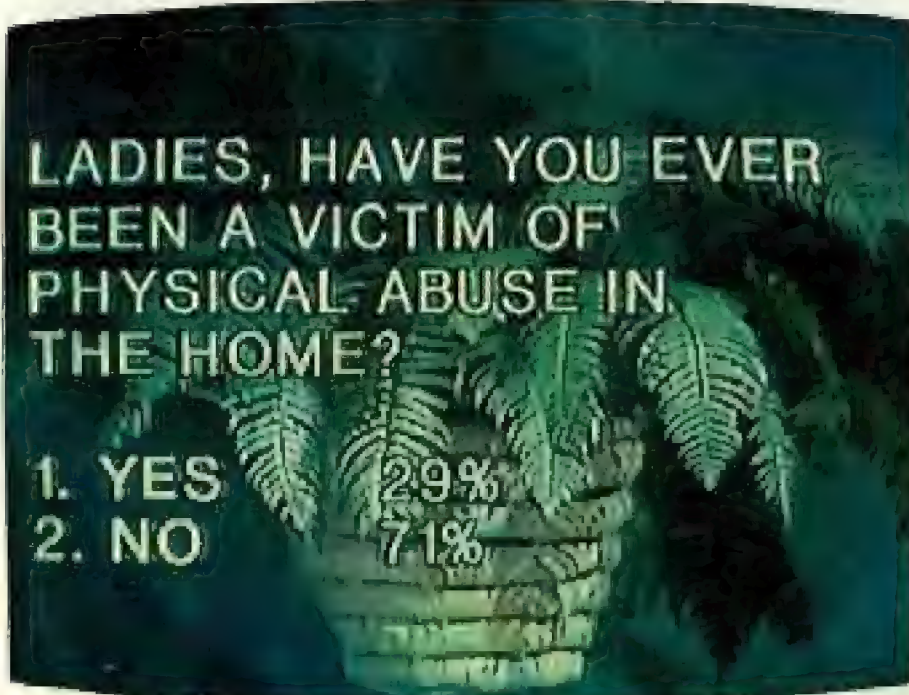
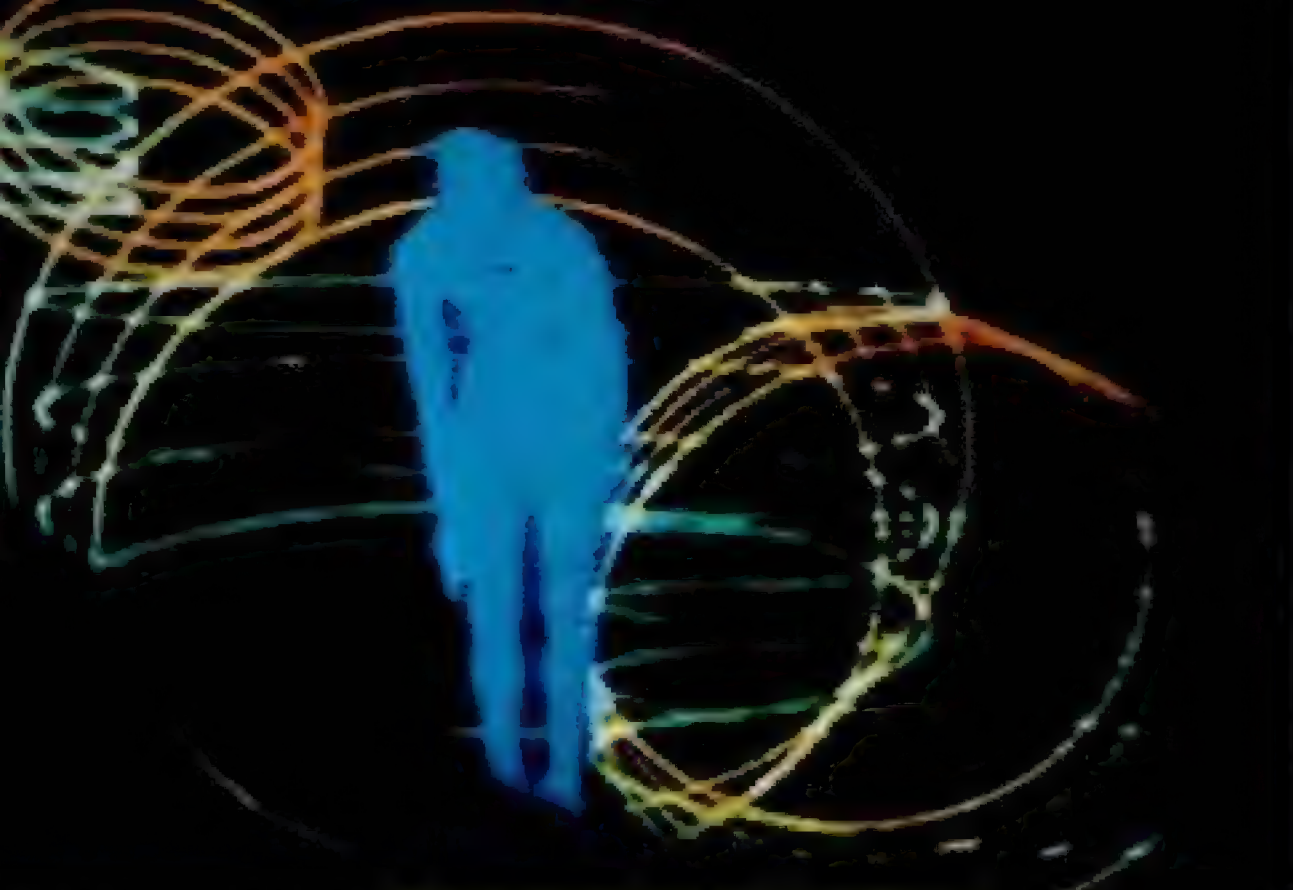
Mas, nos Estados Unidos, ainda antes do fim do ano, os videocassetes começarão a sofrer a concorrência dos videodiscos, uma espécie de LP em videoteipe. Cerca de vinte empresas estão empenhadas no videodisco, à frente delas a MCA, Inc. Esse conglomerado, que pretende lançar seu videodisco no Natal, está de olho nos consumidores de alto padrão. "Vamos isolar bolsões de fanáticos e construir um negócio sobre eles", afirma o vice-presidente da MCA, Norman Glenn, que completa: "Há 500 000 pessoas que chegariam a matar para obter óperas".

Para o verdadeiro videófilo, entretanto, cabotelevisão, videocassetes e videodiscos são apenas uma parte da história. Os viciados americanos em videojogos têm à sua disposição jogos eletrônicos acoplados ao televisor variando de "pinball" até "war". No Brasil, está à venda o telejogo Philco, de fabricação nacional, a 1 590 cruzeiros à vista. Pode ser acoplado a qualquer televisor e projeta no vídeo a imagem de um campo de futebol, de tênis ou de frontão. As pessoas jogam numa caixa-comando.

Além disso, há o telão. Nos Estados Unidos, cinco empresas fabricam televisores com tela de 2,5 metros e esperam vender 500 000 desses telões em 1983. No Brasil, existe o Embracon-Telefunken, com tela de 1 metro por 1 metro, a 78 000 cruzeiros à vista, de fabricação nacional.

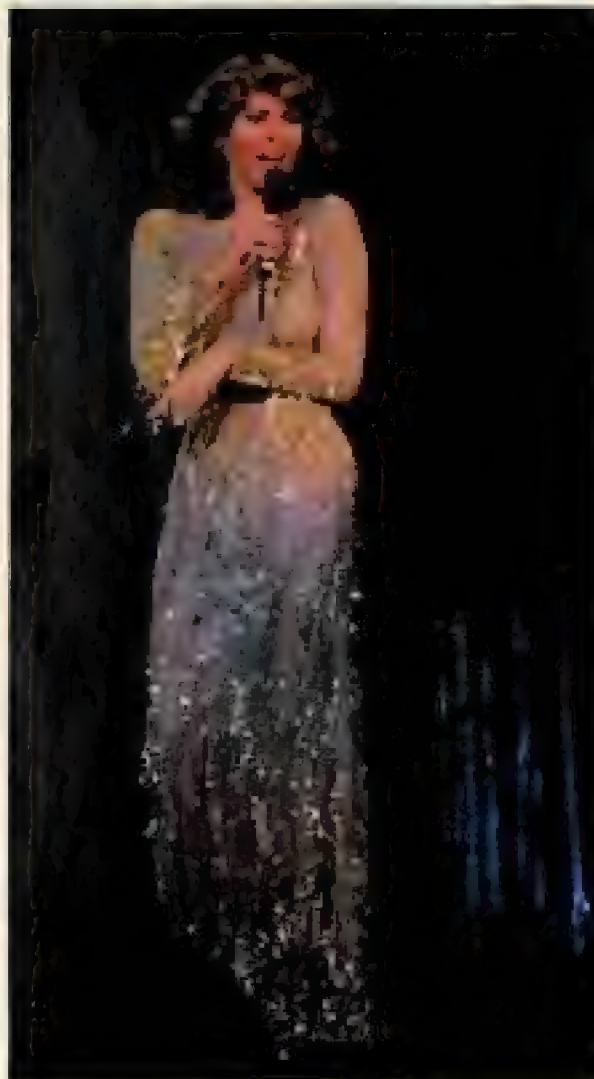
E mais e mais maravilhas podem aparecer no vídeo. Há uma antena que permite receber sinais de qualquer satélite de comunicações, de modo que se pode ver em casa qualquer programa ao vivo de qualquer estação do mundo. Há também um sistema, já em uso na Europa, que permite ver dois programas ao mesmo tempo. Pequena parte do vídeo, em branco e preto, fica ligada num canal, enquanto sua maior parte, em cores, fica ligada em outro. Assim será possível ver as Olimpíadas de Moscou, em 1980, sem perder, por exemplo, "Os Trapalhões".

Entretanto, como feito eletrônico mais portentoso até agora, surge um pequeno filamento de vidro apenas ligeiramente mais grosso do que um fio de cabelo humano. Chamado fibra óptica, o aparelho usa um raio laser para transmitir um número quase ilimitado de canais de informação. Ora em desenvolvimento nos Bell Laboratories, a fibra óptica deve ser ligada numa linha de telefone. Essa única linha asseguraria todas as comunicações telefônicas da família mais uma quantidade de programas de TV e, ligada a um centro de computadores e processamento de dados, poderia realizar uma série de serviços domésticos.

FUTUROLOGIA — Com efeito, a fibra

Pesquisas imediatas: um levantamento nacional de opinião pública poderá ser feito em poucos minutos

óptica acoplada ao banco de computadores funcionaria como uma espécie de gênio eletrônico. Ligando um botão, o telespectador poderia obter dos computadores todo e qualquer tipo de informação. Por exemplo, poder-se-ia indagar das condições do trânsito ou do tempo, ou sobre como proceder num jogo de bridge, assar um porco ou entender a nova matemática. As donas-de-casa poderiam comparar os preços de vários supermercados e fazer a encomenda através do próprio televisor. Desempregados poderiam ler no vídeo apenas os classificados de seu interesse. Sem sair da sala de estar, seria possível reservar bilhetes de teatro e organizar viagens à volta do mundo.

No fim do século, os jornais, diante de crescentes custos de distribuição, poderiam ser enviados eletronicamente ao televisor, que os imprimiria num teleimpressor acoplado. Leitores interessados apenas em esportes ou moda poderiam programar o televisor para só receber essa parte do jornal.

O futurólogo Alvin Toffer, autor de "O Choque do Futuro", vê o alargamento do espectro televisivo como parte de uma tendência de "desmassificação" dos meios de comunicação: "Vamos partir de umas poucos imagens distribuídas amplamente a muitas imagens transmitidas numa base mais estreita".

Com essa situação, como ficarão as grandes redes? Nos Estados Unidos, o "lobby" das três redes, ABC, NBC e CBS, é particularmente poderoso. Foram impostos limites legais, por exemplo, à cabotelevisão, que só pode transmitir determinados programas. E, apesar de suas pesquisas com a fibra óptica, as companhias telefônicas estão proibidas de organizar estações de televisão. Mas é possível que, com as novidades eletrônicas, o governo mude de posição e deixe de proteger as grandes redes. Por exemplo, há algumas semanas o Subcomitê sobre Comunicações da Câmara de Representantes aprovou drásticas mudanças no Ato sobre Comunicações, que desde 1934 regula o assunto. Para desgosto das redes nacionais, a reformulação — ainda a ser votada em plenário e depois no Senado — deixa inteiramente livre a cabotelevisão. As três redes já assestaram todas as baterias de seu "lobby" contra essa iniciativa. De qualquer modo, há quem diga que no futuro elas serão reduzidas a fornecedoras de notícias e espetáculos esportivos: o grande mercado da TV seria ocupado pelas novidades eletrônicas.

FOTOS NEWSWEEK

*Hoje, nos Estados Undios, já se pode escolher videocassetes de todo tipo: espetáculos de balé, musicais com Raquel Welch ou até filmes pornográficos*

No Brasil, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Bôni, superintendente de Programação e Produção da TV Globo, fala sobre o problema: "O sistema de TV a cabo está sendo altamente questionado nos Estados Unidos pelos usuários e pela Comissão Federal de Comunicações, por não ter cumprido sua finalidade básica. A TV a cabo surgiu com a implantação da televisão a cores e foi projetada para melhorar a recepção dos canais convencionais em áreas difíceis e para assegurar um serviço complementar de programação à comunidade. No entanto, as pesquisas mostraram que os usuários do cabo continuam preferindo as estações comerciais, uma vez que o serviço oferecido pelos concessionários é pobre e de pouca utilidade, com atrações de interesse reduzido".

Prossegue Bôni: "Videodisco e videocassete são técnicas similares de

# O QUE ERA BOM FICOU MAIOR.

Quem pensa que o Dodge 400 Diesel é o maior, agora tem mais algumas razões para continuar pensando assim: o D-400 acaba de ter a sua capacidade e volume de carga aumentados.

Para sermos mais exatos, o D-400 leva agora 31% a mais de volume de carga e meia tonelada de capacidade a mais. Para isso não foi só o chassi do D-400 que aumentou. Todo o conjunto mecânico do caminhão foi redimensionado: a transmissão é mais forte, o eixo traseiro é novo com capacidade maior e relação mais longa, o chassi também ficou super resistente, a suspensão é totalmente nova, os freios além de novos têm a maior área de frenagem na categoria, os pneus foram reforçados. E o motor é o econômico 4236 da Perkins.

Enfim, o D-400 agora é maior e melhor. É ainda mais um caminhão feito para andar no difícil e vagaroso trânsito das cidades e no rápido trânsito das estradas.

Visite o seu Revendedor Chrysler e conheça de perto as grandes novidades do Dodge 400 Diesel. Lá você vai descobrir uma outra grande vantagem do D-400: ele já vem pronto para o trabalho.

Caminhões Dodge CHRYSLER do BRASIL

# DODGE 400 DIESEL

**O caminhão da cidade ficou como você queria: maior.**

*A MCA já está pronta para lançar, nos Estados Unidos, o videodisco; câmaras portáteis estão à venda nas lojas; com uma pequena antena (abaixo à esquerda) será possível sintonizar a tevê com satélites artificiais e captar, sem problemas, programas transmitidos em todo o mundo*

FOTOS NEWSWEEK

gravação de imagens. Os dois sistemas estão sendo largamente utilizados nos Estados Unidos, Japão e Europa. O videocassete permite a marcação de um horário e a gravação de programas de televisão que poderão ser vistos posteriormente. Sendo assim, não é concorrente da televisão, mas um incremento ao uso do veículo. O telão, por sua vez, é outro incremento ao consumo da televisão".

CABO DA GLOBO? — Bôni ainda esclarece que a TV Globo já estudou a possibilidade de introduzir a cabotelevisão no Brasil e acabou concluindo pela inviabilidade do projeto, pois o cabo depende de um sistema de fios semelhantes ao sistema telefônico e são conhecidas as dificuldades dos telefones no Brasil.

E encerra Bôni: "A TV Globo não teme a concorrência dessas inovações. No ano passado, organizamos uma empresa paralela para a investigação da viabilidade do cabo. Hoje, outra empresa paralela, a Globotec, já utiliza o sistema videocassete para fins educativos e também para distribuição de imagens em locais não atingidos diretamente pela televisão, como acampamentos de obras, navios, postos de perfuração de petróleo. A Fundação Roberto Marinho também usará largamente o videocassete nos sistemas de educação, intercâmbio cultural e técnico. Dependendo de decisões da presidência da empresa, é possível até que haja interesse em investimentos nas indústrias de videocassete, videodisco e até mesmo telão".

Como se vê, a Globo está disposta a resistir a todas as novidades. Enquanto faltar alguém que se interesse em investir no Brasil em cabotelevisão, parece que as redes como a sua e a da Tupi continuarão com suas vantagens atuais. Nada mais remoto, por exemplo, para o telespectador brasileiro, do que as possibilidades já ao alcance dos milhares de habitantes da cidadezinha americana de Columbus, no Ohio. Lá, apesar das declarações de Bôni sobre as dificuldades enfrentadas pela cabotelevisão nos Estados Unidos, os progressos do sistema são notáveis. Ele permite que o telespectador escolha entre trinta canais com trinta programações diferentes. Além disso, a TV a cabo de Columbus é uma TV de ida-e-volta. A cada televisor é acoplado um aparelho do tamanho de um livro com cinco botões de respostas. Então, quando no vídeo o locutor faz uma pergunta, o telespectador responde apertando um botão: "sim", "não", "indiferente", "abstenho-me" e "mais ou menos". A resposta vai alimentar o banco de computadores da estação e o resultado é divulgado na hora pelo vídeo. Assim, os habitantes de Columbus já responderam a questões sobre a validade das escolhas nos filmes premiados pelo Oscar, informaram aos editores de revistas americanas quais assuntos mais lhe chamaram a atenção numa semana determinada, ajudaram a escolher o nome de um recém-nascido, além de terem podido reservar mesas num restaurante e mesmo escolher os pratos antes de sair de casa.

Além dessas possibilidades, o projeto de Columbus permite que se escolham programas como shows religiosos, filmes sobre cuidados com crianças, cursos de antropologia ou gamão, espetáculos esportivos, óperas, filmes recém-estreados, e até filmes pornográficos.

Sem dúvida, a TV por cabo é mais democrática — e por isso só existe em países como os Estados Unidos e o Canadá. Mas há um inconveniente. Se se usar o sistema de ida-e-volta para decidir questões políticas, quem na casa disporá do aparelho de respostas? A mulher, o marido ou um dos filhos? Como se vê, nada é perfeito. •

NOVO

# Philco Super Luxo Color 18. A estrela das 18 polegadas.

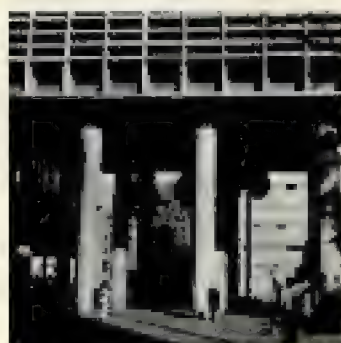
(47cm)

"Telespectadores, cheguei!
Modéstia à parte, vim para brilhar mais, sabe...
A explicação é simples: eu tenho o novo cinescópio Showcolor com Black Matrix.
Nele, o contraste é melhor... as cores são mais nítidas, mais
brilhantes e naturais... uma beleza... Agora dê uma olhada no meu perfil...
Você logo vai notar que eu sou mais esbelta... mais compacta... o tipo mignon...
Meus controles são automáticos e minha imagem não treme diante de ninguém...
Ah, e o meu sucesso já começou... Já estão até
me pedindo autógrafo! Por falar nisso,
aqui vai um autógrafo
especialmente para você."

*Philco Super Luxo Color 18*

Conheça o novo Philco Super Luxo Color 18.
A estrela que veio para viver um romance maravilhoso
com cada telespectador.

O marco definitivo da nova arquitetura brasileira, que atingiria prestígio internacional, é sem dúvida o Edifício do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, projetado em 1936 por um grupo do qual fazia parte Oscar Niemeyer.

Este projeto teve a colaboração de outro brasileiro que também alcançaria projeção internacional: Cândido Portinari.

Os azulejos que revestem parte das paredes externas compondo um painel, foram criados pelo grande pintor e executados por Paulo Rossi Osir.

Alguns azulejos despegaram-se, perderam-se. A pintora e ceramista Hilda Goltz foi encarregada de refazê-los e coube a Klabin Divisão Cerâmica o honroso encargo de colaborar na reconstituição deste marco da arquitetura brasileira.

# Sonho mineiro

## *Minas quer ter também a sua universidade*

Ao assumir o cargo de secretário da Educação de Minas Gerais em julho passado, por um período que se encerrará com a troca de governadores em março próximo, o advogado Eugênio Klein Dutra dispunha de pouco tempo e de verbas exíguas para se aventurar a planos mais ousados. Tais dificuldades, contudo, não o intimidaram. Pois, como grande meta de sua curta administração, ele simplesmente passou a anunciar a criação de uma universidade estadual em Minas Gerais. "A grandeza de São Paulo deve-se à Universidade de São Paulo", compara Dutra, "e, com a criação da nossa universidade estadual, Minas passará a ser maior do que já é."

Seus argumentos encontraram pronta ressonância junto às autoridades mineiras, ganhando o endosso oficial. Assim, os 67 milhões de cruzeiros exigidos como investimento inicial para a construção do campus já estão garantidos por orçamento especial do governo do Estado. Embora ainda não haja uma decisão quanto ao local mais adequado de Belo Horizonte para abrigar o futuro conjunto de prédios universitários, as preferências pendem, segundo funcionários da Secretaria da Educação, para o bairro das Mangabeiras, um dos mais sofisticados da cidade. A universidade, conforme os planos de Dutra, deverá reunir mais de 6 000 estudantes, em escolas de Medicina, Administração Pública, Engenharia, Ciências Humanas e Exatas.

Nem todos, porém, se sentem tão otimistas com a idéia. Tanto que a primeira crítica ao projeto partiu de dentro da própria Secretaria. Ao ficar ciente das intenções do secretário, a diretora do setor de Ensino Superior do Estado, profesora Maria Eugênia Dias de Oliveira Garcia, pediu logo sua demissão. Ela argumenta que nada justifica a criação de uma universidade como a projetada, "a não ser que se trate de uma jogada puramente política". E lembra que o Estado, por falta de recursos financeiros, ainda não conseguiu resolver nem mesmo as muitas mazelas de seu ensino de primeiro e segundo graus. "Quanto à rede de primeiro grau", exemplifica Maria Eugênia, "basta dizer que nossas escolas não são suficientes para atender nem 60% das crianças em idade escolar."

EMPREGOS — Da mesma forma, as escolas superiores de Minas não contam com vagas suficientes para todos os jovens que batem às suas portas a cada vestibular. Essa poderia ser, portanto, uma justificativa para a criação de uma grande universidade que aumentasse as 36 690 vagas atualmente oferecidas em Minas por seis universidades, dois conjuntos de "faculdades integradas" e ainda 110 estabelecimentos isolados. Recente pesquisa da Secretaria da Educação constatou, no entanto, que não é a falta de vagas o problema mais sério do ensino superior mineiro, e sim a má qualidade dos cursos e sua inadequação às necessidades do Estado. Boa parte das escolas superiores que se espalharam por todo o interior mineiro funciona só nos fins de semana, e a maioria de seus professores reside em municípios diferentes daqueles em que leciona. E a proliferação de escolas aconteceu sem que se tentasse evitar a criação de cursos pouco solicitados pelo mercado de trabalho. Para a professora Maria Eugênia, o correto seria remediar as coisas a partir dessa situação. Ou seja, incentivar as escolas do interior a dispensarem ensino mais eficiente e fazer um estudo criterioso sobre os cursos realmente necessários a esta altura. "A criação da universidade estadual vai apenas piorar a atual situação", acredita ela, "pois ao oferecer cursos já existentes dificultará ainda mais o aproveitamento da mão-de-obra por um mercado de trabalho já saturado."

CÉLIO APOLINÁRIO

Dutra: Minas maior com a universidade

HIPPIES — O ponto de vista oficial é diferente, embora admita muitas das distorções apontadas. De acordo com o secretário da Educação, existem em Minas 58 estabelecimentos isolados de ensino superior pertencentes ao Estado "que funcionam sem as mínimas condições". O plano da Secretaria é unificar algumas destas unidades, que passariam a integrar a futura universidade estadual. E, assim, sanar as falhas que apresentam. Dutra considera que o Estado deve ministrar o ensino em todos os níveis, inclusive o superior, e não pode falhar nessa missão, sob pena de permitir o surgimento de graves problemas sociais. "Os hippies, os drogados, os terroristas só existem", raciocina ele, "porque não conseguiram entrar na universidade." E completa: "Descuidar do ensino superior é bancar a avestruz e enterrar a cabeça no buraco, deixando de ver a realidade".

A principal face da realidade a se examinar, no caso mineiro, seria provavelmente a dos cofres públicos estaduais, já bastante onerados com a remuneração dos 120 000 funcionários da Secretaria da Educação — a maior parte deles constituída por professoras primárias que ganham ainda menos que dois salários mínimos. Mas Dutra não acredita que surjam grandes obstáculos quanto a verbas. "Os alunos que puderem pagar pagarão", afirma o secretário. Ao mesmo tempo, explica que os recursos financeiros destinados à construção de novos grupos escolares no interior poderiam ser redirecionados para

**Universidade de Viçosa: a triste experiência agora relembrada**

a universidade. "Não adianta construir grupos, se não existem professoras primárias qualificadas", raciocina ele. Em sua opinião, inclusive, a função primordial da nova universidade seria justamente a de formar pessoal de alto nível, para atender os outros graus de ensino, o primário e o secundário.

Embalada pelo otimismo, a Secretaria da Educação passará agora a cuidar dos detalhes do projeto da universidade mineira, que pretende implantar já no ano que vem. Pessimistas, por sua vez, aqueles que criticam o projeto — na verdade, o plano é visto com restrições pela maioria dos professores universitários de Belo Horizonte — tratam de combater a idéia até com lições do passado.

De fato, a discussão acabou por exumar a experiência que os mineiros tiveram há mais de cinqüenta anos com outro centro universitário estadual, a conhecida Universidade Rural de Viçosa. Criada pelo governo de Minas em 1922, essa escola viria a se firmar como um dos mais conceituados estabelecimentos de ensino e pesquisa no setor agropastoril. Só que as glórias pelo desenvolvimento crescente da instituição não podem ser inteiramente creditadas a Minas Gerais. Incapaz de sustentar a Universidade de Viçosa, o governo estadual terminou por transferi-la à gerência do governo federal, alguns anos depois de sua fundação. Por outro lado, a idéia de conferir maior grandeza a Minas através da criação de uma universidade não é aceita pacificamente. Como diz a professora Maria Eugênia, "a grandeza da Universidade de São Paulo deve-se, isto sim, à grandeza do Estado de São Paulo". ●

Quem tem
conhecimento
e técnica sabe encontrar
soluções simples
e seguras.
A Paulista acumulou
toda a técnica e
conhecimento possíveis
em mais de 70 anos
fazendo somente seguros.
Isto garante soluções simples
e eficientes. Assim, quando
seu Corretor de Seguros
sugerir a Paulista, acredite.
A Paulista é mais seguro.
Paulista
Companhia Paulista de Seguros

# Citibank. O banco que tem orgulho dos seus clientes.

No Citibank, todos os clientes são importantes. Uma importância que pode ser medida por tudo aquilo que ele pode oferecer.

Pelos serviços que ele presta. Pelo atendimento que ele tem.

Pelas vantagens e facilidades que ele pode dar.

Isso porque o Citibank sabe a importância que um banco deve ter na vida de seus clientes.

E põe essa teoria para funcionar na prática. Desde o momento em que você abre uma conta.

Com um atendimento personalizado que dá maior valor ao seu tempo, porque sabe que ele é caro.

Com serviços exclusivos que tornam bem mais confortável e prático o seu dia-a-dia.

Com a rapidez que você precisa para as suas atividades financeiras. E agilidade em todas as decisões.

Se pessoas importantes, como as que você vê aí na página ao lado, escolheram o Citibank é porque sabem medir a importância que um banco tem na vida delas. Clientes importantes como você.

Aliás, o Citibank tem o maior orgulho disso.

Rio de Janeiro - São Paulo - Campinas - Santos - Belo Horizonte - Brasília - Curitiba - Porto Alegre - Recife - Salvador.

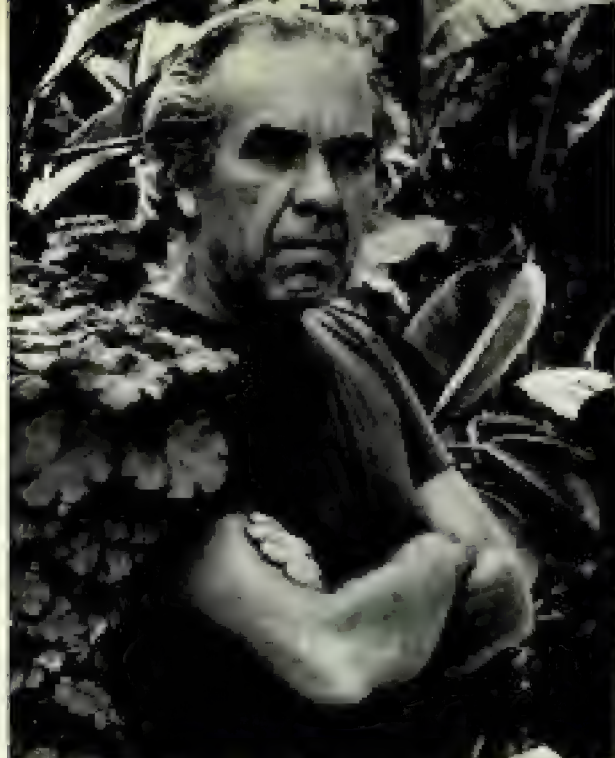
# Ela faz massagens na hora do banho. E decora nas horas vagas.

Junto com a ducha Jet Set você adquire uma verdadeira massagista aquática. Com a vantagem de não ter que sair de casa e da massagem sair de graça.

O jato dirigível da Jet Set relaxa os músculos e os nervos e é facilmente dominável: se você não quiser molhar os cabelos, é só desviar o jato.

Quando está desligada, a ducha Jet Set vira um objeto de decoração, sem aquele cano feio e caro entre ela e a parede. Depois de uma massagem física, nada melhor do que uma massagem visual.

**LORENZETTI**

Lorenzetti é de casa.

Newton Carlos: a voz ainda passa

Sebastião Nery: uma cara nova

Televisão

# Veto estético?

*Sai do ar o "feio" Newton Carlos*

Na segunda-feira da semana passada, os telespectadores do "Jornal da Bandeirantes" foram surpreendidos por diversas mudanças. Um logotipo luminoso e um cenário de metais cromados procuravam dar um aspecto mais sóbrio às notícias lidas pelos apresentadores — um deles, Gilberto Ribeiro, estreando na casa, substituindo a veterana Branca Ribeiro, retirada do ar. Mais Sebastião Nery, na política nacional, e Alberto Helena Jr., nos esportes, eram os novos comentaristas do telejornal. De todas as novidades, porém, a de maior impacto foi justamente uma ausência: a de Newton Carlos, talvez o mais prestigiado comentarista de política internacional da imprensa brasileira, demitido no último dia de agosto.

Imediatamente a demissão de Newton Carlos, 51 anos, há seis na Bandeirantes, depois de atuar oito no "Jornal de Vanguarda" da TV Educativa carioca, passou a ser atribuída a sua falta de fotogenia. A direção da emissora, porém, logo tratou de desmentir o boato. "Estamos interessados em dar maior destaque à política nacional", explicava, na semana passada, Carlos Augusto de Oliveira, o Guga, supervisor geral de programação.

O DINHEIRO DO COFRE — Explicação um tanto dispensável, aliás. Pois Sebastião Nery, contratado justamente para fazer comentários de política nacional, não chega a ser nenhum galã e foi ao ar exibindo seu ar inquieto e diversos cacoetes. "Não vou mudar minha gesticulação nem minha linguagem", prometeu ele a VEJA, na semana passada. Promessa cumprida já na segunda-feira, quando seus óculos ficaram enganchados na orelha por alguns segundos, levando-o a gaguejar e se confundir um pouco na hora de proferir de um jato o nome de várias autoridades. Apesar disso, conseguiu o que queria: apresentar, no curtíssimo tempo de 2 minutos, um rápido quadro da candidatura do general Euler Bentes Monteiro à presidencia da República. Sabendo que vai exercer uma função um pouco fora de uso nos telejornais brasileiros, Nery pretende se limitar a breves comentários, sem se arriscar a análises mais profundas. "Você não pode deixar nenhuma dúvida na cabeça do ouvinte", diz ele.

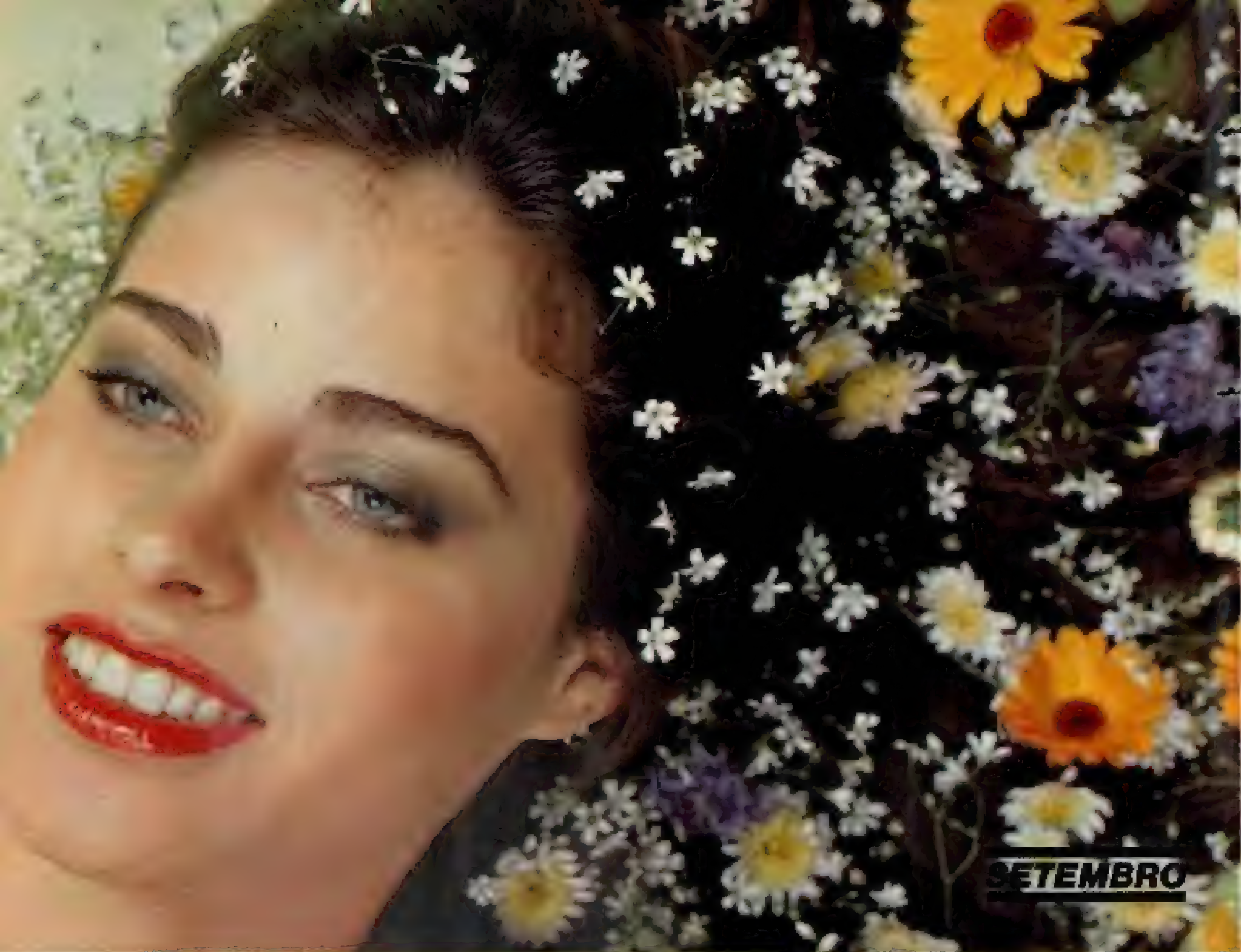
Quanto a Newton Carlos, pelo menos sua voz continua interessando à Bandeirantes — que vai mantê-lo em seus dois comentários diários para a rádio. Dado a muitas leituras e a diversos contatos internacionais, Newton Carlos se tornou colaborador habitual de várias revistas latino-americanas, de onde retirou algumas sólidas lições de conduta no vídeo. Tratando de um assunto bastante desprezado pela maioria das emissoras, conseguia colocar os fatos que analisava em relação com a realidade brasileira. Para tanto, sempre defendeu uma regra bem simples: "Não adianta chamar o fulano de ladrão. Basta dizer que ele tirou o dinheiro do cofre". •

# Mistura grossa

*No sertão, a TV muda a cada 15 minutos*

No sertão e no agreste de Pernambuco, 250 000 telespectadores assistem a uma programação absolutamente diferente. No momento em que ligam seus receptores, um verdadeiro caos surge nas telas: como num grande carrossel, as atrações de cada emissora se revezam em turnos sucessivos de 15 minutos de cada vez. Assim, os lances finais dos capítulos de "João Brasileiro, o bom baiano", novela da Tupi, costumam ser interrompidos pelas falas iniciais de Cid Moreira, na apresentação do "Jornal Nacional", da Globo. Às vezes, Jô Soares, do "Planeta dos Homens", também da Globo, nem consegue terminar uma piada — ao vê-la cortada pelo meio, os telespectadores são obrigados a trocar o riso pelo susto, diante da irrupção das imagens da TV Jornal do Commercio, emissora recém-resgatada de um processo de falência.

De nada adiantaria, no caso, girar o seletor de canais — pois o estranho espetáculo é controlado a distância pelos técnicos do Departamento de Telecomunicações de Pernambuco (Detelpe) no Recife, que só dispõe de um único canal retransmissor para servir a toda a região. E, como não apareceu emissora disposta a pagar Cr$ 1,7 milhão por mês pela exclusividade no uso desse canal, o Detelpe optou pela salomônica fórmula de conceder um quarto de hora a cada estação operante na área. Trinta prefeitos já se manifestaram pedindo uma providência e, revoltada, a população faz o que pode: escreve cartas e abaixo-assinados, às vezes parte para a violência.

Na pequena cidade de Arcoverde, um inconformado telespectador ameaçou um técnico do Detelpe com um revólver, pois, em junho, em vez do concurso Miss Brasil, transmitia-se um ascético filme educativo. Pelo mesmo motivo, populares ameaçaram depredar a torre de Caruaru, que teve de ser protegida por um forte contingente policial. Com tanta pressão, as misses acabaram indo para o ar. Mas o problema continua. Para resolvê-lo, o Detelpe abriu nova concorrência, rebaixando para 700 000 cruzeiros mensais a taxa da emissora que quiser exclusividade sobre a região. Se alguma delas aceitar, os moradores do lugar poderão, pelo menos, assistir seus programas até o fim. •

# Deixe o verde invadir a sua alma.

É primavera.
Primavera bem brasileira, com flôres e muito verde. Participe da vida. Deixe o verde invadir a sua alma e aprenda a lição que a primavera nos dá: não existe coisa melhor do que um clima agradável, com temperatura equilibrada e estável. Nós sabemos disto. O clima tem sido a nossa preocupação. Não queremos substituir a primavera que chega com o mês de setembro: queremos, apenas, mantê-la para sempre em sua casa e em seu escritório.
É por isto que fabricamos o mais avançado aparelho de condicionador de ar - - o Springer Admiral.
Com êle você controla o tempo e realiza o milagre do clima perfeito.
É setembro. É primavera.
É tempo de Springer Admiral.

***Viva mais!***
***Viva melhor o ano todo***
***com ar condicionado***

Apresentação em São Paulo: a ciência do uso do corpo para impor movimento às coisas

## Dança

# Orient export

*Os segredos milenares do jovem Balé da Coréia*

Eles vão passar rápido, mas pelo visto nada despercebidos: atualmente numa turnê de quatro meses por 24 países, começando pela América Latina e continuando do outro lado do Atlântico, na África, os quase setenta integrantes do Balé Nacional da Coréia estão fazendo uma breve temporada brasileira — começando por São Paulo e, esta semana, apresentando-se no Rio de Janeiro (dias 11 e 12) e em Brasília (dia 14). Cinqüenta por cento dos ingressos foram vendidos em São Paulo antes mesmo de sua chegada, índice que provavelmente se deva ao insistente esquema publicitário montado por seus empresários no Brasil. Três emissoras de televisão estão às voltas com o Balé: a Globo, anunciando diariamente nos apetitosos horários das novelas nobres das 7 e 8; a Tupi, que comprou os direitos de gravação do espetáculo; e a Record de São Paulo, que encaixou uma entrevista com alguns bailarinos num de seus programas, na véspera da primeira apresentação.

Criado há cerca de dez anos — o que é um pitoresco atestado de juventude para quem leva a missão de preservar a tradição —, este grupo é um dos sete do Teatro Nacional da Coréia, órgão cultural do governo de Seul, que reúne uma filarmônica, corais, ópera e um conjunto de balé clássico. Mas o perfeito para excursões é, sem dúvida, o grupo folclórico.

BUDISMO EM TECNICOLOR — E não é para menos: passos orientalmente discretos deslizando sob as pesadas roupas, leques que se transformam em contraponto musical, máscaras milenares e cítaras de catorze séculos convivem pacificamente com budismo em tecnicolor, a mais convencional das maquilagens ocidentais e até o maroto título de "Dança do Exorcista" para uma recente criação do grupo, que tem tanto de exorcismo como qualquer outra de suas coreografias. É este o segredo do Balé Nacional da Coréia, um conjunto de danças folclóricas que combina com moderação alguns traços da tradição nas artes cênicas orientais ao apelo espetaculoso do mais insuspeito *show business* safra 1978. O resultado é altamente diplomático: preserva-se uma certa dose de autenticidade com a vantagem adicional de transformar certos ritos e ritmos — que em estado bruto seriam um pouco ásperos ao paladar ocidental — em digestivos produtos tipo exportação.

Quem estiver pensando em assistir a esses catorze números de folclore oriental confortavelmente instalado numa poltrona doméstica arrisca-se a uma sessão de monotonia, não só pela já consagrada lentidão de ação do teatro oriental como também porque alguns quadros são operetas recitadas no mais incompreensível coreano. Ao contrário da maioria dos balés, a dança folclórica paga um tributo às suas raízes populares: uma economia de fraseado, variações mínimas em torno de alguns eixos, como círculos, fileiras, diagonais.

MANGAS E TRUQUES — É uma espécie de festival pirotécnico em que os fogos de artifício são substituídos por lenços, fitas e instrumentos musicais, num jogo de cor e ritmo. A arte da dança, pelo balé coreano, não é o espetáculo do corpo em movimento: é a ciência do uso do corpo para imprimir movimento às coisas. São as longas mangas que dançam (invisivelmente conduzidas pelas mãos), são os leques (e não as bailarinas) que formam geometrias no palco, são fitas que giram sobre a cabeça (sob um contínuo e controlado movimento do pescoço), são tambores que entram em cena. A própria dança é, às vezes, resposta física ao ritmo: na "Dança Budista", o balé é o movimento de retirar som dos instrumentos de percussão.

Entre os números apresentados há — além dos rituais religiosos — uma peça que celebra o papel das mulheres durante a invasão japonesa, outra que satiriza a corrupção religiosa numa longínqua dinastia — a "Dança das Máscaras" —, e a "Dança dos Lavradores", que o programa afirma ser até hoje executada nas províncias, na época da colheita, com todas as qualidades de fecho de ouro de um espetáculo, embora a verdadeira apoteose venha alguns minutos depois. Antes da despedida, as jovens coreanas, suaves e afinadinhas, oferecem no mais comovente português trechos de "Cidade Maravilhosa" — São Paulo não é o Rio, mas muita gente aplaudiu de pé o último flerte da noite. MARÍLIA PACHECO FIORILLO

# SEJA FRIO E CALCULISTA.

## OLIVETTI LOGOS. A SOLUÇÃO PARA OS SEUS PROBLEMAS DE CÁLCULO ELETRÔNICO.

Quando você for comprar uma calculadora eletrônica para o seu escritório, banco, loja, fábrica ou repartição pública, analise todas as marcas com frieza. Fatalmente você acabará se decidindo por uma Logos.

Existem vários modelos para você escolher: 40, 40 PD, 42, 42 PD, 75 B, 75 S. Programadas e programáveis. Todas que nem elevador moderno: digitais. Prontas para executar qualquer cálculo, memorização, distribuição percentual, rateio e mais uma série de operações que são difíceis de explicar aqui mas muito fáceis de fazer com uma Logos.

E todas também com o design, a tecnologia e a assistência técnica que caracterizam o perfeccionismo Olivetti.

Na hora de escolher uma calculadora eletrônica não se impressione com apelos emocionais: escolha uma Logos.

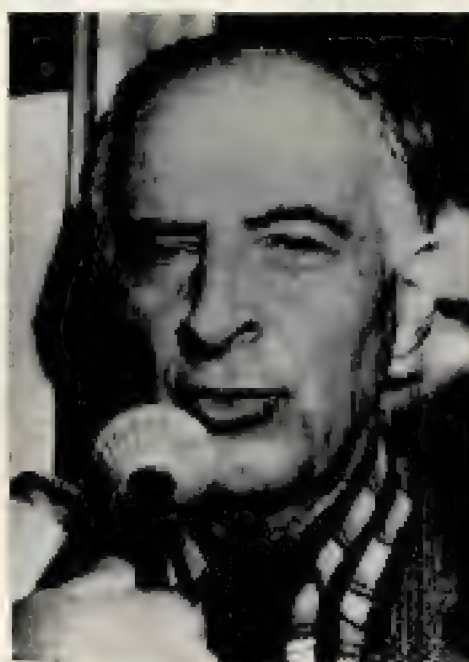
Sendo frio na hora de comprar, você vai poder ser um bom calculista na hora de trabalhar.

**olivetti**

MORRERAM: o ex-líder sindical e deputado à Assembléia Constituinte de 1946 pelo Partido Comunista Brasileiro ROBERTO MORENA, aos 76 anos; nascido no Rio de Janeiro, marceneiro entalhador de profissão, tornou-se um dos mais conhecidos líderes classistas do Brasil; na Guerra Civil Espanhola foi um dos voluntários que lutaram nas Brigadas Internacionais contra os franquistas; deixou o Brasil em 1964, vivendo três anos no Uruguai e um no Chile, antes de se exilar na Checoslováquia; ao velório compareceram delegações trabalhistas de vários países; seu corpo foi cremado e, conforme pediu, as cinzas só virão para o Brasil — onde tinha prisão preventiva decretada — após ser concedida no país uma anistia política geral; de câncer ósseo; em Praga; dia 5;
■ o baterista do conjunto inglês de rock The Who, KEITH MOON, aos 31 anos; era a figura mais destacada do conjunto — dos poucos grupos de rock britânicos a se sobressair entre os milhares que seguiram a trilha dos Beatles e dos Rolling Stones; foi encontrado morto em seu apartamento; segundo se presume, por consumo excessivo de drogas; em Londres; dia 6.

Pontecorvo: "no coments"

VOLTOU: para uma breve estada na Itália, onde participa de um simpósio sobre Física, o cientista italiano BRUNO PONTECORVO, que há 28 anos desaparecera de seu país para reaparecer logo depois na União Soviética; um dos mais brilhantes dos jovens físicos nucleares europeus, trabalhando sob orientação do célebre Enrico Fermi, Pontecorvo viajara para Londres e de lá para Moscou; dois anos depois, adotava a cidadania soviética com o nome de Bruno Maximovitch Pontecorvo; atualmente, aos 65 anos, dirige o Instituto Unificado de Pesquisas Nucleares de Dubna (a cidade atômica russa), já tendo ganhado um Prêmio Stálin por seu trabalho científico; aos jornalistas que o assediaram à chegada em Roma, respondeu em inglês com um *"no coments"*; em seguida, ao lhe perguntarem se foi mesmo ele o criador da bomba de hidrogênio soviética, garantiu que nunca trabalhou em nenhum engenho nuclear e que é pacifista; dia 7.

CONDENADO: a dois anos de reclusão, com direito a sursis, o cirurgião plástico paulista ROBERTO FARINA, pelo crime de lesão corporal grave; o conceituado cirurgião Farina extirpara em 1971 os órgãos sexuais de Waldir Nogueira, para realizar a chamada operação transexual, que transformaria o paciente, a seu pedido, em mulher; o juiz Adalberto Spagnuolo, que julgou o caso, considerou que "a cirurgia apenas serviu para mutilar um indivíduo do sexo masculino, transformou um doente mental em eunuco (. . .)"; em São Paulo; dia 6.

APRESENTADA: pelo ex-jogador PELÉ, ao 3.º Distrito Policial de Santos, queixa-crime contra o casal Antônio Lima dos Santos, seu antigo companheiro do Santos e da seleção brasileira, e Vera Lúcia dos Santos, irmã de sua ex-mulher Rose, por invasão de domicílio e apropriação indébita de objetos guardados na casa do jogador, na Ponta da Praia, em Santos; dia 6.

ENCERRADA: a greve de quatro dias dos 1 300 operários da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira; pediam um aumento salarial de 20%; conseguiram 10%; em João Monlevade, Minas Gerais; dia 4.

RECEBIDOS: pelo senador Roberto Saturnino na visita que fizeram ao Congresso os índios xavantes CIPRIANO e BENJAMIN, da reserva de São Marcos; declararam-se desejosos de conversar com os candidatos João Baptista Figueiredo e Euler Bentes Monteiro para saber o que pensam e "entender essa briga de brancos"; pediram explicações sobre o que são Arena e o MDB; não se deixaram fotografar; finalmente, solicitaram aos jornalistas presentes ao encontro que não deturpassem suas declarações; em Brasília; dia 6. •

Decisivamente marcante como sua presença

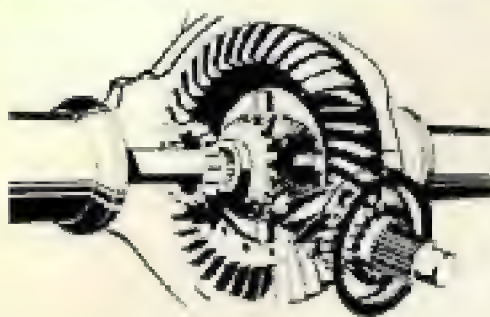
Men's Cologne. After Shave. Shaving Foam. Deodorant. Soap for Men.

# Uma frota é um negócio de m
# Exatamente como a linha de m

Todo frotista sabe perfeitamente que existem diferenças fundamentais entre caminhões destinados ao transporte de diferentes cargas. Por exemplo, o melhor caminhão para o transporte de produtos siderúrgicos não é o melhor para o transporte de cargas secas em geral.

Nem o que transporta bobinas de papel pode ser o mesmo que transporta gado.

E eles sabem também que essas diferenças não estão apenas entre as carroçarias, mas principalmente entre as características técnicas dos veículos.

E, nesse ponto, os caminhões médios-pesados Mercedes Benz têm se destacado devido à versatilidade permitida pelas inúmeras opções que oferecem em termos de potência do motor, distância entre eixos e capacidade de carga.

*A série 1316 e o LS-1313 saem de fábrica com o eixo traseiro HL-5Z, com dupla redução. Este eixo pode ainda equipar, sob encomenda, o L-1313 e as séries 1513 e 1516, estas com a opção de bloqueio de diferencial (HL 5Z S).*

*Uma das alternativas da linha de médios-pesados Mercedes-Benz é o LS-1316, um cavalo mecânico apropriado para semi-reboque de um eixo e com capacidade máxima de tração de 25 toneladas.*

**A linha de médios-pesados Mercedes-Benz é caminhão que não acaba mais.**

São 34 versões, com peso bruto total variando de 12.5 a 22 toneladas e capacidade máxima de tração entre 21.6 e 25 toneladas, apresentando numerosas combinações de distâncias entre eixos e reduções do eixo traseiro, e aceitando praticamente toda espécie de carroçarias.

Os modelos básicos são equipados com o motor OM-352, de injeção direta e aspiração natural, que desenvolve 130cv DIN (ou 147cv SAE).

Outras opções da linha são os modelos 1316, 1516 e 2216, respectivamente para 13, 15 e 22 toneladas de PBT, com motor

# uitos pesos e muitas medidas.
# édios-pesados Mercedes-Benz.

turboalimentado de 156cv DIN (ou 172cv SAE).

Da mesma forma que os demais componentes da linha de médios-pesados, os 1316, os 1516 e os 2216 são caminhões com a qualidade Mercedes-Benz, o que na prática significa economia, conforto, segurança, resistência, desempenho, durabilidade e alto valor de revenda.

Por outro lado, muitas das principais peças de seus motores são intercambiáveis com as de outros motores Mercedes-Benz, permitindo que, com a mesma mão-de-obra especializada e o mesmo ferramental, haja uma sensível redução nos custos de manutenção da frota.

*Como todos os Mercedes-Benz, os médios-pesados têm cabina confortável e segura, com banco ajustável em todos os sentidos e excelente visibilidade externa e dos instrumentos.*

**Vá a um concessionário Mercedes-Benz e faça a sua frota entrar na linha.**

A linha de médios-pesados Mercedes-Benz é tão extensa que vale por uma frota. Mas qualquer um dos quase 200 concessionários Mercedes-Benz saberá lhe apontar quais as opções mais indicadas para as suas necessidades.

Eles formam a maior e mais experiente rede especializada em veículos diesel no Brasil e estão sempre dispostos a colaborar com você, seja na escolha dos modelos mais adequados, seja na prestação de serviços de assistência técnica, rápidos e eficientes, aos seus veículos Mercedes-Benz.

Procure o concessionário mais próximo de você. Lá é que estão os caminhões médios-pesados que vão resolver o seu problema específico de transporte. Mesmo que ele seja uma exceção.

**Mercedes-Benz**

# Um fiasco do fisco?

## *Golpes fantásticos e acúmulo de cheques são invocados pela Receita Federal para justificar a demora na restituição do imposto de renda*

Uma bem-humorada manchete do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro — "Quantos dias são 30 dias?" — publicada há alguns anos para ironizar uma autoridade que, há vários meses, prometia solucionar determinado problema "em trinta dias", tem sido relembrada nas últimas semanas. Em entrevista coletiva, concedida na quarta-feira passada, no Rio, o secretário da Receita Federal, Adilson Gomes de Oliveira, deu mais um passo capaz de alçá-lo ao mesmo degrau de notoriedade atingido no passado por esse funcionário do governo que insistia em prazos que nunca se cumpriam. Oliveira, indiferente ao desencanto e à frustração dos contribuintes, anunciou um novo prazo — no máximo dentro de quinze dias — para que sejam expedidos todos os cheques de restituição do imposto de renda, ainda em mãos da Receita Federal.

Ao todo, são 84 000 cheques de contribuintes — no valor de 266 milhões de cruzeiros, 1,75% do total emitido — que há oito meses vêm sendo corroídos pelos índices inflacionários, reduzindo desse modo, em parte pelo menos, os benefícios da correção monetária de 35% correspondente ao ano anterior. De acordo com o secretário da Receita Federal, contudo, existiria uma razão justificável para esse atraso. Afinal, o governo estaria empenhado em apertar o cerco em torno dos falsários que insistem em lesar o fisco. E, para reforçar esse argumento, Oliveira acenou com um exemplo retumbante. Um golpe imaginado por um paciente e bem organizado vigarista, apontado como autor de 1 200 declarações falsas que lhe permitiriam embolsar 2,8 milhões de cruzeiros do fisco. "Um caso que não se consumou mas que, sozinho, é maior que a soma de todos os outros já tentados contra a Receita", explicou Oliveira solenemente. Resta saber se um golpe milionário — somado a apenas trinta outras declarações de pessoas físicas suspeitas de fraudes este ano — justificaria o inadimplemento da Receita Federal para com mais de 80 000 contribuintes idôneos.

MOTIVOS DE FORÇA MAIOR — Durante a entrevista, o próprio secretário ofereceu uma pista mais factível para explicar o que batizou, eufemisticamente, de "maior rigor deste ano". Embora tenha insistido em se defender das críticas — "no ano passado começamos a distribuir com um mês de antecedência e ninguém elogiou" —, Oliveira acabou revelando que a Receita Federal estimava as restituições em 13 bilhões de cruzeiros — mas, que, até o momento, já emitiu cheques no valor de 15,2 bilhões de cruzeiros. A reclamação, somada à recente retenção dos rendimentos fixos do PIS, Pasep, indicaria que, possivelmente, o Tesouro Nacional se encontra em dificuldades para saldar seus compromissos.

"O problema da restituição ficou crítico de dois anos para cá com o aumento do número de cheques", alegou em sua defesa o secretário da Receita Federal. De fato, em 1974, foram emitidos 350 000 cheques de restituição. Nos anos seguintes, o número subiu sucessivamente para 700 000, 2 milhões, 3,2 milhões e, este ano, finalmente, para 4,5 milhões de cheques. Contudo, como lembrou o próprio Oliveira, em 1977, a sobrecarga de 1,2 milhão de cheques não impediu que a Receita desempenhasse sua função restituidora com um mês de antecedência — não seria justo, portanto, esperar que este ano, com um acréscimo de 1,3 milhão de cheques em relação ao anterior, houvesse pelo menos um respeito aos prazos fixados por ela mesma?

Talvez, com o objetivo de consolar, a esta altura, os irritados contribuintes, o secretário da Receita Federal prometeu tomar medidas para que a morosidade atual não se repita com tanta intensidade nos próximos anos. E adiantou duas modificações. Uma delas — para diminuir a margem de manobra dos falsários — será a instituição do vínculo bancário. Ou seja, em vez de cheques de devolução, o contribuinte terá o valor creditado em sua conta corrente, numa única agência, previamente fixada. Contudo, não parece que haja aí uma barreira adicional. Afinal, os contribuintes hoje já são obrigados a abrir contas correntes

WALTER SOARES

A entrega: depois, a longa espera

para depositar o cheque cruzado, emitido pela Receita Federal. A outra providência, porém, não deixa de ser simpática e indispensável: para evitar, doravante, um número excessivo de restituições, Oliveira promete uma nova tabela para descontar na fonte. Assim, ao menos, os eventuais atrasos não vão onerar tanto o bolso dos contribuintes.

E o governo tentaria alcançar seu objetivo inicial de fazer com que incidam, sobre os rendimentos mensais, descontos na fonte que totalizem o valor mais próximo do imposto afinal devido. De tal modo que, desse equilíbrio prévio, resultasse tão-somente um pequeno acerto para pagar ou restituir. O que vinha acontecendo, no entanto, era um aumento da carga tributária mensal sobre os assalariados ao contrário do equilíbrio pretendido. Lamentavelmente, foi preciso um grande atraso do fisco nas restituições para que viesse a público tal fato, obrigando o governo a pensar numa necessária correção de rota para não prejudicar os contribuintes. ●

CONJUNTURA

# A inflação nos 40%

## *Os resultados de agosto não foram bons. E aumenta a irritação com as altas taxas de juros*

Visivelmente contrariado, o ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, distribuiu, na quarta-feira da semana passada, a costumeira tabelinha com os números da inflação. E, de fato, os resultados de agosto não propiciavam maior descontração. Embora o índice mensal tenha avançado apenas 2,7% — o menor aumento do ano, só verificado em janeiro —, nos últimos doze meses, ou seja, de agosto de 1977 a agosto deste ano, a inflação cresceu 40,2%.

De janeiro a agosto, a inflação somou 28%, também superando as acumuladas de 1977 — 26,7% nos mesmos primeiros oito meses do ano. Agora, será preciso que os índices não escapem da casa dos 2% ao mês para que o desempenho inflacionário de 1978 fique próximo ao do ano passado, quando os preços se elevaram em 38,7%.

Sem dúvida, dificilmente ocorrerá uma explosão de preços. Simonsen diz estar "fora de cogitação" uma taxa de inflação de 45%, em 1978. "Isso é impossível", garante ele. "Tenho esperanças de que os números deste ano sejam semelhantes aos de 1977." E, na verdade, deverá ser assim. Pois as melhores estimativas, que levam em conta inclusive as pressões derivadas do período eleitoral, não apontam para uma inflação muito diferente de 40%. De qualquer forma, como admite Simonsen, as previsões oficiais do início do ano — 32% — frustraram-se por completo.

**Inflação**

*(evolução dos índices, em %)*

| Índice | Agosto | | Julho | | Janeiro/agosto | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1978 | 1977 | 1978 | 1977 | 1978 | 1977 |
| Preços por Atacado | 2.8 | 0,9 | 2.5 | 1.9 | 29.1 | 24.5 |
| Custo de vida (Rio) | 2.4 | 1.9 | 3.7 | 2.4 | 26.9 | 29.4 |
| Custo da construção (Rio) | 2.5 | 1,7 | 2.2 | 2.0 | 24.9 | 31.2 |
| Geral de preços (inflação) | 2.7 | 1.3 | 2.8 | 2.1 | 28.0 | 26.7 |

**HERANÇAS** — Para o ministro, o insucesso da política de combate à inflação não será uma herança pesada para seu sucessor. Pelo menos não tão pesada como a que ele recebeu, em 1974. Na opinião de Simonsen, o atual processo de elevação de preços é diferente do que enfrentou ao assumir a pasta da Fazenda. "Estou deixando uma inflação sem componentes reprimidos", afirmou Simonsen. Contudo, o ministro talvez estivesse esquecendo das eventuais pressões que, por exemplo, poderão aparecer na hora da conversão dos dólares hoje congelados no Banco Central — caso não se dê a eles aplicação produtiva imediata.

A política de combate à inflação promovida por Simonsen, provavelmente, deixará outras questões em aberto. A das odiadas taxas de juros é uma delas. Na semana passada, por sinal, o tema — que acompanha os debates sobre a economia brasileira há mais de dois anos — voltou a ser discutido com ênfase até certo ponto inesperada. Começou com um telegrama de mais de meia centena de sindicatos empresariais solicitando ao ministro da Fazenda "enérgicas providências" no sentido de reduzir os juros. Continuou com um concorrido debate na Federação do Comércio de São Paulo. E culminou com um agressivo documento, divulgado pela Federação do Comércio de Minas Gerais, onde o sistema financeiro é acusado de estar se "apropriando, através do alto custo do dinheiro, de uma parcela do excedente ou dos lucros gerados por toda a economia".

**RESPONSABILIDADE** — No debate paulista, chegou-se à conclusão de que os bancos não podem ser responsabilizados pelo elevado nível dos juros, embora dele se beneficiem. De certa forma, uma postura diversa da apresentada pelos comerciantes mineiros. Em todo caso, parece não haver divergência sobre os males que as altas taxas causam não só para um sereno desenvolvimento dos negócios como também para o combate à inflação. "Entendemos que taxas elevadas atuam como realimentadores da inflação, por seus efeitos diretos sobre os custos de produção e por seus efeitos indiretos sobre as expectativas dos agentes econômicos", lembrou o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Mário Jorge Germanos, no discurso que abriu os debates da Federação do Comércio de São Paulo.

Germanos apresentou algumas sugestões para diminuir as taxas de juros. Em alguns casos, como na proposta de reduzir o crédito subsidiado e na de limitar as aplicações de pessoas jurídicas no *open market*, houve a aprovação

quase unânime dos presentes. A idéia debatida com maior profundidade, porém, diz respeito a possíveis modificações na correção monetária. Germanos defende a prefixação da correção para todas as aplicações de prazo inferior a dois anos. No decorrer dos debates, a sugestão evoluiu para a eliminação da própria correção prefixada. A manutenção apenas da chamada "correção plena" (utilizada, por exemplo, nas cadernetas de poupança) foi considerada pelo presidente da Federação Brasileira de Associações de Bancos (Febraban) e do Unibanco, Roberto Konder Bornhausen, como "digna de estudos".

OBJETIVO — O principal objetivo da proposta está em reverter as expectativas inflacionárias, fazendo com que o sistema financeiro apenas pague — ou receba — juros reais. Caberia a cada um estimar a inflação e, então, decidir se a taxa de juros mais a correção monetária, posteriormente calculada, compensariam os riscos do negócio — qualquer que fosse.

Há, no entanto, algumas dificuldades para se implantar esse sistema. Costuma-se lembrar que o crédito direto ao consumidor sofreria restrições irreparáveis. Como vender a prazo se o comprador não vai ficar sabendo quanto pagará no final? Caso a sugestão seja aceita, talvez não ocorram maiores problemas. Afinal, já se paga mais de 100%, às vezes até 200%, ao ano de juros — e nem por isso os consumidores deixam de comprar a prazo, como, teoricamente, seria de esperar. •

BANCÁRIOS

# Uma vitória?

*Apesar do malogro, a greve teria rendido juros*

Mesmo com o malogro da greve que decretaram, os bancários paulistas podem considerar vitoriosa sua campanha salarial deste ano? "Houve êxito", afirmava taxativamente Francisco Teixeira, presidente do sindicato dos bancários de São Paulo, momentos após a assinatura de um acordo com os banqueiros. "A mobilização da categoria permitiu que superássemos os índices oficiais." Da mesma forma, o delegado Regional do Trabalho, em São Paulo, Vinicius Ferraz Torres, não só reconheceu o êxito como ainda proclamou que "foi o melhor acordo conseguido em São Paulo em 1978", uma afirmação que seria repetida depois, em Brasília, pelo ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto.

Na mesa-redonda realizada na terça-feira, na Delegacia Regional do Trabalho (DRT), em São Paulo, o sindicato dos bancos concordou em melhorar sua proposta aos empregados, com um aumento de 15% superior aos índices oficiais aos que ganham até três salários mínimos; 10% aos que recebem entre três e quatro mínimos; e 8% para a faixa que vai de quatro a oito salários mínimos. Quem recebe mais de 12 500 cruzeiros, receberá um adicional de 624 cruzeiros. Os pisos salariais, por sua vez, foram substancialmente reajustados: o salário de admissão, a partir de 1.º de setembro último, passou a ser de 2 300 cruzeiros para a portaria (contínuos), 2 600 para os escriturários e de 2 900 cruzeiros para o pessoal da tesouraria.

Bancários paulistas: avaliação da greve

Mesmo os bancários mais entusiasmados com a greve, e mais irritados com a assinatura do acordo — argumentam que Teixeira não tinha o aval da categoria para firmá-lo —, reconheceram que o aumento "não foi dos piores". Ao contrário, numa reunião realizada na mesma terça-feira, na Câmara Municipal, pela oposição à atual diretoria do sindicato dos bancários de São Paulo, vários oradores enfatizaram "a quebra do arrocho salarial", que teria sido provocada pelo aumento obtido. "Mas, se a greve tivesse ganhado maiores proporções, teríamos conseguido os 65% que reivindicávamos", enfatizou uma oradora.

DESATIVAÇÃO — O movimento grevista, todavia, não chegou a atingir mais de 100 agências bancárias em toda a Grande São Paulo. Mesmo depois da assembléia que os trabalhadores realizaram no sábado anterior — dia 2 —, reiterando sua disposição de parar, o funcionamento dos bancos não chegou a ser alterado. E, na segunda-feira, a categoria simplesmente desistia da greve com um saldo de 150 bancários sumariamente demitidos.

Teria sido a decisão do ministro do Trabalho, declarando ilegal a greve, o fator responsável pela desativação desse movimento? Teriam os trabalhadores temido o despacho de Prieto, no sábado, enquadrando os grevistas no Decreto-lei 1632, o que possibilitava a demissão deles? No Ministério do Trabalho, pelo menos, acreditava-se que sim, ainda que pairassem dúvidas, em Brasília, se a decisão ministerial visasse a atingir, prioritariamente, os bancários paulistas. A providência era realmente necessária, se o próprio Ministério afirmava que a greve não havia atingido nem 2% dos empregados?, indagaram os jornalistas a Prieto. "Não se trata de uma questão de proporções", retrucou o ministro. "Um ato ilegal, ainda que praticado por apenas quatro ou cinco pessoas, não deixa de ser uma violação da lei."

No fim da semana passada, porém, a interpretação mais corrente na capital federal era a de que a medida de Prieto tinha, como alvo principal, o documento divulgado no Rio de Janeiro, também no sábado, por 31 dirigentes sindicais, que pediam liberdade e autonomia sindical, direito de greve, democratização das eleições e anistia. E ainda hipotecavam solidariedade aos movimentos grevistas dos metalúrgicos de João Monlevade, ao dos professores, médicos residentes e bancários de São Paulo. A única resposta que o ministro tinha para essa interpretação era a de que "o documento é objeto de estudo por parte do Ministério".

O PODER — Seja como for, os próprios dirigentes da oposição sindical dos bancários pareciam admitir a influência do pronunciamento de Prieto no malogro da greve. "Na verdade", disse um deles, "tivemos que lutar contra patrões especialmente dotados de

poder porque, além de ser economicamente fortes, os banqueiros têm influência política direta nos vários escalões do governo." "Além disso", completaria outro líder da oposição, "não podemos esquecer o intricado momento político do país." Os dois sindicalistas chamaram ainda a atenção para o fato de que o sindicato não teria cooperado para a realização do movimento paredista. "Ao contrário, o sindicato atuou para que fracassássemos", acusaram eles.

Para a oposição sindical, contudo, não teriam sido apenas esses os fatores responsáveis pelo malogro das paralisações. "Cometemos sérios erros de organização e, mais que isso, não soubemos avaliar nossa força atual", admitia um de seus dirigentes a VEJA. E explicava que as "comissões de bancos" estão ainda em forma muito embrionária e, em alguns bancos, elas não possuem mais que três pessoas. "Na agência do Banco Itaú da rua Boa Vista", exemplificou, "numa seção que tem 200 funcionários, apenas um parou." "Houve uma ilusão", acrescentou outro. "Pensávamos que as 4 000 pessoas que foram à assembléia que decidiu pela greve iam mobilizar muita gente. Foi um engano. Na verdade, grande parte dos companheiros ali presentes estava indo ao sindicato pela primeira vez em sua vida."

Um funcionário da DRT de São Paulo, em todo caso, reconheceu que da tentativa de greve podiam ser tiradas várias lições. "Os senhores banqueiros, por exemplo, poderiam perceber que, com um pouco mais de transigência nas negociações, teriam evitado todo esse barulho", disse ele. E, quanto aos bancários, quais as lições que tiraram da greve malograda? "Agora sabemos que o fundamental é amadurecer a organização por banco, nas seções e nos bairros", sentenciou um líder da oposição sindical. "Só assim saberemos avaliar, numa próxima vez, quais são, verdadeiramente, as forças de que dispomos." •

TRABALHO

# Alguma novidade

## *A movimentação de Prieto no fim de semana*

Algum importante pronunciamento estava sendo esperado, no fim da semana passada, no Ministério do Trabalho. O indício era a inusitada movimentação de Arnaldo Prieto, na manhã de sexta-feira — numa Brasília quase deserta pelo longo fim de semana —, quando se reuniu com seus principais assessores para depois permanecer por várias horas no Palácio do Planalto. Aos jornalistas, o ministro Prieto dissera, inicialmente, que não tinha havido nenhuma reunião e que, se alguma medida fosse tomada, não se esqueceria de convocar a imprensa. Porém, ante a insistência dos repórteres, ele chegou a admitir que "não se exclui a possibilidade de termos alguma novidade", dando a entender que, se algo acontecesse, seria na esfera das advertências. Advertências que, segundo se pode extrair, seriam dirigidas aos líderes sindicais que assinaram, no último dia 2 de setembro, um documento pedindo liberdades sindicais e políticas, além de manifestar sua solidariedade a vários movimentos grevistas. Mais detalhes Prieto não quis dar: "Como o Falcão, nada tenho a declarar". •

EUA/AL

# Conflito no BID

## *Os técnicos estão divididos pela questão social*

Era apenas um encontro entre tecnocratas dos bancos de desenvolvimento da América Latina, patrocinado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Mas acabou se transformando num claro confronto entre duas concepções de progresso econômico, representadas, de um lado, pelos economistas americanos, e de outro, pelos representantes das delegações da Argentina, Brasil, Venezuela, Peru, Costa Rica, México, Panamá e República Dominicana. Na verdade, as divergências observadas nas diversas reuniões realizadas de segunda a quarta-feira da semana passada, no prédio da Sudene, no Recife, refletiriam apenas um atrito mais profundo que perpassa todas as relações entre os Estados latino-americanos — onde predominam governos autoritários — e a política pretensamente progressista do governo do presidente Jimmy Carter para o continente.

"Em terra de antropófago, nós temos que agir como antropófagos também", justificava-se o presidente do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), Antônio Nilson Craveiro Holanda, num dos intervalos de um movimentado debate com os técnicos do BID. "Nós vivemos num país capitalista", argumentava ele, "e por isso temos que nos basear nos projetos que nos são apresentados pela iniciativa privada." A reação dos delegados latino-americanos, sintetizada com ironia por Holanda, tinha um destinatário certo. Ela se dirigia fundamentalmente contra a pretensão do BID de atribuir, na análise dos projetos que venha a financiar para a América Latina, um peso significativo aos ganhos que eles possam proporcionar em termos de geração de empregos e distribuição de renda.

DEMOCRACIA E TECNOCRACIA — Desde 1961 o BID financia projetos pa-

Bruck, do BID: fatores sociais devem orientar financiamentos

ra a América Latina, por que só agora veio se preocupar com seus aspectos sociais? A pergunta, que circulava maliciosamente entre os delegados latino-americanos presentes no Recife, foi respondida a VEJA pelo representante do BID no Brasil, William Ellis: "Essa preocupação social reflete uma discussão cada dia mais intensa nos países latino-americanos, e nos próprios Estados Unidos, sobre a necessidade de um desenvolvimento voltado para os interesses da comunidade". Diante de conceitos tão genéricos quanto surpreendentes, os delegados dos países participantes do encontro resolveram responder com considerações mais abstratas ainda para, talvez, impedir que o debate descesse a detalhes nem sempre cômodos. A temperatura do encontro se elevou sensivelmente, porém, quando o presidente da Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento, Eurides Gomes Porangaba, num arroubo de sinceridade, disse que, no Brasil, os bancos de desenvolvimento se preocupavam muito mais em fazer uma análise da idoneidade dos empresários que dos aspectos sociais dos projetos. "Em uma região como o nordeste", exemplificou, "qualquer projeto é bom desde que apresentado por grupo idôneo, mesmo que ele não seja o ideal em termos sociais."

Terry Powers, economista do BID, não se conformou com esses argumentos. E reagiu rispidamente quando a economista Júlia Mourão, assessora do BNDE, tentou convencê-lo de que aos bancos de desenvolvimento não caberia adequar cada projeto, mas sim conceituar, em linhas gerais, o que é prioritário para o país. "Aos economistas", retrucou Powers, "não cabe escolher qual a melhor política de desenvolvimento mas apenas fazer estudos e apresentar conclusões para os políticos — a quem deveriam caber as decisões." Uma crítica direta ao modelo brasileiro — essa foi a interpretação que economistas de vários países extraíram do debate. Se eles estiverem corretos, o relacionamento futuro do BID com o Brasil poderá ser afetado por graves problemas. Pelo menos, soa como uma ameaça velada a afirmação feita pelo chefe da seção financeira do Banco, Nicolas Bruck, a Terezinha Nunes, de VEJA. "Se determinados projetos não renderem o esperado, segundo nossos critérios, planos futuros poderão deixar de ser aprovados. Afinal, nossos recursos são escassos e não podemos financiar aquilo que não venha contribuir efetivamente para o desenvolvimento do país em questão." •

RICARDO CHAVES

Feijó: o saldo médio do clube se mede por seus pontos ganhos

ADMINISTRAÇÃO

# Futebol do Brasil S.A.

*Se os clubes fossem empresas, não haveria explicações para a crise por que passa a maioria deles*

De repente, uma nova febre de exportações agita o futebol brasileiro. Há algumas semanas, seu mais famoso jogador em atividade — o meia Rivelino, do Fluminense — foi vendido à Arábia Saudita por 650 000 dólares. Em seguida, o polivalente Dirceu, que surpreendeu no último campeonato mundial, trocou o que chama de incompreensão da crônica esportiva por um contrato milionário com o América, do México. E ainda se anuncia a venda de Marinho — lateral-esquerdo transformado em substituto de Rivelino no Fluminense — para o Anderlecht, da Bélgica. Tem mais. Considerado o maior zagueiro-central produzido pelo futebol brasileiro desde Domingos da Guia, o malemolente Luiz Pereira joga na Espanha. E seu legítimo sucessor — o jovem Oscar, da Ponte Preta de Campinas — poderá cumprir destino semelhante. Enfim os dólares do Cosmos, os petrodólares dos árabes, os eurodólares de times franceses, alemães e espanhóis começam a rondar a área brasileira — à espreita de seus craques.

Em futebol não há margem para dúvidas: só quem está em crise se desfaz de seus melhores jogadores. E isso ocorre em um momento em que, malgrado todo o amadorismo com que é administrado e as injunções políticas a que é submetido, o futebol é uma atividade de enorme significado econômico. Só o Campeonato Paulista do ano passado rendeu 187 milhões de cruzeiros. Ainda na quinta-feira da semana passada, a partida entre o Corinthians e o modesto Francana, no Pacaembu, deu um renda de quase 1,8 milhão de cruzeiros. No mesmo dia, em Santos, era quebrado o recorde de renda na Vila Belmiro, com 934 800 cruzeiros, num jogo que evidentemente não é um clássico — Santos x Paulista. E há clubes, como o Internacional de Porto Alegre, cuja receita é superior a de 90% das prefeituras gaúchas. Leve-se, em conta, também, o volume de publicidade envolvido nas transmissões de rádio, televisão, os centímetros de jornais, as publicações especializadas, o festival de bandeiras, bandeirolas, chaveiros e plásticos, os carnês esportivos. E, finalmente, o interesse da grande maioria da população brasileira — 70% da paulista e 75% da carioca, segundo o Instituto Gallup de Opinião Pública — para se ter, então, o retrato de uma atividade econômica, para consumo de massa, absolutamente inigualável.

A CRISE DOS CLUBES — Principais agentes desse espetáculo, contudo, os clubes de futebol brasileiro não são propriamente a imagem da fartura. O Fluminense do Rio de Janeiro, considerado

o mais bem-administrado clube carioca até a passagem do furacão Horta — seu ex-presidente Francisco Horta —, deve mais de 40 milhões de cruzeiros, sem ter a menor idéia de como pagá-los. O Botafogo, um dos "grandes" do Rio, precisou vender seu estádio para pagar dívidas. O Atlético Mineiro, vice-campeão brasileiro do ano passado, está atolado junto aos bancos, assim como o Flamengo do Rio. Os indícios apontam, como o culpado mais evidente desse estado de coisas, o administrador do clube. E, antes dele, a estrutura de poder que o mantém.

Na maioria dos clubes, o presidente é absoluto, respondendo por seus atos apenas junto ao Conselho de Administração — e, assim mesmo, consultado apenas nas grandes ocasiões. Acontece que, valendo-se de uma disposição federal, o Conselho é composto geralmente por um terço de membros vitalícios. O outro terço — como ocorre no Palmeiras — é eleito pelo Conselho de Orientação e Fiscalização (COF), constituído de ex-presidentes do clube e completado por pessoas eleitas pelo Conselho de Administração. Forma-se aí o círculo vicioso, pois o voto dos associados pode eleger apenas um terço dos conselheiros. Bruno Jordão Sacomani, eleito presidente dentro desse esquema, há algum tempo atrás, abandonou o Palmeiras enquanto exercia o mandato. Fugiu dos amigos, credores e da imprensa tendo atrás de si um pedido de falência e a acusação de ter lesado o clube em mais de 16 milhões de cruzeiros.

É essa estrutura de poder, extremamente estratificada, que é a responsável pela manutenção da anacrônica figura do "cartola" — para muitos, a maior praga do futebol brasileiro. Por vaidade, necessidade de projeção ou por certas facilidades que a administração de um clube oferece, o cartola tende a se multiplicar quando encontra um terreno propício. Ao assumir a presidência do Flamengo, em 1976, o tabelião Márcio Braga pretendia contratar administradores profissionais para todas as áreas do clube. Não conseguiu porque o espaço administrativo do Flamengo estava totalmente ocupado pelos cartolas. "O clube tem 130 diretores", desabafa Braga.

OS PASSIONAIS — Dependendo da margem de ação que é concedida aos diretores, a proliferação de cartolas pode ser o caminho mais rápido para a falência. O executivo Sílvio Vasconcellos, bem-sucedido funcionário da Light, que sucedeu a Horta, no Fluminense, no começo deste ano, constatou que qualquer vice-presidente podia autorizar compras de material por meio de simples bilhetes pessoais — e sem precisar prestar contas a ninguém. "Isso quase me enlouqueceu", diz Vasconcellos. "Onde já se viu esse tipo de procedimento em um grande clube?" "O cartola é um passional", explica Armando Abreu, superintendente contratado do Vasco da Gama, um dos raros clubes cariocas com situação financeira estável. "Por isso é capaz de atos contrários a qualquer regra de administração."

Em geral, a única orientação que os presidentes de clubes são obrigados a seguir durante o ano é a previsão orçamentária — elaborada geralmente em novembro e sujeita a revisão em julho. Normalmente, estima-se essa receita com base na média histórica das arrecadações do clube e para um total de oitenta jogos anuais. Assim, o alijamento do time na primeira etapa de um campeonato nacional colocará toda essa estimativa por terra. No ano passado, por exemplo, o Atlético Mineiro, vice-campeão brasileiro, e dono da melhor campanha, conseguiu empatar despesas e receitas em torno de 15 milhões de cruzeiros. Mas justamente pela boa campanha, mais a convocação de Toninho Cerezzo e Reinaldo para a seleção brasileira, e a inclusão de Marcelo e Paulo Isidoro entre os 44 selecionáveis, seu elenco se valorizou. E essa súbita notoriedade se refletiu imediatamente em sua folha de pagamentos, que ascendeu à espantosa cifra de 1,4 milhão de cruzeiros por mês — a do Guarani de Campinas, atual campeão brasileiro, ainda é de 350 000 cruzeiros mensais. Pior: desfalcado dos jogadores convocados para a seleção brasileira, o Atlético não conseguiu, este ano, reeditar a atuação do ano passado, foi desclassificado nas primeiras fases da Copa Brasil e hoje amarga uma dívida de 10 milhões de cruzeiros.

RENDAS INSUFICIENTES — As desventuras do Atlético Mineiro são apenas uma evidência a mais de que, no quadro atual, os clubes de futebol, sem o auxílio de receitas extras e, principalmente, da retaguarda fornecida pelos sócios, dificilmente poderiam se assemelhar a empresas viáveis. No Internacional, que possui a maior torcida do Rio Grande do Sul, até julho deste ano, a receita bruta atingiu 23,3 milhões de cruzeiros. E, apesar de responder por apenas um terço do faturamento, o departamento de futebol acarretou a metade das despesas. Do mesmo modo, o

departameno de futebol do Palmeiras, em seu balanço de julho, acusava uma despesa de quase 20 milhões de cruzeiros para uma receita de cerca de 16 milhões. Nesta última cifra, as arrecadações responderam por apenas 7 milhões. "Só para pagar os salários do time, precisamos de uma arrecadação bruta de 1,9 milhão de cruzeiros por mês", explica Carlos Eduardo Rodrigues Neto, o "Chico Neto", administrador do Palmeiras.

A DIVISÃO DA RENDA — Cada clube recebe, em média, o equivalente a um terço da arrecadação bruta do jogo. O restante vai para os cofres da CBD (5%), das federações estaduais (5%), para despesas com o jogo (20%) e para o pagamento de dívidas vencidas e vincendas junto ao INPS, além do recolhimento do Fundo de Garantia. Além disso, na Copa Brasil, é descontada a importância de 2 cruzeiros sobre cada ingresso de valor superior a 11 cruzeiros — o que vai compor um Fundo de

Participação, destinado a subvencionar os clubes que não participam do Torneio. A quantia não é irrisória. Só o Grêmio de Porto Alegre estima sua contribuição ao Fundo em mais de 2,5 milhões de cruzeiros.

Ainda não é tudo. Em diversos estádios, há os que não precisam pagar ingresso. No Rio Grande do Sul, existe inclusive a "lei Peracchi" — promulgada pelo ex-governador Peracchi Barcellos — que obriga os clubes a aceitarem até 10% do público de cada jogo formado por pessoas com entrada franca — reunidas na genérica denominação de "autoridades". "E o problema é que aqui todo mundo é autoridade", reclamava Alberto Gália, vice-presidente de finanças do Grêmio.

TABELAS MALUCAS — A simples racionalização da tabela de jogos — e a CBD parece não dar conta disso — seria capaz de operar milagres no ânimo dos torcedores. "Constatamos que precisaria haver mais disputa, mais motivação", explica o homem de *marketing* Celso Eduardo Brandão, uma espécie de assessor da Federação Paulista de Futebol. Assim, decidiu-se dividir o campeonato em três turnos, desde o ano passado. Nos dois primeiros, os clubes foram agrupados em chaves. E os dois primeiros colocados de cada chave disputam entre si o título do turno. O turno final reunia os campeões do primeiro e segundo turno, mais o campeão de rendas e o time que conseguiu mais pontos durante todo o campeonato.

"Então, a motivação não acabava nunca", justifica Brandão. "E, havendo envolvimento emocional, ninguém repara se o jogo é ruim." Os resultados alcançados, de fato, foram excepcionais. Nos últimos dez anos, a média histórica no Campeonato Paulista foi de 170 jogos por ano, que levaram um público médio anual estimado em 1,6 milhão de pessoas aos estádios — quase 10 000 por jogo. No ano passado, o número de jogos aumentou para 378. Mesmo assim, a média de público por jogo subiu a mais de 14 000, proporcionando a arrecadação de 187 milhões de cruzeiros — mais que três vezes a média histórica.

INSTABILIDADE — Para concorrer a uma melhor fatia nas arrecadações, os clubes dependem unicamente de seu desempenho em campo. "O saldo médio de um clube se mede pelos seus pontos ganhos", explica Marcelo Feijó, presidente do Internacional de Porto Alegre, "e não por sua situação financeira." Assim, mesmo os dirigentes mais bem preparados encontram dificuldades imensas para conviver com tamanha instabilidade. "Muitas vezes os princípios administrativos não surtem o menor efeito, porque um gol perdido pode arrasar todo o trabalho anterior", reclamou o empresário Felício Brandi, presidente do Cruzeiro de Belo Horizonte, a Mário Lara, de VEJA. Com essa falta de referenciais mais precisos, os grandes investimentos dos clubes na contratação de jogadores acabam se constituindo em uma espécie de jogo de azar.

Em alguns casos, é possível ter algum retorno imediato pelo aumento das rendas, com a contratação de um jogador — foi o caso do Corinthians que, com o simples anúncio de que o recém-contratado Palhinha iria dar uma volta olímpica antes de um jogo contra o Juventus, conseguiu uma arrecadação de 1 milhão de cruzeiros (em circunstâncias normais, a partida não renderia mais que 400 000 cruzeiros). Mas o Corinthians não pode ser tomado como regra — tal a dimensão de sua torcida. Assim, a maioria das contratações acabaria não dando retorno algum, sendo decidida de afogadilho, por pressão da torcida. É nesse momento que a irracionalidade dos dirigentes se torna mais flagrante. Se não, como explicar que o passe do controvertido Paulo Borges, adquirido pelo Corinthians em 1968, tenha custado mais caro que o de Gérson, Rivelino ou Palhinha, no auge de suas carreiras *(veja o quadro)?*

ALTERNATIVAS — A insegurança dos clubes persiste na hora de conservar seu principal patrimônio — os jogadores. Quase sempre provenientes das camadas mais humildes da população, a convivência com a fama acaba se constituindo em uma formidável pressão psicológica sobre eles. Desde o momento em que se torna conhecido, o jogador terá sua vida particular esmiuçada pela crônica esportiva. Uma declaração mais controvertida poderá fazer recair sobre ele a fama de "mascarado". Ou, então, poderá adquirir a fama de "pipoqueiro" — covarde. A lista de jogadores liquidados nessas condições é extensa. De Paulo Borges — que foi acusado por um jornalista esportivo de "apanhar da mulher" — a Jésum, um esperto ponta-esquerda que acabou sendo "queimado" no São Paulo e hoje faz furor na Bahia.

Expostos à instabilidade das arrecadações, resta aos clubes a busca de receitas alternativas. Nesse ponto, os estilos variam. No começo do ano, por exemplo, o presidente do Fluminense, ao constatar a situação do clube, só encontrou uma saída: endereçou um desesperado pedido de socorro aos sócios. Já a Portuguesa de Desportos, de São Paulo, tem conseguido ampliar consideravelmente suas instalações explorando a invencível atração de seus adeptos por comendas, selos e medalhas comemorativas.

Mais audaciosos, os dois principais clubes gaúchos — Grêmio e Internacional — abriram uma série de negócios paralelos, como churrascarias, butiques, estacionamentos, que lhes proporcionam uma confortável situação financeira. O Grêmio, sobretudo, talvez seja, hoje em dia, o clube mais podero-

CÉLIO APOLINÁRIO

Gol de Reinaldo: em breve, apenas parte do grande espetáculo?

"Chefes" da torcida do Cosmos: o futebol brasileiro quer aderir

so do país. Para este ano, ele prevê um orçamento com receita de 72 milhões de cruzeiros e despesas de 50 milhões. Campanhas promocionais, butiques e churrascarias, em todo caso, são mero varejo, se comparadas com as possibilidades que se abrem com a construção de um estádio particular. O São Paulo, por exemplo, recebe 10% da arrecadação de todos os jogos realizados no Morumbi — o maior estádio da cidade, com capacidade para mais de 120 000 pessoas. Somente a final do Campeonato Paulista do ano passado, entre Corinthians e Ponte Preta, rendeu ao clube a importância de 600 000 cruzeiros. É verdade que, após o jogo, a torcida corintiana comemorou a conquista do título com sua conhecida vitalidade, arrancando a grama, destruindo as traves, rasgando as redes, depredando os banheiros — mas esses são riscos do negócio. Somente a partir do ano passado, contudo, o São Paulo começou a se dar conta de que a arrecadação é apenas uma das possibilidades criadas pelo estádio. Afinal, um local onde se reúnem anualmente de 3 a 4 milhões de pessoas pode se constituir em um formidável ponto-de-venda.

SÍNDROME — Assim, os contratos de publicidade dentro do estádio — que desde sua inauguração nunca foram reajustados — acabaram sendo atualizados, e hoje rendem a importância mensal de 750 000 cruzeiros. Além disso, o clube começa a assinar vários contratos de concessões para a venda de refrigerantes, chocolates, sorvetes e sanduíches. "Até o final do ano esperamos que apenas a receita dessas concessões dê para cobrir a folha de pagamentos", explica Márcio Aranha, diretor-tesoureiro do clube. A grande jogada mercadológica em torno de um estádio, porém, está sendo planejada pelo Internacional de Porto Alegre no seu Beira-Rio. Nos primeiros dias de novembro será inaugurado um placar eletrônico com dois visores — um em branco e preto, voltado para o estádio, e outro colorido, de frente para a avenida padre Cacique —, que deverá proporcionar um faturamento mensal, em publicidade, em torno de 1 milhão de cruzeiros. O investimento no placar foi de 9 milhões de cruzeiros. "Caso seja conveniente, poderá ser instalado um equipamento adicional", explica, a Afonso Ritter, de VEJA, Júlio Trein, idealizador do placar e ex-vice-presidente de administração do Internacional, "que permitirá a reprodução dos lances de gol e mesmo dos lances de outras partidas que estejam sendo transmitidas pela televisão."

O futuro poderá reservar novas surpresas para os freqüentadores de estádios. No momento, homens de *marketing*, publicitários, dirigentes de clubes, parecem tomados pelo que um deles denominou de "a síndrome do Cosmos". De fato, o jogo de despedida de Pelé provoca lembranças inesquecíveis nesses homens. Inicialmente, o desfile de fanfarras, o tremular de bandeiras e a passagem de uma escola de samba absolutamente falsificada. Depois, o desfile das chamadas "personalidades profissionais" — aquelas que, em vez de emprestar seu brilho a uma solenidade, o alugam — do melhor quilate. Mais tarde o hino nacional americano cantado pela cantora Roberta Flack e, finalmente, Pelé, de braços levantados, com a convicção de um monge hindu, bradando *"love, love, love"*. E a arrecadação chegou a 1 milhão de dólares. Os direitos de televisamento para todo o mundo renderam mais de 30 milhões de dólares.

IDÉIAS — Cifras dessa natureza provocam as mais variadas fantasias. "No ano que vem começaremos a fazer espetáculos de circo, corridas de bicicleta e desfiles de fanfarra no intervalo dos jogos", promete Márcio Aranha, diretor-tesoureiro do São Paulo. "E colocaremos dançarinas, treinadas por Lennie Dale, para chefiar as torcidas", completa o publicitário Nelson Biondi. "O ideal seria que os estádios aumentassem o conforto e os preços, para trazer um público menor mas selecionado", propõe Brandão. "O futebol é mau produto", diz ele. "Por isso tem que vir em uma boa embalagem, para disfarçar." No próximo ano, provavelmente, parte desses conceitos poderá ser colocada em prática. Pois o estilo americano começa a invadir o futebol brasileiro. A ponto de uma subsidiária da International Manegement Group — organização americana que opera em mais de dezesseis países —, a Proesa Produções Esportivas, ter assinado contrato com diversos clubes para prestação de serviços especializados. "Oferecemos toda uma linha de consultoria esportiva", explica Elizabeth Silva Mello, gerente administrativa da empresa, "de representação de personalidades do esporte, representação de clubes e agremiações, licenciamento e produção de eventos esportivos a venda de direitos para as transmissões esportivas pela televisão."

Quando esse estilo for implementado, há quem imagine que se terá atingido, em sua plenitude, o potencial econômico do futebol. Pode-se inclusive supor que o país terá clubes poderosos, os jogadores terão *managers*, em lugar de refletores os estádios terão *spot-light* e cada bandeira de clube, confeccionada em fundo de quintal, renderá *royalties* para as agremiações. As brigas de torcidas poderão ser substituídas por danças coreográficas, os xingamentos, por estribilhos graciosos. E, se de fato a situação chegar a tais extremos, é razoável supor igualmente que os torcedores se recordarão, saudosos, dos tempos em que toda a alegria de um espetáculo consistia pura e simplesmente num gol de Reinaldo, numa firula de Careca, na alegre irresponsabilidade de Garrincha, no histrionismo de César. E, quem sabe, pedirão, em coro, a volta da velha desorganização. Afinal, não dizem que o futebol é uma caixinha de surpresas?

LUÍS NASSIF

Ali vivem 448 velhinhos.

Eles já foram pais, avós, bisavós, tataravós. Já foram profissionais dos mais variados ofícios: comerciantes, escritores, poetas, ourives, padeiros, alfaiates, artistas de circo, de teatro.

E hoje são crianças que carregam para a Casa São Luiz para a Velhice suas experiências e buscam ali uma nova perspectiva de vida. Cheia de segurança, amor e proteção.

Tudo começou em setembro de 1890, quando o Visconde Luiz Augusto Ferreira de Almeida acolheu em sua casa 7 velhinhos abandonados pela sorte.

Era o começo de um trabalho grandioso, seguido depois por Carlos Ferreira de Almeida e atualmente por Ruth Ferreira de Almeida.

O trabalho de uma família que, acima de tudo, respeita a vida das pessoas. Sem limites de idade, classe social ou cultural.

Para a Casa São Luiz para a Velhice o importante é estar vivo, é conviver feliz, em paz, seguro. Por isso, o sorriso de cada um daqueles homens e mulheres é a paga de 88 anos de dedicação.

Na Casa São Luiz para a Velhice a vida social é completa, com teatro, cinema, artes, festas.

Ali as pessoas constroem um mundo diferente, com sonhos, esperanças e com muita bagagem de vida.

E ali, também, elas encontram todo apoio, garantia e segurança de que necessitam em suas aspirações.

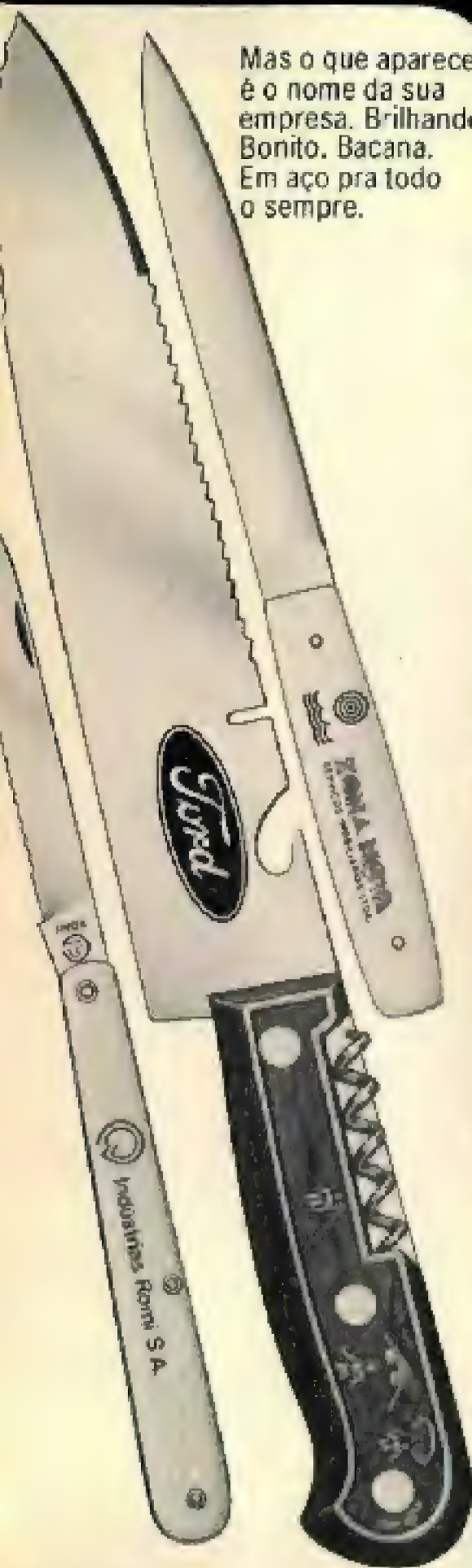
Exemplos como o da Casa São Luiz para a Velhice é que nos incentivam em nosso trabalho de preservar e garantir a segurança das pessoas e das coisas que elas contruíram.

Pois só com segurança acreditamos na vida em sociedade.

A mesma segurança que tiveram os 8474 homens e mulheres que passaram por lá.

UMA CAMPANHA DAS EMPRESAS DE SEGUROS. FENASEG

**SER ÚTIL À SOCIEDADE. O PENSAMENTO QUE UNE AS EMPRESAS DE SEGUROS.**

# NA CASA SÃO LUIZ PARA A VELHICE A VIDA COMEÇA AOS 60, AOS 70, AOS 80, AOS 90...

Bokel, da Verolme: sem sorte com a maré

PETROLEIROS

# Fora do pedido

*A Petrobrás recusa oito navios da Verolme*

Na semana passada, no Rio de Janeiro, um freguês insatisfeito com a qualidade das mercadorias resolveu recusá-las. Poderia ser até um caso banal se o comprador não se chamasse Petrobrás e se as encomendas não se constituíssem de seis navios petroleiros de 135 000 toneladas de capacidade e dois de 116 500, construídos pela Verolme, Estaleiros Reunidos do Brasil. Alegando atraso na entrega dos pedidos e má qualidade dos navios, a Petrobrás tomou sua decisão valendo-se de cláusula estabelecida em contrato. Sem dúvida, há grandes transtornos à proa para a Verolme se a recusa for definitiva. As encomendas envolvem a quantia de 2,3 bilhões de cruzeiros — enquanto a empresa possui um capital de 360 milhões de cruzeiros.

O presidente da Verolme, J. G. A. Ten Bokel, julga, contudo, que a Petrobrás não tem razões para reclamar enquanto atribui os contratempos que a empresa sofreu à fatalidade. O primeiro navio da série 116 500 toneladas, o "Bragança", foi entregue à Petrobrás em 1976, já com o prazo de entrega vencido. Mas teria apresentado uma série de defeitos que o impediram de operar em longo curso. Os dois navios restantes da série, agora recusados — o "Bocaina" e o "Beberibe" —, não tiveram destino melhor. O primeiro teria colidido com uma rocha antes de ser entregue à Petrobrás e precisou ser reparado em Portugal. "Na volta, a Petrobrás se recusou a recebê-lo, alegando que o prazo de entrega já havia se esgotado", conta Bokel. Fundeado em Jacuacanga, Angra dos Reis, o "Bocaina" teria sido jogado de encontro a umas rochas durante um vendaval ocorrido em junho do ano passado, sofrendo novas avarias.

"Os reparos do navio foram concluídos em abril deste ano e o Lloyd's Register fez todos os testes considerando-o como novo", explica Bokel. "Mesmo assim a Petrobrás exigiu nova série de exames." A história do "Beberibe", último navio da série 116 500 toneladas é semelhante à do "Bocaina". Em seu lançamento ao mar, em maio de 1976, sofreu sérias avarias tendo de ser rebocado igualmente para estaleiros europeus. Chegou ao país um dia antes de esgotado o prazo, mas a Petrobrás não quis aceitá-lo. Inconformado, Bokel pediu uma arbitragem — recurso que lhe é permitido pelo contrato. "Apesar do parecer favorável da arbitragem, a Petrobrás continuou exigindo novos testes", continua Bokel. "E, evidentemente, todos esses contratempos resultaram em um atraso geral de nossos planos e prazos de entrega."

Em sua defesa, porém, Bokel vai sustentar a tese de justa causa, baseada em outros motivos: a política de substituição de importações iniciada pelo país, exigindo da empresa estudos demorados para incluir equipamentos nacionais em sua linha de produção. "No contrato firmado com a Petrobrás", explica Bokel, "há uma cláusula que diz que atos e fatos fora do controle do construtor constituem justa causa para o atraso na entrega dos navios." No que toca à Petrobrás, embora tenha se manifestado pela rescisão do contrato, sua decisão não é soberana. Ela só poderá ocorrer quando as três partes integrantes — a Petrobrás, a Verolme e a Superintendência Nacional da Marinha Mercante (Sunamam) — chegarem a um acordo. Por isso o assunto passou a ser examinado pelo próprio ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki, que deverá se pronunciar nos próximos dias sobre a questão. •

No rio Tocantins: o início da barragem de Tucuruí para a construção da quarta usina do mundo

ENERGIA

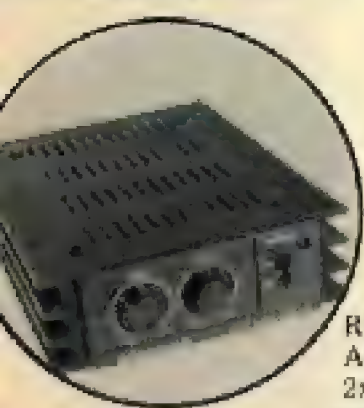
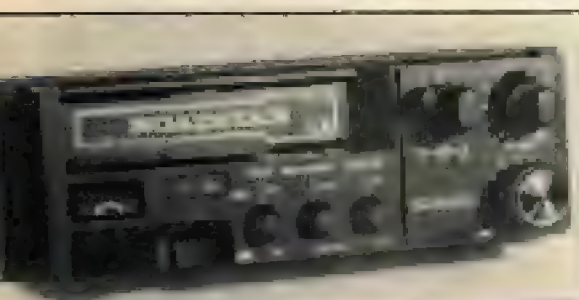
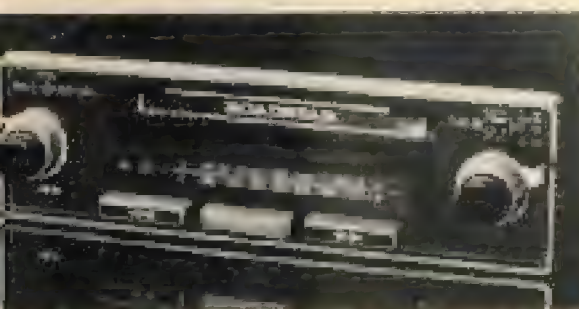
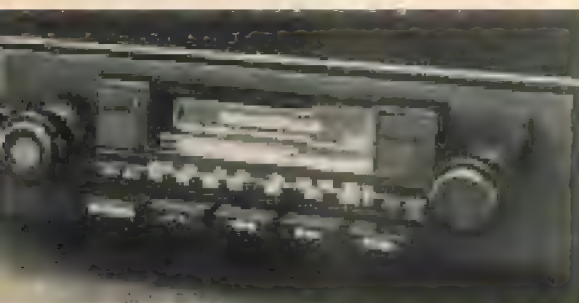
# Tucuruí avança

## *Quase uma Itaipu na selva, só que mais rápida*

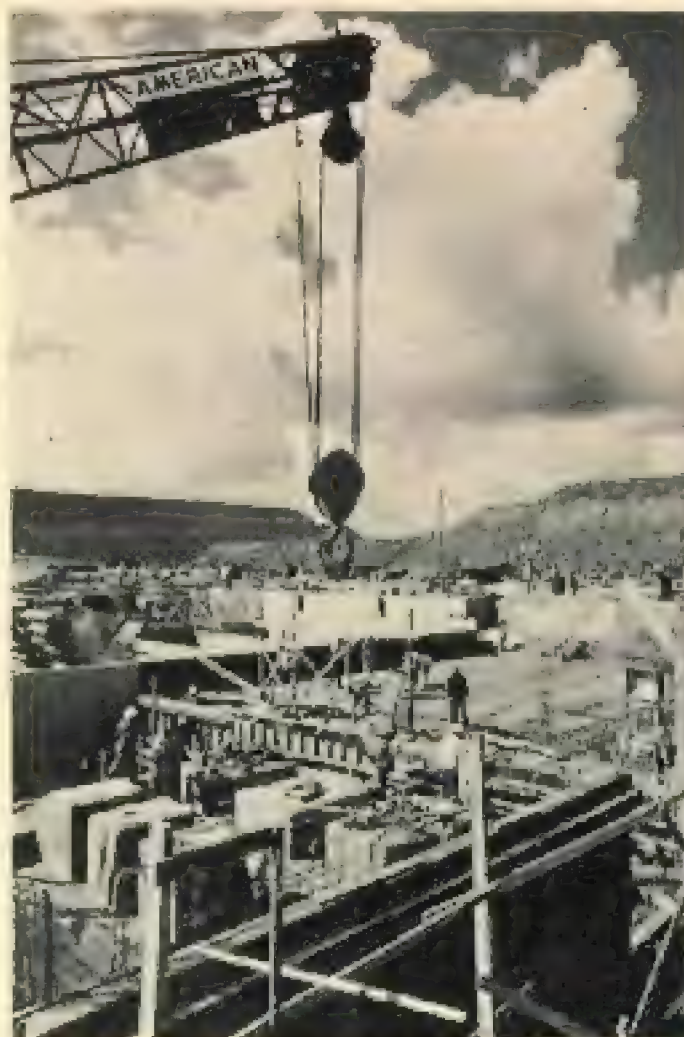
Enquanto Itaipu continua mergulhada em entraves diplomáticos, outra futura e gigantesca hidrelétrica brasileira, a de Tucuruí, no rio Tocantins, engole seus cronogramas de obras. Em novembro de 1982, mantendo o ritmo atual, ela deverá gerar 4 milhões de quilowatts. Mas, ao atingir sua capacidade final, será a quarta maior usina do mundo, com 11 milhões de quilowatts. Saindo de Marabá em direção a Repartimento, onde a Transamazônica se encontra com uma estrada de perto de 90 quilômetros que liga a Tucuruí, o enviado especial de VEJA, Jaime Sautchuk, anotava os primeiros sinais de mudança na região e viu incrível equívoco no traçado da Transamazônica: o mau estado da estrada era explicado pelo simples fato de que 120 quilômetros dela ficarão submersos pelo reservatório da hidrelétrica, que terá 200 quilômetros de extensão e uma área de cerca de 2 200 quilômetros quadrados (cinco vezes a baía de Guanabara).

Não só o traçado da estrada teve que ser reformulado. Os próprios colonos levados pelo Instituto Brasileiro de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para povoá-la serão transferidos. À beira da estrada, placas do INCRA desaconselham o comércio de terras na região. E avisam: só receberão indenização aqueles que tiverem títulos. Segundo Humberto de Barros, chefe interino da coordenadoria especial do Araguaia e Tocantins, do INCRA, perto de 5 000 famílias terão suas propriedades inundadas — em fases que vão de abril de 1979, quando o rio atingirá a cota 35 (35 metros acima do nível do mar), em decorrência do fechamento da barragem de ligação da margem esquerda, a seu fechamento total, em 1982, quando a cota atingirá 86 metros.

NOVA CIDADE — Enquanto isso, cresce diariamente a população de Tucuruí, com operários chegando até do sul do país em busca de trabalho. Hoje, 8 500 pessoas trabalham nas obras, entre funcionários da Eletronorte, da Construtora Camargo Corrêa e de onze outras empresas que sublocam partes do contrato ganho em concorrência pela Camargo Corrêa. Entre elas, a Barefame, uma associação da Bardella com a Sorefame, empresa portuguesa que emprega 175 pessoas, um terço das quais são portugueses vindos de Moçambique. A população atual, na área da barragem, é de 35 000 pessoas e crescerá rápido, pois dentro de pouco tempo, no pico das obras, o número de empregados chegará a 12 500. A própria cidade de Tucuruí, que até 1972 contava com apenas dois carros, tornou-se um centro movimentado: já existem três agências bancárias, dois clubes, freqüentados pelo pessoal técnico e funcionários graduados, um forte contingente da Polícia Militar e um bairro de prostituição — o Corre Água, onde se juntam os operários nos fins de semana. Um peão de obras da hidrelétrica trabalha doze horas por dia, a 5 cruzeiros por hora — os serviços são ininterruptos, em dois turnos —, o que dá um salário mensal em torno de 2 500 cruzeiros. Um soldador, no entanto, assim como outros trabalhadores especializados, pode ganhar até 25 cruzeiros por hora. Os engenheiros recebem, no mínimo, 25 000 cruzeiros mensais.

EMBAIXO DE ÁGUA — O ritmo acelerado que foi imprimido à usina já levou à construção de três conjuntos habitacionais. O primeiro, constituído de trinta casas, ficou encravado na própria Tucuruí. Em seguida, surgiu uma vila provisória para os trabalhadores braçais. E, finalmente, na área da própria barragem, plantou-se uma cidade com 1 220 casas de alvenaria, a Nova Tucuruí, com três escolas e um amplo hospital em fase de acabamento.

Os investimentos previstos para a construção da hidrelétrica são de 2,5 bilhões de dólares (cerca de 47 bilhões de cruzeiros). Segundo a Eletronorte, 60% dos equipamentos serão fabricados no Brasil, o restante virá da Europa, principalmente da França. Perto de 1 000 veículos, entre carros e máquinas pesadas, estão em operação na área e já foi concluído um porto, que serve de terminal para as embarcações que levam material e equipamentos de Belém. Mais de 5 bilhões de metros cúbicos de concreto serão empregados na barragem. Para sua elevação, ao contrário da Itaipu, não será construído canal de desvio. Optou-se pelo desvio das águas primeiro de um lado, depois de outro, mantendo-se abertas as comportas. Uma das preocupações é o aproveitamento da madeira da área a ser inundada. Com exceção da reserva indígena de Parakana (os 136 índios vão para perto de Marabá), onde a Funai já instalou uma serraria, a floresta será explorada por contratos especiais que a Eletronorte fará com empresas interessadas.

Mais difícil, sem dúvida, será a remoção das populações. Pelo menos 23 localidades, entre elas, Breu Branco, com 800 habitantes, desaparecerão. E as famílias de colonos, levadas pelo INCRA para suas falidas agrovilas? Segundo o coordenador Humberto de Barros, "só uma minoria poderá ser levada para outras áreas de colonização".

SALOMON CYTRYNOWICZ

Nas obras: 8 500 pessoas em ação

O INCRA e a Eletronorte ainda não chegaram sequer a uma conclusão a respeito das indenizações. O maranhense Cícero Teixeira Mendes, 68 anos, diz que não aceitará menos de 400 000 cruzeiros. Afinal, plantou 2 000 pés de cacau e abriu roças de arroz, banana e hortaliças. Seja como for, as obras estão seis meses adiantadas.

E, como afirma o engenheiro Francisco Quiroga da Nóbrega, da Eletronorte, "o governo tem um compromisso com a Alcan e a Albrás, que têm projetos de alumínio na região, para iniciar a entrega de energia no final de 1982, e assim será feito" •

METALÚRGICOS

# Volta à fábrica

*Dirigentes sindicais vestem de novo o macacão*

"Ué, Nelsão, você foi despedido do sindicato?", perguntaram, surpreendidos, os antigos companheiros de trabalho de Nelson Campanholo, primeiro secretário do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, ao vê-lo de macacão, voltar a seu posto de soldador da Karmann-Ghia no último dia 1.º de setembro. "Não era para menos", explicou ele a VEJA, na semana passada. "Eu estava desligado da produção havia quase sete anos, me dedicando nesse tempo exclusivamente às atividades sindicais." Reação parecida tiveram os colegas de trabalho de Vassile Volcov Filho, 35 anos, funileiro da Chrysler do Brasil e primeiro suplente de diretoria do mesmo sindicato. Ele também voltava, naquele dia, a assumir sua antiga função, numa experiência que deverá durar um mês.

"No mês que vem, outros dois companheiros da diretoria serão sorteados", disse Volcov, explicando que a iniciativa é resultado de uma reunião em que os 24 diretores do sindicato — nove dos quais só trabalham para a entidade — pensavam em formas de evitar a "burocratização do sindicalista". Por isso a diretoria do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo com essa inovação de volta à fábrica pretenderia "evitar que os sindicalistas se acomodem em suas cadeiras, perdendo de vista que seu órgão de classe serve para lutar pelos interesses dos trabalha- ▸

Volcov Filho: mais ambientado

Campanholo: aprender e ensinar

FOTOS MARIA DA CONCEIÇÃO

dores e não como cabide de emprego", como diz Campanholo.

A troca temporária de "trabalho limpo" (menos pesado) por um outro chamado de "boca de porco" (tarefas pesadas e repetitivas, segundo a gíria metalúrgica), portanto, é encarada com entusiasmo. "Estou verdadeiramente feliz porque, além de integrar mais o sindicato e os trabalhadores, sinto-me útil na fábrica, ensinando aos companheiros o muito que aprendi no sindicato", garantia Campanholo. "É mais que isso", acrescentaria Volcov Filho. "Acabando o mandato, a gente vai estar um pouco mais ambientado com o velho emprego e com os companheiros, principalmente com os novos, que a gente nem conhece." Os diretores do sindicato afirmam, finalmente, que não estão pretendendo dar exemplo para ninguém, mas apenas atender a uma necessidade de sua própria entidade. Em todo caso, ponderou Volcov Filho, "se a experiência se repetisse em outros lugares, não haveria tanto Ary Campista 'dando sopa' por aí". ●

PESTE AFRICANA

# Mais dúvidas

*Começa a reação contra o extermínio de porcos*

Passados o susto, a perplexidade e a revolta, os criadores de porcos, enfim, começam a reagir com medidas práticas contra a alardeada peste suína africana. Quatro meses após o anúncio do que seria o primeiro foco da doença, ▸

## Chico e Jô contra o "fantasma"

Criadores paulistas de suínos consideram lamentável o fato de que a peste africana que estaria grassando no país tenha virado assunto dos programas humorísticos da televisão. As piadas, dizem eles, têm o dom de tornar consumado um fato que seria apenas um "fantasma" da versão oficial, com terríveis prejuízos para o produtor e o consumidor. VEJA colocou a questão diante de três humoristas da TV Globo:

*Chico Anísio* — "Nós nos guiamos pelas informações dos jornais. Pessoalmente, podemos ficar em dúvida, mas o que vale são as informações. O programa é reflexo da sociedade, não de informações oficiais."

*Jô Soares* — "Só me informei da peste através da revista VEJA. Vou pesquisar aonde? Nos porcos? Soube esta semana que Robert Shaw e Charles Boyer morreram. Não vou fazer nenhum comentário enquanto não ligar para o legista." (VEJA, como toda a imprensa, noticiou o surgimento da peste, anunciado pelo governo. No entanto, em seu número 516, de 26-7, publicou nova reportagem com informações que colocavam em dúvida a sua existência.)

*Max Nunes* — "Não exigimos documentação de ninguém e só temos certeza de que estamos vivos."

# A Chrysler vai pôr uma nova emoção em sua vida. Para sermos exatos, cinco.

LE BARON · MAGNUM · CHARGER R/T · DART · POLARA

Aguarde para breve o lançamento da nova linha Chrysler.

em Paracambi (RJ), ela continua enigmática: a mortalidade é baixíssima (e, em muitos casos, os sintomas podem ser atribuídos a intoxicações, pneumonias ou peste comum) e praticamente não contagia — onde morre um porco os demais permanecem com boa saúde. Mas, sem dúvida, teve efeitos devastadores. Até agora foram exterminados cerca de 45 000 animais, o consumo caiu radicalmente e a imagem do país, como produtor, ficou profundamente abalada. Em todo caso, é possível que esse quadro venha a se alterar com o que ocorreu na semana passada.

Na segunda-feira, o juiz Orlando Cavalcanti Neves, da 2.ª Vara da Justiça Federal, em Pernambuco, concedeu uma medida liminar ao médico e criador Emanuel Salvador Teixeira, sustando até posterior avaliação judicial o extermínio e cremação dos 562 porcos de sua Granja São Paulo, no Quilômetro 16 da estrada de Aldeia, na região metropolitana do Recife. Em seguida, Teixeira pretende mover ação de indenização por perdas e danos contra a União. Ele argumenta que o preço de 353 cruzeiros por animal, estabelecido pela Comissão Executiva para Erradicação da Peste Suína Africana, é irrisório diante do valor real de 872 cruzeiros que pressupõe para seus porcos, afinal, reprodutores de linhagem. A questão dos preços não é, no entanto, a mais importante no caso. O problema maior consiste na própria desconfiança em relação à existência da peste.

O médico e criador pernambucano contou a VEJA o seguinte episódio. Numa sala da Delegacia Estadual do Ministério da Agricultura, em Pernambuco, um técnico explicava como teria sido descoberta a doença: "Casualmente veio um técnico americano estagiar no Rio de Janeiro. Casualmente estava em um instituto próximo a uma pocilga que alimentava os porcos com restos de alimentos de uma companhia de aviação. Morreu um animal e foi jogado ao lixo. Casualmente, esse porco foi levado ao técnico americano e analisado. Era a peste suína africana". Teixeira assegura que a seqüência dos "casualmente" é rigorosamente fiel ao relato.

"NÃO EXISTE" — O criador nordestino descarta, contudo, como casualidade, o fato de a doença ter eclodido justamente quando o país galgava posição de destaque no plano internacional em relação à suinocultura, podendo vir a concorrer em igualdade com outros grandes produtores. Suspeitas desse tipo são manifestadas também em Três ▶

SR-1
Recife - (081)224.4401
Fortaleza - (085)231.5480
Salvador - (071)226.0501

SR-4
São Paulo - (011)227.7222
(011)227.1299
Bauru - (0142)26811

SR-6
Porto Alegre - (0512)24.6954
(0512)24.1861

SR-2
Belo Horizonte - (031)226.0810
(031)222.2473

SR-3
Rio de Janeiro - (021)243.9095
(021)223.3079

SR-5
Curitiba - (041)222.1556

# A Rede apresenta seus homens de ferro.

Eles só estão esperando o seu chamado para lançar mãos à obra.

E a primeira informação que você precisa é saber o tipo de vagão exato para o seu tipo de carga. Mas esse é apenas o início do trabalho do homem de ferro. Ele calcula o número de vagões necessários. Ele planeja toda a operação. Ele é o responsável pelo início, o fim e o meio do transporte.

Para funcionar perfeitamente, o sistema foi dividido em seis Superintendências Regionais — localize a da sua região e telefone para o homem de ferro.

Ele tem sempre uma vaga para sua carga. Ou melhor: um vagão.

**Use trem.**
**O transporte de carga econômico.**

RFFSA

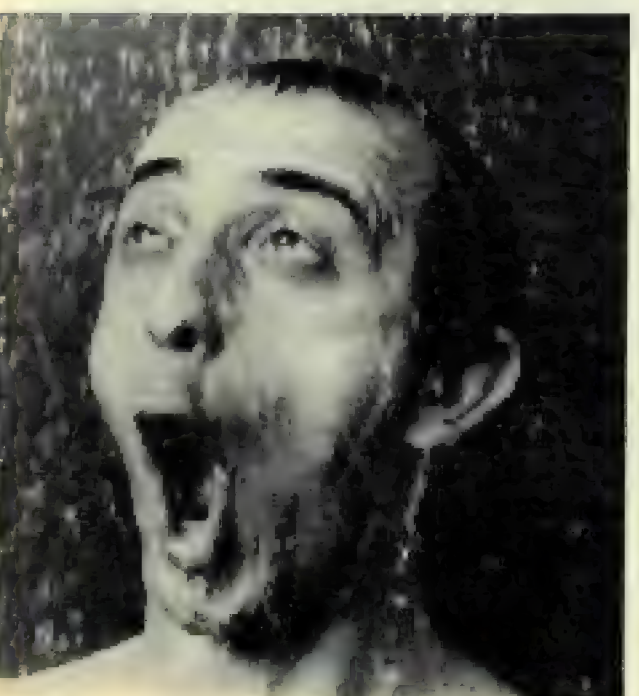
SILVIO FERREIRA

**O pernambucano Teixeira: resistindo ao extermínio**

Passos (RS), município gaúcho com o maior rebanho suíno do país (100 000 cabeças), onde começa nesta terça-feira um decidido movimento no sentido de esclarecer, de vez, o que se passa. Uma comissão integrada por criadores e autoridades locais sai em viagem por diversas cidades para convocar técnicos e pesquisadores para um grande encontro de debates, em Três Passos mesmo, ainda este mês. o prefeito Egon Lautert dizia a VEJA, na última sexta-feira, que o primeiro objetivo é, justamente, "avaliar se efetivamente é peste africana ou não".

O primeiro foco da peste no Rio Grande do Sul, segundo o Ministério da Agricultura, foi localizado em Três Passos. Acontece que quarenta dias depois de um animal morto ter recebido no laboratório do Instituto de Virulogia, no Rio de Janeiro, o laudo positivo de peste africana, o restante do rebanho do criador Waldemar Ritter gozava de boa saúde. Esse foi um dos motivos que reuniram produtores de 23 municípios, em Três Passos, no dia 22 de agosto. Ao final do encontro, num documento de quatro laudas os criadores reclamavam da maneira como o problema vinha sendo encaminhado e resolviam: "Negar, de forma definitiva e com absoluta segurança, a existência, até esta data, de foco de peste suína africana no município de Três Passos, desconhecendo o episódio Waldemar Ritter".

Em Brasília, respondendo pelo Grupo Coordenador de Combate à Peste Suína Africana, o secretário de Defesa Sanitária Animal, Ubiratan Mendes Serrão, afirmava a VEJA, no final da semana passada, que esses fatos não alteram a posição do governo. Ou seja: 1) que a doença chegou de fato ao país, embora, ao contrário do que fora anunciado inicialmente, de forma branda — o vírus, procedente da Europa, estaria se mostrando atenuado em face de repetidas vacinações contra a peste clássica a que fora submetido o rebanho; 2) que vai prosseguir a política de extermínio de animais onde for identificado um foco da doença, pelas análises do laboratório do Rio de Janeiro. Continuam válidas, dessa forma, para o governo, as medidas adotadas há um mês numa reunião de vários órgãos oficiais, visando aperfeiçoar o combate à misteriosa peste. Resta saber se surtirão efeito agora, quando os produtores reagem de forma concreta. •

# Em vez de cantar, tente falar o nome de nossa empresa: os ouvintes vão se divertir muito mais

Abra o chuveiro e comece: o nosso nome é Hoechst.

Hoechst do Brasil Química e Farmacêutica S.A.

E enquanto você aproveita o banho para tentar falar o nosso nome, nós aproveitamos para falar o que fazemos.

Algumas de nossas atividades estão em medicina e farmácia, agropecuária, indústria têxtil, alimentação, transporte, educação: no meio de engenheiros, médicos, estudantes, agricultores, somos famosos pelas pesquisas e desenvolvimento de produtos e serviços.

Temos filiais e laboratórios espalhados por todo o Brasil: e estamos sempre procurando ampliar e intensificar os nossos programas de pesquisas.

Como consequência do nosso trabalho, estamos vendo muito mais pessoas morando melhor, estudando melhor, se alimentando melhor, produzindo mais, tendo mais conforto: isso para nós é muito bom, mas acreditamos que para quem usa os nossos produtos e serviços é melhor ainda.

Mas agora, voltando ao assunto deste anúncio, tente falar o nosso nome: Hoechst, uma empresa que trabalha para ajudar o homem a viver melhor.

Por isso mesmo, vale a pena você tentar outra vez: e se alguém der risada, pode mandar tomar banho.

Hoechst do Brasil
Química e Farmacêutica S.A.
Caixa Postal 7333
01000 São Paulo - SP

# "Revista no Brasil pra fazer sucesso tem que ter pouco texto, muita foto e mulher." Nós escolhemos outro caminho.

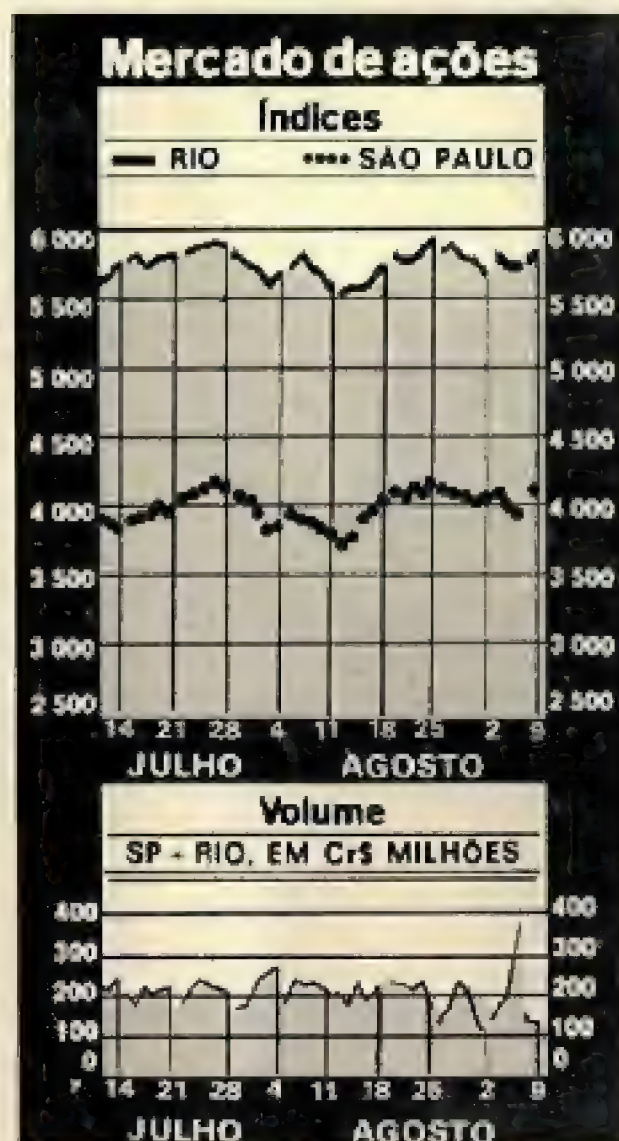
Na segunda semana de setembro de 1968, 650 mil pessoas compraram o primeiro número de VEJA. Nas semanas seguintes, 228 mil compraram o segundo, e 150 mil o terceiro. E as vendas continuaram

# INVESTIMENTOS

## A SEMANA / POUPANÇA

## COTAÇÕES

| Ações mais negociadas no Rio e São Paulo | Sexta-feira 1/9/78 Preço | P/L | Sexta-feira 8/9/78 Preço | P/L | Variação na semana % | Indicador |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Acesita - op | 1,01 | 12,8 | 0,98 | 12,5 | − 3,0 | SP |
| Aços Villares - pp | 1,79 | 4,4 | 1,78 | 4,3 | − 0,5 | SP |
| Alpargatas - pn | 3,00 | 4,6 | 3,00 | 4,6 | – | SP |
| Alpargatas - op | 2,80 | 4,4 | 2,80 | 4,3 | − 3,1 | SP |
| Anderson Clayton - op | 1,95 | 4,0 | 2,10 | 4,3 | + 7,7 | SP |
| Arno - pp | 3,46 | 6,8 | 3,65 | 7,1 | + 5,5 | SP |
| Bco. Brasil - on | 1,81 | 3,0 | 1,82 | 3,0 | + 0,6 | RJ |
| Bco. Brasil - pp | 1,81 | 3,3 | 1,86 | 3,4 | + 2,8 | RJ |
| Bco. Est. S. Paulo - on | 1,47 | 2,6 | 1,40 | 2,5 | − 4,8 | SP |
| Bco. Est. S. Paulo - pp | 1,62 | 2,0 | 1,60 | 2,8 | − 1,2 | SP |
| Bco. Itaú - op | – | – | – | – | – | SP |
| Bco. Nordeste - on | 1,21 | 1,4 | 1,23 | 1,4 | + 1,7 | RJ |
| Bco. Nordeste - pp | 1,60 | 1,7 | – | – | – | RJ |
| Bco. Noroeste SP - pp | 2,73 | 5,3 | 2,65 | 5,1 | − 2,9 | SP |
| Belgo - op | 1,22 | 3,5 | 1,20 | 3,4 | − 1,6 | SP |
| [illegible] - pp | 0,35 | – | – | – | – | SP |
| Bradesco - on | 2,00 | 3,6 | 2,00 | 3,6 | – | SP |
| Bradesco - pn | 1,90 | 3,6 | 1,90 | 3,6 | – | SP |
| Bradesco Inv. - pn | 1,64 | 2,3 | 1,65 | 2,3 | + 0,6 | SP |
| Brasimet - op | 1,00 | – | 1,09 | – | + 9,0 | SP |
| Brasmotor - op | 4,85 | – | – | – | – | SP |
| Brahma - op | 2,00 | 5,3 | 2,07 | 5,4 | + 3,5 | RJ |
| Brahma - pp | 2,09 | 6,5 | 2,13 | 6,6 | + 1,9 | RJ |
| Cacique - pp | 3,00 | 4,2 | 2,90 | 4,0 | − 3,3 | SP |
| Casa Anglo - op | 3,65 | 6,7 | | – | – | SP |
| Casa Anglo - on | – | – | – | – | – | SP |
| Cemig - pp | 0,65 | – | 0,66 | – | + 1,5 | SP |
| CESP - pp | 0,74 | 6,2 | 0,72 | 6,0 | − 2,7 | SP |
| Cica - pp | – | – | 1,45 | 2,3 | – | SP |
| Cimento Itaú - op | 3,42 | 8,5 | 3,36 | 8,4 | − 1,7 | SP |
| Cobrasma - pp | 2,12 | 8,6 | 2,11 | 8,6 | − 0,5 | SP |
| Consul - ppB | – | – | – | – | – | SP |
| Cepas - pp | 1,02 | – | 1,04 | – | + 2,0 | SP |
| Docas - op | 1,54 | 2,7 | – | – | – | SP |
| Duratex - pp | 1,45 | 3,6 | 1,45 | 3,6 | – | SP |
| Eluma - pp | 1,46 | 3,0 | 1,46 | 3,0 | – | SP |
| Ericsson - op | 1,27 | 4,5 | 1,19 | 4,2 | − 6,3 | SP |
| Eternit - op | 3,10 | – | – | – | – | SP |
| Estrela - pp | – | – | 3,91 | 7,1 | – | SP |
| FNV - opA | 1,81 | 2,6 | | | | SP |
| Ferr. Sam. Brasil - op | 1,22 | – | 1,20 | – | − 1,6 | SP |
| Fin. Bradesco - pn | – | – | 1,40 | 2,4 | – | SP |
| Ford - op | 1,60 | – | – | – | – | SP |
| Fundição Tupy - op | 0,95 | 3,0 | 0,93 | 2,9 | − 2,1 | SP |
| Fundição Tupy - pp | 1,07 | 3,3 | 1,12 | 3,6 | + 4,7 | SP |
| Helena Fonseca - op | 0,65 | 2,6 | 0,68 | 2,9 | + 4,6 | SP |
| IAP - op | – | – | – | – | – | SP |
| Ind. Hering - ppA | – | – | 1,18 | – | – | SP |
| Ind. Villares - ppB | 2,17 | 4,7 | 2,10 | 4,6 | − 3,2 | SP |
| LTB - op | – | – | – | – | – | RJ |
| Light - op | 0,80 | 7,3 | 0,80 | 7,3 | – | RJ |
| L. Americanas - op | 3,60 | – | 3,60 | – | – | SP |
| Magnesita - op | 0,95 | – | 0,95 | – | – | SP |
| Manah - op | 7,00 | – | – | – | | SP |
| Mangels Ind. - op | 1,25 | 7,8 | 1,26 | 7,9 | + 0,8 | SP |
| Mesbla - op | 3,50 | 4,8 | 3,48 | 4,8 | − 0,6 | SP |
| Metal Leve - pp | 3,30 | 8,0 | 3,25 | 7,9 | − 1,5 | SP |
| Moinho Santista - op | 1,62 | – | 1,42 | – | −12,3 | SP |
| Paul. F. e Luz - op | 0,84 | 4,7 | 0,82 | 4,5 | − 2,4 | SP |
| Pet. Ipiranga - pp | – | – | – | – | – | SP |
| Petrobrás - op | 1,84 | 4,5 | 1,85 | 4,6 | + 0,5 | RJ |
| Petrobrás - pp | 2,40 | 3,9 | 2,42 | 3,9 | + 0,8 | RJ |
| Pirelli - op | 1,52 | 4,6 | 1,55 | 4,7 | + 2,0 | SP |
| Pirelli - pp | 1,41 | 4,3 | 1,39 | 4,2 | − 1,4 | SP |
| Real - pn | 0,80 | 1,4 | 0,80 | 1,4 | | SP |
| Samitri - op | 0,83 | – | 0,83 | – | – | RJ |
| Sharp - op | 2,70 | 6,1 | 2,90 | 6,6 | + 7,4 | SP |
| Servix - op | 0,53 | 1,6 | 0,64 | 1,9 | +20,8 | SP |
| Sid. Aconorte - ppA | 0,67 | 2,5 | 0,76 | 2,8 | +13,4 | SP |
| Sid. Guaíra - pp | 0,69 | – | 0,85 | – | +23,2 | SP |
| Sid. Mannesmann - op | 2,06 | – | 2,04 | – | − 1,0 | RJ |
| Sid. Nacional - ppB | – | – | – | – | – | SP |
| Sid. Riograndense - op | 0,85 | 2,6 | – | – | – | SP |
| Sid. Riograndense - pp | 1,31 | 3,4 | 1,32 | 3,5 | + 0,9 | SP |
| Souza Cruz - op | 2,80 | 7,0 | 2,81 | 7,0 | + 0,4 | SP |
| Telerj - on | 0,16 | 6,3 | 0,16 | 8,0 | +12,5 | RJ |
| Telerj - pn | 0,48 | 16,0 | 0,49 | 16,3 | + 2,1 | RJ |
| Transparaná - pp | 0,97 | 1,9 | 0,92 | 1,8 | − 5,1 | SP |
| Vale - pp | 1,24 | 5,0 | 1,23 | 4,9 | − 0,8 | SP |
| Varig - pp | 1,37 | 3,1 | 1,39 | 3,1 | + 1,5 | SP |
| White Martins - op | 3,18 | – | 3,21 | – | + 0,9 | RJ |

*on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador; pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador. P/L em relação ao lucro por ação sobre o capital médio. Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e São Paulo*

**Oscilação das cotações entre 1.º e 8/9**

| Maiores altas da semana | % |
|---|---|
| Sid. Guaíra — pp | 23,2 |
| Servix — op | 20,8 |
| Sid. Aconorte — ppA | 13,4 |
| Telerj — on | 12,5 |
| Brasimet — op | 9,0 |

| Maiores baixas da semana | % |
|---|---|
| Moinho Santista — op | 12,3 |
| Ericsson — op | 6,3 |
| Transparaná — pp | 5,1 |
| Banespa — on | 4,8 |
| Cacique — pp | 3,3 |

| Dia | Índice Bovespa | Variação % | Volume (milhões Cr$) |
|---|---|---|---|
| 4 | 4,023 | ESTÁVEL | 95,2 |
| 5 | 3,998 | − 0,6 | 56,2 |
| 6 | 3,989 | − 0,2 | 78,6 |
| 7 | — | — | — |
| 8 | 4,056 | + 1,6 | 36,1 |
| 1.º/8 | + 33 | + 0,8 | 266,1 |

| Dia | Índice BV Rio | Variação % | Volume (milhões Cr$) |
|---|---|---|---|
| 4 | 5,813 | − 0,4 | 84,4 |
| 5 | 5,784 | − 0,5 | 143,1 |
| 6 | 5,783 | ESTÁVEL | 290,5 |
| 7 | — | — | — |
| 8 | 5,836 | + 0,9 | 77,7 |
| 1.º/8 | + 46 | + 0,8 | 595,7 |

# Cresce a remuneração

Na semana passada, o ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, anunciou que o Índice de Preços por Atacado (IPA) apresentou um aumento de 2,8% no mês de agosto. Esta era a última incógnita que faltava na fórmula da correção monetária, para se calcular as ORTN de outubro — e daí se chegar à rentabilidade das cadernetas de poupança. A correção monetária no terceiro trimestre ficou em 9,12% — com mais 1,5% de juros, a remuneração das cadernetas deverá se fixar em 10,62% ou 3,54% ao mês. Com isso, a remuneração anual da caderneta, ou seja, dos últimos quatro trimestres, deverá ser de 41,8% (quando a inflação acumulada dos doze últimos meses poderá ficar entre 40% e 41%).

O índice do terceiro trimestre revela que a curva da correção monetária continua em ritmo ascendente. De fato, a partir do segundo trimestre de 1976, quando a remuneração anual da caderneta atingiu o pico de 46,6%, a correção monetária experimentou um leve declínio. Nos trimestres seguintes, caiu sucessivamente para 43% e 37,5%. A partir do primeiro trimestre de 1978, a curva começou novamente a se inverter — com a remuneração anual subindo para 38,9% e recuando levemente no trimestre seguinte para 38,34%.

Mesmo com tais níveis de rentabilidade, o aumento dos depósitos de poupança não tem sido muito significativo. Em julho, o volume de depósitos atingia cerca de 235 bilhões de cruzeiros — cerca de 11,5% a mais que no mês anterior.

Excluindo a correção monetária e os juros creditados, porém, o aumento real foi levemente superior a 1%. Já em agosto, a Caixa Econômica Federal, que responde por metade de todos os depósitos de poupança, anotava um aumento nos depósitos, em relação ao mês anterior, de mero 1,4%. •

"A Chave Azul!" — símbolo internacional da companhia financiadora de equipamentos que mais rapidamente se desenvolve no mundo.

Alguns anos atrás... era somente um nome e uma idéia.

Hoje, a Manufacturers Hanover Leasing Corporation, como subsidiária de uma instituição de US $35 bilhões, movimenta com seus programas financeiros "Chave Azul!" mais de US $1,5 bilhão em equipamentos — das jazidas de carvão de West Virginia até as de petróleo no Mar do Norte.

"Financiamento Chave Azul!"... um nome que é conhecido. Uma idéia que funciona em qualquer parte do mundo.

Para maiores informações, dirija-se ao Dr. Gilberto D. Prado, Diretor Geral, Praça Pio X, 55-7.º andar, Rio de Janeiro-Brasil. Telefone 283-0202.

**Filiais**

**São Paulo**
Avenida Paulista, 2439 - 7.º andar
São Paulo - Brasil
Tel.: 282-8933

**Belo Horizonte**
Rua Tupinambás, 360 - Salas 602/606
Belo Horizonte, MG - Brasil
Tel.: 224-7374

**Curitiba**
Rua Comendador Araújo, 143 - Sala 82
Curitiba, PR - Brasil
Tel.: 32-5362

**MANUFACTURERS HANOVER DO BRASIL ARRENDAMENTO MERCANTIL, S.A.**

**Financiamento total de equipamentos. Em todo o mundo.**

**True Lease/Master Lease and Financing Programs/Vendor Programs/Project Financing**

QUEROSENE

ÁGUA PURA

# Ponha o nariz aqui. E escolha seu inseticida.

Experimente o cheiro do querosene.

É forte. Mesmo assim é usado como solvente pela maioria dos inseticidas. Por isso eles têm aquele cheiro tão forte que você conhece.

Agora experimente a água.

Água não tem cheiro, não faz mal nenhum. Por isso SBP usa água como solvente.

Água, misturada à fórmula exclusiva de SBP, cria um inseticida muito especial: poderoso contra insetos rasteiros e voadores, mesmo os mais resistentes como a barata. Ao mesmo tempo muito suave, com um cheirinho discreto que não incomoda sua família.

Essa é a grande diferença que existe entre SBP e os outros inseticidas. Todos eles matam insetos. Mas só SBP cumpre essa obrigação sem criar problemas para sua família.

**SBP. Terrível só contra os insetos.**

*"Paisagem de Itapira", 1978: a tradição da pintura primitiva*

involuntária transformação da realidade que caracteriza e dá poesia à melhor pintura do artista. Outras ameaçam resvalar pelo clichê. E existe mesmo um quadro (este no ateliê) quase ao nível dos incipientes acadêmicos que copiam cromos de florestas em chamas ou azuladas noites de luar — cenas comuns nos domingos paulistanos na praça da República, quando ali se expõe a produção da chamada Feira Hippie.

O problema se complica porque Agostinho, evidentemente, nunca se colocou questões como originalidade, ou contemporaneidade da linguagem. Pelo contrário. Provavelmente apenas se sente mais feliz ao perceber que por seus próprios meios (nunca teve aulas) se aproxima cada vez mais de uma técnica acadêmica. O verdadeiro primitivo nunca se supôs moderno ou criador. O principal deles — o "Douanier" Rousseau — dizia ao então cubista Picasso, na primeira década do século: "Tu e eu somos os maiores pintores vivos. Tu no estilo egípcio e eu no estilo clássico".

**NA COZINHA** — No entanto, o contato direto com Agostinho Batista de Freitas revela uma personalidade ainda absolutamente cândida e franca. Aos 51 anos, ele continua no fundo o mesmo filho de imigrantes da Ilha da Madeira que no começo do século vieram trabalhar na lavoura no interior de São Paulo. Até hoje, aliás, tem um ligeiro sotaque — embora seja brasileiro, nascido em Campinas — e o partilha com dona Helena, sua mulher há trinta anos, parenta longínqua e também filha de portugueses.

Agostinho estudou até o terceiro ano primário (além do qual não iam as escolas rurais, em sua época), mas se exprime com clareza e razoável correção. Na infância, trabalhou em padaria, depois pintou velocípedes numa fábrica de brinquedos da Mooca e chegou a auxiliar de tecelão. A profissão definitiva foi a de eletricista — que exerceu até cerca de seis anos atrás. Casou-se cedo, ganhou do sogro um terreno de vila, fez sua casa com as próprias mãos, teve dois filhos. E, quando a mulher estava grávida do segundo (uma menina, hoje telefonista), ocorreram as únicas brigas do casal. "Eu tinha que fazer a comida, cuidar do menino com 1 ano e ele ficava pintando, aqui mesmo no meio da cozinha", lembra dona Helena. A cozinha foi durante vinte anos seu principal ateliê. O outro era a rua — onde Pietro Maria Bardi o encontrou por puro acidente.

**CARTÕES POSTAIS** — Ele fez poucas exposições, participou em 1966 da Bienal de Veneza; nenhum envio a salão, nenhum prêmio e quase nenhum mercado, até praticamente os fins da década de 60. Este é o currículo de Agostinho, que sempre dependeu, para viver, de seu trabalho como eletricista. Só nos últimos anos alguns compradores avulsos — inclusive marchands — começaram a freqüentar seu ateliê. Não há provas de que eles tenham interferido diretamente sobre sua liberdade de criação. Mas o sucesso incipiente acabou valendo encomendas com temas definidos. E copiar modelos tornou-se um procedimento hoje corrente.

Agostinho assegura que o povo já não o deixava mais pintar nas ruas e por isso passou a empregar cartões postais em vez da observação do natural. Comprou ainda uma máquina fotográfica Xereta (o que faz pensar numa paráfrase pobre do hiper-realismo). Pode ser que sua justificativa seja exata, pelo menos no nível consciente. Mas é também exato que Agostinho reconhece ter conseguido aumentar a produção. E no plano estilístico houve mais sérias conseqüências. Como todo primitivo, ele desejava o maior grau possível de fidelidade à realidade retratada e era de sua relativa bisonhice que resultavam inventividade e criação. Com condições técnicas mais simples, a inventividade decresce em proporção. Se a pintura de Agostinho está viva, é porque ele tem um talento inato e uma necessidade de expressão que as circunstâncias ainda não conseguiram sufocar.

Mas que pode acabar sendo sufocada. Que acontecerá se o pintor passar a produzir para o mercado? E como argumentar com ele, já que esse mercado ▶

*O trenzinho no campo: a paisagem rural vende muito mais*

# Perto das fotos reveladas na Pro-Color as outras parecem reveladas na Contra-Color.

Enquanto os outros vendem conjuntos de som, lentes de contato, microscópios, óculos ray-ban, badulaques em geral e casualmente também revelam fotografias, a Pro-Color só revela fotografias. E como só faz isso, faz isso melhor do que ninguém.

Tem um laboratório fora-de-série, técnicos com curso no exterior e só trabalha com produtos Kodak. Por essas e por outras, há 12 anos ela é chamada de a revelação do ano. Além de ser a queridinha dos profissionais.

Na próxima vez que você tiver filmes coloridos pra revelar, fotos pra copiar ou fotos pra ampliar, procure um dos 3.500 representantes que a Pro-Color tem por aí.

Você vai ver por que perto das fotos reveladas na Pro-Color as outras parecem reveladas na Contra-Color.

*Agostinho: uma pintura ainda viva, por força de um talento inato*

exigirá justamente a academização que lhe parece ser desejável e correta? Por outro lado, como lhe negar o direito aos valores imediatistas apregoados pela sociedade onde vive? Agostinho fala hoje com visível orgulho do carro novo e dos eletrodomésticos em que está transformando sua pintura. Não seria desumano exigir-lhe, em nome da obra de arte, que permanecesse pobre e anônimo? A culpa da crise não é dele. É do esquema de consumo em que está inserido. OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO

# Visão do abismo

*Siron Franco e o limite entre vida e morte*

A sensação mais imediata que provoca esta exposição de Siron Franco na Galeria Bonino, no Rio de Janeiro, é de uma pesada carga subjetiva. Quase falo de uma sensação doentia, se essa palavra não implicasse uma visão esquemática do que seja "normal" ou "anormal". De qualquer maneira, a impressão é a de penetrar-se num mundo de cadáveres ou de seres empalhados, uma zona sombria atravessada de pesadelos. Tudo contribui para criar essa atmosfera: a cor das figuras humanas e animais, tratados à antiga, com uma factura que lembra os velhos quadros de museu, as cores predominantemente sombrias (nas figuras e muitas vezes no fundo) a evocar uma dimensão irrespirável. E é nesse espaço que se inserem as figuras de gente ou de bichos, estranhamente identificadas e postas num limite onde não se distingue o que está vivo do que está morto. Talvez porque, para o pintor, isso importe menos que o insondável mistério da vida (e da morte).

O olho é o ponto transparente desses corpos compactos que guardam a vida e por isso os circunda? Para obrigar-nos a atentar para esse ponto? Voltamos então aos antigos tempos da pintura romântica, quando a crítica valorizava a expressão de olhar das figuras? Nada disso: tanto nos seres humanos como nos animais de Siron, o olho é apenas a turva fresta por onde se espia o abismo. Contribuem também para esse clima de ambigüidade e pesadelo as

# Está de pé a mais nova conquista em congeladores:
# Funcionalidade vertical.

Prosdócimo colocou de pé o congelador doméstico, para que ele caiba direitinho ao lado de sua geladeira, ocupando um mínimo de espaço.

Com 180 litros de capacidade, ele conserva alimentos por até 12 meses e mantém de pé os preços e o sabor.

Sua maior qualidade é a economia: custa menos que um refrigerador de luxo e gasta menos energia elétrica.

O sistema de **Frio Envolvente**, exclusiva **Tecnologia Tropical** Prosdócimo, garante temperaturas que vão de -18°C a -25°C.

É a mais nova conquista em congeladores, para deixar sua cozinha verdadeiramente moderna e servir de complemento para a sua geladeira.

Nas cores azul, amarelo, vermelho e branco, o congelador doméstico Prosdócimo combina com qualquer ambiente.

É só escolher.

E alimenta a todos da casa no maior sossego, sempre com a garantia da assistência técnica Prosdócimo em todo o país.

Congelador Doméstico
**PROSDÓCIMO**
Vertical

**Siron Franco: "Condecoração"**

figuras deformadas, às vezes parecendo mutiladas, quando não são uma mistura de gente e animal. Mas, em meio a esse mundo sombrio, cortando-o, coriscam fitas coloridas ou simples traços de cor viva. É assim que se manifesta, nessa pintura, a alegria — a alegria do exercício de pintar.

Porque esse jovem goiano, de 30 anos, que realiza uma carreira fulminante, é antes de qualquer coisa um pintor. Pode parecer redundante afirmá-lo mas é que nele essa condição específica de criar afirma-se clamorosamente. E pode até servir para explicar sua tendência a abismar-se na pintura, a alienar-se nela, a confinar-se no mundo imaginário que essa linguagem possibilita. E nas muitas formas, das linhas, dos planos e das cores, a realidade se transmuda em símbolos, sem distinção do real e do sonho, do vivo e do morto — porque, ao nível da tela, tudo o que apareça tem a mesma validez: é pintura.

Dono de sua linguagem, o artista salta para "o lado de lá", e a pintura deixa de ser um modo de apreender o existente para tornar-se um meio de produzi-lo. De produzi-lo segundo as leis da pintura: e daí essa liberdade na construção do espaço, na introdução de elementos aparentemente arbitrários e na deformação das figuras. Mas essa fuga do real é apenas aparente; o "lado de lá" não é senão a outra face do "lado de cá", uma outra maneira de mostrá-lo. A linguagem da arte se torna, assim, em Siron Franco, a expressão de uma furiosa discrepância com o mundo em que vivemos. FERREIRA GULLAR

Mulher que se impõe.
Que conhece seu valor.
Suficientemente ousada para não se abater diante de nenhum improviso.
Com muita vontade de viver.
Sempre atualizada.
Uma pessoa como você.
O Cheque Especial Banespa foi feito para mulheres assim. Ele é uma extensão da sua personalidade.

Com o Cheque Especial Banespa é você quem faz o limite. Porque com o Cheque Especial Banespa, especial é você.

**cheque especial banespa**

Procure uma agência do Banespa

# Indômito ginete

LUSARDO, O ÚLTIMO CAUDILHO, *volume 2, de Glauco Carneiro; Nova Fronteira; 613 páginas; 300 cruzeiros.*

Reza a experiência dos pastores do pampa que "cachorro comedor de ovelha, só matando". Em outras palavras, acredita-se naquelas latitudes que, mesmo tendo sido criado junto ao rebanho, a captura de uma única ovelha, seguida de competente degustação, já transforma o cachorro num compulsivo matador. Pois tal observação, hoje entronizada no adagiário sul-rio-grandense, adapta-se como uma luva à saga do médico, advogado, político, diplomata e aventureiro gaúcho João Batista Lusardo — o revolucionário sempre inclinado a voltar ao campo de batalha para defender de arma em punho o ideal de liberdade. E, significativamente, não escapou a seu biógrafo, o jornalista e historiador cearense Glauco Carneiro, que a certa altura deste segundo (e último) volume escreve: "Lusardo foi revolucionário desse tipo; não era homem capaz de ser governista todo tempo".

Antes de se constituir em obstinação, porém, o gosto de Lusardo pela liberdade — e aqui se entenda "pelo regime representativo e democrático" — originou-se na sua formação política como militante do extinto Partido Libertador. Mais exatamente, como um dos líderes da agremiação fundada pelos adversários da oligarquia republicano-positivista que do final do século passado à antevéspera da Revolução de 30 governou com rédea curta o Rio Grande do Sul. Ou, ainda, como escreveu o mineiro Afonso Arinos de Melo Franco, transcrito por Glauco Carneiro, da agremiação fundada por aqueles gaúchos que não gostavam de ver seu rincão travestido num curral fechado, "onde se estreitavam, impacientes, gerações de árdegos ginetes", e do qual seus todo-poderosos capatazes, no comando das porteiras, só por conveniência deixavam escapar um ou outro peão.

ARRANHADELA — A Revolução de 30, segundo a apropriada definição de Melo Franco, representou "o arrombamento das porteiras fechadas". E, com efeito, de sua conspiração participou ativamente o "ginete" Lusardo. É dele o discurso de saudação com o tonitruante mote "Queemm veemm láaa?", que pronunciou tendo ao pescoço o rubro lenço dos "maragatos" (adeptos do Partido Federalista e, depois, Libertador), numa sacada da avenida Rio Branco, no exato momento em que Getúlio Vargas entrava vitorioso no Rio de Janeiro. No primeiro capítulo deste segundo volume, aliás, Glauco Carneiro revela que seu biografado foi catequisado pelo à época presidente (governador) de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, em secreta reunião no Palácio das Mangabeiras. "Veja como o Washington Luís (presidente da República em final de mandato) transtornou a vida nacional", disse-lhe Ribeiro de Andrada. E, visivelmente agastado com Washington Luís, que faltara ao compromisso de apoiar um candidato mineiro à presidência da República (teoricamente o próprio Ribeiro de Andrada), conseguiu o que parecia impossível: convenceu Lusardo a promover a união dos "maragatos" em torno do nome do último rebento do republicano-positivismo — Getúlio Vargas.

SILVIO FERREIRA

Batista Lusardo: uma esfuziante trajetória

Compreensivelmente, Glauco Carneiro deixou-se fascinar pela esfuziante trajetória de seu biografado, homem de uma cepa em extinção, hoje pacato pastor de bois na fronteira com a Argentina e o Uruguai. Haverá quem não aprecie essa sua postura, mas ninguém lhe negará o mérito do tratamento equânime, que não omitiu sequer passagens controvertidas na cavalgada do "ginete". É ilustrativo, assim, que dedique um capítulo especial à única arranhadela no ideal de liberdade do então deputado federal Lusardo — o apoio a Getúlio Vargas por ocasião da decretação do Estado Novo, em 1937, cinco anos após haver defendido de peito aberto a Revolução Constitucionalista de São Paulo. Outros capítulos essenciais referem-se à passagem de seu biografado pelas embaixadas de Montevidéu e Buenos Aires, à morte de Getúlio Vargas, aos golpes de novembro de 1955 e à participação na campanha eleitoral do marechal Lott, em 1960. Nas páginas finais, numa entrevista a Glauco Carneiro, Lusardo, aos 87 anos, ainda se mostra empenhado no atual projeto de pacificação nacional. "Eu quero lembrar que também os que se opõem ao atual governo são brasileiros, têm idéias e estão preocupados com o futuro da nação". Pois é, cachorro comedor de ovelha . . . **J. A. DIAS LOPES**

# Fontes mágicas

A CASA DO GIRASSOL VERMELHO, *de Murilo Rubião; Ática; 64 páginas; 35 cruzeiros.*

Quando Murilo Rubião publicou seu primeiro livro, "O Ex-Mágico", em 1947, os críticos mais atentos ano-

riada dos temas e preocupações do autor. A história que dá título ao volume, por exemplo, narra um festival sensual e dionisíaco. "Marina, a Intangível" aborda um mito; "Armadilha" é um conto de terror.

**PARÁBOLA EXEMPLAR** — "Alfredo" fala da angústia do ser no campo de prova do mundo, onde a agressão é a lei. Neste conto, pela primeira vez na obra de Murilo, aparece a metamorfose do homem em animal, que ele depois viria a explorar com riqueza e versatilidade em "Teleco o Coelhinho", história incluída em "O Pirotécnico Zacarias". Mas não se trata de um retorno ao primitivismo: é uma tentativa de identificar a consciência humana com as fontes mágicas do universo. O que daí jorra é a magia, o maravilhoso, a poesia da inocência e da ternura.

Murilo Rubião: finalmente reconhecido

taram imediatamente o surgimento de um contista poderoso e original. Mas, apesar de premiado e estudado, o livro circulou apenas entre uns poucos eleitos. E Murilo, desestimulado, reduziu ainda mais o seu já vagaroso ritmo de trabalho. Anos mais tarde, no entanto, confiante naquilo que produzira, começou a republicar suas histórias, às quais juntava textos novos. Assim foi com "Os Dragões e Outros Contos", publicado em 1965 numa tiragem quase confidencial (1 000 exemplares mal distribuídos) da Imprensa Oficial de Minas Gerais.

"O Pirotécnico Zacarias", montado no mesmo esquema mas lançado em bases comerciais, em 1975, acabou abrindo ao contista a merecida audiência. Vendeu, desde então, segundo informa a editora Ática, cerca de 60 000 exemplares — façanha considerável para um escritor brasileiro. Hoje, aos 62 anos, Murilo Rubião já não é exclusividade de uma elite: também o grande público reconhece nele um escritor de garra, um dos primeiros ficcionistas do país a incorporar o mágico, uma sensibilidade afinada com os novos tempos.

"A Casa do Girassol Vermelho", lançado agora, reúne os contos de "O Ex-Mágico" que não foram incluídos em "O Pirotécnico Zacarias". Embora sejam poucos, formam amostra bem va-

A sátira social está presente em "D. José Não Era", texto que parecia anunciar um novo caminho para o autor. Aqui, a irresponsabilidade e o desamor coletivos se convertem num relato sintético e sentencioso, como uma parábola exemplar. O conflito entre a consciência e o mistério — a temática que mais caracteriza a ficção de Murilo — marca histórias muito bem realizadas, como "O Homem do Boné Cinzento", "Os Três Nomes de Godofredo" e "Bruma". Nelas, aquilo que escapa ao nosso entendimento é sugerido através da descrição da maneira pela qual se perde a lucidez. A lógica das personagens avança querendo entender e racionalizar o que a cerca — até que se vê bloqueada dentro de um círculo que tende a se fechar.

No caso de "Bruma", onde mistério e loucura se identificam, o conflito se estabelece entre razão e falta de razão. Como estes estados contrapostos têm peso equivalente, a composição pode se realizar por meio de uma estrutura rigorosamente simétrica. A narrativa vai-se desenvolvendo como se fosse uma ampulheta em funcionamento. Até certa altura, vemos uma personagem preocupada com a loucura do irmão; daí para frente, passamos a perceber que a consciência dela própria já virou loucura: a lucidez é apenas a outra face da demência.

RUI MOURÃO

# «A Lufthansa pode se orgulhar da sua equipe.»

Comentário autêntico de um passageiro.

# A crise na mesa

O MERCADO DA FOME, *de Susan George; Paz e Terra; 305 páginas; 120 cruzeiros.*

O "problema da fome" — isto é, da má distribuição da imensa produção mundial de alimentos — vinha sendo um dos assuntos preferidos da imprensa e de muitos políticos, nestes últimos cinco ou seis anos. As imagens de crianças barrigudas e esqueléticas multiplicaram-se aos nossos olhos; o crescente número de mortos por inanição chocava a opinião pública; o temor de um mundo com muita gente e pouca comida propiciou alguns discursos e revitalizou algumas carreiras políticas — até que as advertências se tornaram repetitivas, as fotos cansaram os leitores e o tema deixou o cartaz.

Apesar de tudo isso, não se pode dizer que o debate tenha grande público. Uma conferência mundial sobre alimentos realizada pela FAO, em Roma, em 1974, terminou com promessas genéricas, divergências políticas e indecisões; o clima foi o mesmo, aliás, da Conferência Mundial sobre População, realizada poucos meses antes, em Bucareste: os "países pobres" acusavam o Ocidente e as multinacionais pelas maiores desgraças e os "países ricos" condenavam a "politização do assunto", propondo soluções menos drásticas do que reformas agrárias ou mudanças de regime.

"O Mercado da Fome", da pesquisadora americana Susan George, é uma das primeiras tentativas que se oferecem, ao leitor brasileiro, de conhecer um pouco melhor a questão. Revirando arquivos, entrevistando lavradores, políticos e negociantes, ela faz algumas perguntas básicas e, tomando claramente o partido do "terceiro mundo", tenta mostrar que as denúncias contra grandes corporações não são retórica vazia. Em boa parte ela o consegue — apesar de certa ingenuidade nas propostas que apresenta, e de alguma concessão ao panfletarismo.

DESVIRTUAMENTO — Susan George começa por identificar o problema: produzir alimentos, hoje, transformou-se em um negócio de escala mundial, em mãos de alguns poucos cuja maior finalidade não seria alimentar os famintos. Tanto que a "crise de fome" alardeada no início da década coincidia com uma produção mundial inferior em apenas 1% à da colheita anterior, que fora recorde absoluto do após-guerra (ocorrera, simplesmente, um "controle da produção" para evitar problemas de preços). Outro dado: algumas empresas dos EUA e Canadá se dizem capazes de aumentar a produção em 20% ou mais, de um ano para outro, desde que valha a pena; há até garantias apresentadas por cientistas de que seria possível alimentar uma população mundial dez ou vinte vezes maior que a atual. A crise, portanto, é outra, conclui a autora. Ela aponta, ainda, o desvirtuamento a que levou esse controle dos alimentos: seu uso — mais freqüente do que se pensa — como arma militar; a "tendência" de nações pobres a trocar a produção de alimentos por "outros itens agrícolas exportáveis", etc.

Por fim, analisando as soluções indicadas pelas nações ocidentais, Susan George desilude-se com as limitações e preferências demonstradas pelo Banco Mundial — mesmo agora, quando ele procura dar toda força à agricultura — e sugere que a FAO não só é impotente como acabaria servindo de trampolim, através de certos subdepartamentos, para que algumas empresas implantem suas técnicas e prioridades em regiões cada vez mais vastas.

O Brasil tem muito a ver com esse quadro. Sintomas "lá de fora" já se repetem por aqui, visto que as exportações agrícolas crescem bastante e, cada vez com mais freqüência, o país importa alimentos essenciais. O livro traz rápidas referências à ocupação da Amazônia — por quem e para quê — e alguns lances da febre de soja que invadiu o centro-sul há algum tempo. O conhecimento desses fatos é altamente esclarecedor — assim como é útil saber como funcionam as agroindústrias e as situações que criaram, nos Estados Unidos ou na Indonésia, no Senegal ou na Europa, pois para elas o Brasil caminha, de modo aparentemente irreversível.

GABRIEL MANZANO FILHO

Fome: uma crise manobrada pelos grandes produtores de alimentos

SVEN SIMON

## Os mais vendidos

### Ficção

1-**Cuca Fundida**, Woody Allen (1-9)
2-**Sempre um Colegial**, John Le Carré (4-11)
3-**Tia Júlia e o Escrevinhador**, Mario Vargas Llosa (3-11)
4-**O Chá das Duas**, Carlos Eduardo Novaes (2-16)
5-**Terror e Êxtase**, José Carlos Oliveira (5-2)
6-**Conversa na Catedral**, Mario Vargas Llosa (6-31)
7-**Negras Raízes**, Alex Haley (9-37)
8-**Contatos Imediatos do Terceiro Grau**, S.Spielberg (8-11)
9-**Um Brinde de Cianureto**, Agatha Christie (7-16)
10-**Ilusões**, Richard Bach (10-16)

### Não-ficção

1-**A Ditadura dos Cartéis**, Kurt Mirow (1-19)
2-**Os Militares no Poder, II** C.Castello Branco (3-4)
3-**Depoimento**, Carlos Lacerda (2-16)
4-**As Veias Abertas da América Latina**, E.Galeano (6-29)
5-**Cuba de Fidel**, Ignacio de Loyola Brandão (7-1)
6-**Mutações**, Liv Ullmann (5-1)
7-**Chega de Arbítrio**, Paulo Brossard (8-11)
8-**O Relatório Hite**, Shere Hite (4-14)
9-**A Ideologia da Segurança Nacional**, Pe.J.Comblin (10-8)
10-**Liberdade para os Brasileiros**, Roberto R. Martins (9-3)

**Fonte:** livrarias Brasiliense, Cultura, Siciliano Augusta, Siciliano D. José e Teixeira (SP); Entrelivros Leblon, Entrelivros Copacabana, Padrão e Freitas Bastos (RJ); Atalaia (MG); Lima (RS); Ghignone (PR); Casa do Livro (DF); Estante/Barra (BA); Editora do Nordeste (PE); Renascença (CE). Os números entre parênteses indicam: a) a colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas consecutivas o livro aparece na lista. Obs.: esta lista não inclui os livros vendidos em banca.

# Playboy de setembro chegou com muitas atrações e um brinde muito especial.

# No fim do túnel, a armadilha

O trânsito para o estado autocrático, de caráter autoritário, tem conhecido *know-how* brasileiro, enriquecido com a experiência sul-americana, com tintas largamente importadas da Europa. O problema, já que a entrada está mais ou menos desimpedida, situa-se na saída — que todos parecem desejar e muitos na verdade temem, temor manifestado em nome da "reconstrução nacional" e da "autêntica ordem democrática", biombos de uma constelação real de poder, traduzidos em palavras que se encontram nos preâmbulos dos atos institucionais números 1 e 5. Fora das elaboradas teorias acerca dos sistemas políticos que identificam, na mudança, a pressão de forças emergentes — e a fadiga dos mecanismos que as impedem, que as detêm diretamente ou que as assimilam para melhor durar — tentar-se-ia explicação de outra índole, como exercício sobre hipóteses. Em primeiro lugar, sem o esforço de pensar, há o apelo à analogia de uma situação histórica anterior, tipificada para que comodamente sirva à atualidade. O episódio evocado será o de 1945, com a liquidação do Estado Novo por via da Constituinte e da anistia, na Carta de 1946, que se prolongou formalmente em vinte anos de vigência. O paradigma sofre, ao imediato exame, de algumas falhas de molde a inutilizá-lo.

AMICUCCI GALLO

Desde logo, há a presença, no cenário, de uma guerra vitoriosa contra os suportes do regime de 1937, em país dependente das potências vencedoras e dispostas a estender sua expressão ideológica nas áreas sob sua influência. De outro lado, debaixo do tecido constitucional, rompendo-o para remediá-lo, as intervenções periódicas, não previstas no pacto político, porém tacitamente reconhecidas. O nível restrito da participação política, sobretudo, não assegurava condições às instituições para se auto-alimentarem e se auto-regularem, do que resultou a intervenção máxima de 1964, exacerbada em 1968 com o AI-5. O símile, na anedótica afirmação de um político da República Velha, não é igual, como iguais nunca são os símiles.

Apela-se, pobres os outros recursos, ao expediente da revelação da dupla face da realidade, em visão aparentemente radical, no fundo cética, na medida que despreza, na transição, seu processo. A mudança, com suas reformas previamente esquematizadas, seria obra, se não exclusiva, ao menos predominante, do próprio núcleo decisório do poder. Se de autocracia se trata, com a ausência da sociedade civil no jogo a tese seria plausível: o grupo dirigente promove a "institucionalização" do poder para readquirir a autoridade comprometida, acrescentando maior racionalidade nas decisões, com o polimento renovador no *status quo*. Se o poder cedeu, brada-se no outro extremo, seria por incapacidade de sustentar-se e, para a queda total, bastaria uma investida mais ousada, com a mobilização popular, ainda que não organizadas as bases do ataque.

Em uma e outra das duas encostas da montanha, há um pressuposto que reafirma, sem que se queira, a realidade autoritária. Se o grupo dirigente tudo pode, no desenvolvimento de medidas renovadoras planejadas, em marcha indesviável, nula será a participação da sociedade civil, de seu influxo e de suas pressões, sempre arredáveis como se fossem manobras agitatórias, sob o rótulo predeterminado de contestação ilícita. Na outra vertente, ao negar que a sociedade política conte como força real, cogita-se do povo como espectador que vibra ao som do golpe de improviso, o povo inarticulado que grupos deslumbram e seduzem, fora dos condutos que expressam sua voz e seus interesses.

Talvez falte, na compreensão dos fatos e para que eles não se percam no esforço paralisador de puxar a corda para direções opostas, como no exercício de ginástica, o conhecimento da dinâmica da transição. Dinâmica que não se turbe, no seu perfil teórico, com o apelo à analogia, mas que resulte — *sur le champ* — das forças emergentes, no aprofundamento de doutrina que vem de Tocqueville pouco lido, de "L'Ancien Regime". Se uma pequena mudança é possível, uma mais larga será provável, visto que se cindem as expectativas, as do passado e as do futuro. Se a revogação do édito de Nantes não comoveu a França, seria porque o país se sentia conformado ao despotismo de Luís XIV, enquanto a inocente prisão de Beaumarchais, reinando Luís XVI, abalou a França e forçou sua libertação. Vinte anos antes de 1780 nada se esperava do futuro, agora nada se espera senão dele.

Se as duas expressões se separam, o extravio estéril das agitações de superfície pode contaminar as ruas, mas revitaliza o poder. Ao contrário, se a organização dialética do consenso — que não significa unanimidade, imposição ou manipulação — se articula em torno, na hora presente, de reivindicações democráticas e antes de tudo livres, a mudança poderá evoluir para fora e além do sistema autocrático. Não se creia que baste um assalto para a conquista: advertia Gramsci que as resistências, ao contrário do que se supõe, não se concentram apenas no Estado, senão que se firmam na própria sociedade civil, que é necessário organizar, democratizar e articular teórica e filosoficamente. Aí está a armadilha que se deve identificar, em seus encobertos alçapões, para que não tenha sido inútil a jornada — a jornada de otários que esperaria os liberais de hoje como os de 1831, a que está no sistema repintado e revigorado ou, de outro lado, na passeata festiva de estandartes coloridos.

RAYMUNDO FAORO

*Raymundo Faoro é presidente do Conselho Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil*

# A tecnologia japonesa rompe a barreira do convencional e antecipa o futuro: Minicalculadora C. Itoh LC-2500 com visor de cristal líquido.

Sem favor algum, esta é a mais avançada calculadora eletrônica de 8 dígitos que o cérebro humano já conseguiu desenvolver.

Os laboratórios de pesquisa da C. Itoh japonesa foram capazes de inovar alguns detalhes que pareciam definitivos no mercado de calculadoras.

Como o seu próprio nome diz, a LC-2500 opera 2.500 horas de cálculos sem troca de baterias. Usando-a duas horas diárias, por exemplo, você só trocará as baterias depois de quatro anos. Nenhuma outra calculadora oferece custo operacional tão baixo.

Essa é uma das grandes conquistas do visor de cristal líquido: consumo de energia aproximadamente 1.000 vezes menor que o dos visores convencionais.

Agora observe o tamanho real da LC-2500 na foto maior deste anúncio. 65 x 115 x 7 milímetros são dimensões que só os japoneses poderiam imaginar, não?

É por essas inovações e pelas demais que você pode ver abaixo, que a C. Itoh pode deixar a modéstia de lado e afirmar que antecipa o futuro.

Calculadoras C. Itoh.
Qualidade incalculável.

Novo visor de cristal líquido com filtro especial, visível mesmo com incidência direta de luz.

Efetua com precisão os mesmos cálculos que uma calculadora de mesa lhe proporciona.

Novo teclado "Soft-Touch", exclusivo, que utiliza borracha condutora e opera ao mais leve toque.

É apresentada em fino estojo de couro com agenda para anotações.

Apenas 7 milímetros de espessura! Ocupa um mínimo de espaço no seu bolso.

Calculadoras
C. ITOH
— Qualidade incalculável

Produzidas na Zona Franca de Manaus pela

Indústrias Gerais da Amazônia S.A.
Apoio Sudam, Suframa, Codeama e BEA

Opera 2.500 horas de cálculos sem troca de baterias. Isto significa um custo operacional baixíssimo.

Telefones: • Manaus: 232-4601 • São Paulo: 260-5046/35-7827 • Rio de Janeiro: 231-1445/246-0875 • Belo Horizonte: 224-6475 • Recife: 326-4182 • Brasília: 23-5677 • Porto Alegre: 24-8272 • Caxias do Sul: 21-3922 • Curitiba: 33-7512 • Blumenau: 22-4662 • Salvador: 226-2026 • Fortaleza: 224-8348 • São Luiz: 222-4955

## Porque Albany tem filtro de carvão.



Compare o filtro de Albany com o de outros cigarros. Albany tem duplo filtro de carvão ativado. O mesmo tipo de carvão usado na purificação do ar em submarinos e cápsulas espaciais, nos reservatórios de água e até na fabricação de uísque.

O carvão é o elemento filtrante mais completo da natureza. O filtro de carvão absorve aquilo que você não quer de um cigarro, tornando-o mais puro e suave — como nenhum outro filtro consegue igual.

Quando fuma Albany, você não precisa acender um cigarro atrás do outro para sentir prazer em fumar. Ao mesmo tempo que reduz o que você não gosta, o filtro de Albany ativa o sabor dos melhores fumos. Fumos de qualidade Souza Cruz. Faça a prova do filtro e acenda um Albany.

QUALIDADE SOUZA CRUZ